UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

UNIVERSITÉ PARIS VIII – VINCENNES SAINT-DENIS
ÉCOLE DOCTORALE PRATIQUES ET THEORIES DU SENS – ED 31

DA IMAGEM DE UMA CRIANÇA MORTA AO *UNHEIMLICH*
DE L’IMAGE D’UN ENFANT MORT A L’*UNHEIMLICH*

JULIANA BARTIJOTTO

Ribeirão Preto

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

UNIVERSITÉ PARIS VIII – VINCENNES SAINT-DENIS
ÉCOLE DOCTORALE PRATIQUES ET THEORIES DU SENS – ED 31

JULIANA BARTIJOTTO

Versão corrigida

(original encontra-se no programa de pós-graduação em psicologia da FFCLRP-USP)

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de doutor em Ciências, Área de Psicologia e à École Doctorale Pratique et Théoris du Sens de l'Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis para obtenção do título de doutora em Educação.

Orientadores: Profa Dra Leda Verdiani Tfouni e Prof. Dr. Léandro de Lajonquière

Ribeirão Preto

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

BARTIJOTTO, Juliana

Da imagem de uma criança morta ao *Unheimlich*. Ribeirão Preto, 2021. 267p. Il ; 30cm.

Tese de doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (Brasil) em regime de cotutela com a Université Paris 8 – Vincennes - Saint-Denis (França).

Concentração: Psicologia

Orientadores: TFOUNI, Leda Verdiani e de LAJONQUIÈRE, Léandro

1. Discurso. 2. Sujeito. 3. Criança. 4. Foto. 5. Mídia. 6. morte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Da imagem de uma criança morta ao *Unheimlich*

JULIANA BARTIJOTTO

Tese apresentada, no âmbito do Convênio Acadêmico Internacional para coorientação de tese, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo e à École Doctorale Pratique et Théories du Sens de l'Université Paris 8 – Vincennes – Saint-Denis para a obtenção da titulação de Doutor em Educação.

Área de concentração: Análise do discurso, Psicanálise e Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Profa Dra Leda Verdiani Tfouni (orientadora)

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP-USP (Brasil)

Prof. Dr. Titular Leandro de Lajonquière (orientador)

Université Paris 8 – Vincennes – Saint-Denis (França)

Prof. Dr. Jean-Luc Gaspard

Université de Rennes 2 - Haute Bretagne UFR (France)

Prof. Dr. Nilton Milanez
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS (Brasil)

Prof^a. Dra. Ilaria Pirone
Université Paris 8 – Vincennes – Saint-Denis

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha
Universidade Federal de Sergipe - UFS (Brasil)

Profa. Dra. Paula Chiaretti
Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS (Brasil)

DEDICATÓRIA

... aos meus pais que sempre estearam meu desejo

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Leda Verdiani Tfouni, por ter confiado em mim e no meu trabalho de pesquisa; por ter sustentado em diversos momentos que eu era capaz de criar um estilo próprio de escrita; por ter sido, além de orientadora, mãe, amiga e parceira de trabalho. Admiro imensamente seu trabalho, sua seriedade, sua implicação e o respeito que possui pela pesquisa e pelos seus orientandos.

Agradeço ao meu orientador Léandro de Lajonquière que, com seu olhar, sua escuta, sua leitura perspicaz e seu modo crítico de ser me impulsionou a olhar mais possibilidades e me lançar a outras direções de pesquisa. Aprecio enormemente seu trabalho, seu modo de pesquisar e sua implicação com o trabalho de seus orientandos.

Agradeço aos meus pais, que sempre acreditaram que a minha capacidade de conseguir poderia atingir as nuvens; às minhas irmãs, que sempre estiveram ao meu lado; ao meu sobrinho que me transmitiu, com suas brincadeiras, uma leveza no modo de ser, à minha sobrinha que me ajudou a “desencanar de sofrer tanto”; ao meu cunhado, Lucas, pelas infinitas conversas sobre história e sobre política.

Agradeço ao meu namorado, que me acolheu em momentos de angústias nesse longo processo de pesquisa.

Agradeço à banca que avaliou minha qualificação, Paula Chiaretti e Maria José Coracini, ao trazer outras visões, outras possibilidades. Agradeço à banca de defesa, cujos membros toparam avaliar meu trabalho e oferecer críticas e inovações.

Agradeço aos professores Ilaria Pirone e Patrick Geffard, professores da Université Paris 8, que trouxeram contribuições valiosas no processo do *Comité de Suivi*.

Ao grupo AD-Interfaces, que foi determinante para a construção e para o embasamento da minha pesquisa e do meu percurso enquanto pesquisadora: Dionéia, Leny, Carol, Aline, Michelle, Verônica, Kátia, Pedro, Jonas, Claudia, Rosana, Raquel.

Aos colegas, como eu, que dividiram angústias, sofrimentos, momentos de leveza e boas risadas: Aline, Michelle, Verônica, Kátia, Pedro, Jonas, Claudia, Rosana, Sílvia.

Aos colegas de doutorando em regime de cotutela, que compartilharam e dividiram informações, angústias, dúvidas, ideias nessa peripécia que é o percurso de uma dupla titulação: Fabíola, Isael, Carol, Marcos, Janaína, Verônica, Ariéli.

À minha querida professora de francês, Julie Delfortrie, que sempre teve resignação, ao ensinar francês sem tanta dureza que a língua exige; pelas conversas (em francês) sobre minha pesquisa e meu percurso de doutorado. Seu trabalho foi fundamental para que essa pesquisa se tornasse uma dupla titulação.

Às amigas do coração, Maria Marta e Markieli, que sempre estão e estarão presentes em minha vida, seja nas ocasiões ruins, seja nos momentos bons.

À minha analista pelo espaço de escuta.

Obrigada!

Merci beaucoup!

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*
Mario Quintana

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso em torno da foto de Aylan Kurdi, uma criança síria de 3 anos encontrada morta em 2015 numa praia da Turquia. O menino, junto de sua família, fugia da tragédia que assola seu país. A foto viralizou na mídia, causando grande repercussão, fazendo com que ganhasse o prêmio de melhor foto do ano no período e eleita o símbolo da crise dos refugiados. Tomamos a imagem dessa criança como um despertador do mal-estar na cultura que provocou uma inquietante estranheza, o que Freud nomeou de *Unheimlich*. Os dispositivos teóricos e metodológicos para a análise se sustentaram na interface entre Psicanálise Lacaniana e Análise do Discurso Pêcheutiana (AD), em que a teoria e a análise estão em constante entrelaçamento. Almejamos, com esse entremeio, elucidar o funcionamento discursivo (segundo Lacan e Pêcheux) e ideológico (segundo Althusser). O conceito norteador da pesquisa girou em torno do *Unheimlich* freudiano. Levamos em consideração que estamos na era da mídia, no apogeu da produção de um amontoado de imagens e regida pelo discurso capitalista. A partir das análises, apontamos os efeitos de sentidos e a *intericonicidade* (interdiscurso + ícone) ao revelar as posições que a imagem ocupou nas produções discursivas. Notamos que, por meio da mídia, a propaganda tenta globalizar o desejo, servindo-se do apelo sustentado por outros acontecimentos históricos. Esse funcionamento nós extraímos na análise da publicidade de uma escola de natação no Brasil que utiliza a foto de Aylan para vender um produto. Tal serviço garantiria (ilusoriamente) a segurança/vida de qualquer criança diante da trágica morte por afogamento. Essa peça publicitária causou uma estranha inquietação coletiva, tendo um efeito contrário ao proposto pelo discurso publicitário/capitalista. Concluimos que a veiculação da foto de Aylan Kurdi produziu um mal-estar coletivo e a peça de publicidade causou uma crítica generalizada. Finalmente, vale destacar que essas duas inquietações são de ordem inconsciente (conforme a psicanálise) e, ao mesmo tempo, são produtos das formações ideológicas (conforme a AD).

Palavras chaves: discurso, sujeito, criança, foto, mídia, morte.

From the image of a dead child to *Unheimlich*

Abstract: This research aims to analyze the speech on the photo taken from Aylan Kurdi, a 3-year-old Syrian child found dead in 2015 on a beach in Turkey. The boy, along with his family, was fleeing the tragedy that plagues his country. The photo went viral in the media, having great repercussions, causing it to win the award for best photo of the year in the period and was elected the symbol of the refugee crisis. We take the image of this child as a wake-up call to the malaise in the culture that caused a disturbing strangeness. The theoretical and methodological devices for the analysis were based on the interface between Lacanian Psychoanalysis and Pêcheuxian Discourse Analysis (DA), in which theory and analysis are constantly intertwined. With this intermingling, we aim to elucidate the effects, the drifts and the displacements of meaning produced by the discursive (according to Lacan and Pêcheux) and ideological functioning (according to Althusser). The guiding concept of the research revolved around the Freudian *Unheimlich*, taking into account that we are in the media age and at the height of the production of a pile of images. This historical moment remains ruled by the capitalist discourse. Stemming from the analyzes, we point out the slips, the drifts of meanings and the intericonicity (interdiscourse + icons) when revealing the positions that the image occupies in the discursive productions. We note that, through the media, propaganda tries to globalize desire, using the appeal sustained by other historical events. This function we extract from the analysis of an advertising for a swimming school in Brazil that uses Aylan's photo to sell a product. Such a service would (illusorily) guarantee the safety of any child in the face of tragic drowning. This advertising piece caused a strange collective unease, having an effect contrary to that proposed by the advertising / capitalist discourse (globalization of desire). We concluded that the conveying of Aylan Kurdi's photo produced a collective malaise and the advertising piece caused a widespread criticism. Finally, it is worth noting that these two affects are of an unconscious order (according to psychoanalysis) and, at the same time, they are products of ideological formations (according to DA).

Key words: discourse, subject, child, photo, media, death.

De l'image d'un enfant mort à l'*Unheimlich*

Résumé : Cette recherche vise à analyser le discours entourant la photographie d'Aylan Kurdi, un enfant syrien de 3 ans, retrouvé mort en 2015, sur une plage en Turquie. Le garçon et sa famille fuyaient la tragédie qui afflige leur pays. Cette image, devenue virale, a été diffusée à l'échelle mondiale. Élu meilleure photographie de l'année 2015, par les journalistes, elle incarne alors le symbole de la crise des réfugiés. Nous associons l'image de cet enfant à quelque chose qui a suscité ou qui a manifesté un malaise dans la culture, provoquant ce que Freud nomme l'*Unheimlich*. Les dispositifs théoriques et méthodologiques de l'analyse sont basés sur l'interface entre la Psychanalyse Lacanienne et l'Analyse du Discours Pêcheutien (AD). Nous montrerons que la théorie et l'analyse sont constamment imbriquées. Nous tenterons d'élucider les effets du sens produits par des phénomènes discursifs (selon Lacan et Pêcheux) et idéologiques (selon Althusser). Le concept principal de cette recherche est l'*Unheimlich* freudien à l'heure de la domination des médias et de l'apogée d'un foisonnement d'images. Ce moment historique continue d'être dominé par un discours capitaliste, un discours suffisamment cohérent pour tromper le sujet, un discours qui élève les images et les informations journalistiques, comme des vérités, dans une tentative insistante de consolider les sens uniques. Nous notons que, par l'intermédiaire des médias, la publicité essaye de globaliser le désir en se référant à d'autres événements qui ont eu une grande répercussion dans ces mêmes médias. Ce mécanisme, nous est apparu clairement lors de l'analyse de la publicité pour une école de natation au Brésil qui utilise la photo d'Aylan pour vendre un produit. Les classes de natation garantiraient, de façon trompeuse, la sécurité et la vie de tout enfant, face à une mort tragique causée noyade. Ce document publicitaire, dans une sorte d'intericonicité, a provoqué l'*Unheimlich* collectif, ayant un effet contraire à celui proposé par le discours publicitaire (mondialisation du désir). Nous concluons que la diffusion de la photographie d'Aylan Kurdi a produit un malaise collectif traduit par une émotion forte. Quant à la publicité, elle a causé une critique généralisée. Le malaise collectif, comme l'angoisse collective, sont d'ordre inconscient (selon la psychanalyse) et, en même temps, sont des produits de formations idéologiques, les conditions de production de chaque époque et de chaque lieu (selon AD).

Mots clés : discours, sujet, enfant, photographie, médias, mort.

LISTA DE FIGURA

Figura 1- Foto de Aylan Kurdi morto.....	17
Figura 2 - Foto do Policial carregando o corpo de Aylan morto.....	18
Figura 3 – Banda de Moebius.....	25
Figura 4 – Esquema óptico completo e reduzido.....	34
Figura 5 – Alienação.....	36
Figura 6 – Separação.....	37
Figura 7 – Esquema L.....	38
Figura 8 – Alienação e Separação na foto de Aylan.....	39
Figura 9 – Mídia e Sujeito no esquema L.....	40
Figura 10 – Posições do discurso.....	70
Figura 11 – Os quatro discursos.....	71
Figura 12 – Discurso Capitalista (DK).....	77
Figura 13 – Real, Simbólico e Imaginário	81
Figura 14 – Três anéis separados.....	85
Figura 15 – Foto de Aylan Kurdi.....	111
Figura 16 – Circuito pulsional.....	123
Figura 17 – <i>Unheimlich</i> e a angústia.....	126
Figura 18 – Aylan com asas de anjo.....	138
Figura 19 – Menina de Napalm.....	140
Figura 20 – Propaganda de escola de natação.....	145
Figura 21 – Inibição, sintoma e angústia.....	150
Figura 22 – Criança morta e viva.....	155
Figura 23 – Capa do disco Nirvana (<i>Nevermind</i>) e publicidade de natação.....	157
Figura 24 – Deslocamento nas formações discursivas.....	158

LISTA DE ABREVIACÕES

AD – Análise do Discurso

CP – Condições de Produção

SDs – Sequências discursivas

DA – Discurso do Analista

DM – Discurso do Mestre

DU – Discurso do Universitário

DH – Discurso da Histórica

DK – Discurso Capitalista

S1 – Significante mestre ou primeiro

S2 – Significante segundo ou saber

A – Outro

a – pequeno outro

a – objeto *a*

\$ - *sujeito dividido*

i(a) – imagem especular ou eu ideal

I(A) – Ideal do eu

$\$ \langle \rangle a$ – matema da fantasia

SUMÁRIO

Introdução	17
1. <i>Unheimlich</i> , o estranho familiar	30
1.1 Os tempos do sujeito	33
1.2 Os modos de identificação	40
1.3 Ilustrações da emergência do <i>Unheimlich</i>	50
2. Sobre os discursos e a metodologia	58
2.1 Dos discursos	58
2.2 Do discurso capitalista e suas (per)versões.....	67
2.3 Real, Simbólico e Imaginário	79
2.3 Delimitação do problema e constituição do <i>corpus</i>	85
3. Da interpelação ideológica na mídia jornalística.....	88
3.1 Sobre o discurso jornalístico	88
3.2 Sobre o significante refugiado	101
4. A foto entre o real e o imaginário.....	111
4.1 A foto como objeto de consumo	113
4.2 Do circuito pulsional	120
5. Do infantil ao discurso sobre a infância.....	128
6. Da publicidade ao <i>Unheimlich</i> ou da <i>intericonicidade</i> na imagem	145
Considerações finais.....	168
Referências Bibliográficas.....	176
ANEXO – Resumo expandido em francês.....	200

INTRODUÇÃO

Nossas palavras que tropeçam, são palavras que confessam

Jacques Lacan

A palavra é meu domínio sobre o mundo

Clarice Lispector

Figura 1. Foto de Nilüfer Demir, agência Reuters, 03/09/2015

Figura. 2. Fotos de Nilüfer Demir, agência Reuters, 03/09/2015

A foto de Aylan Kurdi, uma criança de três anos, síria de etnia curda, encontrada morta numa praia da Turquia, mobilizou o mundo. Ele morreu afogado durante a tentativa de atravessar o Mediterrâneo com a família num bote frágil, a fim de fugir da guerra em seu país. Estavam buscando refúgio na Turquia, mas Aylan não alcançou seu destino. Essa foto, bem como a sequência de fotos que se segue a ela, retratando o momento posterior, quando o policial recolhe o corpo de Aylan e o carrega nos braços (como se fosse uma criança adormecida), assombrou, revelou e enterneceu o mundo. Tais fotos circularam, especialmente a primeira, de forma viral na mídia (por meio de jornais, televisão, internet), sendo compartilhada, reproduzida, comentada de modo incessante durante um extenso intervalo de tempo nos jornais e nas redes sociais. Essa foto escancarou ao espectador um mundo desconhecido que até então havia sido evitado por retratar uma realidade que evoca algo (recalcado) de nós mesmos que nos olha de fora.

No momento em que a fotógrafa, que efetuava a cobertura da crise migratória em Bodrum, se deparou com a cena, ficou “petrificada”. Ela ponderou que fotografar esse acontecimento seria “a única forma de expressar o grito desse corpo silencioso (Fiquei petrificada, 2015, s/p)”. Além disso, narra que

.... ele estava deitado de barriga para baixo sem vida na areia, de camiseta vermelha e o seu short azul escuro. A única coisa que eu poderia fazer era tomar seu clamor ouvido. Naquele momento, eu pensei que poderia fazer isso ao acionar minha câmera e fazer sua foto (Fiquei petrificada, 2015, s/p).

Eu testemunhei muitos incidentes com imigrantes nesta região, suas mortes, seus dramas. Espero que isso agora mude. Fiquei chocada, me senti mal por eles. A melhor coisa a fazer era tornar sua tragédia conhecida (Fiquei petrificada, 2015, s/p).

Diante disso, cabe indagar: foi a viralização da foto que causou enigma ou a própria foto? Algo inexplicável é evocado, por nos afetar ao olhar e não sabermos por quê. Como essa imagem pode dizer do Eu e de mim e ainda fazer com que eu me “estranhe”?

Escolhemos essa foto porque, além de ela ter afetado seus espectadores, carrega uma inquietação: uma ambivalência ao retratar o trágico e, ao mesmo tempo, mostrar algo familiar. Além disso, é importante ressaltar que a imagem no mundo contemporâneo (sobretudo na era virtual e digital) ganha autonomia, uma espécie de realidade própria: "aqui as imagens não se oferecem como espetáculo, mas como objetos de manipulação, como estratégia de ação" (Garcia, 1995, p. 101).

Assim, algumas questões iniciais se impuseram em torno dessa imagem: Por que houve grande repercussão na mídia? Como uma foto pode exercer o poder de petrificar e ao mesmo tempo tornar-se viral? Nossa aposta é que essa imagem produziu algum efeito da ordem do inconsciente, algo resistindo à significação, uma inquietante estranheza que nos fez interrogar sobre o mal-estar coletivo, seu funcionamento discursivo e os seus efeitos de sentido veiculados pela mídia, principalmente no domínio jornalístico. Apostamos, ainda, que o efeito de sentido de consternação e de luto pela morte de uma criança nessas circunstâncias tomou a proporção de um acontecimento histórico, rompendo com a ordem logicamente estabilizada pela ideologia dominante em relação ao refugiado, à infância e à representação social da figura de uma criança.

Retomamos brevemente, nessa introdução, o conceito de mídia. A mídia é utilizada no sentido de imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo. Notamos que, muitas vezes, é citada no plural [mídias] num esquecimento de sua origem latina [*medium*] que tem como significado “meio” ou “forma”. No dicionário de português encontramos a seguinte definição:

Toda estrutura de difusão de informações, notícias, mensagens e entretenimento que estabelece um canal intermediário de comunicação não pessoal, de comunicação de massa, utilizando-se de vários meios, entre eles jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, mala direta, outdoors, informativos, telefone, internet etc. (Michaelis, 2020).

Levando em consideração que se trata de um meio de comunicação em massa, compreendemos que a mídia, de modo geral, exerce um poder imaginário e simbólico sobre o

sujeito, interpelando-o a acreditar em uma interpretação, que se torna a única possível por efeito da ideologia. Concordamos, assim, com Bucci e Khel (2004): a mídia, na contemporaneidade, é produtora de “mitos”; um discurso multifacetado de informações.

Desse ângulo, a mídia tornou-se um elemento fundamental da engrenagem da globalização econômica, simbólica e cultural no mundo atual (Lima, 2003), sendo veiculadora e produtora de discursividades, de ideologias e de subjetividades. Castells (1992) e Jameson (1991) afirmam que vivemos uma terceira fase do capitalismo em que a informação se transforma num produto valioso. A rede midiática está cada vez mais rápida e dinâmica, sua quase imaterialidade e invisibilidade buscam garantir velocidade e instantaneidade da suposta “verdade” sobre a informação (Bresser-Pereira, 2011, 2017). Vale, ainda, ressaltar que, nesse âmbito, a supressão do espaço e do tempo caracteriza uma nova forma da relação do sujeito com o grande Outro, o pequeno outro e o objeto. Trata-se de uma nova maneira de constituição dos laços sociais, apesar de apostarmos que exista algo de ordem estrutural no sujeito (do inconsciente), que não se altera no tempo, conforme veremos ao longo dessa pesquisa.

Nos tempos atuais, as mídias não se restringem apenas a transmitir informações, mas, principalmente, a controlar a subjetividade da população, por meio de um exercício de poder. De tal modo, nós concebemos as notícias (fotos e enunciados) como uma combinação de informações recortadas que tem por principal objetivo persuadir seu leitor e fazê-lo crer em um determinado sentido. Veremos como esse funcionamento ocorreu na foto de Aylan Kurdi.

No campo midiático, observamos, ainda, a proximidade de uma realidade longínqua por meio de discursos que se espalham por todo o mundo. Porém, não se trata de algo transparente como aparenta ser, visto que a mídia convence, via práticas discursivas e ideológicas, a subjetividade de cada um, numa tentativa de globalização (Singer 1998, Santos 2000), não só do capital, mas, além do desejo, o sofrimento do sujeito.

A globalização do capital gerou também a globalização das maneiras de sofrer. Seria um efeito da expansão de uma forma de vida, que carrega vicissitudes tratadas como mercadorias? Ou deveríamos pensar que a exportação dos tipos de sofrimento, das condições sintomáticas e das grandes narrativas sobre o mal-estar faz hoje, de modo renovado, a função suplementar aos amigos dispositivos de colonização? A forma-mercadoria do sofrimento prepara o terreno ou lida com efeitos secundários da devastação das formas de vida tradicionais? (Dunker, 2015, p. 23).

O autor citado acima menciona a importância da nomeação do mal-estar, pois o ato de designação do sintoma inscreve o mal-estar num dado lugar e o sofrimento em um novo

registro de discurso. Trata-se, aqui, de uma nova ordem de prescrições, interdições, hospitalizações e cuidados. A respeito da nomeação do sofrimento, Primo Levi (1958/1988), ao testemunhar sobre a experiência em *Auschwitz*, diz que foi um pesadelo estranho o episódio de não ter seu sofrimento reconhecido; algo proporcional à dificuldade de nomeação do mal-estar. Ele relata essa dor da seguinte maneira:

Então nasce dentro de mim uma pena desoladora, como certas dores, de que mal nos lembramos, da primeira infância: é uma dor no seu estado puro, não temperada pelo sentido da realidade e pela intrusão de circunstâncias estranhas, parecida com as que fazem chorar as crianças; e é melhor para mim voltar uma vez mais à superfície, mas desta vez abro os olhos deliberadamente, para ter diante de mim a garantia de estar efetivamente acordado (Levi, 1958/1988, p. 4).

A essa altura cabe assinalar que as imagens, suas nomeações e suas representações norteiam as identificações do sujeito ao Outro/outro, são elas que constituem o sujeito dividido e o eu (subjetividade) em sua radical alteridade (Coracini, 2007). Tanto o sujeito quanto o eu na teoria psicanalítica se sustentam no enlaçamento dos três registros (ou quatro?). Essas três dimensões são topológicas (real, simbólico, imaginário, *sinthoma*, conforme Lacan (1974-75, 1975-76/2007)). Trata-se, aqui, da relação do ser falante com o significante (simbólico), com a imagem (imaginário) e com o objeto (real). Analisamos imagens (fotos e peça publicitária) nessa pesquisa, mas queremos ressaltar que a função do imaginário, apesar de privilegiada, não se restringe à imagem, isto é, a imagem não é o imaginário, visto que temos outras duas dimensões em jogo nas imagens: simbólica e real. Trataremos também de abordar mais adiante o funcionamento topológico desses registros.

Devido à inquietante estranheza provocada pela foto de uma criança morta, sua repercussão na mídia e as considerações suscitadas acima, o objetivo principal desta pesquisa foi analisar o(s) discurso(s) em torno da foto de Aylan Kurdi, seus efeitos e suas derivas de sentidos. Apostamos que essa imagem ilustra o funcionamento dos discursos que implicam imagens na atualidade (século XXI).

Dessa forma, tomamos essa foto, por um lado, como um acontecimento discursivo que (re) atualizou uma memória da representação do que é ser criança e do tempo da infância, ao mesmo tempo em que efetuou uma (res) significação/(re)velação do que é ser refugiado. (Des) naturaliza-se, assim, o sentido estratificado que havia até então, principalmente em função do discurso midiático. Por outro lado, tomamos essa imagem numa dimensão inconsciente, como despertador do mal-estar ou do *Unheimlich*, o estranho-familiar que sinalizou o encontro do sujeito com o real pulsional (pulsão escópica e pulsão de morte).

Nesse sentido, voltamos a nos perguntar por que a foto despertou tamanha comoção nos espectadores uma vez que existem diversas notícias/imagens de crianças em situação de barbárie que circulam na mídia cotidianamente. A partir das questões e considerações colocadas acima, delimitamos quatro eixos norteadores para essa tese:

- Analisar a imagem de Aylan: articular os elementos que causam mal-estar coletivo e a inquietante estranheza (*Unheimlich* freudiano);
- Delinear as condições de produção e os efeitos de sentidos da foto, mostrando suas reverberações no discurso do campo da mídia (principalmente a jornalística);
- Descrever como a imagem de uma criança morta operou na dimensão do inconsciente: um traço que possibilitou a identificação em massa e desencadeou outras formações discursivas;
- Investigar a reverberação da foto de Aylan em outros discursos, utilizando os conceitos de memória discursiva e de intericonicidade, colocados no contexto do discurso capitalista e da publicidade.

O *Unheimlich*, um conceito-chave para esta pesquisa, postulado por Freud (1919/1996), é um traço do aparelho psíquico que se localiza numa fronteira invisível entre o sujeito e o outro; algo que possa parecer estranho (e angustiante) à primeira vista é, na realidade, um elemento constitutivo do sujeito do inconsciente que estava recalcado. A foto de Aylan se situa como uma projeção, revelando a condição faltante do ser humano. Esse é um dos fatores que sustentam a repercussão da foto de Aylan, pois aponta para a castração e, ao mesmo tempo, para uma falha (*ce qui cloche*) no sistema capitalista que funciona por meio do discurso perverso.

Ressaltamos que, para a psicanálise, existe uma diferença entre falta e falha embora as duas, de alguma forma, se articulem, uma vez que só há causa daquilo que falha ou manca. A palavra manca ou aquilo que claudica são traduções do verbo que Lacan (1964/1973) utiliza – *cloche* – em seu *Seminário 11: Os quatro conceitos da psicanálise*.

.... chaque fois que nous parlons de cause, il y toujours quelque chose d'inticonceptuel, d'indefini. Les phases de la lune sont la cause des marées – ça, c'est vivant, nous avons à ce moment-là que le mot cause est bien employé. Ou encore, les miasmes sont la cause de la fièvre – ça aussi, ça ne veut rien dire, il y a un trou et quelque chose qui vient osciller dans l'intervalle. Bref, il n'y a pas de cause que de ce

qui cloche (Lacan, 1964/1973, p. 24). entre la cause et ce qu'elle affecte, il y a la clocherie.¹

A partir das considerações do autor, compreendemos que a falta é algo de ordem constitutiva do ser humano, como os orifícios corporais, que são da estrutura do corpo que é furado e que necessita deles para a sobrevivência do próprio organismo. Essas bordas são análogas ao objeto *a* lacaniano. Falha é quando algo é colocado no lugar do vazio ou no intervalo entre o vazio e os seus efeitos, mas não se sustenta; visto que não há objeto compatível com esse furo ou intervalo e, se houvesse o sujeito morreria no sentido concreto (orifícios corporais) e no sentido simbólico (desejo).

À vista disso, esse furo estrutural insiste em mostrar suas brechas em detrimento de qualquer tentativa de preenchimento. Desse modo, a falha, ao mesmo tempo em que mostra o vazio, mostra seus efeitos que, por sua vez, vivificam o desejo do sujeito e, por isso, só há causa daquilo que falha/manca/claúdica. Essa condição faltante é a condição trágica do sujeito, porém fundamental. Entendemos tragédia aqui no sentido clássico: descrição da luta impossível do sujeito contra o destino, cujo exemplo clássico é a tragédia grega de Sófocles (*Édipo Rei*).

Numa dimensão coletiva, a mídia jornalística anuncia uma falha – a saber, a crise dos refugiados – no sistema social a partir da foto de Aylan morto: o capitalismo ocidental (Zizek, 2015a, 2015b, 2016) não suporta, não comporta a inclusão de todos; os refugiados entre outros grupos marginalizados estão excluídos desse sistema.

Por um lado, a mídia jornalística afirma que há uma crise migratória e humanitária, e, por outro, alega que a foto do menino sírio deu voz e visibilidade para a questão dos refugiados e a guerra que assola a Síria (2010) e outros países do Oriente. Eram sujeitos (in)visíveis para o mundo até a veiculação dessa foto que se tornou o símbolo da “crise dos refugiados” ou “crise migratória”. De tal modo, novos discursos e novos sentidos começaram a ser (re) formulados em torno dessas questões sociais. Daí fomentou-se (mais ainda) um movimento na mídia jornalística baseado em discursos sobre o coletivo, sobre a tolerância ao diferente e sobre a esfera do “eu”, produzindo um efeito de evidência acerca dos discursos de

¹ cada vez que falamos de causa, há sempre algo de anticonceitual, de indefinido. As fases da lua são a causa das marés - quanta a isto, e claro, sabemos nesse momento que a palavra causa está bem empregada. Ou ainda, os miasmas são a causa da febre - isto, também, não quer, dizer nada, há um buraco, e algo que vem oscilar no intervalo. Em suma, só existe causa para aquilo que manca entre a causa e o que ela afeta, há sempre uma claudicação (Lacan, 1964/2008, p. 27, tradução Ed. Jorge Zahar).

racismo, de xenofobia e de segregação moralmente incorretos. Revelam-se, assim, dois discursos contrários.

Nos tempos atuais, numa espécie de repetição histórica, assistimos pela mídia um retorno aos discursos racistas/segregacionistas e uma sucessão de mortes e deslocamentos em massa. No início do século XXI, tivemos a maior taxa de deslocamento desde a Segunda Guerra Mundial, segundo notícias veiculadas pelos jornais. O deslocamento forçado, diferente daquele no qual se migra por escolha, parece ser uma repetição das civilizações. Em diversos momentos históricos, diversos grupos foram obrigados a sair de seus países. As guerras, os conflitos armados e as catástrofes naturais são os principais motivos da migração forçada, eventos que causam uma desordem social.

No entanto, seguindo Gadet e Pêcheux (1981/2004),

.... toda desordem social é acompanhada de uma espécie de “dispersão anagramática” (Baudrillard), que constitui um emprego espontâneo das leis linguísticas do valor: as massas “tomam a palavra”, e uma profusão de neologismos e de transcategorizações induzem na uma gigantesca “mexida”, comparável, em menor proporção àquela que os poetas realizam (Gadet e Pêcheux, 1981/2004, p. 64).

Portanto, a foto de Aylan, como um representante do mal-estar na civilização atual, (re)vela um incômodo que não para de se repetir na história. Vale destacar que a repetição se remete à pulsão de morte e ao gozo, sendo que a forma de sofrimento do sujeito e seus modos de gozo (Julien, 1996) se devem às condições de produção de cada época.

Freud (1937/1996) anuncia que o sofrimento humano emerge a partir do momento em que os homens decidiram se agrupar abdicando, assim, da satisfação instintiva. Essa reunião não quer dizer reunião de elementos iguais, mas de elementos diferentes entre si, implicando, necessariamente, numa intersecção e na renúncia de uma parte de gozo ou da satisfação da pulsão. O autor (1919/1996) mostrou ainda que há uma incompatibilidade entre a satisfação pulsional e as representações simbólicas e, com o conceito de pulsão de morte, ele marca um eterno descompasso entre esse registro pulsional e o simbólico. Por consequência, postula que há um irreduzível desamparo do sujeito na civilização.

O mal-estar na cultura está em continuidade com o mal-estar do sujeito. Freud (1929/1996, 1937/1996) e Lacan (1974/2003, 1964/2008) sinalizaram que o sujeito do coletivo nada mais é que o sujeito do particular, pois não há delimitação precisa entre o eu

(dentro) e o outro (fora), assim como na banda de Moëbius ², na qual se passa do direito ao avesso sem a possibilidade de ver e de saber onde se está situado. Igualmente, o sujeito é o efeito de um corte longitudinal realizado sobre essa banda, um recurso utilizado por Lacan (1961-62/2011) visando à quebra das dicotomias dentro e fora, interior e exterior. Há, portanto, uma continuidade elementar entre o sujeito e o campo do Outro. Há o efeito de corte, uma ilustração topológica da constituição do sujeito, que ocorre por meio da alienação e separação do Outro. Existe a separação entre o sujeito e o Outro, porém, essa não é no sentido comum do termo, trata-se aqui do momento de torção naquela continuidade [da banda de Moëbius] e não de uma quebra. Ressaltamos que esse assunto será abordado mais adiante.

No nosso entendimento, as fotografias que circulam na mídia têm o poder de interpelar o sujeito e de condensar tragédias humanas, impondo um sentido estabilizado do que é a realidade por meio da ideologia (Zizek, 1996). Cabe acentuar que a ideologia sustenta as formações imaginárias que, para Pêcheux (1973/1999), estão implicadas no processo de identificação. Essas formações dependem do jogo de imagens, das representações sociais, do discurso dominante e das interpelações ideológicas. No século XXI, o discurso predominante é o discurso capitalista.

O discurso capitalista inaugura uma nova forma de ser/ter, um novo modo de gozo, um novo modo de laço social. Esse discurso é consistente o suficiente para iludir os sujeitos a respeito da uniformização do desejo por meio da globalização (Canclini, 2003), do ideal de liberdade e da felicidade. Trata-se de um discurso que tem um funcionamento perverso, cínico e irônico que, em última instância, discrimina os sujeitos pelo dinheiro que não tem, conforme Agamben (2012): Deus não morreu, tornou-se dinheiro.

O discurso capitalista é perverso, pois dissemina uma promessa de sutura ou cura para o mal-estar estruturante. A característica do funcionamento perverso é atingir algo além do

²A banda de Moëbius é uma figura topológica que é construída a partir de uma tira de papel, colocando-a sobre si mesma com um movimento de meia torção. Cola-se uma extremidade à outra, subvertendo o dentro e o fora. Portanto, o direito e o avesso passam a se encontrar em continuidade. Se passarmos os dedos na superfície da banda, eles correm por ela toda sem precisar tirá-los da margem para passar para outro lado. Trata-se de uma superfície unilateral, contendo apenas uma face. O que faz diferenciar esses dois lados é apenas o tempo. A banda permite uma subversão da relação entre as partes e o todo (Granon Lafont, 2003). Ver figura abaixo (Fig. 3):

Figura 3: Banda de Moëbius

bem-estar gerado pelo princípio do prazer, um gozo que mortifica o desejo e apaga o sujeito dividido entre significantes.

Para Safatle (2008), o discurso capitalista, além de ser perverso, é cínico, e também uma categoria fundamental das sociedades capitalistas contemporâneas. Trata-se de uma legitimação das práticas que subvertem os princípios normativos sem desagregar os processos de socialização. Nesse sentido, os sujeitos incapazes de satisfazer aos anseios universalizantes capitalistas forjam, de modo irônico, aquela correspondência. Esse funcionamento leva o sujeito a denegar a falta e o processo de recalçamento operado pela ideologia que, para o autor, está em declínio na sociedade contemporânea: “o poder não teme a crítica que desvela o mecanismo ideológico porque aprendeu a rir de si mesmo” (p. 69). Nesse processo, o cinismo se torna uma conduta normativa capaz de promover uma espécie de “ontogênese das capacidades práticas dos sujeitos em forma de vida organizadas a partir de uma racionalidade cínica” (p. 24). Como resultado, temos uma sociedade fragmentada em grupos de identificação por meio dos modos de gozo (Soler, 2007).

A foto de Aylan, a partir do discurso jornalístico, inaugura ou revela um (novo) discurso social sobre o refugiado, que tinha, até então, um lugar invisível e, portanto, excluído (Carneiro, 2005). Bartijotto (2014) conclui que o apagamento da diferença pela exclusão e por meio da agressividade em relação ao excluído são efeitos do discurso capitalista. Uma das questões discutidas foi que esse discurso não admite a falta, seu objetivo é fazer o sujeito acreditar que nada perde e aquilo que evoca a castração é expulso. Assim, o sujeito produzido nesse discurso é tomado como sendo sem divisão, o imaginário é privilegiado e o simbólico é rejeitado.

A partir do efeito de exclusão (e segregação) do funcionamento capitalista há uma tentativa de reversão: incluir os excluídos e, para isso, são criadas as campanhas de solidariedade, as leis, os decretos, os estatutos jurídicos etc., com a intenção de garantir a dignidade humana. Todos esses discursos são enaltecidos pelo discurso jornalístico. Porém, o excluído (socialmente) é sempre susceptível a tornar-se *Unheimlich*, e aparece sob as mais diferentes representações. As diversas interpretações ocorrem devido ao funcionamento da linguagem e também devido às condições de produção de cada época. Não se pode deixar de mencionar que o discurso tem uma estrutura faltante, sendo possível o deslizamento de sentidos.

Todo discurso é uma prática social repetidora de determinada ideologia, sendo constituído por diversas vozes que podem ser divergentes ou não. No discurso jornalístico, recorta-se e interpreta-se uma parte da realidade que será divulgada por meio de imagens e da

(re) produção de enunciados. O jornalismo atua na estabilização de um sentido “natural” para a realidade, funcionando como uma busca pelo convencimento e pela certificação da linguagem. Trata-se do pré-construído como “algo já dito antes, em algum lugar, e que retorna no discurso jornalístico-político como evidência” (Mariani, 1998, p. 35).

Tal tipo de discurso supõe que transmite algo evidente e verdadeiro, como se o discurso fosse nítido, transparente, referindo-se aos fatos tal como eles são. Podemos retrucar que a verdade é sempre meio-dita (Lacan, 1969-70/1992), uma vez que a estrutura da linguagem é permeada por equívocos, ambiguidades, contradições, lacunas (Lacan, 1957/1998; Pêcheux, 1975/1988; Tfouni, 2013a). Existem diferentes formas de interpretação de uma mesma materialidade linguística (Lopes, 1999), seja uma foto, seja um enunciado escrito, seja um enunciado falado. Além disso, os efeitos de sentidos são variados e multifacetados e é o que mostraremos ao longo dessa pesquisa ao seguir as reverberações da foto do menino sírio na mídia jornalística.

Depois das breves considerações acima, sinalizamos que o percurso desta tese desenvolveu-se em três tempos que não são cronológicos, mas lógicos. Expliquemos.

Em relação ao tempo lógico, Lacan (1945/1998) recorre à analogia entre o sofisma do prisioneiro e os três tempos de uma análise: ver, compreender e concluir.

Nesse sofisma, o diretor de uma prisão promete a três prisioneiros a liberdade caso consigam descobrir a cor do disco que se encontra em suas costas: são três discos brancos e dois discos pretos. Os três prisioneiros possuem discos brancos - informação que eles não possuem - e, para tentar deduzir, eles podem olhar (momento de ver) os discos dos outros dois, mas não os que têm consigo. Os três, ao verem os discos dos outros, nada fazem; depois de certo tempo, eles concluem que são brancos, pois se algum deles visse dois pretos (dedução lógica) eles já teriam partido em direção à porta. Logo, necessitam de um tempo de escansão, momento em que o sujeito espera a reação dos outros dois (momento de compreender), para deduzir que disco eles possuem nas costas. Esse momento tem uma duração prolongada, pois partem de uma hipótese duvidosa. Trata-se do tempo em que os três deduzem que são brancos e andam em direção à saída numa espécie de “certeza lógica antecipada”, ou seja, a conclusão é baseada nas reações dos outros dois (momento de concluir). Nas palavras de Lacan:

.... Étant donné que mes compagnes étaient des blancs, j’ai pensé que, si j’étais un noir, chacun d’eux eût pu en inférer ceci: Si j’étais un noir moi aussi, l’autre y devant

reconnaître immédiatement qu'il est un Blanc, serait sortir aussitôt, donc je ne suis pas un noir (1945/1999, p. 196)³.

.... Ce que les motions suspendues dénoncent, ce n'est pas ce que les sujets voient, c'est ce qu'ils ont trouvé positivement de ce qu'ils ne voient pas: a savoir l'aspect des disques noirs. Ce par quoi elles sont signifiantes, est constitué non pas par leur direction, mais par leur temps d'arrêt. Leur valeur cruciale n'est pas celle d'un choix binaire entre deux combinaisons juxtaposées dans l'inerte, et dépareillées par l'exclusion visuelle de la troisième, mais du mouvement de vérification institué d'un procès logique ou le sujet a transformé les trois combinaisons possibles en trois temps de possibilité (1945/1999, p. 201)⁴.

Similarmente, é possível estabelecer uma analogia entre o tempo de pesquisa e os três tempos lógicos: 1) Ver: delimitação do *corpus*, descrição dos dispositivos teóricos e das condições de produção (CP) que envolvam o objeto de pesquisa; 2) Compreender: interpretação do *corpus* e uma retroação aos dispositivos teóricos e inclusão de novos elementos; 3) Concluir: explicitar as articulações e revelar o funcionamento discursivo e do sujeito do inconsciente. Lembramos que o tempo de compreender é um tempo longo que retroage a todo instante ao tempo de ver, precipitando-se ao tempo de concluir. Trata-se, portanto, de uma espécie de circularidade em que o pesquisador faz um circuito repetitivo, contornando seu objeto de pesquisa, sem jamais atingi-lo diretamente.

No primeiro capítulo recorreremos à palavra-conceito *Unheimlich*, proposta por Freud, e aos modos de identificação, para elucidar e articular o funcionamento da foto no discurso e de como tal imagem toca o sujeito do inconsciente. Para validar e ilustrar tal articulação foram analisadas três obras literárias: *Homem de Areia* de E. T. A. Hoffmann, *O estrangeiro* de A. Camus e *Bartleby, o escrivão* de H. Melville.

No segundo capítulo, abordamos o conceito de discurso e da metodologia empregada nessa pesquisa - uma interface entre Análise do Discurso Pecheutiana (AD) e Psicanálise Lacaniana - e a constituição do *corpus*, um conjunto de sequências discursivas (enunciados + imagens), extraído de um determinado campo discursivo (Courtine, 2009). Trata-se, nesse aspecto, de uma leitura discursiva que se sustenta numa série de significantes. No caso desta

³ dado que meus companheiros eram (tinham nas costas discos) brancos, pensei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia inferir disso o seguinte: Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente ser branco, teria saído imediatamente, portanto não sou preto (Lacan, 1945/1998, p. 198).

⁴ O que as moções suspensas denunciam não é o que os sujeitos veem, mas o que eles descobriram positivamente por aquilo que não veem, a saber, os aspectos dos discos pretos. A razão de eles serem significantes é constituída, não por sua direção, mas por seu tempo de parada. Seu valor crucial não é o de uma escolha binária entre suas combinações justapostas no inerte e desemparelhadas pela exclusão visual da terceira, mas o do movimento de verificação instituída por um processo lógico em que o sujeito transformou as três combinações possíveis em três tempos de possibilidade (Lacan, 1945/1998, p. 203).

pesquisa, o *corpus* é constituído pelo(s) discurso(s) produzido(s) em torno da foto de Aylan Kurdi. Para constituição do *corpus* foram recortados da mídia, especialmente a jornalística, enunciados e imagens produzidas entre 2015 e 2016 (considerando que esse foi o intervalo de tempo no qual houve a repercussão dessa foto) e uma publicidade que se serve da foto da criança morta para vender aulas de natação.

No terceiro capítulo serão analisados enunciados jornalísticos sobre essa imagem, que foram recolhidos na mídia jornalística (especialmente a brasileira). A necessidade de humanização e a crise dos refugiados se mostraram regulares nas sequências discursivas. Nesse sentido, o significante “refugiado” foi um termo muito utilizado para nomear o mal-estar do século XXI no meio jornalístico.

No quarto capítulo, analisamos a foto de Aylan Kurdi que está entre o imaginário e o real, tendo em vista o funcionamento do discurso capitalista, dos três registros e da sociedade do espetáculo na qual o gozo escópico (circuito pulsional) é enaltecido.

No quinto capítulo, analisamos a foto enquanto imagem de uma criança morta, uma imagem que petrifica o sujeito. A questão levantada gira em torno da imagem que paralisa porque se trata de um refugiado ou de uma criança morta. Para além da interpretação dos jornalistas, percorremos outro caminho ao apontar para o mal-estar que traz a imagem de uma criança morta. Para isso, faremos uma retomada histórica sobre a representação imaginária (social) de infância e de criança além de retomar o conceito de infantil [sujeito do inconsciente] para a psicanálise.

No sexto capítulo, através do conceito de *intericonicidade* e do funcionamento do discurso capitalista, analisamos a imagem de uma publicidade de natação veiculada no Brasil que utilizou a imagem da morte de Aylan para vender um serviço que garantiria a vida e a segurança da criança.

CAPITULO I

Unheimlich, o estranho familiar

O encontro do sujeito com a foto de Aylan causa horror na mídia; compartilhada de modo viral, reatualiza a memória social, o que nos levou a pensar a imagem como o *Unheimlich* freudiano, mas no sentido de uma comoção coletiva. Esse conceito é o eixo articulador dessa pesquisa, por isso, decidimos iniciar com sua explicação e ilustração.

Freud (1919/1996) faz uma análise linguística do significante *Unheimlich* na tentativa de extrair uma noção teórica desse fenômeno. Cabe ressaltar que na versão brasileira, publicada pela editora Imago, essa palavra foi traduzida como *O estranho*, na tradução da Companhia das Letras como *O inquietante*, como *L'Inquiétante étrangeté* na tradução francesa, *The uncanny* na versão inglesa, *Lo siniestro* na versão espanhola, entre outras. *Unheimlich* não se trata do estranho ou do estrangeiro embora a primeira tradução para o português possa causar certa confusão.

Un (modo de negar) + *heimlich* (familiar), quer dizer, na língua alemã está relacionado à negação daquilo que é familiar, lembrando que no inconsciente não há negação, essa função é do eu como uma das instâncias psíquicas. O *Unheimlich* não corresponde exatamente à definição de estranho ou inquietante em português. Ambos são adjetivos. A função gramatical do adjetivo em português é se referir a um substantivo, sinalizando um atributo ao qualificar o substantivo o que serve, portanto, para descrever alguma situação, pessoa ou realidade. Estranho quer dizer: 1) que ou o que é muito diferente dos padrões usuais, que se caracteriza pelo caráter ou aspecto excêntrico; insólito, esquisito, extraordinário. 2) que ou o que é de fora, do exterior; estrangeiro. Inquietante quer dizer: 1) que inquieta, que causa ou provoca inquietação ou agitação; 2) que tira o sossego e a paz, preocupante (Michaelis, 2019). Notamos que nenhum dos dois implica o significante familiar como ocorre no alemão, o que é essencial para a apreensão do conceito.

Na recente publicação bilíngue (português e alemão) a tradução é a invenção da palavra *infamiliar*, de Ernani Chaves e Pedro Eliodoro Tavares, da Editora Autêntica. Com esse neologismo, os autores apontam, também, para a complicação das traduções.

O *infamiliar* mostra que o muro entre as línguas não é intransponível, mas também que a passagem de uma língua a outra exige um certo forçamento. O *infamiliar* não é, nesse sentido, resultado da fidelidade à língua de partida, mas o vir à tona da infidelidade que tornou possível a transposição do hiato entre as línguas. É uma marca visível da impossibilidade da tradução perfeita. Assim, não deixa de ser também uma

intradução que, em vez de esconder o problema da inevitável equivocidade da tradução, o faz vir à tona (Iannini e Tavares, 2019, p. 9).

Trata-se da invenção de um significante, uma palavra que delimita, em certa medida, um conceito que, por sinal, segue-se intraduzível na medida em que são produzidas as mais variadas traduções, causando, muitas vezes, confusões e equívocos quanto à proposta desse conceito. Digamos intraduzível no sentido de algo que não cessa de produzir diferentes traduções. Nenhuma expressão freudiana produziu tantas variações e soluções diferentes e, desse modo, decidimos ao longo da pesquisa, na maior parte, utilizar a palavra em sua língua de origem a fim de evitar confusões.

O *Unheimlich* está relacionado com o que é assustador, com o que provoca medo e horror, entretanto é aquilo que foi um dia familiar. Nessa perspectiva, “.... o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é muito conhecido, ao bastante familiar” (Freud, 1919/2010, p. 331). O inquietante é aquilo que nos deixa desarvorados e não existe, em muitas línguas, uma palavra que tenha o sentido de inquietante e familiar ao mesmo tempo. No latim quer dizer lugar suspeito; no grego estrangeiro/estranho; inglês *uncomfortable, uneasy, uncanny, repulsive fellow*; francês *inquiétant, sinistre, lugubre, mal à son aise*, espanhol *sospechoso, de mal agüero, lúgubre, siniestro*.

Nas palavras do autor:

A palavra alemã *Unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich* [doméstica], *heimisch* [nativo] – o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é ‘estranho’ é assustador precisamente porque não é conhecido e familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho (Freud, 1919/1996, p. 239).

Nem sempre podemos equivaler o estrangeiro ao não familiar. Para demonstrar essa não equivalência Freud (1919/1996, p. 241) faz uma rebuscada análise do *Unheimlich* contrapondo com o *heimlich* no discurso. O autor evoca alguns enunciados para explicitar: “os proprietários de terra protestante não se sentem *heimlich* entre os seus subordinados católicos”; “não se sentia absolutamente *heimlich* quanto a isso”; “parece bastante *Unheimlich* e fantástico”; “*Unheimlich* é o nome de tudo o que deveria ter permanecido... secreto e oculto, mas veio à luz”, etc.

A palavra *heimlich* não deixa de ser ambígua visto que pertence a dois conjuntos de ideias que são diferentes sendo que, por um lado, pode significar o que é familiar e agradável e, por outro, o que está oculto e se mantém fora de vista. Portanto, “*heimlich* é uma palavra que desenvolve seu significado na direção da ambiguidade, até afinal coincidir com o seu oposto” (Freud 1919/2010, p. 340).

Hanns (1996) elenca sete conotações de *das Unheimlich* a partir de sua leitura do texto freudiano:

- A) A sensação de estar diante do *das Unheimlich* deixa o sujeito indefeso, pois é “o estranho” naquilo que possui de mais indefinível, imprevisível;
- B) É algo insidioso, sorrateiro, não se sabe quando se será atingido;
- C) Não se sabe de onde provém o *das Unheimlich*, pois é justamente algo indefinível e sorrateiro;
- D) O *das Unheimlich* se arma em torno do sujeito e é grandioso;
- E) O *das Unheimlich*, ao se armar em torno do sujeito, está ou em breve estará próximo e poderá atingi-lo;
- F) Seremos em algum momento subitamente atingidos pelo *das Unheimlich*;
- G) Há um conteúdo fantasmagórico que torna o *das Unheimlich* inapreensível e inefável e o dota de certa ‘irrealidade’ ou de um ‘realismo fantástico’ (p. 233).

Desse ponto de vista o *Unheimlich* é um elemento (ou um traço de identificação) do aparelho psíquico que se localiza numa fronteira invisível entre o sujeito e o Outro; algo que possa parecer estranho à primeira vista é, na realidade, um elemento constitutivo e familiar do sujeito que foi recalcado, ou seja, está mais próximo da intimidade do sujeito e que causa perturbação. Assim, podemos afirmar que o *Unheimlich* remete em última instância a uma cena traumática que, por sua vez, remete à castração, algo que causa angústia e mal-estar.

O recalque é exatamente aquilo que está na superfície, mas não se vê, podendo retornar ao eu sob a condição de que seja negado, diz Freud (1925/1996). Sob este viés, negar algo é, no fundo, manter algo que não se aceita na obscuridade uma vez que no inconsciente não existe pares de contrários, a negação ocorre no nível do eu-consciente: “.... o juízo negativo é o substituto intelectual do recalque” (Freud, 1925/1996, p. 266).

De tal modo, o *Unheimlich* é o retorno do recalcado, que pode vir sob a forma de negação - não é familiar – ou com a imposição de sentidos fornecidos pelo outro ou, ainda, pela interpelação ideológica. Pode retornar também como ameaça à consistência subjetiva, momento em que o sujeito se depara com a seguinte formulação: ou eu ou ele, não há lugar para nós dois. Nessa lógica, podemos considerar que a posição especular do sujeito situa o outro como rival, uma imagem que ameaça sua posição subjetiva e sua unidade imaginária;

essa ameaça, por efeito, pode gerar agressividade e violência dirigida ao outro a ou ele mesmo. A agressividade e a paranoia são inerentes à constituição subjetiva ou à personalidade, como afirma Lacan (1975-76/2007): “.... a psicose paranoica e a personalidade não têm, como tais, relação, pela simples razão de que são a mesma coisa” (p. 52).

O recalque da castração é condição necessária para a constituição do sujeito e sua entrada no registro simbólico. Essa constituição depende de tempos lógicos e do processo de identificação que veremos na sequência. Ressaltamos que essas concepções teóricas fundamentais à psicanálise nos ajudam a analisar a viralização e a repercussão que teve a foto de Aylan Kurdi.

1.1 Os tempos do sujeito

O reflexo do eu no espelho é um tempo em que o sujeito se identifica ao pequeno outro. Esse tempo é denominado *estádio de espelho* por Lacan (1949/1998), um momento lógico em que sobrevém a formação do narcisismo, comportando uma alienação necessária e fundamental do *infans* ao Outro primordial. Esse Outro faz função de um espelho plano ao mesmo tempo em que é uma matriz de significantes: o registro simbólico que nos primeiros anos de vida é encarnado àquele que faz a função materna. Nesse tempo ocorre uma identificação da criança com a sua imagem que possibilita a estruturação do eu, um lugar onde o sujeito antecipa o júbilo da unicidade da imagem corporal e, para isso, é preciso que o Outro simbólico a ratifique.

Existe, primeiramente, um assujeitamento da criança ao registro imaginário; depois ocorre um processo de identificação imaginária, momento em que a criança percebe que a imagem no espelho (ou o pequeno outro) é uma imagem e não ele mesmo. Sucede, então, o processo de distinção entre a imagem do outro da imagem do eu. Desse modo, a criança compreende que a imagem do espelho é uma imagem dela mesma. Portanto, nesse momento, a unidade do corpo se mostra como exterior e invertida como a imagem no espelho (Dor, 1989). Advertimos que não se trata de tempos cronológicos e lineares, mas lógicos, conforme veremos a seguir.

Como ilustração da constituição do eu, Lacan (1949/1998, 1962-63/2005) utiliza os seguintes esquemas ópticos onde o segundo é uma redução do primeiro (fig. 2)

Figura 04: esquema óptico completo e esquema óptico reduzido (Lacan, 1962-63/2005, pp. 48-49)

O espelho plano da figura está representado pelo A (Outro), o espelho côncavo está representado pelo S (sujeito), o vaso está representado pelo $i(a)$ e o objeto a é o próprio vazio do vaso. Esse último é a parte não especularizável, pois não existe imagem do vazio, mas é possível representá-lo através do significante denominado *falo* escrito pela letra $-\phi$. A letra com o sinal de menos representa logicamente a castração. O espelho plano reflete o vaso, mas sem o a , através deste o sujeito vê uma imagem invertida $i'(a)$, a imagem virtual, em que se tem a impressão de que o $-\phi$ preenche o vazio do vaso. O autor (1949/1998, 1962-63/2005) estabelece dupla função ao Outro: de espelho plano (dimensão imaginária) e de matriz de significantes (dimensão simbólica).

Para Lacan (1966/1998)

.... o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu (p. 100).

Concomitantemente à estruturação do eu há a constituição do sujeito do inconsciente, que é dividido entre dois significantes (S1-S2), cuja divisão se manifesta no discurso. O sujeito do inconsciente ou o próprio inconsciente se materializa, diz Freud (1905/1996,

1915/1996), nos sonhos, chistes, atos falhos e sintomas e a energia que o coloca em movimento é denominada pulsão.

Freud (1915/1996), em seu texto *O Inconsciente*, ainda não sabia muito bem como descrever o funcionamento da pulsão e onde ela se originava, pois ele não estava certo acerca de qual instância a pulsão fazia parte. O autor chega a postular que a pulsão é inconsciente no sentido sistemático, cuja característica é se soltar facilmente das representações e se ligar facilmente a outras. Quer dizer que as associações dos traços mnêmicos se ligam às percepções externas e atuais. Pode ser acrescido que o psicanalista menciona que, quando não está aliada a um representante, ela causa angústia ao sujeito.

Com a elaboração da segunda tópica o inconsciente toma uma dimensão de tripartição: Isso, Eu e o Supereu, sendo a pulsão o elemento econômico, quantitativo e energético do aparelho psíquico. Quando não há um representante da pulsão essa permanece no Isso, que é um tipo de reservatório das pulsões. Freud (1923/1996) afirma que

.... as percepções têm para o Eu a mesma significação que as pulsões têm para o Isso. Ao mesmo tempo, o Eu está sujeito também à influência das pulsões, tal como o Isso, do qual, como sabemos, é somente uma parte especialmente modificada (p. 53).

O sujeito do inconsciente é dividido entre pulsão de morte e pulsão de vida. Essas duas classes de pulsões se fundem, se misturam e ligam uma com a outra, cuja realização ocorre de modo regular e extensivo, mas há leis entre esses elementos. Para Lacan (1953/1998, 1957/1998, 1960/1998, 1966/1998) essas leis estão submetidas às leis da linguagem e, por isso, o autor utiliza as leis da linguística para descrever o funcionamento do inconsciente, sustentando uma extração da teoria freudiana: *o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Lacan (1966/1998) afirma que “.... o inconsciente que a diz, o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como uma linguagem” (p. 882). Para escorar sua construção teórica ele utiliza a teoria de Saussure (*Curso de Linguística Geral de 1916*), porém a subverte, colocando o significante em primazia ao significado (Arrivé, 2000).

Lacan denominou (1953/1998, 1957/1998), deste modo, o Outro como o conjunto de significantes e o pequeno outro como o semelhante, aquele constituído no *estádio do espelho*. Segundo o autor (1964/2008), o inconsciente é “a soma dos efeitos de fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (p. 126). Esse sujeito se constitui a partir da alienação ao Outro sendo esta a única entrada. Entre o sujeito e o Outro há uma operação circular, mas, de modo dissimétrico e sem reciprocidade, o que aponta para a impossibilidade de se dizer tudo.

Para sustentar um tempo lógico da constituição do sujeito, Lacan (1964/2008) propõe duas operações para articular a relação do sujeito com o Outro e com o objeto *a*: a alienação e a separação. A alienação consiste no *vel* da reunião entre os dois campos, ou seja, os significantes (S1, S2...Sn) que vão dar algum sentido ao sujeito são ofertados pelo Outro. No entanto, sempre resta uma parte em que não é possível obter um sentido ou uma imagem, o objeto *a* minúsculo (parte real) de tal modo que o sujeito se constitui na falta de um significante único que o represente, pois ele se constitui decepado de uma parte e sua causa é este pedaço que permanece fora do imaginário e excluído do simbólico.

No tempo da alienação o pequeno outro se constitui na imagem especular, na qual se reconhece como unificado, sem divisão, o que leva Lacan (1962-63/2005), pautado na frase célebre (“*Je est un autre*”⁵) de Rimbaud (1871/2009), a constatar que o eu e o outro são mesma coisa: trata-se do processo de identificação. Baseando-nos neste artifício podemos sustentar que o espectador vê a si próprio (ou alguém amado, por exemplo, o próprio filho) na figura de Aylan morto.

Para a constituição do eu ou de uma identidade é necessário um suporte simbólico (o Outro) que legitime que a imagem no espelho é uma imagem do eu. Todavia, essa imagem é um engodo, pois o sujeito é dividido e a falta é estrutural.

Figura 5: Alienação (Lacan 1964/2008)

A segunda operação (a segunda no sentido lógico e não cronológico) é a separação: é o momento em que o sujeito encontra a via de retorno do *vel* da alienação, ou seja, emerge um intervalo entre S1 e S2, momento de aparição do desejo. Aqui, cria-se a possibilidade de advir

⁵ Eu sou o um outro.

outros sentidos pautados nos mesmos significantes e, também, a substituição de um por outro (a metonímia e a metáfora). A partir dessa relação do sujeito com os significantes, Lacan (1962-63/2005, 1964/2008) propõe uma máxima: *um significante representa o sujeito para outro significante*. Na separação o objeto *a* se localiza na intersecção entre o campo do sujeito e o campo do Outro. Trata-se de um movimento de circularidade na banda Moëbius que existe uma torção, lugar em que se instaura a separação.

Figura 6: Separação (Lacan 1964/2008)

Tanto a alienação quanto a separação podem ter como efeito a angústia, a presença de uma alteridade (Moreira, 2003) que legitima a (im)possibilidade do Um ser o outro e de dois fazerem Um. A alienação e a separação são forças centrífugas e centrípetas, atraem-se e se repelem ao mesmo tempo, não são idênticas, mas são indissolúveis. No momento da separação o sujeito constata a falta que o constitui, engendrando-se no momento em que Outro falta. A falta sempre esteve lá, porém o sujeito não a percebe ou se ilude tentando tamponá-la. Trata-se de uma topologia em que há uma conjunção e disjunção, de união e de fronteira, espaço vago que é grafado pelo objeto *a*, um operador lógico que indicia o vazio.

Nos intervalos do discurso do Outro surge na experiência da criança: “ele me diz isso, mas o que é que ele quer de mim?” (Lacan, 1964/2008, p. 209). No momento em que o Outro falta o sujeito supõe que ele deseja outra coisa; essa outra coisa permanece como enigma para o sujeito e, por isso, possível de se deslocar sempre para outra coisa ou, ainda, para outro significante, através de um funcionamento metonímico.

A resposta que o sujeito inventa para a falta constitutiva é a fantasia inconsciente, uma narrativa em forma de ficção que tenta responder ao enigma do desejo do Outro. Contudo, essa resposta não é a verdade uma vez que a fantasia é construída a partir de uma

interpretação do sujeito em relação ao que Outro quer dele e não o que deseja de fato. Portanto, a constituição do sujeito implica sempre o desejo, que se refere ao suposto desejo do Outro (Lacan, 1966-67/2008).

O sujeito é efeito de significante que desliza na cadeia, não tem grande coisa a fazer com o gozo, mas, por outro lado, o signo desse gozo é capaz de provocar o desejo. O saber inconsciente é a maneira pela qual o sujeito goza, é a maneira pela qual o gozo se aloja na materialidade mesma do significante, em sua combinatória, em sua cifragem, sem levar em consideração o sentido. O inconsciente é uma escrita que não se lê, porém suposta como decifrável (Lacan, 1972-73/1993).

A angústia se sustenta na falta da falta, momento em que Outro se apresenta como completo, sem castração. Para ilustrar a relação de cruzamento que existe entre sujeito, outro, Outro e objeto, Lacan (1955/1998) forja outro esquema, denominado L, que demonstra as intersecções entre esses quatro campos: o sujeito numa relação inconsciente com o Outro; o pequeno outro numa relação imaginária com o eu especular. Observem que não há uma relação direta entre pequeno outro pequeno e grande Outro, assim como não há relação direta entre o sujeito e o eu:

Figura 7. Esquema L (Lacan, 1955-56/1998, p. 555).

O gozo, um conceito complexo e de difícil apreensão, foi anunciado por Freud (1920/1996) em *Além do princípio do prazer*, que significa a dualidade da pulsão: vida e morte. O gozo, sendo da ordem da pulsão de morte, é percebido na experiência psicanalítica: “o gozo, aqui, é um absoluto, é o real, e tal como o define, como aquilo que sempre volta ao

mesmo lugar” (Lacan, 1968-69/2008, p. 206). A função do Outro, na constituição do sujeito, é fazê-lo perceber que seu corpo é separado de seu gozo e, assim, cria-se, portanto, um intervalo vazio entre o corpo e o lugar de gozo, ou seja, é o “lugar em que isso não quer dizer nada e que exige um isso quer dizer substituto” (Lacan, 1968-69/2008, p. 266).

Com relação às duas operações da constituição do sujeito e o funcionamento discursivo da foto propomos o seguinte: a primeira operação é análoga ao efeito da foto no espectador, isto é, uma alienação que gera horror, sendo possível, apenas, reproduzir a imagem; na segunda operação, o sujeito (espectador, jornalista, cartunistas, publicitário etc.) ganha distância do objeto, levando-o a produzir sentidos, que podem ser produzidos na forma de outras imagens, comentários, explicações etc. Faremos uma análise mais aprofundada nos próximos capítulos a respeito dos comentários jornalísticos e de outras imagens veiculadas pela mídia. A princípio montamos a seguinte tabela que organiza esses tempos e a imagem de uma criança morta que causa horror nas plateias.

Alienação = Eu sou um outro e esse outro sou eu	Identificação do espectador à foto do menino morto	Reprodução = Compartilhamento
Separação = hiância entre sujeito e objeto.	Identificação ao significante = Morte Criança Refugiado	Repetição = Produção de sentidos

Figura 8: Alienação e separação na imagem de Aylan Kurdi.

As associações referentes ao refugiado, à morte e à criança, nós analisamos nos próximos capítulos.

E pelo esquema L, propomos a seguinte forma:

Figura 9: mídia e o sujeito no esquema L de Lacan

O sujeito pode ser percebido enquanto o espectador que olha para a foto que causa horror, na medida em que algo do recalcado aparece ali do lado de fora, o *Unheimlich*, que é o próprio objeto a que revela e vela a falta ao mesmo tempo. O sujeito, no lugar do espectador, é aquele que goza ao olhar a imagem uma vez que causa prazer e dor ao mesmo tempo, materialização do sujeito dividido entre os significantes e entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Desta forma, a mídia jornalística encarna o Outro sem barra e barrado ao mesmo tempo visto que faz parecer que informa a verdade, entretanto sempre é uma interpretação do sujeito. Os efeitos de sentido produzidos dependem da condição histórica, discursiva e do modo de identificação de cada um.

A seguir descrevemos o processo de identificação em massa que nos auxiliará a compreender a identificação à foto de Aylan Kurdi bem como o funcionamento da mídia jornalística.

1.2 Os modos de identificação

A foto de Aylan, num primeiro instante, evoca a imagem de uma criança morta e sem identidade, por meio da qual o sujeito (leitores e espectadores) se identifica de modo imaginário: poderia ter sido eu, meu filho, meu irmão etc. A veiculação e a “virilização” da foto provocaram ao leitor uma proximidade que possibilitou o processo de identificação a essa imagem. A declaração do pai de Aylan coloca o leitor na posição de pais que perderam seus filhos, uma perda incomensurável: “Os meus filhos eram as crianças mais bonitas do mundo.

Há alguém no mundo que não considere os seus filhos a coisa mais preciosa da vida? ' Eu perdi tudo'" (Meus filhos escorregaram das minhas mãos, 2015).

Na tentativa de articular a identificação, o sujeito e o poder da mídia jornalística recorreremos às três formas de identificação propostas por Freud (1921/1996) em *Psicologia das massas e análise do eu*. No âmbito do autor, a identificação é a expressão de um laço afetivo entre duas pessoas e possui um papel fundamental na história do complexo de Édipo, na constituição subjetiva e na história da civilização.

O primeiro modo de identificação se dá em relação ao Pai: "Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal" (Freud, 1921/1996, p. 115). No entanto, o menino nota que o pai é um obstáculo para atingir a mãe como objeto amoroso, assim, sua identificação assume também uma hostilidade com relação ao pai que o percebe como um rival, ou seja, uma ambivalência.

O segundo modo de identificação se dá em relação ao traço. Freud (1921/1996) utiliza o exemplo de Dora que copia o penoso sintoma da mãe: uma tosse atormentadora. Neste caso, a identificação aparece no lugar da escolha de objeto e essa escolha regrediu para a identificação. Então, a identificação é parcial, tomando emprestado apenas um traço isolado do outro.

Existe um terceiro caso, o da identificação sintomática, que não se trata de uma relação de objeto com o outro copiado. O autor, a fim de exemplificar, utiliza-se do caso hipotético de uma moça que morava em um internato. Ela recebeu de seu amante uma carta que lhe despertou ciúmes e, assim, reage com uma "crise histérica". Grande parte das outras moças passa a ter o mesmo ato de crise, por assim dizer, através de uma "infecção mental". O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. A identificação por meio do sintoma é o sinal de um ponto de coincidência entre os dois eus, sinal que precisa ser conservado recalcado para que o sujeito se mantenha estabilizado com relação ao seu sintoma.

Lacan (1961-62/2011) propõe que as identificações giram em torno dos significantes afirmando que esses não se manifestam senão na presença da diferença de um para outro e, assim, a relação do signo com a coisa é apagada, permanecendo um traço, denominado de unário. Nesse sentido, a identificação não é tornar-se igual ao outro, mas, pelo contrário, é um processo que possibilita o sujeito se diferenciar dos outros.

Com relação ao processo de identificação e a teoria dos significantes há uma diferença entre o signo (representa alguma coisa para alguém), que tem como função tornar

contemporânea a coisa em si (Peirce, 1913/2005) e o significante, que presentifica a diferença. Portanto, o significante é aquilo que os outros significantes não são, ou seja, nunca não idênticos ao passo que o signo representa algo para alguém. Pautado na teoria de Saussure (1916/2006) e Peirce (1913/2005), Lacan (1961-62/2011) formula uma máxima que usou por todo seu ensino, como já explicado anteriormente: “um significante representa o sujeito para outro significante” (p. 143). O significante é uma marca, um rastro que não se pode lê-lo sozinho, sendo necessário um segundo significante para, assim, termos a produção de sentidos.

.... o sujeito cerca o lugar por um cerne, algo que desde então lhe concerne, ele, a referência a partir do lugar onde ele encontrou o rastro, vocês têm aí o nascimento do significante. Isso implica todo esse processo que comporta o retorno do último tempo sobre o primeiro, que não poderia haver aí articulação de um significante sem esses três tempos⁶ (p. 143).

O terceiro modo de identificação é considerado um fenômeno de grupo, o laço mútuo existente entre os membros de um grupo, baseado numa importante qualidade afetiva comum (amor ou ódio). É o que aconteceu com a repercussão da imagem do menino sírio em que o mundo, através da mídia, torna-se afetado por essa problemática. Essa foto foi capaz de produzir uma identificação em massa produzindo, assim, compaixão, amor e ódio também em massa. Freud (1921/1996) constata que a identificação ocorrida por meio da pulsão do amor ou do ódio produzem vínculos sociais, mas trata-se de investimentos objetais narcísicos (imagem especular) e não ao outro enquanto uma alteridade. Vamos alargar esse tópico.

O conceito de alteridade, segundo Moreira (2003), não se apresenta de modo explícito na obra de Freud, embora apareçam indícios de uma operação que não é da ordem da identificação. A noção de Outro (Lacan, 1957-58/1999), além de ser o tesouro de significantes, é uma alteridade, uma faceta do inconsciente. Moreira (2003) afirma que o homem busca formas de alteridades para explicar sua condição existencial, denominadas de Outros-abstratos como, por exemplo, a religião, os mitos, as ciências, as leis do Estado que organizam e oferecem um sentido à experiência concreta.

Bairrão (2011), ao interpretar Lacan, formula o Outro como alteridade em quatro teses: o Outro simbólico (comporta-se como linguagem), o Outro vazio (a alteridade não é consistente, que se apresenta como conjunto vazio quando se trata da interseção entre sujeito e

⁶ Esses três tempos, Lacan refere-se aos tempos do Édipo, frustração, privação e castração, tempos em que o *infans* se depara com a falta de objeto. A passagem pelos três tempos constitui um sujeito dividido entre significantes ou o sujeito do desejo.

Outro), o Outro sexo (alteridade que remete a não relação sexual) e o Outro gozo (a impossibilidade de o sujeito gozar de seu próprio ser). O Outro é furado e não oferece uma resposta do que é ser sujeito e nem do que é a morte (única certeza), mas é no campo do Outro como alteridade que ele se constitui, sendo também o lugar em que o sujeito pode se certificar sobre aquilo que não é ele. O conceito de alteridade nos ajuda a compreender o mal-estar que uma cena traumática causa, isto é, a entrada do Outro, que possui um caráter de alteridade, que o sujeito recalca, denega ou foraclui ou, em última instância, esquece.

O processo de identificação é a constituição do eu como unidade que tem relação com a constituição do sujeito entre significantes. A partir das noções propostas por Freud (1914/1996) de eu ideal e ideal do eu, relidas por Lacan (1955-56/1999), defendemos a ideia de que a alteridade é anterior (anterioridade lógica e não cronológica) à constituição do eu e à constituição do sujeito do inconsciente. A alteridade é o Outro pré-histórico ao sujeito, pois esse já nasce num mundo banhado de linguagem e de simbólico, mas o sujeito só percebe que existe o Outro quando se depara com esse lugar na circularidade de sua própria constituição. Podemos articular que a alteridade se desdobra em duas funções distintas e concomitantes: a de fazer o sujeito obter uma consistência imaginária e o lugar simbólico onde o sujeito inscreve a falta constitutiva.

Retornamos ao artifício de identificação, segundo Freud (1921/1996). As formações grupais (ou sociais) aparecem de duas formas: criação de laços horizontais (entre sujeitos) e os laços verticais (laço com algum líder). Os dois tipos de laços são fundamentais para a civilização, pois, sem esses, não haveria grupos, culturas, povos etc.. A identificação é o que configura uma sociedade, seja identificação imaginária, seja simbólica.

A identificação entre os semelhantes é definida como imaginária, pois se trata da identificação do *estádio do espelho*. A identificação simbólica ou a identificação ao traço unário, segundo Éric Laurent (1995), serve para designar o lugar original do sujeito a partir do qual pode se conservar. Trata-se do para além das identificações imaginárias, como ponto radical; ponto em que se supõe a origem do inconsciente, ponto em que o sujeito recalca, foraclui ou denega em sua a constituição subjetiva.

Referente à identificação em massa ou imaginária, para Freud (1921/1996), um grupo é constituído por “certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do eu e, conseqüentemente, se identificam uns com os outros em seu eu” (p. 147). Para Lacan (1966/1998), a identificação simbólica é quando um objeto é colocado numa função de denominador comum, precipitando a identificação ao ideal de eu. Esse ideal do eu é o Outro que o sujeito supõe um saber sobre o enigma do seu ser. Assim, ao que nos parece, a

alteridade ligada à identificação pode aparecer sob três formas: a identificação ao eu ideal (outro, grafado como $i(a)$), a identificação ao ideal de eu (Outro grafado como $I(A)$) e a identificação ao traço unário.

Essas gradações do eu são constitutivas e não cessam de se repetir no social. Freud (1914/1996) afirma que no narcisismo infantil o eu era seu próprio ideal e se atribuía a uma perfeição imaginária. Porém, quando a criança se depara com a falta, isto é, com as “admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico”, a imagem perfeita se desfaz o que causa uma “ferida narcísica”. E, muitas vezes, devido a esse rompimento, pode emergir a agressividade dirigida ao próprio eu ou ao outro. Isso faz com que a criança inicie uma busca pela imagem perdida, mas, agora, sob a forma do ideal do eu.

Em 1917, nas *Conferências Introdutórias*, Freud (1917-18/1996) assegura que o ideal do eu é uma sub-instância do eu e sua função é inscrever uma moral que permite avaliar as relações do eu com o seu ideal, sendo também um dos participantes das formações do inconsciente. Em 1921, no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, o ideal do eu aparece como uma instância separada do eu com o poder de observá-lo, controlá-lo e delimitá-lo; muitas vezes essas instâncias entram em conflito. O ideal do eu observa o eu que é obrigado a afastar da consciência os impulsos que não são aceitos como padrões do narcisismo. O ideal do eu, quando encarnado na figura de alguém (líder, mestre, professor, presidente etc.), legitima a relação de dependência deste com o eu.

Outro modo de identificação, a identificação ao traço, é da ordem da relação do sujeito com o objeto a . Para Laurent (1995), a identificação ao traço unário é uma operação que consiste em uma negativização uma vez que se trata da marca de uma falta e de sua inscrição. É justamente nesse vazio que o ideal do eu emerge, ocupando o lugar da falta, dando consistência ao Outro, dando-lhe a ilusão de que esse é sem barra. Lacan (1960-61/2010) ao falar a respeito das gradações do eu fala dos graus de alienação que constituem o sujeito, qualificando-o sob os termos, eu, eu ideal e supereu:

São como ondas estáveis. Aconteça o que acontecer, esses efeitos fazem recuar o sujeito, imunizam-no, mitridatizam-no com relação a um certo discurso. Isso não altera em nada os pontos nodais, aonde ele, como sujeito, vai se reconhecer e se instalar (p. 409).

Pode-se distinguir radicalmente o ideal do eu e o eu ideal. O primeiro é uma introjeção simbólica ao passo que o segundo é a fonte de uma projeção imaginária. A satisfação narcísica que se desenvolve na relação com o eu ideal depende da possibilidade de referência

a este termo simbólico primordial que pode ser monoformal, monossemântico, *ein einziger Zug* (traço unário). Para Lacan (1961-62/2011), a ligação do sujeito com esse traço unário ocorre devido ao narcisismo das pequenas diferenças que indica um ódio entre grupos não tão diferentes,

.... pois não é outra coisa senão o fato de que é a partir de uma pequena diferença absoluta que lhes falo, essa diferença destacada de toda comparação possível – é a partir dessa pequena diferença, enquanto é a mesma coisa que o grande I, o Ideal do eu, que se pode acomodar todo o propósito narcísico; o sujeito se constitui ou não como portador desse traço unário (p. 169).

É porque há um sujeito que se marca a si mesmo ou não com o traço unário, que é 1 ou -1, que pode haver um $-a$, que o sujeito pode identificar-se com a bolinha do neto de Freud e especialmente na conotação de sua falta, não há, *ens privativum*. Obviamente. Há um vazio e é daí que vai partir o sujeito: *leerer Gegenstand ohne Begriff*⁷ (p. 179).

O traço unário está sempre em relação com o significante e marca o sujeito como único, além de sustentar uma diferença entre o eu e o outro. Sobre o significante, na concepção de Lacan (1961-62/2011), pode ser afirmado que se trata da pura diferença que possui função de unidade, compreendida aqui não no sentido de unificação, mas de unicidade. Refere-se, portanto, a um “traço puramente distintivo”, sendo esse traço que constituirá o sujeito em sua relação com o significante.

A fundação de um que constitui o traço é o suporte da cadeia de significantes, é precisamente aquilo que se apaga na constituição subjetiva e que coloca a cadeia de significantes em movimento porque falta um significante que diz o que é ser sujeito e o que é o objeto que completaria o sujeito, esse que vive na eterna procura de sua suposta outra metade. Assim, o traço unário tem como função indicar o lugar onde está suspensa no significante a questão da garantia no advento da verdade. Nesse sentido, a identificação ao traço está mais ao lado da falta do Outro e do seu desencontro do que ao pequeno outro com o qual o sujeito se identifica de modo imaginário.

A identificação imaginária está ligada ao aparecimento e ao desaparecimento do objeto (o *fort-da* freudiano) que representa o sujeito ao passo que a identificação ao traço é uma suspensão radical do desejo materno, um significante que preserva do Outro, mas que preserva aquilo que é mais particular (Chatelard, 2005). Lacan (1961-62/2011), para diferenciar o sujeito do significante cedido por uma alteridade, traz o estatuto do nome

⁷ Conceito vazio sem objeto, puro conceito da possibilidade.

próprio, nome que pela sua materialidade sonora e não pelo sentido, que marca quem é um e quem é o outro. Isso porque o nome próprio tem como função para o sujeito nomeá-lo diante de uma série de significantes. Nas palavras do autor:

.... o traço unário designa algo que é radical para a experiência originária, é a unicidade, como tal, da volta na repetição. Penso ter marcado suficientemente, para vocês, que a noção da função da repetição no inconsciente se distingue absolutamente de todo ciclo natural, no sentido de que o que é acentuado não é seu retorno, é que o que é procurado pelo sujeito, é sua unicidade significante e enquanto uma das voltas da repetição - se podemos dizer - marcou o sujeito que se põe a repetir o que ele não poderia evidentemente repetir, pois isso nunca será mais que uma repetição, mas com o objetivo, com o desígnio de fazer ressurgir o unário primitivo de uma de suas voltas (Lacan, 1961-62/2011, p. 177).

Para Sauret (2005), a identificação não se constitui somente de um traço identificatório, mas, também, de uma rejeição inicial daquilo que não é o Outro/outro, o que significa um traço de segregação, ou seja, um sujeito se funda a partir de um ato de exclusão do campo do Outro que, por efeito, causa uma segregação no social. Assim, uma civilização se funda a partir de atos de segregação, afirmando ou negando aquele que pode ou não pode fazer parte de um determinado conjunto de sujeitos.

A coletivização é um conjunto em que os sujeitos se reúnem por meio da identificação, ou seja, a partir de um significante “em comum”, que pode ser a religião, a língua, o espaço territorial, a raça, a mídia etc., ou seja, uma espécie de relação parte/todo que define um coletivo. A invenção do Outro abstrato (aquele que reúne um grupo) garante a identificação entre os sujeitos; o resultado é a própria segregação pela via da homogeneização, mas o sujeito do inconsciente sempre resiste, pois, em última instância, ele é sempre singular. Portanto, dois processos são necessários ao funcionamento e sustentação simbólica de uma civilização ou de uma cultura: identificação e segregação.

Desse modo, podemos afirmar que o ato de segregação é inerente ao sujeito. Nesse sentido, esse ato se inscreve na cultura desde os tempos mais remotos da constituição das civilizações. O cerne da identificação se relaciona ao amor e ao ódio de um ao outro. Porém, tal fenômeno nos coloca a seguinte questão: como fazer um conjunto virar Um a partir dos não-idênticos a si mesmo? O homem, por ter inventado uma linguagem simbólica complexa, fez com que isso o colocasse fora do mundo dos outros animais. Devido ao simbólico e à pulsão existe a impossibilidade do homem atingir uma unidade entre os membros de uma organização ou uma unidade orgânica. Desse modo, uma fratura entre a natureza e a cultura ou entre o organismo e o corpo constituído pela linguagem se instaura como um elemento

constante. No entanto, é exatamente a linguagem que permite ao homem constituir uma imagem de corpo e um sujeito que se enlaça aos outros.

Em síntese, os sujeitos só são capazes de se identificar uns aos outros e se constituir como sujeitos quando existe a segregação.

Segregar é um verbo transitivo que significa separar, apartar, colocar de lado, isolar, expulsar ou expelir. Segregar significa diferenciar com o objetivo de desunir. Também pode ser sinônimo de desligar, soltar ou desprender alguma coisa. Segregar é o antônimo de agregar, que significa juntar ou unir. O ato de segregar pode ser feito em vários níveis. Quando a segregação ocorre no contexto social, um determinado grupo social é separado do resto da sociedade. É um ato discriminatório de exclusão de alguns elementos, seja por motivos políticos, sociais, econômicos, raciais, religiosos ou de tendências sexuais. Estas pessoas são impedidas de participar em atividades normais da sociedade. Em quase todas as situações, a segregação é imposta ao grupo; mas existem casos em que um grupo escolhe se separar do resto da sociedade. Além disso, no âmbito da fisiologia, segregar remete para a produção de alguma secreção (Significados, 2017).

A respeito da segregação, Lacan (1967/2003) fala de uma primordial, a *ségréation urinaire*, em tom irônico quer apontar a segregação entre homem e mulher. Desde 1958 o analista aponta que, no espaço social, o homem, no nível do sexual, se distingue da mulher. Outra segregação mencionada por ele é a dimensão discursiva, quando o homem possui o poder de dominar outros por meio da fala, do argumento, do convencimento. Soler (2018) supõe que esta última está em declínio uma vez que o Nome-do-Pai também está. No entanto, o que seria de uma civilização sem o Pai, sem Moisés, sem Akhenaton, figuras que representam o ideal do eu, resultaria numa sociedade sem segregação? Lacan (1968-69/1992), para contrapor uma sociedade em que há um mestre bem definido, se referiu ao que chamou de sociedade capitalista.

Vale destacar que o processo de segregação é diferente do processo de separação. A separação é um tempo da constituição do sujeito, momento em que o sujeito se extrai do campo do Outro causando uma hiância entre sujeito e Outro; desta operação temos um resto, o objeto *a*, esse resto retorna como causa de desejo do sujeito. A segregação condensa duas operações distintas no coletivo e, primeiro, é necessário supor um rebanho (ou conjunto) para, depois, excluir esse conjunto de todo o resto. Portanto, a segregação começa pela formação de um agregado para resultar numa agregação que por sua vez se separa com o objetivo de isolar ou de delimitar. Os sujeitos se agregam ou são agregados pelo Outro através dos três modos de identificação. Atualmente, o mais comum é a identificação pelo modo de gozo. O modo de gozar se torna o principal condensador de um determinado grupo.

A função do Pai enquanto eficácia simbólica tem perdido cada vez mais espaço devido aos efeitos da globalização (Santos, 2000, Stiglitz, 2002), do discurso capitalista, da economia neoliberalista e dos dispositivos midiáticos. Esse novo funcionamento social tem produzido ao mesmo tempo segregações e identificações em massa. Na nossa compreensão a mídia fortifica as identificações grupais ao passo que a alteridade é excluída nas redes sociais, embora retorne constantemente na forma de angústia. De tal modo, o segregado passa a ter status de secreção.

A secreção, enquanto uma metáfora com o lugar do refugiado, algo que o corpo expela porque há um problema interno, causa irritação, pode coçar, pode doer, queremos nos livrar dela o mais rápido possível, supondo que o problema é a secreção e não algo que está mais no interior do corpo e que não pode ser visto na superfície. Adiantamos que o menino morto da foto foi denominado como refugiado pela mídia jornalística. A nosso ver, o refugiado na atualidade possui um lugar de segregado no discurso. Entendemos que se trata de uma interpelação ideológica, momento em que o lugar vazio (a identidade do menino) é preenchido pelo significante refugiado, dando-lhe uma forma-sujeito ou uma identidade. Aylan, uma criança que tentava refúgio e que seria segregada da sociedade. Analisaremos mais adiante a questão da foto articulada ao refugiado, um efeito de sentido produzido pela mídia jornalística.

Retornemos a questão da identificação. O simbólico tem a função de estabilizar a paranoia constitutiva, sendo ele que possibilita a convivência entre sujeitos, diferentes e separados. No entanto, Lacan (1948/1998) destaca outro lado do simbólico: o de promotor da agressividade. Esse lado é aquilo que precisamos abdicar (satisfação pulsional) para vivermos em sociedade. Trata-se do paradoxo que é viver na civilização.

Freud (1913/1996) trata dessa questão - da renúncia pulsional- em *Totem e Tabu*, ao afirmar que existe uma Lei primordial – a proibição do incesto – que funda uma civilização. Existe a necessidade de uma lei universal onde todos são castrados ou não há nenhum que não seja castrado e, igualmente, da aceitação de que a noção de contrato social supõe uma perda. Lacan (1955-56/2010) anuncia que a falta é intrínseca à espécie humana “no que diz respeito ao comportamento do ser humano como sujeito, e ao que quer que seja no qual ele se realize, no qual simplesmente ele é, não pode escapar de ser submetido às leis da fala” (p. 102). Não é por acaso que, independente do discurso dominante, as tragédias de modo geral causadas pelo próprio homem continuarão a ocorrer.

A identificação é diferente do processo de constituição de identidades sociais embora ambas tenham relação entre si. A criança nasce mergulhada na cultura, um conjunto de

imagens e de representações coletivas onde ela não se identifica de modo uniforme aos significantes ofertados pelos outros de seu grupo, que é anterior a sua constituição. Nascemos no seio de uma linguagem e uma língua prontamente está constituída. Dessa forma, a língua não é uma ferramenta neutra (Milner, 1987), pois está permeada de ações, pensamentos, ritos, comportamentos de seus antepassados. Assim, ela descreve uma realidade do mundo que não se trata do mundo em si, mas de uma visão, uma interpretação.

A identidade resulta do cruzamento de várias outras identidades e culturas anteriores. Uma nova cultura surge do entrecruzamento de outras culturas, não existem culturas puras, pelo contrário, todas são mistas. “Os contatos entre grupos humanos recuam às origens de espécie e deixam sempre vestígios na maneira como os membros de cada grupo se comunicam entre si” (Todorov, 2010, p. 69-70). Podemos dizer que a identidade é uma determinada forma que um sujeito adquire no interior de uma formação discursiva (a forma-sujeito), há múltiplas formas num mesmo sujeito, depende da situação, com quem ele fala e de que lugar ele fala (Pêcheux, 1975/1988).

No coletivo temos, por exemplo, como traço de identificação a religião, a língua, os rituais etc. Na base de uma cultura há a memória coletiva (Tfouni, 2013b) que é uma construção, ou seja, uma seleção de fatos passados que são transmitidos de geração a geração. Cabe ressaltar que tanto a memória quanto o esquecimento fazem parte da constituição de uma identidade social (Ricoeur, 2007) ou mesmo de um sujeito em sua particularidade. A cultura não é o Outro, são conceitos diferentes que possuem certa interseção. Podemos dizer que o Outro é o conjunto de significantes que implica o conjunto vazio ao passo em que a cultura é o conjunto de signos com representações mais ou menos fixadas em sentidos.

A partir das considerações sobre a identificação supomos que a mídia e o discurso jornalístico são dispositivos que possibilitam os modos de identificação na era moderna e a formação de identidades, sendo que as fotos e notícias que circulam podem revelar e/ou evitar o confronto com a castração. Porém, aquilo que é expulso retorna sob uma nova roupagem ou sob um novo nome, mas, quando vem sem roupagem, como na foto de Aylan, o que emerge é o horror, uma espécie de *Unheimlich*, que reatualiza a cena traumática inconsciente.

A seguir ilustramos o funcionamento do *Unheimlich* em obras literárias buscando analisar como essa presença nos causa angústia. Utilizamos obras literárias porque são importantes elementos culturais e, muitas vezes, antecipam, além de ilustrarem as teorias, como é caso do complexo de Édipo. Freud (1892-1899/1996) só pode inventar essa teoria depois de assistir à peça de teatro do mito grego e, assim, pode articulá-la àquilo que escutou de seus pacientes, extraindo daí um elemento teórico que serviu para analisá-los.

1.3 Ilustrações da emergência do *Unheimlich*

A interlocução das obras literárias com a psicanálise é uma constante na escrita de Freud (1914/1996) a partir da qual ele se refere à conexão de estrutura entre esses dois discursos que servem para ilustrar e validar o funcionamento psíquico. Nesse sentido, a ficção é uma materialização discursiva do funcionamento do inconsciente, oferecendo um reservatório de simbolizações (palavras, imagens, figuras de linguagens) que auxiliam na construção da teoria. Assim, para explicar o funcionamento do *Unheimlich*, o autor recorre ao “Homem de Areia” de Ernest Hoffman que conta a história de Nathaniel.

Nathaniel teve um susto quando um homem (Copolla) bateu na sua porta e, ao vê-lo, veio-lhe uma lembrança infantil que remeteu ao Homem de Areia⁸. Quando criança, Nathaniel, escondido no escritório do pai, vê um estranho (Copéllius) e seu pai realizando um experimento, mas é descoberto e ameaçado a ter os olhos arrancados. No episódio do espanto, o jovem reconhece Copéllius, em Copolla, identifica-o com o temido “Homem de Areia”. O jovem compra um binóculo dele e, através desse, descobre Olímpia, por quem se apaixona; porém, ela é uma boneca montada pelo seu vizinho, o professor Spalanzini. Olímpia é bela e enigmaticamente silenciosa, mas é um autômato que o professor montou e no qual Copolla inseriu olhos. Desde então, o jovem enlouquece.

Delírios, alucinações e passagens ao ato eclodem: o estudante vê os dois mestres discutindo sobre Olímpia. Spalanzini pega os olhos da boneca no chão e joga no peito de Nathaniel e diz que Copolla os roubara. Através dessa cena surgem, no jovem, reminiscências da morte do pai. Em seu estado delirante diz: “Opa! Opa! Círculo de fogo! Círculo de fogo! Rode, círculo de fogo! Alegre! Alegre! Opa, bonequinha de madeira, bonequinha de madeira, rode!” Certo dia, num momento de delírio e alucinação, ele tenta jogar sua namorada da Torre, achando que era Olímpia (a boneca), até que grita “ótimos olhos” e ele mesmo se joga, momento em que o “Homem de Areia” desaparece na multidão (Hoffman, 1817/2010; Freud, 1919/2010).

Para Freud (1919/1996), o sentimento de estranheza está ligado diretamente à figura do “Homem de Areia” e a ideia dos olhos roubados por ele é a causa de tanta angústia. O estudo dos sintomas, dos sonhos, das fantasias e dos mitos revela que a angústia em relação aos próprios olhos é um substituto do temor da castração, ligado diretamente ao complexo de Édipo (função paterna).

⁸ Um personagem de que os adultos se servem para assustar as crianças: ele jogava areias nos olhos daquelas que não obedeciam, fazia os olhos saltarem para fora, colocava num saco e levava para alimentar seus filhos.

Na história da infância, o pai e Coppellius representam dois opostos em que a ambivalência dividiu a imago paterna; uma ameaça com a cegueira (a castração), enquanto o outro, o pai bom, intercede pelos olhos do filho. A parte do complexo mais atingida pelo recalque, o desejo de morte dirigido ao pai ruim, acha representação na morte do pai bom, atribuída a Coppellius. A essa dupla de pais corresponderá, no período em que é estudante, o professor Spalanzini e o ótico Copolla sendo percebido como idêntico ao advogado Coppellius Essa boneca autômata não pode ser outra coisa que a materialização da postura feminina de Nathaniel ante seu pai na primeira infância. Os pais dela – Spalanzini e Coppola – são apenas novas edições, reencarnações da dupla de pais de Nathaniel; a frase de Spalanzini, incompreensível de outro modo, segundo a qual os olhos de Nathaniel haviam sido roubados pelo ótico, para serem colocados na boneca, adquire significado, como prova da identidade entre Olímpia e Nathaniel (Freud, 1919/2010, pp. 438-349).

No conto de Hoffmann a angústia, associada à perda dos olhos, indica o medo da castração representada pela figura do “Homem de Areia” que, por sua vez, está identificado ao Pai, uma reedição da imago paterna, a qual marcaria no psiquismo a ambivalência de sentimento de amor, ódio e terror. Como se trata de elementos que foram excluídos ou recalcados do sujeito se tem a sensação inquietante de estranheza. A série da figura paterna era representada nos personagens: Homem de Areia, pai de Nathaniel, Coppélius, Copolla, Spalanzini; a série do duplo de Nathaniel está representada pela figura de sua noiva, da boneca Olímpia e dele mesmo. Do lado do pai o temor de ter os olhos arrancados e do lado dele os “ótimos olhos”.

O psicanalista assinala o efeito inquietante que a história de Hoffman desperta ao leitor e ainda comenta outra obra do mesmo autor – *O elixir do diabo* – que também possui um efeito inquietante. Pode-se ir além de um simples medo de ser castrado e apontar para a estranheza articulada às experiências infantis, o que remete ao fenômeno do duplo e da alteridade ao mesmo tempo. O duplo, representado pela boneca Olímpia (constituído *no estádio do espelho*), é uma identificação do próprio eu com o outro, mas o sujeito não se reconhece, trata-se de uma espécie de duplicação do eu (diferente de divisão). Através da função da alteridade (representado pelo pai) o sujeito recalca, ou seja, recalca o fato de necessitar do Outro para se constituir enquanto sujeito que pertence a um conjunto.

A ideia de um duplo, quando o sujeito não se reconhece na sua própria identificação, gera estranheza e angústia. O que o Nathaniel olhava era o seu duplo, sua imagem invertida, mas não se reconhecia. Para Freud (1919/1996), um elemento que amedronta – o *Unheimlich* – pode revelar algo do retorno do recalcado, pois esse não é nada novo ou alheio, mas algo familiar, que se apagou através do processo do recalque sendo, portanto, estranho por ser algo

que deveria permanecer oculto, mas que veio à luz. O recalque é um mecanismo que o sujeito (ou uma sociedade) coloca como condição necessária para estabelecer uma ordem. Freud (1919/1996) afirma também que a compulsão à repetição é algo inquietante (*Unheimlich*) ao sujeito.

Para Lacan (1961-62/2011), a repetição faz:

.... insistir alguma coisa que não é nada mais, em sua essência do que um significante, designável por sua função, e especialmente sob essa face, que ela introduz no ciclo de suas repetições, sempre as mesmas em suas essências e, portanto, concernente a alguma coisa que é, sempre, a mesma coisa, a diferença, a distinção, a unicidade. Que é porque alguma coisa, na origem, se passou, que é todo sistema do trauma, a saber, que uma vez que se produziu algo que tomou desde então a forma A, na repetição, o comportamento, por mais complexo está aí para fazer ressurgir esse signo A (p. 79).

Outro ponto inquietante que Freud (1919/1996) traz é quando o desejo do outro é completamente satisfeito, por exemplo, no “Anel de Polícrates”, momento em que o anfitrião se afasta com horror de seu hóspede, ao perceber que seu problema foi solucionado, o hóspede torna-se um *Unheimlich*, por ter sido satisfeito. O contingente misturado à coincidência também pode ser *Unheimlich*, o exemplo é de um paciente de Freud que, em determinada circunstância, desejou que um senhor idoso morresse de ataque, pois ele ocupava o quarto do hospital que o paciente ocupava antes. No dia seguinte o senhor morreu exatamente de um ataque e aquela situação foi estranha e inquietante ao paciente. Portanto, existe uma série de elementos que são (ou podem ser para uns e outros não) *Unheimlich*: a repetição, o acaso, a loucura, a castração, a magia, a feitiçaria, a morte etc. Observa-se que em todos os casos o *Unheimlich* está necessariamente atrelado a angústia.

Freud (1919/2010) adverte que as realizações de desejo, forças ocultas, onipotência dos pensamentos e animação de coisas inanimadas nas fábulas não são inquietantes, pois, para que surja o sentimento inquietante, é imprescindível à existência de “um conflito de julgamento sobre a possibilidade de aquilo superado e não mais digno de fé pode ser mesmo real” (p. 372).

O autor coleta casos que legitimam a hipótese de que o estranho é o familiar, ou seja, seria uma espécie de angústia que aludiria ao anteriormente familiar (no sentido lógico da constituição subjetiva), logo vivenciado na realidade e/ou no inconsciente e, por isso, perpassa terrenos aparentemente diversos. Em última instância, o *Unheimlich* é o retorno do recaiado, é resistente a vir à tona ao mesmo tempo em que se repete sem cessar (o sujeito não percebe que repete).

Ao continuar o caminho percorrido por Freud de que é possível realizar uma conexão entre a estrutura psíquica e as obras literárias, utilizamos, para ilustrar o *Unheimlich* e o processo de identificação, o romance *O Estrangeiro*, de Albert Camus (1942).

O *Estrangeiro* conta o drama do francês Meursault, que matou um árabe. No processo do julgamento o juiz perguntou por que cometeu tal ato e ele respondeu que viu a “praia avermelhada e sentiu a testa ardendo do sol”, ou seja, não soube explicar coerentemente, não soube dizer aquilo que, na verdade, o outro esperava ouvir. Ele não tinha arrependimento, mas um aborrecimento e, assim, o juiz o chamou de “Anticristo”. No júri, Meursault foi acusado de ter premeditado o crime e de que, no enterro de sua mãe, já tinha a mente de criminoso.

Meursault, o francês, não admitia verdades e sentidos postulados pelo outro e não se angustiava com seu lugar de estrangeiro. Ele havia assassinado o árabe porque este era um estranho para ele. Ambos se estranham não sendo possível saber, efetivamente, quem é o estrangeiro/inquietante. Neste caso o próprio personagem, um estrangeiro, incorpora o *Unheimlich*. Os momentos de estranhamento e assassinato estão conectados ao processo de alienação ao Outro, isto é, naquele momento não houve nenhuma delimitação simbólica entre eu e outro. Cabe ressaltar que sentir-se estranho ou estranhar o outro ao perceber a alteridade não é atributo nem de uma determinada classe social, nem de nacionalidade ou de religião específica. O outro, que não sou eu, com o qual não me identifico, é produto de formações ideológicas, ou seja, a criação de um imaginário, cuja eficácia se ratifica ao ser materializado no discurso.

Nesse sentido, existe uma antecipação imaginária dos lugares ocupados por cada um, os quais se referem às posições que o sujeito atribui a si e ao outro no processo discursivo. Essas atribuições ocorrem em “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 1973/1999, p. 82). Dessa forma, o autor estabelece relações imaginárias entre eu e o outro a partir de uma antecipação de quem é quem, colocadas em quatro perguntas essenciais: 1) Quem sou eu para que lhe fale assim? 2) Quem é ele para que me fale assim? 3) Quem sou eu para que ele me fale assim? 4) Quem é ele para que eu lhe fale assim? Notem que o discurso se produz no entrecruzamento de dois imaginários que foram constituídos de formas diferentes, uma vez que esses discursos tornam o sujeito singular em seu percurso constitutivo.

Portanto, trata-se nesse romance do entrelaçamento de imaginários: do Juiz que interpreta Meursault como um assassino por natureza, Meursault que mata o árabe devido ao sol que o cega e do Padre que deseja converter o assassino em um crente de Deus. Todos são

interpelados por ideologias diferentes que interferem na suposição da posição de si mesmo e do outro. Meursault não se identificava nem ao discurso do Juiz e nem ao discurso do Padre, pois o sujeito do discurso, quando toma determinada posição, se contrapõe a forma-sujeito que organiza as formações discursivas com as quais o sujeito se contra-identifica.

Pêcheux (1975/1988) postula três formas de identificação. A primeira se refere a um recobrimento entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, ou seja, o sujeito se identifica a uma formação discursiva (“bom sujeito”) sob a forma do livre consentimento. A segunda caracteriza o “mau sujeito”, trata-se daquele sujeito que se volta contra determinada formação discursiva que se reduz a uma contestação e revolta, denominada de contra-identificação. A terceira constitui um deslocamento do sujeito frente a uma determinada formação discursiva, denominada de desidentificação e, nesse processo a ideologia não desaparece, mas funciona às avessas, através de um “desarranjo-rearranjo” do complexo de formações ideológicas.

Nos dois primeiros modos de identificação o sujeito está alienado ao discurso dominante ou ao Outro que o constituiu. No último modo de identificação o sujeito possui certa liberdade com relação à formação discursiva e ideológica que estava anteriormente identificado. Assim, como no processo de separação, segundo Lacan (1964/2008), o sujeito possui condições que o permite deslocar para outras formações (ou significantes) e produzir outros sentidos.

Na primeira modalidade, segundo Tfouni (1997, 2001, 2007, 2019), o sujeito se identifica com a forma-sujeito, ou seja, existe uma submissão sem resistência por parte do sujeito. Na segunda o sujeito questiona elementos da ideologia, mas não rompe com tal formação. Na última o sujeito rompe com a formação discursiva e ideológica com as quais se identificava para, assim, se filiar a outras formações possíveis, pois, neste caso, houve um rompimento radical. O autor associa o significante mestre com a identificação (pecheutiana) e, portanto, com a ideologia. Destarte, a ideologia não se instala no sujeito sem a identificação, ou ainda sem assujeitamento, à formação discursiva dominante que se organiza a partir de significantes.

Outra obra literária clássica que ilustra a sensação de *Unheimlich* que pode ser aqui mencionada é de *Bartleby, o escrivão* (Melville, 1856/2007). O narrador, um advogado, chamado Adão, que administra seus negócios de hipotecas e títulos de propriedade, relata a história de uma contingência que lhe causou profunda estranheza.

Bartleby, cuja função era meramente de copista, se mostrava eficiente e realizava suas tarefas com extrema rapidez. Certo dia Adão, seu chefe, lhe pediu que revisasse um

documento e ele responde que preferiria não fazer (“I would prefer not to”). Assim, sucede-se uma sequência desse enunciado diante das demandas do chefe; o jovem passou insistentemente a repetir tal enunciado e executar cada vez menos seus serviços. Chegou um momento em que ele se recusava a realizar qualquer tarefa, passando a não fazer nada. O advogado o demitiu diversas vezes, mas ele insistia em dizer que “preferiria não fazer”, passando dia e noite no escritório imóvel. Devido a tal situação, o advogado muda o escritório de endereço e, para sua surpresa (contingente, uma manifestação do real), Bartleby continua no lugar, mesmo vazio. Depois de um tempo o jovem foi preso e lá ele continuava a se recusar radicalmente a tudo; até que morreu de fome.

No caso de Bartleby, há uma naturalização da frase, mas estranhada por outro, no caso, o narrador. Trata-se de uma frase que oculta (ou silencia) a possibilidade do contrário, uma vez que Bartleby se identifica e se assujeita a um enunciado fixo, que o faz acreditar que é a única possibilidade de estar no mundo. Torna-se, assim, um enunciado invariável e inquestionável. Portanto, a formação discursiva com a qual se identifica Adão, a de chefe, o faz estranhar a posição de recusa do funcionário. Podemos observar que a figura de algo estranho pode levar à irrupção do *Unheimlich*, que desestabiliza o sujeito (um desenlace do real, do simbólico e do imaginário, ver cap. 2), criando um buraco de sentido que exige uma interpretação.

Em Bartleby, o advogado procurava um sentido que explicasse a passividade absurda do personagem, permanecendo, porém, no vazio e sem resposta. Agamben (1995) afirma que a frase desconcertante de Bartleby não escreve nada além do que o seu poder de não escrever, seu término (*not to*) deixa indeterminado o ato ao qual se referiria, resultando num sem movimento. Parece que há no personagem uma decisão em não decidir devido ao tempo verbal que utiliza (*I would prefer*), o ato se estanca ao nível de potência, mas nunca de modo efetivo, deixando em aberto à possibilidade de realizar ou não o ato. Essa atitude de deixar sua atitude ao nível da potência faz de Bartleby um excluído que não pode ser situado em lugar nenhum quando se trata do laço social. Ele se faz fora do laço ou se recusa a entrar no discurso, tornando-se um sujeito à margem do mundo, ele é e não é. Segundo Agamben (1995), um ser que pode ser e não ser ao mesmo tempo é denominado experiência de contingência e Bartleby é a experiência da contingência pura.

Esse personagem, devido a sua forma enigmática, torna-se fora de qualquer particularidade que o faz referência em alguma universalidade identificável. No entanto, Adão se identifica, a nosso ver, a um vazio que evoca a presença do personagem. Nesse vazio, o outro (na figura do advogado) o interpreta ao lhe oferecer significantes e predicados, numa

tentativa de dar um lugar a partir da nomeação. Trata-se de um traço de um conjunto com o qual o sujeito possa ser identificado, um modo de incluir aquilo que está excluído do discurso através da nomeação. O *Unheimlich* é um lugar secreto para o sujeito, mas que o habita.

Esse lugar não tem nome, mas que se distingue pela estranheza de sua decoração, pelo que Freud indica justamente tão bem, da ambiguidade que faz com que, *heimlich* ou *Unheimlich*, eis uma dessas palavras em que, em sua própria negação, tocamos, tocamos com o dedo a continuidade, a identidade de seu direito com o seu avesso, esse lugar que é, para falar propriamente, a outra cena porque é aquela onde vemos a realidade – sem dúvida vocês sabem disso – nascer nesse lugar como um cenário. E vocês sabem que não é isso que está do outro lado do cenário que é a verdade e que se vocês estão lá, diante da cena, são você que estão no avesso do cenário e que tocam alguma coisa que vai mais longe na relação da realidade com tudo isso que a envelope (Lacan 1965-66/2006, p. 57).

Diante do não sentido, como ocorre num primeiro momento com foto de Aylan na mídia, o sujeito busca no imaginário (estabilização) os elementos com os quais possa compará-lo. Assim, é possível atribuir um sentido através da nomeação, da descrição, da explicação, etc. para o real que irrompe. A tendência é expulsar ou apagar aquilo que não é familiar (*Unheimlich*) ou aquilo para o qual não se consegue atribuir um sentido. Concebemos, portanto, a foto como uma espécie de alteridade, o lugar onde o sujeito se constituiu, mas recalca. No momento em que o sujeito se depara com uma imagem que lhe causa inquietação, ele pode associar inconscientemente à cena infantil traumática⁹, como vimos no caso de Nathaniel em *O homem de Areia*. Porém, a alteridade é fundamental, pois o eu e o sujeito só podem se constituir e se reconhecer quando há um não-eu e um Outro. Na realidade, o sujeito e o discurso só podem funcionar em relação à alteridade assim como um significante que funciona como alteridade a outro significante.

A partir da teoria da constituição do eu proposta por Lacan e Freud, conforme explicado acima, observamos que a foto rompe com a unidade imaginária anteriormente imposta pelo funcionamento discursivo e pela interpelação ideológica. Nesse sentido,

⁹O trauma, segundo Freud (1996/1950), é estruturado por duas cenas: a cena primordial é recalçada e a segunda remonta à primeira, por meio dos traços mnêmicos que foram inscritos no momento da primeira cena (ocorrida na infância). Desse modo, o episódio contemporâneo reconduz ao primeiro trauma, mas sem que o sujeito a saiba conscientemente. Portanto, uma cena traumática é um acontecimento psíquico combinado a outros eventos da história do sujeito que não são necessariamente fatos reais, podem ter sido imaginados. Na verdade, um trauma sempre se refere ao traço mnêmico recalçado que permanece de modo inconsciente no psiquismo. Na maior parte dos casos o elemento desencadeante do trauma são situações ordinárias vividas ou fantasiadas no cotidiano. Em suma, o autor considera o trauma como um excesso pulsional, um além das possibilidades simbólicas do sujeito em lidar com o circuito associativo, uma energia que se repete e não cessa de exigir descarga.

podemos afirmar que a foto de Aylan presentifica o *Unheimlich* devido a sua viralização e ao horror que causou naquele que olha. De modo paradoxal essa foto marca uma alteridade que pode retornar sob a forma de ódio ou amor ao outro, mas também sob a forma de sublimação. Para Lacan (1960-61/2010), o ódio é uma forma de amar, mas também uma tentativa de separação do Outro por meio da agressividade, ou seja, preciso atacar o outro para poder me separar dele, para assim ocupar o seu lugar que, na verdade, é uma falsa separação, trata-se ainda da alienação ao Outro.

Em suma, o *Unheimlich* está intimamente ligado à identificação, à compulsão à repetição e à ideologia (Žizek, 1996). Compreendemos que há três causas possíveis do mal-estar diante do *Unheimlich* (encarnado na foto de Aylan): a não identificação, a contra-identificação e a identificação radical ou assujeitamento à ideologia, segundo Tfouni (2013b) ao seguir Pêcheux (1975/1988).

A identificação radical é um processo onde o sujeito é interpelado pela ideologia de modo alienante. Outrossim, a contra-identificação é concebida como uma ameaça ao funcionamento discursivo que já estava estabilizado, e a não-identificação instaura um vazio em que a diferença entre o eu e o outro se faz presente.

Uma foto pode causar estranheza para uns e não para outros e o que causa mal-estar vai depender da fantasia constitutiva do sujeito, das formações discursivas e das formações ideológicas nas quais o sujeito está inscrito. Consequentemente, uma imagem não repercute de modo igual em todos os lugares e em todos os momentos, o que determina é o discurso dominante daquele contexto e daquela cultura. A foto de Aylan, dependendo da formação discursiva dominante, tem diferentes maneiras de olhar.

Abordaremos no capítulo seguinte o conceito de discurso para a AD e para a psicanálise lacaniana, sobre a metodologia da pesquisa, a constituição do problema e do *corpus*. Além disso, descreveremos como o funciona o processo de interpelação ideológica, a deriva de sentidos, e o funcionamento do discurso no discurso capitalista que é uma derivação do discurso do mestre (conforme Lacan 1968-69/1992).

CAPÍTULO II

SOBRE OS DISCURSOS E A METODOLOGIA

Esta pesquisa propõe uma interface entre a Análise do Discurso Pecheutiana (AD) e a Psicanálise Lacaniana. Trata-se de duas áreas cujos campos teóricos são diferentes, sendo, no entanto, possível tecer ressonâncias entre elas. A proposta de sustentação teórica e metodológica deste trabalho visa mobilizar dispositivos das duas teorias, especificamente os conceitos de discurso (capitalista e jornalístico), interpelação ideológica, pulsão escópica, sujeito, Outro e o RSI (real, simbólico e imaginário) a fim de analisar a repercussão e recepção da foto de Aylan.

2.1 Dos discursos e da interpelação ideológica

O discurso é a prática determinada pelas relações históricas; é a língua em movimento produzindo efeitos de sentidos. Sendo afetado pela história e pelo político, o discurso funciona numa imbricação entre a repetição, o novo, o lembrado e o esquecido. Pêcheux (1975/1988) afirma que as condições de produção têm um “caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes” (p. 144).

Para Haroche (1971/1998), “o liame que liga as significações de um texto às condições de produção sócio-históricas desse texto não é de forma alguma secundária, mas constitutiva das próprias significações” (p. 98). Numa análise do discurso é preciso levar em considerações três dimensões: o quadro das instituições em que o discurso foi produzido; os embates históricos, sociais e econômicos; o espaço próprio em que cada discurso se configura na sua relação com o interdiscurso e com a ideologia (Brandão, 2004). Isso porque a ideologia não se reproduz como mentalidade da época e costumes dos tempos que se imporia de maneira igual e homogênea à sociedade, como espaço anterior à luta de classes.

Vale destacar que o discurso não é a fala, mas uma função em que há uma relação entre língua e luta de classes, entre enunciado e enunciação. O discurso é produzido no entremeio entre língua e fala, no lugar em que a história afeta a língua. Para Pêcheux (1975/1988) essas relações implicam as relações de poder e a política e conforme Brousse (2003) o inconsciente é a política. Nesse sentido, por um lado, o sistema linguístico é indiferente à luta de classes, mas o inverso não é verdadeiro, pois todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.

Outro ponto importante é que o discurso constrói uma verdade sobre a realidade que implica a ordem e a prática social, essas são construídas por instituições e “micropoderes” (Foucault, 1970/2007). Desse modo, podemos afirmar que o discurso não é apreensível diretamente; assim como o inconsciente, ele se materializa na língua e se manifesta nas suas formações. Para o autor as formações discursivas se configuram como enunciados identificáveis que seguem os mesmos princípios, que são historicamente determinados, ou seja, são expressões de poderes sociais, políticos, econômicos, religiosos, morais, ideológicos. Para analisar as condições de produção do discurso (seus jogos e seus efeitos) é imprescindível interrogar seu caráter de acontecimento e seu caráter histórico.

Althusser (1993) concebe o funcionamento da ideologia como semelhante ao funcionamento do inconsciente, já que ambos são sistemas que possuem mecanismos determinados e que produzem efeitos determinados. Também pode ser mencionado que a ideologia tem uma estrutura em que seus elementos (os significantes) são regidos por uma lei que determina seu funcionamento, suas combinações e seus efeitos. Do mesmo modo todo discurso regido pela ideologia produz um efeito de subjetividade, quer dizer, um sujeito, na concepção do autor.

Segundo Pêcheux (1975/1988), há contradições no interior do funcionamento discursivo, pois “as contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que mantém, necessariamente, entre si os processos discursivos, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classe” (p. 93). O complexo de formações ideológicas consiste no fato de que um enunciado não existe em si mesmo; logo os efeitos de sentido são determinados pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual os enunciados são produzidos.

.... palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas, nas quais essas posições se inscrevem (Pêcheux, 1975/1988, p. 160).

Em síntese, um mesmo enunciado pode produzir sentidos diferentes, a depender da formação discursiva na qual estiver inscrito. Trata-se de uma imbricação de substituições, de paráfrases, sinonímias, que funcionam entre elementos linguísticos em uma determinada formação social. As mesmas proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra, ou seja, “.... toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com

dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (Pêcheux, 1975/1988, p. 160)”.

As condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção comportam a ideologia e as determinações econômicas. Pêcheux (1975/1988) aponta a reprodução/transformação como contraditória, pois esse modo de produção se baseia na divisão de classes: há, por um lado, a ideologia empírica (metáfora e semântica) e, por outro, a ideologia especulativa (metonímia e sintaxe), que aborda a concepção do processo metafórico como processo sócio histórico (Guimarães, 2002). Assim, segundo o autor, existem dois modos de identificação do sujeito: consigo mesmo e com um sujeito supostamente universal. Trata-se de suportes do outro enquanto discursos refletidos pela ideologia (Coracini, 2011).

Apoiado na teoria freudiana o autor postula um sujeito que tem a ilusão de autonomia, ou seja, a ilusão de que não está submetido à determinação ideológica e às condições de produção de sua época. Nesse mesma perspectiva Althusser (1975/1983) afirma que “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente) sua submissão (p. 69)”. Pêcheux (1975/1988) com relação à figura de interpelação afirmou:

Essa figura, ao mesmo tempo religiosa e policial tem o mérito, primeiramente, pelo duplo sentido da palavra interpelação, de tornar tangível o vínculo superestrutural – determinado pela infraestrutura econômica – entre o aparelho repressivo do Estado (o aparelho jurídico-político que distribui-verifica-controla as “identidades”) e os aparelhos ideológicos do Estado, portanto: o vínculo entre o “sujeito de direito” (aquele que entra em relação contratual com outros sujeitos de direito; seus iguais) e o sujeito ideológico (aquele que diz ao falar de si mesmo: “Sou eu!”) (Pêcheux, 1975/1988, p. 154).

Os aparelhos ideológicos não contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e de transformação. Neste contexto de explicações os objetos ideológicos são sempre fornecidos a fim de servir aos interesses da classe dominante, mas esse artifício é feito de um modo que os dominados não percebiam que estão submetidos à classe dominante. Não se trata de objetos ideológicos tomados um a um, mas do próprio desmembramento em campos como Estado, religião, família entre outros. As relações de desigualdade e subordinação entre essas regiões que constituem a cena da luta ideológica de classes (Althusser 1975/1983).

A objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do ‘todo complexo com o dominante’ das formações ideológicas de uma formação dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes (Pêcheux, 1975/1988, p. 147).

Althusser (1985) com relação à ideologia postula duas proposições: 1) “só há prática através de e sob uma ideologia”, e 2) “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos” (p. 93). Para o autor, existem duas faces da ideologia: a estrutural (que é a-histórica e imutável) e a formação ideológica historicamente concreta (que têm uma história própria). Essa última é o resultado das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam uma formação social historicamente dada, ou seja, o todo complexo com dominante das formações ideológicas que nela funcionam.

Cabe também assinalar que a história é um processo em movimento e seu motor é a luta de classes. Podemos afirmar que a ideologia é sem exterior, ao mesmo tempo em que é a exterioridade¹⁰. Nesse sentido, por um lado a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência e, por outro lado, possui uma existência material da prática discursiva (Althusser, 1975/1983).

A teoria do discurso revela a produção do efeito da subjetividade, sendo os diversos efeitos-sujeito produzidos por diferentes formas de discursos; assim, considera-se que existe uma semelhança entre a teoria dos significantes e a teoria do funcionamento discursivo. « La théorie du signifiant, qui doit rendre compte de l’effet sujet de tout discours, doit également rendre compte, comme autant de possibilité de variation de la forme-sujet de ces différents formes sujets¹¹ » (Althusser, 1993, p. 132).

A respeito do conceito de forma-sujeito, Pêcheux (1975/1988) afirma que ao dizer “eu sou x” (meu nome, minha profissão, minhas ideias etc.) “há um processo de interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio” (p. 159). Esse “x” emerge das mais variadas formas das quais dependerão das imposições das relações de poder. A forma-sujeito, na nossa compreensão, corresponde na psicanálise ao “eu-imaginário”. Trata-se do “sujeito do discurso” que se constitui pelo esquecimento (recalque) daquilo que o determina. A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina. Essa identificação se apoia nos elementos do

¹⁰ Aplica-se aqui a figura da banda de Möebius, tal qual discutida por Lacan (1961-62/2011), que comentamos em nota de rodapé na p. 24.

¹¹ A teoria do signifiante, que deve ser levada em consideração o efeito sujeito de qualquer discurso. Deve igualmente ser levado em conta a possibilidade de variação da forma-sujeito dessas diferentes formas de sujeito (tradução nossa).

interdiscurso que se refere ao “sempre já aí” (pré-construído ou interdiscurso), uma espécie de alteridade (conceito discutido no capítulo anterior) que existe anterior à constituição do sujeito. Assim, o sujeito está sujeitado a essa alteridade, mas essa submissão é velada no processo discursivo. Esse assujeitamento velado é constituído por dois esquecimentos. O Esquecimento nº 1:

.... o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº 1 remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão (Pêcheux, 1975/1988, p. 173).

E o esquecimento nº 2:

.... ao esquecimento pelo qual todo sujeito-falante seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação à paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada (Pêcheux, 1975/1988, p. 173).

O efeito da forma-sujeito do discurso é mascarar o objeto daquilo que chamamos de esquecimento nº1, pelo viés do funcionamento do esquecimento nº2. Nesse sentido, o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva dada aparece como o lugar de constituição. A reformulação-paráfrase de uma formação discursiva (onde se concretiza o sentido) efetua-se no acobertamento desse exterior impensado que o determina, e esse acobertamento acontece numa esfera sem margens e sem limites entre a forma-sujeito e a ideologia. Ao longo desta tese, apresentaremos uma discussão a respeito de como esse processo de reformulação-paráfrase se concretiza no caso da foto de Aylan e faremos uma articulação entre esses processos: a figura do *Unheimlich* e o mal-estar coletivo.

De acordo com Pêcheux (1975/1988), tomar a forma-sujeito como ponto de partida significa considerar que há de um lado o ponto de vista das ciências sobre o real e, de outro, o ponto de vista da ideologia quando, na verdade, o ponto de vista é de um sujeito (atravessado pelo inconsciente e determinado pela janela de sua fantasia), na medida em que a ciência é realidade e pensada por um sujeito. Isso equivale a afirmar que o ponto de partida é o mesmo do ponto de chegada. Desse modo, podemos entender que a ideologia não possui um exterior ao sujeito, na medida em que está articulada à fantasia, e que não existe Outro do Outro.

.... o Sujeito se faz lembrar aos sujeitos, e os determina a ser o que são, a agir como agem (e, em particular, a falar como falam). Em outros termos, o Sujeito Universal da Ideologia representa para os sujeitos a causa que os determina e lhes representa essa causa na esfera sem margens da forma-sujeito (Pêcheux, 1975/1988, p. 273).

Para Silveira (1997) a ideologia é eterna, uma constante nas civilizações, não tem história enquanto um funcionamento, mas alude diretamente às condições reais de existência apesar de possuir uma forma imaginária que oferece aos sujeitos uma ilusão. A proposta de Althusser (1976) é de que a ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência, transformando os indivíduos em sujeitos (esse sujeito não é o proposto pela psicanálise). A nosso ver esse sujeito tem relação com a forma-sujeito, ou seja, a ideologia impõe determinada forma de ser aos sujeitos de uma dada cultura. Desse modo, não se trata do sujeito do desejo e gozo da psicanálise embora tenha relação, pois o mesmo sujeito proposto pela psicanálise é constituído em uma cultura e interpelado pela ideologia. Trata-se do mesmo sujeito em que há uma continuidade entre dentro e fora.

A ideologia opera na cultura como um dispositivo de reconhecimento de uns aos outros; atua, portanto, como suporte especular para que o sujeito se reconheça como alguém pertencente a uma civilização. Em suma, não existem nem sujeitos nem indivíduos fora das relações sociais que, por sua vez, produzem discursos: existe a ideologia enquanto estrutura que é a-histórica e há as ideologias que se materializam nos discursos e possuem história e forma.

O discurso possui uma dimensão real para Pêcheux (1975/1988): o discurso não é somente determinado pela história, mas também é um acontecimento imprevisível. Esse contingente ocorre cada vez que um sentido diferente do determinado anteriormente pela ideologia irrompe no discurso, posto que todo enunciado seja intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, desloca-se discursivamente de um sentido a outro. Essa constatação levará o autor a separar aquilo que não deve ser dito (é proibido) e o que não é possível ser dito, pois a estrutura da linguagem é faltante. Nesse sentido, o autor leva em consideração o conceito de real proposto por Lacan que será delineado mais adiante. Já que “o real é impossível... que seja de outro modo”, afirma Pêcheux (1975/1988, p. 29).

Quando não se toma o real como impossível a tendência de uma ciência em relação ao sujeito e ao social é classificar, identificar, comparar, ordenar, separar, reunir, segundo critérios definidos. O objetivo é instruir, vigiar, proteger, fazê-los sonhar etc. Os espaços discursivos (jurídico, econômico, político) apresentam uma aparência de coerção lógica

disjuntiva: é impossível que um indivíduo seja criança e adulto, solteiro e casado, ou é uma coisa ou outra. Esses espaços são estabelecidos como responsáveis por uma ordem excludente e não se admite outra lógica que não a disjuntiva. Assim se instala no funcionamento discursivo uma proibição de interpretação, que “implica o uso regulado de proposições lógicas (verdadeiro ou falso) com interrogações disjuntivas (ou é A ou não é A)” (Pêcheux, 1975/1988, p. 33).

O autor postula que há um espaço aberto à significação no qual esta não é fixa e, como efeito, a ambiguidade e a equivocidade do funcionamento próprio da linguagem não são encobertas. Há espaço para interrogar o discurso já naturalizado. Trata-se do espaço logicamente não estável na medida em que as lacunas e as faltas não são tomadas como defeito, mas como o furo estrutural, da ordem do real, pois o real é “constitutivamente estranho à univocidade lógica, é um saber que não se transmite, não se apreende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (Pêcheux, 1975/1988, p. 43).

A psicanálise e a AD são disciplinas indiciárias. Elas partem do princípio de que as particularidades e os detalhes não são negligenciáveis já que eles podem revelar fenômenos importantes, mas que tendem a passar despercebidos. Esses campos de saber entendem a realidade e a linguagem como opacas e, no entanto, existem zonas privilegiadas – sinais e indícios – que permitem decifrá-las (Ginzburg, 1989). Existe um rigor de método nessas disciplinas que não se regulam por verificações estatísticas, mas pelas conexões dos dados e dos dispositivos teóricos.

O paradigma indiciário se serve do saber venatório: a decifração a partir da suposição do que esteve lá, mecanismo denominado de retroação como, por exemplo, rastros que indiciam que animais passaram naquele local. Nessa perspectiva, a compreensão é alcançada a partir de dados aparentemente negligenciáveis para remontar uma realidade complexa e não experimentável diretamente. A linguagem da decifração venatória é reconduzível ao eixo narrativo da metáfora e da metonímia, reforçando uma hipótese obviamente indemonstrável. Esse paradigma não entra nos critérios da cientificidade deduzíveis do paradigma galileano (Ginzburg, 1989).

Um saber indiciário pode ser enriquecedor para as pesquisas qualitativas, ou seja, para analisar episódios insignificantes frente ao universal, mas reveladores, para um entendimento aprofundado do objeto investigado. Para Tfouni (1992):

Àquele que pesquisa a linguagem, seguir o paradigma galileano significa, ainda segundo Ginzburg efetuar uma ‘progressiva desmaterialização do texto,

continuamente depurado de todas as referências sensíveis’. Em contraparte, seguir o paradigma indiciário significa restituir ao texto suas qualidades individuais, restituir-lhe os contextos que foi produzido, a(s) história(s) de suas condições de produção (p. 224).

Tfouni e Pereira (2005), em referência ao paradigma indiciário, afirmam que a posição do analista privilegia a relação indireta estabelecida entre os dados e suas condições de produção, sendo elas um meio de detecção dos indícios linguístico-discursivos nos recortes escolhidos pelo pesquisador. Recorte, então, passa a ser entendido como fragmentos de uma situação discursiva cuja escolha é determinada pelo olhar do(a) pesquisador(a). A AD, conforme Indursky (1997), busca detectar um conjunto de enunciados a fim de verificar o modo de organização de determinado discurso. Não se trata de uma unidade, mas de uma superfície que precisa ser (des)naturalizada e estranhada, processo análogo aos três tempos lógicos e propostos por Lacan que discutimos acima.

O inconsciente e a ideologia só são passíveis de serem apreendidos pelas suas formações, pelos seus efeitos e pelos seus reflexos, pois são fundados no discurso do Outro que, embora esteja na superfície do enunciado, é um lugar de opacidade. Assim, não há possibilidade de alcançá-los diretamente, a possibilidade que temos é analisar os seus efeitos que são sempre múltiplos. Ressaltamos que uma dada interpretação é sempre realizada por um sujeito que é determinado pela sua fantasia inconsciente e interpelado pela ideologia, regido pelas condições de produção, pelo contexto sócio-histórico.

Para Lacan (1964/2008) a psicanálise põe a pesquisa em condições de tratar o real pelo simbólico ao reduzir o imaginário. A aposta da interpretação dos dados se produz na escuta e na leitura de significantes que organizam os laços sociais. O significante para Lacan (1972-73/1996) não pode ser tomado simplesmente como uma palavra, um texto, uma imagem, uma frase, mas traço sem sentido *a priori* que não cessa de se escrever. Assim, é somente possível obter um sentido na retroação, pois a linguagem é permeada por metáforas e metonímias, existindo uma primazia do significante sob o significado. Nas palavras do autor, “.... o significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame” (Lacan, 1972-73/1996, p. 43).

Ao considerar a experiência da estranheza no campo da linguagem propomos uma análise e uma interpretação numa dimensão vertical na qual o intuito é verificar as formas opacas, os significantes, seus deslocamentos e as entrelinhas de uma experiência trágica. Desse ponto de vista, tomamos, assim, a emergência da foto de Aylan como acontecimento

discursivo que ocorre no plano coletivo e como o retorno da cena traumática no plano subjetivo. Portanto, essa pesquisa leva em consideração a estrutura do sujeito proposta pela psicanálise e as condições de produção dos discursos, propostas pela AD.

Seguindo a perspectiva metodológica da AD e da psicanálise entendemos que existe um enlaçamento entre práxis, análise, teoria e método que são partes da pesquisa e também são interdependentes. A preocupação não é de revelar um conteúdo que estava escondido, mas apreender o funcionamento discursivo, levando em consideração a ideologia e o inconsciente. Desse ponto de vista algo para além do conteúdo é analisado, ou seja, desvelar a dimensão do acontecimento numa dada estrutura discursiva que envolve saber quem fala, para quem fala, como fala e para quê fala (Pêcheux, 1975/1988). Trata-se de descrever os processos de constituição das formações discursivas e dos sentidos aí engendrados, posto que todo enunciado “está intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 1975/1988, p.53).

Uma análise sempre implica a consideração das condições de produção (CP). Segundo Courtine (1981) esse conceito implica um sujeito falante e um contexto situacional que revela mais particularmente uma interface entre diferentes campos de conhecimentos. Neste âmbito, trata-se de um modelo de desempenho (que depende o discurso) que apela ao linguista, a título da língua, ao psicanalista, a título do sujeito do inconsciente e ao historiador (ou sociólogo, ou antropólogo), a título do contexto histórico e político. O recurso à multidisciplinaridade não contribui nesse caso senão ao sublinhar que isso mesmo se emprega a tapar: a ausência de uma construção teórica do discurso.

Para o autor mencionado acima existe um cruzamento entre o plano de definição das condições de produção do discurso, a noção de situação da enunciação e o jogo de interações verbais. Nessa concepção a língua é assimilada às regras do jogo das relações entre uns e outros e nesse processo se realizam duas metáforas. A primeira, o discurso, tomado como um teatro, pois para o autor a língua possui um gênero teatral particular que comporta todo um emaranhado das relações humanas, ou seja, uma série de papéis em que o locutor possui forçadamente um destinatário. A segunda como combate que concerne mais especificamente o discurso político, como uma partida de boxe em que um ataca e o outro se defende, invertendo os papéis a todo instante (Courtine, 1981).

Tfouni e Pereira (2018) a respeito da relação entre a análise e as condições de produção fazem a seguinte articulação:

A forma de ter acesso ao sentido de um texto (texto é a unidade de análise da AD) é restaurando suas condições de produção, quer no sentido estrito (o contexto de enunciação), quer no sentido amplo (o contexto sócio histórico). No sentido psicanalítico, temos um sujeito que é afetado pelo desejo e pelo inconsciente. As formações do inconsciente (Lacan, 1957-1958/1999), ou seja, lapsos, chistes, atos falhos, sonhos, seriam os indícios, no nível do simbólico, desse funcionamento. Assim, a análise que será feita sobre os vários tipos de “dados” (no sentido de “pista”) irá ser essencialmente interpretativa, na medida em que tomará as marcas formais (p. 104).

Em síntese, para a AD, um discurso sempre implica um sujeito que é interpelado pela ideologia, atravessado pelo inconsciente e submetido ao real. Por conseguinte, numa análise discursiva, os jogos de poderes (no sentido político) e as condições de produção (no sentido histórico) são levados em consideração.

2.2 Do discurso capitalista e suas (per)versões

Lacan (1969-70/1992) formaliza o conceito de discurso em seu *Seminário 17: O avesso da psicanálise*. Esse Seminário foi proferido em um momento de protestos sociais na França e, em particular, de contestação do movimento estudantil que questionou as instituições, o poder e o próprio saber. Esse contexto, o universitário, era um lugar privilegiado para as manifestações, momento em que eclode mais uma vez a luta de classes. Na atualidade, nós compreendemos que ainda somos regidos pelo discurso capitalista, mas, antes de descrever sua operação, é necessário entender como Lacan formaliza seus quatro discursos.

Para Lacan (1969-70/1992) os discursos são modos de laços sociais, regulam vínculos entre os sujeitos e têm como base a estrutura da linguagem que produz desejo e perda de gozo. É somente pela estrutura significante que os discursos se fundam. O autor, nesse momento, instaura um novo modo de pensar as estruturas clínicas e o laço social; trata-se de uma tentativa de articular os campos da linguagem, do gozo e do sujeito. A questão do gozo aparece como aquilo que impede que “as coisas andem”, colocando o sujeito em um ciclo repetitivo; o sofrimento da suposta necessidade de repetir é escutado pelo autor em sua clínica, forçando-o a associar o campo do discurso aos modos de gozo.

A repetição se articula com “o sujeito suposto saber, como o chamamos na transferência, como índice da necessidade repetitiva que decorre daí o objeto *a*, representante

dos círculos concêntricos¹²” (Lacan, 1968-69/2008, p. 72). Está associada a uma consequência que designa o objeto como perdido. A concatenação significativa tem efeito de perda e a experiência clínica e coletiva confrontam-se todo o tempo com esse efeito, um sinal da ferida narcísica.

A experiência da clínica psicanalítica pode nos ajudar a entender o funcionamento social. Esse efeito de perda inscreve-se no simbólico que inscreve o vazio nesse campo; no entanto, esse processo produz perda de gozo. Desenha-se aqui a relação entre efeito de perda e o lugar do Outro, sem o qual ele não poderia se produzir. A perda não deixa de se relacionar com o desejo, pois somente na falta pode-se desejar algo.

Nesse sentido, a Lei ou a função paterna barra o gozo que, por sua vez, causa o desejo. Essa barra é metaforizada na proibição da mãe pelo pai, isto é, no complexo de Édipo (Freud, 1915/1996) o acesso ao objeto desejado é barrado pelo Outro que tem um status de alteridade, um fora no sentido superficial; um espaço aberto, porém não para o infinito. Existe uma impossibilidade de escrever o gozo na estrutura e, assim, toda a série de números inteiros extrai o fato de não ser a simples grafia que pode ser escrita, mas ser algo que existe no real. Neste contexto, o significante do gozo é o significante excluído por ser aquele que se promove sob o nome de significante fálico. Assim, o falo representa a inscrição da falta no simbólico ao mesmo tempo em que funda um resto da ordem do real. Esse resto (o objeto *a*) tem como função determinar o *mais-gozar* (Lacan, 1968-69/2008, 1969-70/1992).

O gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita da repetição. Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz o que está em jogo no fraqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética de gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular a pulsão de morte (Lacan, 1969-70/1992, p. 43).

A repetição não é apenas função de ciclos de necessidade e de satisfação, mas comporta também a desapareição da vida, ou seja, uma tentativa do retorno ao inanimado. O gozo transborda, sendo a Lei simbólica que coloca um limite na relação do sujeito com o gozo. Podemos mencionar que a repetição se funda em um retorno de gozo, porém, nessa repetição, o efeito é seu oposto: a perda de gozo, ou seja, “na própria repetição há desperdício de gozo” (Lacan, 1969-70/1992, p. 44).

¹² Composto por figuras com o mesmo centro, figuras concêntricas. [Figurado] que têm um ponto comum, semelhante: opiniões concêntricas. [Por Extensão] que dá origem a círculos concêntricos, círculos cujos centros são iguais. Que se volta para o centro ou para um ponto

As séries surgidas da compulsão à repetição resultam da insistência da cadeia de significantes e os lugares que o sujeito pode ocupar são determinados a partir dessas séries. Observamos que o discurso midiático também implica uma repetição histórica que se articula à memória discursiva. Nós veremos nos capítulos seguintes, a partir da análise da foto de Aylan, dos enunciados jornalísticos e da imagem derivada (publicidade), o funcionamento dessa repetição na mídia jornalística.

Assoun (1979) ao retomar a repetição histórica em Marx afirma que na história da sociedade sempre emerge um tempo de regressão generalizada, efeito de uma anulação retroativa: “tudo isso se passa como se o processo histórico homogêneo interrompesse bruscamente sua progressão e se refletisse, por um movimento circular, sobre um ponto fixo de seu devir anterior” (p. 197). O autor afirma que é o plano da ideologia que serve de quadro para essa regressão. É como se história retornasse, sem retornar, ao mesmo ponto de partida.

Na perspectiva da AD e da psicanálise a repetição implica sempre algo de diferente, mesmo que seja o retorno de um mesmo significante é diferente, posto que se trate de outra volta e outro tempo. Como alega Lacan (1969-70/1992) a revolução não é uma evolução, pois no funcionamento do inconsciente não existe nada que evolua, somente voltas em torno de um vazio assim como as voltas dadas pelo sujeito em torno do *toro* ou do *cross cap*¹³. Destacamos que nessa última figura topológica o dentro e fora estão em continuidade; no ponto de torção se localiza um furo, mas escamoteado pela própria figura. Portanto, a repetição é paradoxal uma vez que se trata de um retorno ao passado, mas também funda algo inédito.

Assoun (1979) retomando a visão cosmológica de Blanqui afirma que as repetições são fundadas sobre a

.... infinidade do espaço e do tempo, contrastando com o número finito dos elementos básicos da natureza: uma centena de corpos simples, múltiplas combinações virtuais servem para preencher o duplo infinito. As repetições são, portanto, exigidas para efetuar o preenchimento indefinido dessa infinidade. Onde a infinidade dos mundos possíveis, variantes do planeta terrestre, donde também a infinidade das variantes de um indivíduo único na aparência, correspondente a série de possibilidades de essências (p. 204-205).

¹³ O toro é uma figura topológica definida como uma superfície sem margem, equivalente a uma esfera, mas seu centro é vazio, sua melhor aproximação física é dada pelo pneu ou boia (fig. 8). O Cross-cap também é uma figura topológica que possui uma única superfície e em seu interior contém uma banda de Moëbius que se fecha em uma torção interior, dependendo do ângulo que se olha, essa torção fica velada. (fig. 9).

Nessa repetição são constituídos os objetos postigos. Por exemplo, cada número, mesmo que igual, ao se repetir, não é idêntico aos demais, pois cada um tem um lugar determinado. Portanto, o sujeito ao repetir não alcança o S1 (significante primordial, aquele que é comemoração de gozo) e nem alcança um objeto que completaria a falta. A “repetição é uma denotação precisa de um traço, ao pequeno bastão, ao elemento da escrita, um traço na medida em que comemora uma irrupção do gozo” (Lacan, 1969-70/1992, p. 73). O gozo – uma satisfação parcial da pulsão – pode ser percebido como prazer e/ou como desprazer pelo eu (dimensão imaginária).

Lacan (1972-1973/1993) define o significante como aquilo que é irredutível ao gozo e postula a letra como efeito discursivo. O significante não tem nada a ver com o ouvir, mas com a leitura que se faz do que se escuta. Assim, o que se lê são os efeitos dos dizeres, são os efeitos que incomodam e agitam os seres falantes. O significante é arbitrário, não depende de um referente, não se refere a nada a não ser que se refira a um discurso, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como laço social.

O laço social opera a partir de quatro elementos que estruturam o inconsciente como discurso do Outro: o sujeito dividido (\$), o significante-mestre (S1), o significante segundo (ou saber) (S2) e o objeto (*a*). O objeto é designado pela letra *a*, quer dizer, o objeto causa de desejo e mais-gozar. O Outro é a bateria de significantes, ou seja, $A = \{S1, S2, S3....S_n\}$. Cabe ressaltar que o sujeito dividido é quando “um significante representa o sujeito para outro significante, donde resulta a emergência disso que chamamos sujeito” (1968-69/2008, p. 11). Assim, o S1 designado pelo signo S2 resulta no saber na medida em que um significante necessita de outro, sendo na retroação que produzimos sentidos. Então, para o discurso funcionar, são necessários quatro elementos. Vejamos a fórmula das posições que são permanentes.

Figura 10: posições do discurso (Lacan 1969-70/1992)

O agente é o elemento que movimenta o discurso, domina o laço social e possibilita a alteridade. O outro é aquele a quem o discurso se dirige. A produção é o efeito do discurso; trata-se do desejo e da perda de gozo. A verdade sustenta o discurso, mas só é possível ser

meio-dita, nunca é dita por inteiro devido ao resto que não entra na ordem simbólica ou discursiva. Para uma cadeia funcionar é necessário um par ordenado de significantes S1 (significante primeiro) e S2 (significante segundo), sendo que não há possibilidade de um significante funcionar sozinho; assim “um significante representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1969-70/1992, p. 48).

Lacan (1969-70/1992) afirma: “não há sentido que não seja do desejo e não há verdade senão daquilo que esconde esse desejo de sua falta, fingindo que não quer nada diante do que se encontra” (p. 58). O falso também implica o verdadeiro e, embora o saber tenha algo falso, há também ali algo da verdade do sujeito. A verdade é inseparável dos efeitos de linguagem, nenhuma verdade pode ser localizada senão no campo onde ela se enuncia. Desse modo, é possível afirmar que o inconsciente carrega uma verdade sobre o sujeito e este nunca se articula em primeira pessoa; os enunciados são sempre invertidos como a imagem no espelho, mas todo discurso carrega sua cota de verdade.

O autor postula quatro fundamentais modos de discursos e os outros são derivantes deles: do mestre (DM), da histérica (DH), do universitário (DU) e do analista (DA); mais adiante, em seu ensino, ele descreve um quinto discurso, o do capitalista (DK), como um substituto do discurso do mestre antigo pelo mestre moderno. Os discursos funcionam um na sequência do outro. Vejamos as fórmulas de cada discurso e as explicações de cada um deles para depois explicarmos de modo mais detalhado o discurso capitalista.

Figura 11: os quatro discursos (Lacan 1969-70/1992)

Pode ser observado que os discursos operam em um quarto de voltas entre seus elementos, isto é, ao passar de um discurso ao outro, os elementos giram e tomam os lugares

seguintes. Trata-se de quatro permutações das letras quanto à fórmula das posições. Neste contexto, as flechas significam implicação ou “se...então” na escrita matemática, a barra na vertical significa divisão e a duas barras na horizontal quer dizer disjunção. Lacan (1970/2003) afirma que

.... a articulação radical do discurso do mestre como avesso do discurso do psicanalista, sendo dois outros discursos motivados por um quarto de volta que dá passagem de um ao outro – a saber, o discurso da histórica, de um lado, e o discurso universitário, de outro -, o que se tira daí é que o inconsciente nada tem a ver senão com a dinâmica que precipita a passagem brusca de um desses discursos para outro de uma certa cadeia articulada pelo efeito do significante, considerado como verdade – sobre a estrutura, como função do real na dispersão do saber (p. 435).

Lacan (1969-70/1992) se apoia na dialética entre senhor e o escravo, proposta de Hegel (1807/2013, 1837/2008), a fim de formalizar o que denominou de discurso do mestre (DM). No discurso do mestre o S1 é o agente, ou seja, a lei que ordena esse discurso; o S2 é o outro. Neste interim, o S1 se destina ao saber, o que se produz é o objeto *a* e o sujeito dividido ocupa o lugar da verdade. Nesse discurso o escravo possui o saber ao passo que o mestre detém o poder. A produção é realizada devido ao saber do escravo, mas o produto é do mestre. Esse modo de discurso, segundo o autor, funcionou muito bem durante séculos até a chegada do discurso capitalista (Lima Vaz, 1980).

No discurso da histórica (DH) o lugar do agente é o sujeito barrado que se materializa na eterna insatisfação, sendo esse discurso que aponta a falta no mestre. Nesse discurso é o sintoma, efeito do sujeito dividido, que ordena o funcionamento. A lei do outro é questionada pelo sintoma sendo o outro o significante-mestre que produz um saber; como efeito, o objeto se situa no lugar da verdade. Nesse funcionamento, há um desejo de saber quem se é para o Outro e qual o seu devido valor. O sujeito demanda um reconhecimento ao Outro. Desse modo, o sujeito o interpela como aquele que sabe sobre o seu desejo e o seu modo de gozar. Para isso, o sujeito tende a fazer semblante de objeto (Lacan, 1969-70/1992). Na maioria dos casos há um engodo entre o objeto causa de desejo e o objeto de gozo. Isto quer dizer que o sujeito, ao se enganar, se coloca no lugar de objeto de gozo tornando-se um objeto-dejeito, descartável, substituível e facilmente trocado.

A ciência ganha impulso a partir do discurso da histórica, pois, nesse discurso, o agente é o sujeito dividido; o inconsciente em exercício aponta a falta no mestre constantemente, demandando-o um saber sobre seu sintoma, sobre sua angústia, sobre seu gozo. O gozo nesse discurso se sustenta na identificação ao objeto *a*. Porém, é no âmbito

desse discurso que o saber aparece como impotente, um momento em que o fracasso reina e a impotência recobre o impossível. Cabe ressaltar que nenhum discurso é plenamente eficiente devido à estrutura faltante da linguagem (Lacan, 1969-70/1992).

No discurso universitário (DU) o saber (S2) é o agente, aquele que comanda o funcionamento discursivo. Nesse discurso é a “hiância em que é tragado o sujeito que ele produz, por ter que supor um autor ao saber”. Como consequência, é produzida uma dinâmica em que o saber é tomado como verdade. Apesar disso o giro do discurso universitário para o discurso do analista permite circunscrever o real (Lacan, 1970/2003, p. 445). O DU mostra por onde o sujeito pode pecar, mas, em sua posição fundamental, ele se alicerça no discurso da ciência, bem como o discurso midiático.

O objeto *a* no discurso do universitário está no lugar do outro, ou seja, do estudante, o lugar privilegiado. A Universidade é o lugar onde se articula o saber. Tal instituição encarna o Outro ilusoriamente sem barra, lugar onde o sujeito pode tudo saber. Em razão do desnudamento do discurso do mestre o discurso do universitário produz um sujeito dividido, mas abaixo da barra, ou seja, recalcado. Nesse sentido, o universitário cola-se num significante-mestre supondo que esse o representa plenamente (Lacan, 1970-71/1992).

No discurso do psicanalista (DA) o analista é feito substancialmente do objeto *a* causa de desejo que ocupa o lugar de agente. O sujeito dividido equivale ao Outro onde se produz um significante mestre, como efeito se tem o saber no lugar da verdade. Na proposta de Lacan (1969-70/1992) o analista ocupa o lugar de objeto para o psicanalisante; o saber está do lado do sujeito do inconsciente e não do analista. A função do analista, em última instância, é causar o desejo no sujeito e adverti-lo que não há saber absoluto e nem gozo pleno. Por efeito, a verdade é sempre meio-dita através da produção de um saber. Quer dizer que a verdade só pode ser apreendida em forma de enigma, consiste em uma constante no discurso ao passo que o saber é facilmente modulado, reformado, transmutado. Em decorrência disso a verdade e o saber caminham juntos.

No eixo do DM o sujeito acredita na ilusão de que é unívoco e que um único significante poderia representá-lo. Esse discurso é sempre o dominante na cultura e que na modernidade foi substituído pelo discurso capitalista Teixeira (2007), conforme será detalhado logo adiante. O DA vem para afirmar que o sujeito não é unívoco, isto é, que “o sujeito é posto diante do *vel* que se exprime pelo ou não penso, ou não sou. Ali onde penso não me reconheço, não sou – é o inconsciente. Ali onde sou, é mais do que evidente que me perco” (Lacan, 1969-70/1992, p. 96). O sujeito dividido adquire outra máxima: “onde não se

está, ele pensa, se onde ele não pensa, está” (p. 97), ou seja, o sujeito ocupa dois lugares: o *Je*, sujeito da enunciação e o *moi*, o sujeito do enunciado ou o eu especular.

No DA o sujeito do inconsciente é revelado e a verdade é semi-dita na forma de saber, um discurso no qual sempre resta uma parte enigmática e impossível de ser acessada. Observamos que não é o que ocorre no funcionamento do discurso capitalista, o quinto discurso (cf. Lacan), o mestre moderno, que impõe ao sujeito um velamento da falta que, por efeito, causa angústia, pois quando a falta falta, o sujeito permanece no lugar de objeto do Outro. Vejamos como funciona esse modo (atual) de discurso.

O termo capitalismo foi criado por Marx (1867/1996) no final do século XIX e início do século XX. Em sua obra *O capital* ele traceja o funcionamento desse sistema apontando seus efeitos na sociedade e suas deficiências. O autor descreve a alienação do trabalhador em relação ao capitalista e qualifica o sistema capitalista como uma estrutura tríplice - as forças produtivas determinam as relações de produção que, por sua vez, determinam a superestrutura - e com quatro lugares fundamentais - o capitalista, o trabalhador, o consumidor e a mercadoria.

Para Marx (1854/1978, 1867/1996), no sistema capitalista a força de trabalho é vendida e comprada como qualquer outra mercadoria, há um mercado que compra trabalho, indicando a instauração não só de um novo sistema econômico, mas de uma nova época da história (idade moderna). O autor observa que nesse sistema parte do trabalho não é paga ao trabalhador, essa parte vai para o capitalista, ou seja, parte do trabalho não é transformada em valor, é perdida do lado do sujeito e acumulada pelo capitalista. Essa operação é denominada de mais-valia. Assim, o trabalho no sistema capitalista é socialmente necessário para a produção da mercadoria e a força de trabalho precisa ter um preço, entrando na ordem das mercadorias.

O sistema capitalista possui diversas etapas que vai da produção à venda de mercadorias, existe, atualmente, uma fase mais elaborada desse sistema que é a publicidade, um marketing que passa a ilusão da necessidade de determinados produtos (Wallerstein, 2001). Esse modo institui “o imperativo de gozo como ideologia da sociedade de consumo” (Ramos, 2008, p. 202). Trata-se do momento em que estamos do capitalismo no qual a dominação emerge como “um problema de razão cínica” (Ramos, 2008, p. 203), isto quer dizer que sabemos os problemas que o capitalismo traz consigo, mas finge-se que não há problemas, que não há falhas na falta. Sustenta-se, portanto, que o sistema é assim mesmo e que ideologicamente “não há outra realidade possível” (Ramos, 2008, p. 203). Há nesta lógica uma posição alienante do sujeito em relação ao Outro barrado e a falta de objeto e a

“ideologia a forma e sustenta a condição neurótica e compulsiva do consumismo e da busca irrefreada de satisfação particular como norma, transformando toda posição contrária em recriminável e toda interposição em obstáculo” (Ramos, 2008, p. 204). Há, portanto, uma necessidade de globalização por determinados produtos, mas se faz acreditar que a satisfação é particular e plena.

Tfouni (2013a) afirma que as mercadorias no capitalismo servem para criar a ilusão de preenchimento do vazio do desejo, pois o sujeito se assujeita ao consumo de mercadorias e, ao consumi-lo, na verdade, se consome, pois o sujeito não é sem desejo.

.... consumir, portanto, pode ser interpretado tanto na voz ativa (consumir uma mercadoria), quanto na voz passiva (ser consumido por ela). Ao consumir a mercadoria, procurando consumir o desejo, o sujeito deixa-se consumir. A etimologia de “consumo” mostra que essa é uma palavra originada do Latim CONSUMERE, “destruir, gastar, esgotar”, tendo sido formada por COM-, intensificativo, mais SUMERE, “apoderar-se, tomar, agarrar”. Assim, a mercadoria fetichizada surge ao mesmo tempo como possibilidade de se alcançar uma sociedade sem diferenças, e também como um tamponador de espaços vazios, que, supostamente, são espaços da realidade, porém indiciam a falta constitutiva do desejo, que nunca pode ser tamponada (Tfouni, 2013a, p. 06).

A partir dessa ilusão de felicidade, a autora analisa um *slogan* – Vem ser Feliz:

.... o slogan “Vem ser feliz”, (que) corresponde inicialmente a um chamamento ilusório, onde se inscreve o conceito de “ser” feliz no objeto desejado. O imperativo “vem”, que soa como um convite sedutor é uma interpelação ao sujeito em forma de “palavra de ordem” disfarçada de convite No não dito, esse genérico propõe uma polarização entre dois lugares do mundo real, posições essas que são sustentadas discursivamente pelo caráter dêitico do verbo “dizer”: “aqui” é o lugar da felicidade; “aí” é o lugar da infelicidade. “Aqui” é o lugar onde se encontra a pessoa que fala (primeira pessoa do discurso); “aí” é o lugar do interlocutor (segunda pessoa do discurso). “Vem ser feliz (aqui)”; a forma imperativa na segunda pessoa remete ao interlocutor (público alvo); o sujeito sintático ou do enunciado (tu) está contido na própria forma do verbo vir, mas o sujeito da enunciação não fica evidente. Quem é esse sujeito não identificado? Uma resposta possível seria afirmar que aí, nesse lugar vazio, temos a voz do Outro, representante do desejo (Tfouni, 2013a, p. 09).

As interpelações ideológicas são necessárias para que esse sistema funcione já que o discurso capitalista ilude os sujeitos quanto à liberdade. Lacan (1971-72/2011) afirma que houve um deslizamento do discurso do mestre (DM) para o discurso do capitalista (DK). Esse deslocamento implica um jogo político de relações de poder numa determinada condição histórica de produção:

.... o discurso do Mestre, este se sustenta, ainda e sempre Eu lhes teria mostrado a viradinha de nada, em algum lugar, que faz dele o discurso do Capitalista. É exatamente a mesma coisa, só que é simplesmente mais bem feito, funciona melhor, vocês são ainda mais engabelados (Lacan, 1971-72/2011, p. 61).

Além disso, Lacan (1968-69/2008) faz uma homologia entre mais-gozar e a mais-valia¹⁴. Para Marx (1867/1996) a mais-valia é quando

.... o capitalista transforma em serviço, como te aprouver, essa disponibilização para quem trabalha. Dos meios de que és detentor. Mas o trabalho pelo qual o remunerás, em função do que ele fabricar com o torno e a fresa, não o pagarás mais caro do que pelo que ele fazia com a plaina. Por intermédio de sua plaina, ele garantia sua subsistência.

Para Lacan (1968-69/2008)

.... a teoria marxista, na medida em que concerne a uma verdade, efetivamente enuncia que a verdade do capitalismo é o proletariado. Isso é verdade, é uma verdade. Só que – e é justamente aí que se evidencia o alcance de nossos comentários sobre a função da verdade – é da consequência revolucionária dessa verdade que parte a teoria marxista. Ela via um pouquinho mais longe, é claro, já que cria, precisamente, a teoria do capitalismo. Proletariado, que quer dizer isso? Quer dizer que o trabalho é radicalizado no nível da mercadoria pura e simples, o que significa que isso se reduz ao mesmo nível do próprio trabalhador. Só que, a partir do momento em que o trabalhador, em virtude da teoria, aprende a se saber como tal, podemos dizer que, com esse passo, ele encontra os caminhos de um estatuto – chamem isso como quiserem – de cientista. Ele já não é proletário na *sich* [em si], por assim dizer, já não é pura e simples verdade, mas é *fur sich* [para si], é aquilo a que se chama consciência de classe. E, ao mesmo tempo, pode até se tornar a consciência de classe do partido em que nunca se diz a verdade (p. 169-170).

Lacan (1972/2011) enfatiza que o intuito máximo desse discurso é denegar (defesa perversa diante da falta) a castração sendo que foi necessária uma pequena inversão do

¹⁴ Em biologia evolutiva, a homologia se refere aquelas estruturas que possuem a mesma origem embrionária e desenvolvimento semelhante em diferentes espécies que descendem de um ancestral em comum. Em alguns casos podem exercer funções diferentes em diferentes espécies como os membros anteriores de vertebrados terrestres, o braço do ser humano, as asas de um morcego, a nadadeira de uma baleia e a pata dianteira de um cavalo. A analogia refere-se àquelas estruturas que desempenham a mesma função em certas espécies, porém tem origens evolutivas e embrionárias diferentes. Isso quer dizer que as células se diferenciam de folhetos embrionários distintos (mesoderma, endoderma e ectoderma), representando apenas semelhança funcional entre estruturas, mas sem compartilhamento evolutivo. Por exemplo, as asas das aves, morcegos e insetos diferem quanto à origem evolutiva, pois são grupos distintos e apresenta asas distintas sem conexão evolutiva alguma, embora todas servissem para voar (Michaels, 2020).

discurso do mestre, fazendo, assim, o discurso funcionar de modo perverso. No discurso do mestre antigo o escravo é obrigado a servir ao senhor (lugar do Outro) de modo revelado e o saber está do lado do escravo; já no discurso capitalista a submissão do sujeito ao Outro é velada e o saber está do lado da ciência e das tecnologias.

Lacan (1970/2003) diz de uma degradação das ideologias do antigo regime e o que resta ao leitor atual é uma retórica pouco apropriada para fazer com que ela seja respeitada:

Assim seria se Marx não houvesse reinserido, pela estrutura que formulou, num discurso capitalista, mas por ela ter foracluído a mais-valia em que ele calçou esse discurso. Em outras palavras, é a partir do inconsciente e do sintoma que ele pretende prorrogar a grande Revolução: é a parte da mais-valia descoberta que ele precipita a consciência dita de classe. Lênin ao passar ao ato, não obteve nada além do que chamamos de regressão em psicanálise: ou seja, os tempos de um discurso que não foram sustentados na realidade, antes de mais nada, por serem insustentáveis (p. 423).

O conceito de *mais-valia* de Marx produz uma insaciabilidade, quer dizer a falta-de-gozar (*manque-à-jouir*). Essa se acumula para aumentar os meios de produção como capital e ampliar o consumo de modo geral. Para que se assegure a produção capitalista a revolução a fazer é manter o desejo, isto é, manter o objeto em seu status metonímico. Desse modo, o mais-gozar emerge sob a forma de mal-estar (muitas vezes à nível do coletivo), produzindo guerras que induzem os explorados a rivalizarem na exploração para, assim, terem a ilusão de que protegem sua participação na sede da falta-de-gozar (Lacan, 1968-69/2008).

Lacan (1972), em sua Conferência pronunciada em Milão, postula a fórmula do discurso capitalista da seguinte maneira:

Figura 12 – discurso capitalista

Sobre tal discurso o autor comenta:

(...) la crise, non pas du discours du maître, mais du discours capitaliste, qui en est le substitut, est ouverte. C'est pas du tout que je vous dise que le discours capitaliste ce soit moche, c'est au contraire quelque chose de follement astucieux, hein ? De follement astucieux, mais voué à la crevaision. Enfin, c'est après tout ce qu'on a fait de plus astucieux comme discours. Ça n'en est pas moins voué à la crevaision. C'est que

c'est intenable. C'est intenable... dans un truc que je pourrais vous expliquer... parce que, le discours capitaliste est là, vous le voyez... [*indica la formula alla lavagna*]... une toute petite inversion simplement entre le S1 et le \$ qui est le sujet... ça suffit à ce que ça marche comme sur des roulettes, ça ne peut pas marcher mieux, mais justement ça marche trop vite, ça se consomme, ça se consomme si bien que ça se consume Maintenant vous êtes embarqués... vous êtes embarqués,... mais il y a peu de chances que quoi que ce soit se passe de sérieux au fil du discours analytique, sauf comme ça, bon, au hasard. À la vérité je crois qu'on ne parlera pas du psychanalyste dans la descendance, si je puis dire, de mon discours... mon discours analytique. Quelque chose d'autre apparaîtra qui, bien sûr, doit maintenir la position du semblant, mais quand même ça sera... mais ça s'appellera peut être le discours PS. Un PS et puis un T, ça sera d'ailleurs tout à fait conforme à la façon dont on énonce que Freud voyait l'importation du discours psychanalytique en Amérique... ça sera le discours PST. Ajoutez un E, ça fait PESTE. Un discours qui serait enfin vraiment pesteux, tout entier voué, enfin, au service du discours capitaliste (Lacan, 1972, p. 07)¹⁵.

No DK, o sujeito dividido (mas denegado) impulsiona o funcionamento, ele é o agente que se dirige ao saber (S2), visando produzir um objeto que completaria ilusoriamente o sujeito; esse circuito é indicado pelas flechas cruzadas na figura: o objeto vai em direção ao sujeito sem passar pelos dois significantes e seu intervalo (representado pelo símbolo // nos outros discursos). Esse intervalo é o campo da verdade da castração, o que não ocorre no discurso capitalista. O sujeito é representado pelo S1, lugar da verdade que promete o impossível, pois não existe um único significante que represente o sujeito, são necessários ao menos dois significantes (S1→S2). A nossa proposta é que a figura do *Unheimlich* é paradoxal e emerge de forma imprevisível no discurso capitalista. Essa emergência rompe com a promessa bancada pelo capitalista e, por efeito, serve para revelar o jogo de encobrimento/revelação da falta existencial. Veremos mais adiante como ocorre essa operação.

¹⁵ a crise, não do discurso do mestre, mas do discurso capitalista, que é seu substituto, está aberta. Não é de todo que eu lhe digo que o discurso capitalista parece ruim, é pelo contrário algo insanamente astuto, hein? Loucamente astuto, mas condenado a perfurar. Finalmente, é depois de tudo o que tem sido feito mais astuto como um discurso. No entanto, está condenado a furar. É insustentável. É insustentável... em algo que eu pudesse explicar... porque, o discurso capitalista está lá, você vê... [*indica a fórmula alla lavagna*]... uma pequena inversão simplesmente entre o S1 e o \$ que é o alvo... é o suficiente para funcionar sob rodas, não pode funcionar melhor, mas funciona muito rápido, é consumido, é consumido tão bem que se consome Agora vocês estão a bordo... Vocês estão a bordo,... mas há pouca chance de que algo vai acontecer seriamente no curso do discurso analítico, exceto assim, bom, aleatório. Na verdade, acho que não vamos falar sobre o psicanalista da prole, se me permite dizer, sobre meu discurso... meu discurso analítico. Outra coisa vai parecer que, é claro, deve manter a posição da aparência, mas ainda assim será... mas talvez seja chamado de discurso do PS. Um PS e depois um T, será bastante consistente com a forma como afirmamos que Freud viu a importação do discurso psicanalítico na América... Vai ser o discurso do PST. Adicione um E, e fica PESTE. Um discurso que seria finalmente verdadeiramente atormentado, todos dedicados, finalmente, ao serviço do discurso capitalista (tradução nossa).

Lacan (1968-69/2008) afirma que a relação entre os significantes possui uma forma mínima, denominada de par ordenado¹⁶ $S1 \rightarrow S2$, isto é, “o enunciado do significante como sendo o que representa um sujeito para outro significante” (p. 54). Outrossim, o segundo significante é o próprio saber e o primeiro significante (S1) é vazio de sentido sendo esse vazio a mola propulsora dos discursos. O discurso funciona a partir da relação entre significantes, sujeito e objeto e essas operações possibilitam a realização da metáfora (substituição) e da metonímia (deslocamento) no discurso. É necessário recalcar o S1 para que as operações de deslocamentos se constituam.

Importante destacar que o discurso capitalista moderno é instituído, na perspectiva adotada para esta pesquisa, com a mudança do estatuto do saber e com a revolução das tecnologias. Em consonância com Lyotard (1996) e em virtude do armazenamento e da transmissão das informações, o saber entra na ordem da comercialização sendo que a informatização e a midiáticação tem grande participação nessa mudança, fato que altera os laços sociais. O discurso capitalista, acoplado ao discurso midiático, eleva o saber ao lugar de verdade, ou seja, o desejo do sujeito não é levado em consideração e não há tomada de consciência sobre a interpelação ideológica. Não se pode deixar de mencionar que, para além do simbólico e do imaginário, temos o real que esburaca a ilusória completude do sujeito e a verdade que o discurso capitalista impõe. Por isso, se torna imprescindível retomar os conceitos de real, simbólico e imaginário (cf. Lacan 1974-75, 1975-76/2007) a fim de nos subsidiar na análise da foto, bem como compreender a emergência do *Unheimlich* e do mal-estar coletivo que essa foto provoca.

2.3 Real, Simbólico e Imaginário (RSI)

Em seu seminário 22, *o RSI* (real, simbólico e imaginário) e 23, *O Sinthoma*, Lacan (1974-75, 1975-76/2007) afirmou que era preciso formular o campo do real e, para isso, se serviu da topologia do nó borromeu¹⁷ para articular os três registros e descrever seu

¹⁶ Em matemática, um par ordenado (a, b) é um par de objetos matemáticos cuja ordem de ocorrência é significativa. Consiste de dois elementos, digamos a e b , dos quais um, digamos a , é designado como primeiro elemento e o outro como segundo elemento. Um par ordenado é designado por (a, b) e (c, d) são iguais se, e somente se, $a=c$ e $b=d$.

¹⁷ Esse nó tem como característica a operação de nodulação de três anéis. Essa nodulação lembra o sentido estrito do nó de trevo (figura 04) e possui a particularidade de, ao cortar qualquer um dos elos, o nó se desfaz. Apenas a partir de três elos, a qualidade borromeana é pertinente. O nó borromeano é formado por um fio que apresenta um trajeto particular para não ser reduzido a um anel; por outro lado, existem muitos fios em jogo para formar uma cadeia (Granon-Lafont, 1988).

funcionamento. Partimos da ideia de que essa topologia é a do sujeito do inconsciente, lembrando que esse sujeito se constitui no campo do Outro.

O nó é uma figura topológica que serve para designar o saber que só se sustenta “ao se apresentar como impossível para que, a partir disso confirme-se ser real (entenda-se, discurso real)” (Lacan, 1974, p. 423). Pretendemos utilizar a teoria do particular para dizer algo sobre a imagem na mídia e no discurso jornalístico, tendo por base a hipótese teórica de Freud (1929/1996) de que há uma continuidade entre a estrutura do sujeito e a do coletivo, ou seja, existe a possibilidade de fazer uma leitura borromeana dos fenômenos sociais ou fenômenos de grupo. Postulamos que a teoria dos três registros e do nó borromeano pode nos ajudar a entender como ideologia, sujeito, Outro, objeto se entrelaçam. Esses conceitos serão considerados no âmbito das explanações empreendidas nessa pesquisa: a ideologia localizada no imaginário, o Outro/sujeito como simbólico e o objeto situado no real. Ressaltamos que o *Unheimlich* numa espécie de projeção na foto de Aylan rompe o enlaçamento borromeano, instaurando uma soltura dos três registros que desestabiliza o sujeito, causando angústia. O sujeito ao se deparar com a foto de Aylan experimenta esse desenlaçamento que provoca, através da pulsão escópica, uma estranheza perturbadora e um dilaceramento dos olhos. Trata-se aqui de um momento súbito do encontro do sujeito com o real, conforme Lacan (1962-63/2004) postula:

La preuve [de cet arrachement du regard] en est ce qui arrive dans le phénomène de l'*Unheimlich*. Chaque fois que, soudain, par quelque incident fomenté par l'Autre, son image dans l'Autre apparaît au sujet comme privé de son regard, toute la trame de la chaîne [de signifiants] dont le sujet est captif dans la pulsion scopique se défait, et c'est le retour de l'angoisse la plus basale (p. 82)¹⁸.

Em primeiro lugar é necessário destacar que um registro não é igual ao outro, mas um depende do outro, funcionam enlaçados. A consistência e a unicidade referem-se ao imaginário; o simbólico remete à falta; e o real é da ordem da “ex-sistência”, é o que está “foracluso” do simbólico, fora da cadeia de significantes e que não tem imagem no imaginário. Para que haja “Um são necessários três, na medida em que o simbólico, o imaginário, o real, torna-se um número Um”. Como esses três registros não se confundem

¹⁸ A prova [desse dilaceramento do olhar] é o que acontece no fenômeno do *Unheimlich*. Sempre que, de repente, por algum incidente fomentado pelo Outro, sua imagem no Outro aparece ao sujeito como privado de seu olhar, toda trama da cadeia [de significantes] cujo sujeito é cativo no impulso escópico se desfaz, sendo o retorno da angústia mais basal (tradução nossa).

permanece a necessidade de arranjar um artifício para amarrá-los, produzir o nó borromeu sendo sua sustentação o Nome-do-Pai ou sinthoma (Lacan, 1974, p. 6).

Figura 13 – RSI: nó borromeu (Lacan, 1975-76/2007, p. 21)

A definição de nó borromeano parte de três. É, a saber, que se de três vocês rompem um dos anéis, ou seja, os dois outros se soltam. O notável nisto que é um fato de consistência é que, a partir daí, vocês podem colocar um número indefinido de anéis e será sempre verdadeiro que, se vocês romperem um desses anéis, todos os outros, sejam quantos forem, estão livres. (Lacan, 1975-1974, p. 5).

O nó borromeano se sustenta a partir do número três, são três cordas consistentes que possuem três dimensões; o imaginário é imprescindível, pois faz a ligação entre o simbólico e o real. Nessa perspectiva, o nó pode ser escrito por ser uma escritura que suporta o real. Para Lacan (1974-75) o imaginário é o corpo e a debilidade mental, momento em que o sujeito está submerso em seu júbilo de completude, ou seja, sua imagem narcísica é preservada numa dimensão da fantasia imaginária. Veremos mais adiante como essa fantasia funciona nas reações à foto de Aylan.

A angústia e o mal-estar na civilização brotam do real e o efeito é a produção do sintoma, modo como um sujeito goza de seu inconsciente. A noção de sintoma, segundo Lacan, foi introduzida bem antes de Freud, por Marx,

.... de forma a torná-lo signo de alguma coisa que não vai bem no real, se, em outros termos, somos capazes de operar sobre o sintoma, é enquanto o sintoma é efeito do simbólico no real; é enquanto esse simbólico, tal como desenhei aqui, deve completar-se aqui – e por que é ele exterior? (Lacan, 1974, p. 7-8).

Tomamos a imagem de Aylan como sinal desse real, revelando a repetição do mal-estar na cultura e o sintoma social da atualidade (Fleig, 1993). Esse real refletido no imaginário tem como consequência as diversas inscrições, podemos dizer da multiplicidade de identificações que forma o sujeito. O inconsciente enquanto simbólico pode ser responsável pela redução do sintoma no sentido imaginário e essa redução é a causa do desejo ao passo que o gozo (enquanto gozo Outro) é aquele que *ex-siste* ao simbólico. Por sua vez o gozo fálico é aquele que implica o gozo do saber no simbólico e esse modo de gozo é aquele que faz função de nomear.

Para Lacan (1974) o real “é uma pedra no meio do caminho”:

Le discours du maître [$S_1 \rightarrow S_2 \downarrow a$] par exemple, sa fin c'est que le choses aillent au pas de tout le monde. Ben ça, c'est pas du tout la même chose que le réel, parce que le réel justement, c'est ce qui ne va pas, ce qui se met en croix ce charroi, bien plus: ce qui ne cesse pas de se répéter pour entraver cette marche. Je l'ai dit d'abord : ce qui revient toujours à la même place. L'accent est à mettre sur « revient ». C'est la place [vide] qui se découvre, la place du semblant. Il est difficile de l'instituer du seul imaginaire, comme d'abord la notion de place semble l'impliquer. Heureusement que nous avons la topologie mathématique pour prendre y un appui, et c'est ce que j'essaie de faire (Lacan, 1974, p. 5)¹⁹.

Soler (2012) afirma que o conceito de nó e de *falasser* (sujeito falante = fala + ser) são novas forma de interpretação do inconsciente que leva em conta o real. O inconsciente não é mais somente cadeia de significantes, mas uma língua (ou *lalangue*) que encadeia corpo, sujeito e gozo. O nó faz manter junto esses três heterogêneos tendo a finalidade de rescindir o sujeito e de assegurar a consistência do *falasser*. Quando não há consistência o que se apresenta é uma psicose ou uma desestabilização psíquica, momento em que o imaginário está à deriva, momento em que o imaginário se solta da cadeia de nós.

A experiência psicanalítica nos mostra, diz Lacan (1971-72/2003, 1975-76/2007), que o sujeito é uma suposição sempre entregue ao equívoco, à ambiguidade e ao paradoxo. Nesse sentido, o sujeito tem seu duplo (seu estranho-familiar), mas também se divide entre significantes. Essa divisão aponta para o real que abre uma hiância, posto que a linguagem “está ligada a alguma coisa que no real faz furo (p. 31)”. Diante disso, a função de furo que a linguagem possui em sua estrutura de significantes faz borda ao real. Assim, o real tem valor

¹⁹ O discurso do mestre, por exemplo, seu fim, é que as coisas andem no passo de todo mundo. Pois bem, isso não é de modo algum a mesma coisa que o real, porque o real, justamente, é o que não anda, é uma pedra no meio do caminho, bem mais, é o que não cessa de se repetir para entravar essa marcha. Eu disse isso inicialmente sob essa forma: o real é o que retorna sempre ao mesmo lugar. A ênfase deve ser dada ao "retorna". É o lugar que ele descobre, o lugar do semblante. É difícil instituí-lo só do imaginário como em princípio a noção de lugar parece implicá-lo. Felizmente, temos aí a topologia matemática para nos servir de apoio. (tradução nossa).

de trauma, isto é, algo enquanto alteridade incide no campo do sujeito para assim constituí-lo. Os três elementos enodados constituem a metáfora da cadeia e, como se trata de números, o autor denomina cifra de gozo. Há algumas maneiras de traçar as cifras e uma delas é o traço unário, conceito já discutido no primeiro capítulo.

Miller (2009) leva o conceito de inconsciente às últimas consequências. A partir do *Seminário 23*. O inconsciente deixa de ser a cadeia de significantes, deixa de ser o discurso do Outro para, assim, ser postulado como o próprio real; não se trata mais daquele campo do sem sentido, mas aquele campo do inalcançável e irreduzível, pois não há saber no real. Além disso, o *sinthoma* não é uma formação do inconsciente, mas algo que o sujeito²⁰ tem de mais singular, mais *êxtimo*, um traço que não foi inscrito pelos significantes e nem foi adquirido por meio da identificação ao outro. Em suma, podemos postular duas facetas do inconsciente: simbólica e real.

Lacan (1974, 1976) alega que o real não é o mundo e nem o universal. Ele é o resto da operação da constituição do sujeito no discurso, resto que retorna porque não encontra lugar no imaginário nem no simbólico. O simbólico bordeja o vazio com os significantes e o imaginário recobre a falta momentaneamente com os efeitos de sentidos. Nota-se, portanto, que os processos discursivos implicam os três registros.

O real possui uma faceta impossível e uma faceta contingente, isto é, surpreende e sem sentido: “aquilo que não para de não se escrever” (Lacan, 1972-73/1993, p. 127). Para o nó entre os registros ocorrer é necessário um ponto de exclusão, só assim os sentidos são produzidos, posto que o universal não se coloque senão por um ponto de exclusão, ou seja, no universal sempre existe um ponto de negação. Uma das funções do nó é ilustrar o excluído como necessário e a ligação que se faz por um terceiro ou quarto, pois se não houver ao menos três não há nó borromeu.

Ao se propor como verdadeiro, o inconsciente é sempre sem sentido, pois caso adquira sentido já não é mais inconsciente. Parte do inconsciente passa ao sentido, parte não passa; esse resto que não passa ao imaginário e nem ao simbólico é o real, ou seja, o impossível, aquilo para o qual não há representação e nem articulação significante que o defina. Entendemos que a foto de Aylan desperta o trágico que foi recalcado naquele sujeito que olha que, por sua vez, busca uma possível interpretação para aquela cena. Sua interpretação depende da interpretação ideológica e de sua constituição fantasmática.

²⁰ Entendemos por sujeito, no quadro teórico da AD, uma posição discursiva interpelada pela ideologia; na psicanálise, trata-se do sujeito do inconsciente.

O discurso do psicanalista propõe uma redução do imaginário, mas redução não é extermínio. A psicanálise visa desvencilhar o desejo dos enquistamentos de sentido que o imaginário, em seu regime de desconhecimento, não deixa de produzir. “No entanto, a realidade psíquica é feita dos três registros, e o desejo, por ser causado pelo real e determinado pelo simbólico, não pode prescindir do imaginário e da produção de semelhanças para suas realizações” (Souza, 1994, p. 51-52). O discurso psicanalítico, nesse sentido, procura hegemonia sobre outras éticas, pois se trata de uma modalidade discursiva entre outras. Então quando Lacan (1969-70/1992, 1976) propõe sua teoria dos quatro discursos concebe que cada discurso dispõe de uma ética específica e, para isso, utiliza a noção de espaço contínuo entre real, imaginário e simbólico.

Em vez de dois reais, há um só, unívoco, sem divisão, definido espacialmente por sua modalidade de ser impossível de representar [todo], e no qual a psicanálise situa a dimensão do sexo à exaustão. Diante do real há o sujeito; e entre os dois, o conjunto dos meios com os quais o sujeito aborda esse real do sexo: meios relativos aos significantes e meios relativos ao objeto *a*. Os primeiros meios são chamados sintomas; os segundos, fantasias (Nasio, 2011, p. 11).

Lacan (1975-76/2007) postula um quarto elo, para além dos três registros, o *sinthoma*, que faz a função de Nome-do-Pai, este, por sua vez, serve para manter os três enlaçados quando é o caso de ameaça ao desenlaçamento. O enlaçamento de três borromeano tem um problema: o registro do imaginário como não está enlaçado ao real e ao simbólico se solta facilmente ao passo que os outros dois permanecem juntos. Nesse modo de enlaçamento, o sujeito “enlouquece”, pois o imaginário é a dimensão que se ocupa da consistência, da produção de sentidos e da estabilização do sujeito com relação à realidade. Como pode ser notado nas figuras abaixo: na primeira o imaginário está solto e na segunda se apresenta o quarto elo cuja função é não deixar o imaginário solto. A circulação de imagem na mídia pode ter essa dupla função: de enlaçar e de desenlaçar. A função sempre será reconhecida deterá partir de seus efeitos.

Figura 14. Três anéis separados e, depois ligados pelo *sinthoma*, o quarto (Lacan, 1975-76/2007, p. 21)

Na medida em que o *sinthoma* faz o enlace dos três registros, o *Unheimlich* atua no sentido de desenlaçá-los, portanto, trata-se de elementos que possuem funções opostas. Diante disso, sustentamos que a foto de Aylan atualiza o *Unheimlich* para o sujeito que olha (não para todos, visto que para a psicanálise sujeito é sempre singular, trata-se, então, de apenas mais um discurso). Nesse mesmo ato coloca-se em evidência a falta e a falta da falta (angústia), numa espécie de jogo paradoxal onde a castração se esconde e se revela. Esse jogo impele o sujeito que olha a encontrar um novo modo de enlaçar aquilo que se desprende, o próprio imaginário.

Depois de termos descrito o funcionamento do *Unheimlich* para Freud e para Lacan, esclarecido o conceito de discurso (especialmente o capitalista) e de ideologia, retomado os três registros e mais (real, simbólico, imaginário e *sinthoma*), no próximo item delinearemos a problemática da pesquisa e como se constitui um *corpus*.

2.4 A delimitação do problema e a constituição do *corpus*

O *corpus* é constituído de modo geral (segundo a AD) como um conjunto de significantes e signos que representam sistema de valores. Esses signos e significantes podem ser palavras, frases, textos, falas, imagens etc. O *corpus* aqui é concebido em discursos e imerso em valores e ideologias.

No caso desta pesquisa o *corpus* inicial foi constituído pela foto de Aylan. Após esse recorte, coletamos enunciados e imagens produzidos em decorrência da veiculação da fotografia na mídia. O objetivo é analisar a imagem enquanto discurso que produz efeitos de sentidos a partir das identificações ou contra-identificações às formações ideológicas. A foto e

os enunciados foram analisados levando em consideração o campo sócio-histórico da atualidade e tomamos o funcionamento do discurso capitalista como o basilar. Pensamos aqui a relação entre um lugar, um tempo e os valores históricos que conduzem a produção, a recepção, a propagação e a interpretação da foto e dos enunciados. Esses processos não são somente linguísticos uma vez que todo discurso implica um sujeito do inconsciente, um tempo histórico e um espaço simbólico. Assim, podemos compreender que os sentidos não são transparentes, pois se trata de materialidades carregadas de ideologias e fantasias inconscientes.

Segundo Orlandi (1996, 1999), o processo de delimitação e análise do *corpus* se compõe em dois tempos: 1) Descrição: necessário considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o analista deve procurar descrever o gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise; 2) Interpretação: não há descrição sem interpretação, logo o próprio pesquisador está envolvido neste processo. Há necessidade de introduzir um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista com os objetos simbólicos, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação, o qual permitirá que se trabalhe no entremeio da descrição e da interpretação.

Em suma, a base para a análise, primeiramente, é a constituição do *corpus* que não segue critérios empíricos, mas teóricos, organizando-se face ao objetivo da pesquisa. A análise não é objetiva, mas deve ser o menos subjetiva possível, explicitando as condições e os modos de produção de sentidos do objeto de investigação. Realiza-se um percurso analítico que vai da superfície linguística para o objeto discursivo (Orlandi, 1999). Esse deslocamento perpassa pelo campo dos acontecimentos históricos.

Courtine (1981) define *corpus* da seguinte forma:

Nous définirons un corpus discursif comme un ensemble de séquences discursives structuré selon un plan défini en référence à un certain état des CP du discours. La constitution d'un *corpus* discursif est en effet une opération qui consiste à réaliser par un dispositif matériel d'une certaine forme (c'est-à-dire structuré selon un certain plan), les hypothèses émises dans la définition des objectifs d'une recherche (p. 24)²¹

O *corpus* deste trabalho concentrou-se na foto de Aylan e suas repercussões midiáticas. Nós a compreendemos como um acontecimento discursivo. Pêcheux (1975/1988),

²¹ Definiremos um corpus discursivo como um conjunto de sequências discursivas estruturadas de acordo com um plano definido em referência a um certo estado das condições de produção do discurso. A constituição de um *corpus* discursivo é, na verdade, uma operação que consiste em se realizar por um dispositivo material de determinada forma (ou seja, estruturado de acordo com um determinado plano), os pressupostos realizados na definição dos objetivos de uma pesquisa (tradução nossa).

a partir da análise do enunciado político “*On a gagné*” [ganhamos], proferido pelos cidadãos franceses na época da vitória de Mitterand nas eleições de 1981, cria o conceito de acontecimento discursivo para explicar o deslocamento de um discurso que era comum nos estádios para comemorar a vitória de um time para a comemoração nas ruas pela eleição de um candidato ao governo francês. O autor assinala que o enunciado remete originalmente a uma memória discursiva, à vitória nos esportes, mas foi deslocado para o outro campo, o da política. Dessa forma, o enunciado carrega entrelaçamentos dos discursos e da memória uma vez que um mesmo enunciado pode se deslocar de um contexto para outro diferente.

A vitória de Mitterand e a consequente derrota de seus opositores permitem a substituição de um acontecimento esportivo para um acontecimento político. O sujeito da frase é indeterminado, não se sabe quem ganhou e, então, essa estrutura sintática possibilita seu uso em outro contexto. Trata-se de um efeito de repetição e de reconhecimento social que pode transformar um enunciado em outro quando deslocado de lugar (Pêcheux, 1981/2008).

Tfouni (2020) a respeito da relação entre acontecimento e não-simbolizado afirma que é trabalho do imaginário domesticar a instabilidade da *lalíngua* (alíngua) através da *langue* (língua), nas palavras da autora:

Atribuir um sentido é trabalho do imaginário, da ideologia: fazer laço, estabelecer relações, ordenar, classificar, comparar, transformar este novo que perturba em algo sempre-já-lá. Domesticar a instabilidade de *lalíngua* (o real da língua, onde reside o equívoco) através da *langue* (o sistema), fixando, assim, por metáforas e metonímias, uma nova unidade transitória, que logo também se dissolverá sob o assédio incessante do real, do retorno do recalcado, daquilo que é impossível de se dizer enquanto tal. Instala-se aí a deriva. (Tfouni, 2020, comunicação oral).

O olhar do pesquisador é o olhar que estranha, um olhar estrangeiro que presencia uma alteridade e desconfia dos sentidos impostos pelo Outro e pela ideologia, aqui temos um nó que entrelaça AD e psicanálise. Não podemos abordar o óbvio como óbvio, assim, nós não tomamos as interpretações como dadas anteriormente pela mídia em torno da foto de Aylan como evidentes e únicas. É imprescindível retomar as perguntas de Pêcheux (quem fala, onde fala, para quem fala, por que fala) a fim de analisar a foto para além dos sentidos produzidos pela mídia jornalística. Desse modo, iniciaremos a análise da foto pelas manchetes jornalísticas em torno da imagem do menino morto.

CAPÍTULO III

DA INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA NA MÍDIA JORNALÍSTICA

Neste capítulo, analisamos algumas manchetes que foram veiculadas na mídia jornalística (especialmente na brasileira) em torno da foto de Aylan. Todas foram coletadas na mesma semana de sua publicação. Essa foto foi reconhecida pela mídia jornalística como um símbolo da crise dos refugiados e da crise humanitária. Essas crises são veiculadas de modo repetitivo no discurso midiático jornalístico e, por conseguinte, torna-se necessário questionar se há uma crise e que discurso é esse que interpela seu leitor a interpretar que há uma crise migratória juntamente com uma crise econômica. A imagem como despertador da crise dos refugiados (Mangana, 2018), conforme analisaremos adiante.

O problema principal que colocamos é a do estatuto dos discursos que operam na relação entre o acontecimento e seu entrecruzamento de proposições aparentemente estáveis, com tendência à resposta unívoca, mas, na realidade, trata-se sempre de formulações equívocas e sujeitas a tornarem-se sempre outras (Pêcheux, 1981/2008).

Como se trata do campo da mídia jornalística e seu discurso tem um papel essencial na contemporaneidade com relação ao assujeitamento ideológico da grande massa, na continuação delineamos alguns aspectos fundamentais a fim de embasar as análises dos enunciados recortados. Diga-se de passagem, esse modo de discurso tem o objetivo de manipular seus leitores com relação aos interesses que ocorrem, por sua vez, de acordo com o lugar em que esses mesmos enunciados foram produzidos.

3.1 Sobre o discurso jornalístico

De modo geral, a mídia jornalística constrói um sentido sobre determinado acontecimento na medida em que produz e veicula, dando um tratamento à linguagem enunciada de modo a privilegiar certos aspectos e silenciar outros. Nesse campo, a materialidade linguística passa por um processo de apagamento de marcas formais de subjetivação.

De Certeau (1998) diz que a mídia promove uma instituição do real, ou seja, a mídia é capaz de criar uma realidade com valor de verdade ao seu leitor. No entanto, do nosso ponto de vista, trata-se de uma dimensão imaginária (Lima, 2003), uma vez que seus efeitos de sentidos produzidos dita ou interdita determinadas maneiras de dizer/escrever. E o discurso jornalístico é a sustentação simbólica e imaginária da mídia jornalística que sempre se remete

a um acontecimento aparentemente atual e transparente. O leitor supõe que o produtor de notícias não transgredirá as fronteiras que separam o real e a ficção, supondo que o processo jornalístico ocorre num lugar de objetividade e neutralidade. Porém, segundo Pêcheux (1981/2008), trata-se de um “jogo oblíquo das denominações” (p. 20), ou seja, o modo de enunciar (seleção e combinação de significantes) direciona o leitor a interpretar de uma ou outra maneira.

Portanto, os enunciados jornalísticos já são uma determinada interpretação dos acontecimentos, mas que aparentam objetividade. Podemos realizar um paralelo com as interpretações do sonho. Segundo Freud (1900/1996), o sonho é regido por dois processos fundamentais: o primeiro, a condensação (efeito metafórico) que efetua a fusão de ideias ou significantes do pensamento inconsciente para desembocar num conteúdo manifesto; e o segundo é o deslocamento (efeito metonímico) que, por meio de um deslizamento associativo, decompõe dados primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto.

O relato do sonho é uma interpretação e não o sonho em si, esse não é acessível diretamente, assim como a ideologia também não é acessível diretamente embora esteja presente em qualquer enunciado. Uma prova dessa ocorrência é quando o analista pede, num tempo posterior, ao analisante que conte um sonho novamente, ele não o contará da mesma forma, com as mesmas palavras, com a mesma estrutura sintática. Pois, o relato do sonho, assim como a produção de uma notícia, é regido pelo funcionamento da linguagem que possui pontos de lacunas, ambiguidades e equívocos e regido pelo funcionamento do sujeito que se constitui pelo recalque e pelos esquecimentos.

Tendo em vista que o discurso capitalista rege a sociedade contemporânea e ocidental, compreendemos que a mídia jornalística é atravessada por esse discurso, fazendo com que as notícias se tornem mercadorias. Consequentemente, esse processo implica jogos de poderes, mascaramentos, interesses políticos e econômicos. Os capitalistas, que dirigem essas esferas, objetivam o lucro, agindo conforme a lógica do mercado e do consumo. Assim sendo, o funcionamento dos jornais faz das notícias uma mercadoria, e toda mercadoria esconde, em sua aparência sedutora, as relações sociais de produção que são fatores essenciais da sociedade capitalista. As informações jornalísticas tornam-se mercadorias que fingem atender às expectativas do público-consumidor para vender, e, ao mesmo tempo, há uma tentativa de manipular as subjetividades desse mesmo público ao atribuir as informações como verdades. A partir das supostas expectativas de seus leitores, visando o lucro, decide-se a direção dos sentidos de cada notícia.

O discurso jornalístico tem como característica fundamental a transmissão de um acontecimento enquanto fato verídico e na tentativa de naturalizá-lo se dá a impressão de uma obviedade. Esse discurso, na nossa análise, é análogo ao discurso da ciência ou ao discurso do universitário. Silva (2007) afirma que o dizer da imprensa aparenta ser uma verdade; passa uma imagem de credibilidade e seriedade perante a sociedade. Esse modo de discurso utiliza artifícios para ser irrefutável, como se não houvesse o atravessamento do inconsciente daquele que escreve e daquele que lê e nem a interpelação ideológica.

Segundo Mariani (1998), o discurso jornalístico comporta uma prática social repetidora de determinada ideologia, sendo diretamente ou indiretamente atravessado por diversas vozes divergentes que constituem a história. Esse discurso realiza um filtro em relação àquilo que será divulgado, como e onde. Essas escolhas se fazem em função de dados que se relacionam com as noções de tempo, espaço e hierarquia (importância do fato). Trata-se de uma prática legitimada pela sociedade como produtora e difusora de notícias de “confiança”.

A objetividade e a imparcialidade são valores associados ao dizer jornalístico e esse é o lugar social dado ao jornal (Navarro, 2006). Esse lugar transforma o jornalismo num discurso autorizado e, assim, o poder que se exerce lhe permite produzir um determinado saber, ou, nas palavras de Foucault (1970/2007, 1975/2010), “efeitos de poder” que circulam entre os enunciados da mídia.

De tal modo, produz-se uma “verdade” amparada no poder do discurso, o estatuto de dizer nesse campo funciona como verdadeiro. No espaço jornalístico cria-se, portanto, uma realidade social e pública que atua na estabilização de um sentido “natural”, buscando uma transparência da linguagem. Trata-se do pré-construído como “algo já dito antes, em algum lugar, e que retorna no discurso jornalístico-político como evidência”, anuncia Mariani (1998, p. 35).

As imagens de acontecimentos trágicos, como a foto de Aylan, os depoimentos, a narração, o *ao vivo* e as regularidades de cobertura trazem uma ilusão de que se narram os próprios fatos. Esses são elementos que conferem um efeito de eficácia às notícias jornalísticas. Por conseguinte, elas ratificam duas ilusões: a de que os jornais falam por si e de que a informação permanece separada da opinião.

A imprensa é constituída por uma norma identificadora, resultado da aplicação da lei, mas, ao mesmo tempo, esse discurso jurídico-político se apaga na história da imprensa, como se fosse evidente que os jornais só são veículos de comunicação. Os rituais jornalísticos, designados como devem ser, de acordo com a lei, acabam sendo

representados sob a evidência de que são unicamente e sempre assim. (Mariani, 1999, p. 55).

O lugar de onde se fala faz parte da constituição do dizer e deve ser compreendido, segundo Tfouni (2003, 2007), através do complexo das formações ideológicas, discursivas e a condições históricas envolvidos na enunciação, ou seja, linguagem e história se constituem mutuamente. Para Santos (2015), a mídia jornalística funciona como um lugar em que se propaga um discurso ordinário, mas também um lugar de espetáculos (Medeiros, 2009); a sociedade do espetáculo, como nomeia Debord (1997). As informações jornalísticas adquirem na sociedade moderna o valor de troca, tornando-se um produto a ser consumido que proporcionam um gozo escópico ao sujeito, como será analisado no próximo capítulo.

Para Tfouni e Romão (2004), o discurso jornalístico produz genéricos discursivos na medida em que faz circular verdades inquestionáveis. Assim, cristaliza-se um dizer através de reportagens, vídeos, fotografias sem autor explícito, sendo que a ausência de um nome tem impacto na relação imaginária com o leitor. Esse discurso possui crédito exatamente por tratar-se de genéricos (Santos, 2015). O dizer jornalístico, que é linguagem, não apresenta o fato, mas é um gesto de interpretação. E “a imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que elege como de destaque em um momento dado” (Dela-Silva, 2008, p. 16).

A estrutura sintática do genérico discursivo, na maioria das vezes, tem o sujeito indeterminado, atribuindo um caráter anônimo, uma vez que não se sabe a origem do sentido que ele deseja instaurar. A ocultação do enunciador fortalece a evidência daquilo que é enunciado, visto que transmite a ilusão da “eternidade” do sentido, um exemplo desse funcionamento são as doutrinas religiosas. Porém, o fato dos genéricos apresentarem um sujeito indeterminado ou oculto não implica em uma neutralidade ideológica, porque os genéricos são, também, partes do interdiscurso, eles se encontram na repetição histórica. (Tfouni, 2020, Santos, 2015).

Os genéricos produzem “verdades” ou “leis gerais” que tem como finalidade homogeneizar e naturalizar sentidos que foram historicamente constituídos. Trata-se de um mecanismo de encobrimento de outros sentidos possíveis que apaga as marcas da enunciação, criando um efeito de verdade inquestionável. De tal modo, não importa quando, quem, nem onde ou para quem esse genérico se dirija; sua sequência significativa é sempre a mesma (Tfouni, 2010, p.78).

O discurso jornalístico veicula informações que não se trata de enunciados sem ideologias. Esse discurso, como qualquer outro, funciona regido pelas relações ideológicas-políticas e pela lógica do inconsciente. No entanto, o inconsciente tem estrutura de ficção (Lacan, 1966/1998), ou seja, a suposta realidade e a fantasia subjetiva se misturam nas produções discursivas. As séries de interpretações das derivas de sentido são baseadas no imaginário social e na fantasia inconsciente. Nessa perspectiva, notamos que os genéricos discursivos são sempre um acesso instantâneo de interpretações, por efeito, a tendência é interpretar uma parte como se fosse o todo.

Para Tfouni, Pereira e Monte-Serrat (2018), o genérico discursivo tenta impor uma forma genérica da lei a fim de fechar outras possíveis interpretações, visto que se estrutura por “imperativos, por indução de modos de compreensão, por delineamento de tradições culturais, por acertos políticos em como orientar a sociedade” (p. 07). Quando se trata de um genérico se está num espaço em que a enunciação não se presta a questionamento e não importa o conteúdo, pois há uma relação de dominação não transparente.

Um exemplo do funcionamento discursivo dos genéricos e da memória são as interpelações ideológicas relacionadas ao MST no Brasil (Movimento dos Sem Terra). Tfouni e Romão (2002) associam esse movimento ao movimento popular de Canudos, um acontecimento discursivo que deixou suas marcas na sociedade brasileira. As autoras afirmam que os camponeses que fazem manifestações na visão da mídia jornalística são rotulados como “bandidos”, “baderneiros”, “quadrilheiros”, “ilegais”, concluindo que é apenas uma estratégia retórica com o objetivo de apagar a legitimidade da luta popular e de silenciamento das reivindicações dos excluídos desde épocas precedentes.

Desse modo, a nosso ver, as informações veiculadas pela/na mídia jornalística produzem um saber e não uma verdade. Para Lacan (1965/1998), existe uma divisão que está em continuidade entre saber e verdade. Lacan (1955/1998) pronuncia a frase “Eu, a verdade, falo” (p. 882) a fim de ilustrar que a verdade do sujeito é o inconsciente e que ele se manifesta em suas formações (chiste, ato falho, lapso, sonho, sintoma). Todo discurso, seja o capitalista, seja o jornalístico, seja histórico, não a fala a verdade. A verdade é sempre meio-dita, sendo, por isso, que existe a possibilidade de diferentes construções discursivas como veremos nesta seção ao analisar enunciados jornalísticos que comentam a foto de Aylan Kurdi.

Lacan (1969-70/1992) propõe a verdade como meio-dita e na forma de saber. Aí se anuncia a separação de poderes entre a verdade como causa e o saber como prática. A verdade é um enigma que insiste, sendo próprio de sua estrutura “nunca se poder dizê-la a não ser pela metade” (p. 34).

S'il y a quelque chose que toute notre approche délimite et qui a assurément été renouvelé par l'expérience analytique, c'est bien que nulle évocation de la vérité ne peut se faire qu'à indiquer qu'elle n'est accessible que d'un mi-dire, qu'elle ne peut se dire tout entière, pour la raison qu'au-delà de sa moitié, il n'y a rien à dire On ne parle pas de l'indicible, quelque plaisir que cela semble faire à certains. (Lacan, 1969-79/1991, p. 57-58)²².

Dessa perspectiva, é impossível (no sentido real) alcançar o verdadeiro sobre os acontecimentos. Por exemplo, o modo como o psicanalista os atinge é pelo saber, ou seja, pela cadeia de significantes que é sem sentido *a priori*. Ressaltamos que a posição do psicanalista e do analista do discurso é subversiva com relação ao discurso capitalista e jornalístico. Desse modo, a mídia jornalística atua no campo ideológico ao alienar os sujeitos em sentidos cristalizados, cabendo ao analista estranhar esses sentidos. A função do analista é apontar o funcionamento discursivo e a falta que é própria da estrutura da linguagem, do discurso e do sujeito.

Segue logo abaixo as sequências discursivas (SDs) que serão analisadas. Lembrando que o *corpus* é definido como um conjunto de sequências discursivas que podem ser imagens, enunciados orais ou escritos de dimensão diferente da frase, sendo extraído de um determinado campo discursivo. No caso dessa parte da pesquisa é o campo jornalístico. As sequências se formam em torno de uma organização que repete dentro de uma rede de formulações (intradiscurso) (Courtine, 2009). Essas SDs foram retiradas da mídia jornalística na mesma semana da veiculação da foto de Aylan. Os enunciados foram coletados respectivamente nos jornais *Estadão*, *El país (Brasil)*, *Folha de São Paulo*, *BBC News*, *Folha de São Paulo*, *G1*. *Exame* e *G1*:

SD1 –Jornalista que fotografou o menino morto em naufrágio queria denunciar tragédia (Jornalista, 2015)

SD2 - Sobreviveu às bombas e à guerra, mas não conseguiu vencer o mar e as barreiras geográficas e legais que separam o Oriente Médio em chamus da Europa. Aylan Kurdi é o nome do garoto sírio cuja fotografia se transformou no símbolo do drama dos refugiados — com sua camisetinha vermelha e sua bermuda azul, estendido sem vida na turística praia turca de Ali Hoca Burnu,

²²Se há algo que toda a nossa abordagem delimita e que certamente foi renovada pela experiência analítica, é que nenhuma invocação da verdade pode ser feita, exceto para indicar que ela é acessível apenas por ser meio-dita, não se pode dizer tudo, pela razão de que além de sua metade, não há nada a dizer Não estamos falando do indizível, seja qual for o prazer que pareça para alguns. (Tradução nossa).

as mesmas ondas que o mataram roçando seu rosto. Tinha somente três anos (Mourenza, 2015).

SD3 - Foto do menino refugiado morto atrai atenção para a crise. (Colon, 2015).

SD4 - De Damasco a Bodrum: a viagem fatal do menino sírio que chocou o mundo. (Gunther, 2015).

SD5 - Necessidade de humanização responde dilema da foto de Aylan. (Coelho, 2015).

SD6 - Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. (Foto chocante, 2015).

SD7 - A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados (Barbosa, 2015).

SD8 - Menino morto em praia que se tornou símbolo da crise migratória fugia de cidade dominada pelo Estado Islâmico (Menino morto 2015).

Esses enunciados são formas de tamponar ou contornar o *Unheimlich*? Apostamos que funciona como elemento que atualiza o trauma psíquico naquele sujeito que olha. E os jornais interpelam o leitor pela ideologia dos “direitos humanos”. Trata-se de uma tentativa de apagar a inquietante estranheza e se defender do mal-estar que acomete um coletivo?

Analisamos mais detalhadamente cada uma delas. Notamos que as oito manchetes, apesar de diferentes, estão inscritas numa mesma formação discursiva, quer dizer, todas apontam para uma tragédia e uma crise. Houve, nesse sentido, um cruzamento entre o não-verbal (foto) e o verbal (enunciados) a fim de dar sentido à imagem. Para Tfouni e Santos (2009), quando analisamos enunciados de modo a olhar para as práticas discursivas, torna-se essencial que seja considerada a existência de múltiplas e diferentes linguagens, visto que “... toda e qualquer ação transformadora – trabalho simbólico –, realizada pelo homem em certo momento sócio histórico, é carregada de sentidos, ou seja, significa” (p. 102).

Assim, buscamos com a análise da foto e das sequências discursivas (SDs) não uma interpretação (um conteúdo), mas a compreensão de seus modos de funcionamento e a forma como essa imagem afeta os sujeitos e como ela produz sentidos. Entendemos que a foto em si também é discurso, uma vez que teve um recorte e um enquadre da própria fotógrafa, por isso não é transparente e está sujeita à interpretação e aos efeitos de deriva. Ao olharmos atentamente as SDs, ao que parece, foram interpeladas a associar a foto do menino à tragédia

dos refugiados. No entanto, os discursos não se estabilizam numa única forma de dizer, houve pontos de lacunas.

A SD1 privilegia a foto como uma denúncia, a SD2 enaltece a questão da guerra, a SD3 seleciona a questão da crise, a SD4 a viagem fatal, a SD5 e SD6 exaltam a crueldade de uma determinada crise e a SD8 aponta para o símbolo que a foto se tornou.

Consideramos que a foto de Aylan instaura um acontecimento discursivo, embarcando no jogo da metáfora e da metonímia ao ser selecionada, compartilhada, condensada e substituída, sendo assim, sua imagem foi retomada e (re)significada de diversas maneiras. Desloca-se de um enunciado ao outro, sinalizando, portanto, sua opacidade.

Como já anunciado, tomamos a foto como um acontecimento discursivo, um conceito caro à AD. Para Pêcheux (1981/2008), o acontecimento perturba a ordem do discurso que é estabelecida pela ideologia, demandando novos arranjos enunciativos, que, por sua vez, afeta o funcionamento da língua. Para Tfouni, Pereira e Monte-Serrat (2016), todo acontecimento histórico reclama por uma atualização do discurso que é realizada através de mecanismos de substituições, paráfrases, retomadas, apagamentos e deslocamentos.

Como consta na SD1, quem fotografou “o menino morto em naufrágio queria denunciar tragédia”, ou seja, queria tornar públicas as mortes que ocorrem em travessias com botes ilegais no Mar Mediterrâneo. Observamos que a utilização do verbo “queria” está no pretérito imperfeito do indicativo que indicia um desejo que se refere ao passado, que não foi completamente terminado. Expressando, assim, uma ideia de continuidade e de duração no tempo. Esse tempo verbal também pode ser utilizado com sentido de futuro do pretérito para indicar uma ação que seria consequente de outra, mas não aconteceu. Por conseguinte, a denúncia aponta para uma intenção que não ocorreu ou que o ato de fotografar teve como consequência a denúncia, ou seja, apontamos aí dois possíveis modos de significar o enunciado. Ressaltamos a importância de anunciar quem disse (a própria fotógrafa), o que provoca a sensação de legitimidade no leitor, uma forma de direcionar para um determinado sentido: de que há uma tragédia que pode ser denunciada através da foto.

Na SD2, “que separam o Oriente Médio em chamas”, esse último significante quer dizer que o Oriente está em guerra, utiliza-se a expressão “em chamas” que é uma das consequências da guerra, trata-se aqui de uma metonímia, mas também podemos dizer que é uma metáfora se levarmos em conta que houve uma substituição de guerra por “em chamas”. Desse ponto de vista, a expressão “em chamas” tem mais de um sentido, é polissêmica, uma vez que se refere ao fogo de explosões e incêndios, mas, também, pode ser utilizado como

metáfora de guerra. Além disso, o significante “Oriente” generaliza a região, dando a ilusão que todos os países localizados neste território estão em guerra, o que é um equívoco.

A parte que diz sobre a causa da morte na SD2 (“as mesmas ondas que o mataram roçando seu rosto”), enfatiza uma associação entre morte e travessia pelo Mar e não a guerra, indiciando, de certa forma, a ideologia que o jornal assume. Esse modo de dizer aponta a possibilidade de escapar vivo da guerra, mas a impossibilidade de escapar das “barreiras geográficas”. Nesse sentido, podemos pensar em dois muros: da cultura e da natureza.

Notamos, no *corpus* apresentado acima, enunciados parafrásticos que são da ordem de repetições sobre a tragédia dos refugiados, ou seja, a mídia jornalística interpretou a foto de Aylan como a representação da crise dos refugiados e da necessidade de alguma ação humanitária. Em outras palavras, as SDs se constituem como paráfrases umas das outras, numa tentativa inútil de significar (simbolizar) um real traumático que não cessa de não se inscrever na cultura a cada vez que se procura uma interpretação (leitura) para a imagem de Aylan morto.

O uso dos significantes “tragédia” (SD1 e SD7), “drama dos refugiados” (SD2), “necessidade de humanização” (SD5) constrói uma sequência parafrástica (metafórica) que procura contornar o buraco traumático do impossível do real: o impossível de dizer tudo, ou seja, de fazer UM entre significante e significado. Tal impossibilidade estrutural se deve ao que Pêcheux (1981/2008) compreende como:

.... todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo um lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. E é nesse ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes (pp.53-54).

As paráfrases e as polissemias dizem respeito ao retorno daquilo que já foi falado/escrito, trata-se da repetição de sentidos disponíveis e a reprodução de certas partes do “já-dito” ou do interdiscurso, buscando-se, assim, outras formas de dizer a mesma coisa.

O interdiscurso possibilita a tensão entre paráfrase e polissemia, em que se assentam as práticas de linguagem. Os movimentos parafrásticos de linguagem dizem respeito ao retorno a regiões de dizer já existentes, à repetição de sentidos disponíveis, à reprodução de certas partes do “já-dito”, mesmo que para isso busquem-se outras

formas de dizer a mesma coisa. São produzidas “diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (Orlandi, 1999, p. 36). Já a polissemia é responsável pelos deslocamentos, derivas e rupturas nos processos de significação. Ela é responsável pela novidade, pelo movimento da interpretação. Apoiada no equívoco, a polissemia garante que os sentidos possam sempre vir a ser outros, impossibilitando uma estabilidade simbólica (Tfouni e Santos, 2009, p. 106).

Pautada nas considerações acima, as paráfrases e as polissemias, apesar de ser uma repetição, não deixa de afetar e corromper o princípio de univocidade na língua que não é localizável nela, uma vez que o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história. Gadet e Pêcheux (1973/2004, p. 64) afirmam que “toda desordem social é acompanhada de uma espécie de dispersão anagramática que constitui um emprego espontâneo das leis linguísticas do valor: as massas tomam a palavra”.

Analiseemos o significante crise que aparece associado ao refugiado na SD3 – “Foto do menino refugiado morto atrai atenção para a crise”. Segundo F. Tfouni (2013), o dito é uma “escolha” contingente e inconsciente, no entanto, uma vez dito X, esse X passa de contingente para impossível de não ter sido dito X. Sabemos que a “escolha” de uma palavra para entrar numa sequência sintática qualquer não é aleatória. A função da ideologia é interpelar o sujeito a dizer x e não y. A SD3, desse modo, naturaliza um sentido ao associar a foto à crise (e não a guerra ou fuga, por exemplo). Nesse enunciado, a crise é evidenciada ao passo que a guerra e a fuga são silenciadas.

Nas SDs encontramos o funcionamento do apagamento e do silêncio. Orlandi (1992, 1995) afirma que o silêncio é o não dito, ou seja, a própria hiância entre os significantes que possibilita as condições de produção de sentidos. O silêncio é algo que indica a necessidade de não dizer para dizer (uma significação apaga todas as outras). O silêncio pode ser também aquilo que é proibido dizer devido à conjectura política, social e cultural. Destarte, o silêncio não fala, ele significa. Para Paulon, Tfouni e Bartijotto (2018), o silêncio age na repetição e nas formações do inconsciente, possibilitando a emergência de um sentido singular àquela subjetividade. E quando o silêncio é tomado pela dimensão significativa, ele é tomado como articulador do sentido que implica a escuta analítica pela mobilização do interdito. O silêncio age como “limitador de sentidos”, sendo a ideologia e as relações imaginárias que delimitam o sentido e captura o sujeito. Desse modo, o silêncio não é um fenômeno, mas um operador lógico que atua na determinação de sentidos no discurso.

Um indício a ser investigado é que o significante “crise” é utilizado sem complemento, portanto, podemos nos perguntar de qual crise o autor se refere. Há um lugar deixado vazio

que exige ser preenchido a fim de completar o enunciado. Quais os efeitos de sentidos são produzidos a partir desse lugar deixado vazio? Crise dos refugiados, crise humanitária, crise econômica, crise do capitalismo...Teríamos diversos significantes que poderiam entrar nesse lugar. Sabemos que mais adiante o jornalista preenche essa lacuna com o termo crise dos refugiados. De qualquer forma, trata-se aqui de um implícito– específico das manchetes jornalísticas cuja função é atrair o leitor – que evoca, por um lado, o imaginário do sujeito e, por outro lado, uma memória discursiva: um entrelaçamento entre o particular e o coletivo a fim de preencher esse vazio de sentido

Para Achard (2007), o implícito exige um imaginário que o representa como memorizado e o discurso faz “apelo a sua (re)construção, sob a restrição ‘no vazio’ de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrases” (p. 13). O implícito, no entanto, será sempre uma suposição do sujeito, podendo ser (re)construído de variadas formas no discurso, isso dependerá das condições de produção, da memória e da fantasia inconsciente do sujeito.

Assim, notamos que os jornais brasileiros repetem interpretações similares a respeito da foto de Aylan. Para Courtine (1999) há dois níveis no processo de repetição discursiva que se configura nos enunciados jornalísticos: repetição dos elementos em extensão, nesse caso a memória é saturada e o enunciado se repete sem ser o mesmo, pois esse é dependente das condições de produção diversas que lhe deram origem. O segundo nível é a repetição vertical, na qual se repete o não-sabido, uma repetição que é presente e ausente ao mesmo tempo na série de formulações dos enunciados.

No caso das SDs apresentadas como parte do *corpus*, temos a predominância da repetição de elementos em extensão, no entanto, sempre há lacunas e aquilo que não se sabe são os pontos em que são possíveis as substituições (metáforas), os deslocamentos de sentido (metonímia), as ambiguidades e os equívocos. O discurso que se materializa nos enunciados é lacunar e sempre remete a um espaço em que se manifesta o silêncio, o inciso e as formações do inconsciente. Lembrando que o inconsciente traz a metáfora e metonímia como operadores de seu movimento.

Do ponto de vista da psicanálise, a compulsão à repetição está associada à pulsão de morte, sendo aquilo que aparece em ato, sem o sujeito se dar conta. O jornalista, o leitor e o espectador repetem o ato de mostrar e olhar a foto de Aylan, algo que causa horror, revela uma tragédia e sinaliza a castração. A mídia jornalística tende a reproduzir de modo incessante notícias trágicas que, por sua vez, são vistas demasiadamente, por ser atraentes aos leitores, apesar de causar uma inquietante estranheza.

Com relação à repetição daquilo que causa sofrimento, Freud (1920/1996, 1923/1996) afirma que, por um lado, o sujeito não pode se recordar da totalidade dos conteúdos inconscientes, e, por outro, a repetição em ato é uma forma de o recaiado retornar sem recordação. Quer dizer que o sujeito repete em ato uma cena trágica que na realidade inconsciente lhe causa prazer (ou gozo nas palavras de Lacan). Dessa perspectiva, compreendemos que na mídia essa repetição é um modo de gozo, a posição donde o sujeito goza pelo olhar, sem estar diretamente envolvido na cena. Nesse ato, o sujeito consegue repetir/reviver elementos primitivos como se fosse uma experiência contemporânea. Assim, articulamos que a imagem de Aylan embora seja uma novidade é uma repetição particular (de ordem inconsciente) e histórica (repetição vertical) que se entrelaçam: particular e social numa mesma superfície.

Como já dito, a foto constituiu inicialmente um discurso não-verbal e, após, interpretada pela mídia jornalística como mostrado nas SDs, surgem as questões do refugiado e da migração (drama dos refugiados”, “crise migratória”, “tragédia dos refugiados”, “símbolo da crise migratória), fazendo com que esses fenômenos ganhem as principais capas de jornais durante determinado tempo. Isso não quer dizer que antes não existiam, mas a mídia jornalística faz parecer uma novidade numa tentativa de cristalizar a foto de Aylan em torno do fenômeno do refúgio.

No entanto, dado um tempo de notícias, o menino e a questão dos refugiados foram esquecidos pela mídia jornalística (Hjarvard, 2012), momento em que são substituídos por outras ocorrências aparentemente mais atuais. Por exemplo, no início de 2020 (momento em que estamos prestes a finalizar a tese), a mídia jornalística de modo globalizado privilegia a veiculação de notícias e informações sobre a nomeada pandemia causada pelo COVID-19, não se reproduzem mais notícias sobre a guerra na Síria, conflitos armados, fome nos países do leste da África, sobre os refugiados entre outros. Esse funcionamento é típico da mídia de maneira geral: da repetição do novo, inflando as tragédias, apontando e, ao mesmo tempo, causando mal-estar coletivo.

Neste seguimento, o discurso jornalístico, muitas vezes, contradiz o discurso capitalista, cuja função é tentar sanar o mal-estar do sujeito ao prometer o tamponamento da falta com objetos. Assim, compreendemos que, por um lado, o discurso jornalístico é atravessado pelo discurso capitalista quando tomamos as notícias trágicas como produtos de consumo e, por outro, desmente-o ao usar reportagens para denunciar uma falha/falta no sistema capitalista. Confirmamos, então, o quão o discurso jornalístico permanece em função do discurso capitalista, ora para afirmar, ora para contradizer. Lembrando que uma das

funções da mídia jornalística (enquanto aparelho ideológico) é garantir o *status quo* (a estabilidade social) ao noticiar de forma a manter a estabilidade de determinados sentidos.

Com relação aos efeitos de sentido, ressaltamos que o significante não é capaz de falar por si mesmo, ou seja, ele necessita de outro para estabelecer alguma amarração e constituir algum sentido. O Outro (conjunto de significantes ou a ideologia) determina os possíveis sentidos e a posição do sujeito²³ na cadeia de significantes. Devido à interpelação ideológica, esse movimento não é casual, nem espontâneo. A ideologia intervém no sentido de normatizar algo novo, dando-lhe interpretação e atribuindo um sentido.

Num primeiro momento supomos que essa interpretação era específica dos jornais brasileiros, no entanto, essa mesma associação foi encontrada em diversos jornais do mundo, como descreve alguns abaixo:

- 1) *Le Monde* (França): Réfugiés : une photo pour ouvrir les yeux. L'image d'Aylan Kurdi, 3 ans, retrouvé mort sur une plage de Turquie, restera comme l'emblème de cet afflux migratoire sans précédent que nous ne voulons pas voir.²⁴ (Fenoglio, 2015).
- 2) *Independent* (Reino Unido): Three years on from Alan Kurdi's death and life is no better for child refugees in Europe.²⁵ (Fallon, 2018).
- 3) *New York Times* (EUA): Image of Drowned Syrian, Aylan Kurdi, 3, Brings Migrant Crisis Into Focus.²⁶ (Barnard e Shoumali, 2015).
- 4) *Il Fatto Quotidiano* (Itália): Migranti, storia di Aylan: bimbo della foto-simbolo. Il papà: "Ho provato a salvarlo. La fotografia: "Ero pietrificata"²⁷ (Migranti, 2015).

²³ Segundo Pêcheux (1988), a posição sujeito é a decorrência da relação entre o sujeito do discurso e a forma sujeito dentro de uma determinada formação discursiva. Lembrando que em AD o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas interpelado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem. Nesse sentido, o sujeito que enuncia possui a ilusão de que ele é a origem do sentido daquilo diz.

²⁴ Uma foto para abrir seus olhos. A imagem de Aylan Kurdi, de 3 anos, encontrado morto em uma praia na Turquia, permanecerá como o símbolo deste fluxo sem precedentes de migrantes que não queremos ver (tradução nossa).

²⁵ Três anos depois da morte de Alan Kurdi e a vida não é melhor para crianças refugiadas na Europa (Tradução nossa).

²⁶ Imagem de Sírio Afogado, Aylan Kurdi, 3, coloca crise de migrantes em foco (Tradução nossa).

²⁷ Migrantes, a história de Aylan: criança foto-símbolo. O pai: "Tentei salvá-lo. Fotografia: "Fiquei petrificado". (Tradução nossa).

5) *20 minutos* (Espanha): Aylan Kurdi, la historia del niño cuya muerte ha retratado el drama de los refugiados.²⁸ (Aylan Kurdi, 2015).

6) *Hurriyet* (Turquia): Büyük dramın sembolü Aylan ve Galip²⁹ (Büyük dramın , 2015).

Não vamos analisar essas manchetes internacionais, utilizamos apenas como ilustração para apontar que a associação entre a foto e a crise dos refugiados ocorreu em outros jornais do mundo, visto que vivemos em sociedades letradas e conectadas pela internet. Porém, o modo como cada um é interpelado é diferente, assim como ocorre na clínica psicanalítica em que tomamos caso a caso. Para entender esse significante que foi associado à foto pela mídia jornalística, recorreremos ao conceito propriamente dito e seus deslizamentos na história e no discurso.

3.2 Sobre o significante refugiado

A mídia jornalística associa a imagem de Aylan com uma suposta crise dos refugiados:

O mundo enfrenta a pior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, segundo organizações como a Anistia Internacional e a Comissão Europeia. Mais de 350 mil imigrantes atravessaram o Mediterrâneo desde janeiro deste ano e mais de 2.643 pessoas morreram no mar quando tentavam chegar à Europa, segundo dados da OIM (Organização Internacional para as Migrações) (Foto chocante, 2015)

Os deslocamentos individuais ou em massa não são uma especificidade da modernidade, eles existem desde o início dos tempos. Para o historiador McNeill (2015), os humanos sempre foram seres migratórios, deslocando-se de um lugar ao outro com intuito de conseguir melhores condições de sobrevivência. No entanto, segundo, Castle e Miller (2004), após a Guerra Fria, houve um aumento considerável nas migrações internacionais, cujo agente é a globalização (Canclini, 2003), isto é, a abertura cada vez maior do mercado (capital) e da proliferação de redes transnacionais.

No sistema capitalista os movimentos de mercadorias e capitais quase sempre coincidem com os movimentos das pessoas ou de grupos. E quando eclodem as guerras, a migração forçada é inevitável, ou seja, aumento do fluxo migratório de países “menos

²⁸Aylan Kurdi, a história do garoto cuja morte retratou o drama dos refugiados (Tradução nossa).

²⁹O símbolo do grande drama Aylan e Galip (tradução nossa).

desenvolvidos” para os países “mais desenvolvidos”. Portanto, verifica-se que os sujeitos, as famílias, os grupos sociais migram em busca de melhores condições de vida, seja por questões financeiras, seja por questões relacionadas à segurança que englobam as pressões políticas e as ecológicas. Há o discurso de que os Estados estão cada vez mais afetados pela migração, tanto como países receptores quanto como países de emigração (Castle e Miller, 2004).

Bauman (2017) ainda afirma que há sempre interesses econômicos implícitos quando imigrantes e refugiados buscam condições de vida melhores e/ou asilo nos países mais ricos, esse fenômeno promove mão de obra barata, tornando o acontecimento lucrativo e promissor. Na modernidade, as populações dos países pobres e ricos funcionam como um “líquido e vasos comunicantes” (p.13).

Vejamos mais detalhadamente o significativo refugiado que surgiu no campo jurídico. Refugiado é considerado aquele sujeito que sai de seu país de modo forçado, diferente do imigrante que sai de seu país de origem por vontade própria, quase sempre por motivos econômicos. Para Rodier (2018)

« Migrants » n'est pas une catégorie juridique ; le terme désigne simplement les personnes qui, par choix, par nécessité ou par contrainte, quittent leurs pays pour aller s'installer dans une autre. Au contraire, « réfugié » est un statut encadré par la Convention de Genève de 1951, qui définit en outre les obligations légales des États qui l'ont ratifiée (c'est le cas de tous les pays de l'Union européenne). Les systèmes d'asile des pays signataires sont organisés en référence à cette convention La Convention de Genève ne parle pas seulement d'asile « politique » son champ est plus large : elle vise à protéger les personnes menacées de persécutions du fait de leurs opinions politiques, mais aussi de leur race, de leur religion, de leur nationalité ou de leur appartenance à un certain groupe social (p. 13)³⁰.

Por conseguinte, o termo refugiado está relacionado ao discurso jurídico (Andradem 1996). O sujeito, quando se encontra em alguma situação que o coloque em risco de vida, pode solicitar refúgio/asilo a outro país, mas existe um processo jurídico longo e incerto (Barrichelo e Araújo, 2014). A família de Aylan tentou inicialmente um pedido de asilo ao Canadá; depois de recusado, a família decidiu fugir usando botes ilegais (Silva, 2018).

³⁰ « Migrants » não é uma categoria legal; o termo simplesmente se refere a pessoas que, por escolha, necessidade ou coerção, deixam o país para se mudar para outro país. Pelo contrário, « refugiado » é um status enquadrado pela Convenção de Genebra de 1951, que também define as obrigações legais dos Estados que a ratificaram (como é o caso de todos os países da União Europeia). Os sistemas de asilo dos países signatários estão organizados em referência a essa convenção A Convenção de Genebra não fala apenas de asilo « político », seu escopo é mais amplo: visa proteger as pessoas em risco de perseguição por causa de suas opiniões políticas, mas também por causa de sua raça, religião, nacionalidade e seu pertencimento a um determinado grupo social (Tradução nossa).

Portantom, na concepção jurídica, Aylan não podia ainda ser considerado um refugiado como anuncia a mídia jornalística.

Contudo, a língua afeta a história, assim como a história afeta a língua. O termo refugiado é derivado de fugitivo, do latim *fugitivus*, “aquele que foge”, de *fugere*, “fugir, escapar” e de foragido, da expressão latina *foras exitu*, “saído fora” (Michaelis, 2020). A expressão possui fugir juntamente com o prefixo *re*, sendo que este pode ter três sentidos: 1) Repetição, como em “recarregar” (carregar de novo), “reler” (voltar a ler), “rever” (ver de novo). 2) Reforço, a exemplo de “rebuscar” (buscar minuciosamente), “revidar” (de “re + envidar”: responder ofensa com outra maior), “revirar” (virar muitas vezes), etc. 3) Retrocesso, recuo, como em “reflorestar” (recompôr a floresta), “reiniciar” (voltar ao início), “retornar” (voltar para o ponto de partida), etc. (Michaelis, 2020).

E Aylan fugia! Nesse aspecto, todo refugiado carrega o significante fugir, uma vez que “as palavras não têm sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas” (Orlandi, 1999, p. 43).

Bauman (2017) aponta a chegada de uma massa de refugiados – assim nomeados pela mídia jornalística – ao continente europeu. O autor diz que são verdadeiros estranhos à cultura europeia e capitalista, trata-se de um grupo de indesejáveis, episódio que corrobora para o retorno do discurso racista e *segregador*. Por sua vez, desemboca no sucesso eleitoral de partidos xenófobos, racista e chauvinista. Temos como exemplo a Frente Nacional, liderada por Marine Le Pen na França que afirma veemente “A França para os franceses”, que obtém votos mediante as tragédias como a de Aylan e sua família. A nosso ver, estamos aqui diante de uma tragédia contingente que é aproveitada para fins políticos partidários.

Akoda (2018) diz de uma complexidade em termos práticos da questão do refugiado, a autora chega a afirmar que o refugiado em si não existe devido à abrangência subjetiva desse conceito jurídico: “qu’il n’existe pas de réfugié en soi que les institutions compétentes pourraient identifier, pour peu qu’elles soient indépendantes ou en aient les moyens. Le réfugié est au gré des priorités politiques et des changements de rapports de force” (p. 16)³¹.

Em suma, « Le terme “réfugié” s’appliquera à toute personne (...) qui, craignant d’être persécutée du fait de sa race (*son origine*), de sa religion, de sa nationalité, de son appartenance à un certain groupe social ou de ses opinions politiques, se trouve hors du pays

³¹ não existe refugiados em si em que as instituições competentes pudessem identificar, se eram independentes ou capazes de pagá-lo. Os refugiados estão à mercê de prioridades políticas e em mudanças de relações de poder (p. 16, tradução nossa).

dont elle a la nationalité »³², esta definição dada pelo Haut Commissariat des Nations Unies aos refugiados (HCR).

De tal modo, o refugiado tem seu estatuto oficializado quando reconhecido pelo país que o acolhe, ou seja, o refugiado para ser reconhecido enquanto tal necessita da legitimação de um Estado (Outro abstrato). No entanto, os refugiados que conseguem tal status não condizem com o número real de pessoas que fogem de situação de risco e violência. Nos últimos anos, os nomeados refugiados (legais e ilegais) são principalmente sírios, afegãos, iraquianos e líbios.

Da perspectiva jurídica, a mídia jornalística, acometida pela memória discursiva, comete um ato falho³³ ao nomear Aylan de refugiado. Devido ao interdiscurso, que faz o sujeito associar naturalmente refugiado, fugir e guerra, o menino se torna um refugiado e, para além, torna-se um símbolo do drama dos refugiados. Segundo Tfouni (2013b), a memória discursiva não se origina no sujeito, mas se manifesta na enunciação. Trata-se do retorno de um dizer, uma vez que o significante carrega marcas de sua passagem por lugares da história, inscrevendo uma memória que se atualiza a revelia do sujeito, ou seja, de modo inconsciente. Essa incidência inconsciente afeta os modos de dizer e de atribuir sentidos, visto que a memória nada tem a ver com o tempo linear e cronológico, não se trata de contar a história:

Não se trata, pois, de ir procurar na sequencialidade de um domínio de memória, de um domínio de atualidade e de um domínio de antecipação a sequência natural do antes, do agora, e do depois, mas, sim, de nele caracterizar as repetições, as rupturas, os limites e as transformações de um tempo processual (Courtine, 2009, p. 111).

E, assim, a foto de Aylan enquanto símbolo dos refugiados entre para a história, passa a ser lembrada e reconhecida socialmente como o menino que representa o drama dos refugiados do início do século XXI. Para Tfouni (2006), existe uma articulação entre memória, língua e história que é indissociável do ponto de vista político. Todo enunciado tem caráter histórico, ou seja, existe um conjunto de dizeres possíveis e proibidos em determinado momento histórico, sendo interdito na mídia jornalística dizer qualquer coisa sobre Aylan que não seja sobre o refugiado. Aquilo que é da ordem do repetível, ao entrar em contato com

³² "O termo "refugiado" se aplicará a qualquer um que, temendo perseguição por causa de sua raça (origem), religião, nacionalidade, filiação de um determinado grupo social ou opinião política, está fora do país do qual ela tem nacionalidade." (tradução nossa).

³³ "... aquilo que resulta de um lapso de língua tem um sentido próprio. O que queremos dizer com 'tem um sentido?' Que o produto do lapso de língua pode, talvez, ele próprio ter o direito de ser considerado como ato psíquico inteiramente válido, que persegue um objetivo próprio, como uma afirmação que tem seu conteúdo e seu significado." (Freud, 1915/1996, p. 50)

um acontecimento novo, reatualiza a enunciação, podendo levar à emergência de um enunciado novo. Cabe à memória e a sua fissura regular, conservar e, ao mesmo tempo, promover um rompimento do interdiscurso.

A foto marca uma passagem histórica que funciona como um acontecimento, inaugurando uma nova história sobre os refugiados. A partir de então, quando nos referimos aos refugiados, há uma associação, devido ao efeito ideológico, com a foto de Aylan e os sírios (principalmente), afegãos, iraquianos e líbios, que antes eram associados aos judeus e grupos minoritários na época da Segunda Guerra. Essa última associação já existe no interdiscurso, mas foi atualizada no intradiscurso, no caso, com relação à população síria fugindo da guerra civil.

Vamos observar a história dos usos a que o significante refugiado serviu, a fim de destacar a memória dos dizeres possíveis que ele carrega, assim como as novidades que instaura. Na Convenção de Genebra (1951), o conceito de refugiado foi ampliado para que, a partir de então, se referisse àquelas pessoas obrigadas a abandonar sua terra natal e a procurar a proteção de outros Estados por terem sido ameaçadas de perseguição (ou efetivamente perseguidas) por motivos de raça, religião, nacionalidade ou filiação a determinado grupo social ou político.

Essa Convenção foi protocolada em 1967 como o alicerce do direito internacional dos refugiados. O Direito Internacional dos refugiados se formaliza somente após a Segunda Guerra Mundial, seu objetivo era proteger aqueles perseguidos/fugitivos em função da raça, da religião, da nacionalidade, da opinião política e, também, aqueles que apenas fogem das condições de guerra ou mesmo os que se encontram em grave violação dos direitos humanos (Rodier, 2018, Agier, 2016).

Foi criado em 1951 o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2005, 2010, 2013), cuja função é fiscalizar e zelar pela aplicação dos direitos aos refugiados. Em relação à fuga esta pode ser fundada em inúmeras situações que podem ser delimitadas em três categorias gerais: 1) a violação de direitos humanos, 2) a existência de conflito interno, 3) a existência de conflito internacional (Jubilut, 2007). A proteção garantida pelo ACNUR (2005) abrange os refugiados ambientais e os deslocados internos. Houve um protocolo em 1967, também sob a vigilância do ACNUR (2005, 2010, 2013), (Jubilut, 2007), que ampliava a definição de refugiado:

Art. 1º da Convenção, emendado pelo Protocolo de 1967, dá a definição de refugiado como sendo toda a pessoa que, em razão de fundados temores de perseguição devido à

sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer fazer uso da proteção desse país ou, não tendo nacionalidade e estando fora do país em que residia como resultado daqueles eventos, não pode ou, em razão daqueles temores, não quer regressar ao mesmo.

No artigo 33 está o princípio de *non-refoulement* que proíbe a expulsão ou devolução forçada dos considerados refugiados aos seus países de origem, “a menos que existam circunstâncias excepcionais claramente definidas e que justifiquem a adoção de tais medidas” (ACNUR, 2008, p. 19). O artigo citado declara que:

1. Nenhum dos Estados Contratantes expulsará ou rechaçará, de maneira alguma, um refugiado para fronteiras dos territórios em que a sua vida ou liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, da sua religião, da sua nacionalidade, do grupo social a que pertence ou das suas opiniões políticas. 2. O benefício da presente disposição não poderá, todavia, ser invocado por um refugiado que por motivos sérios seja considerado um perigo para a segurança do país no qual ele se encontre ou que, tendo sido condenado definitivamente por um crime ou delito particularmente grave, constitui ameaça para comunidade do referido país (ACNUR, 2013).

Portanto, a atribuição de outros significantes que possibilitará a produção de sentidos é determinada por processos semânticos e históricos. Como já vimos, o significante refugiado carrega em sua própria nomeação uma intensificação do fugir, além de um retorno, retrocesso e um reiniciar que afeta os modos de dizer e o lugar que ele é colocado nos discursos produzidos no século XXI: como aquele que não tem lugar, sai fugido de seu país, tem a intenção de retornar. Eles são colocados à margem, nas fronteiras, são excluídos, embora o discurso jurídico os inclua na letra da lei, além de determinar o princípio de *non-refoulement* explicado acima.

Atualmente, apesar de comparado com os refugiados de antes, Indursky (2012), faz o seguinte comentário sobre essa questão:

.... colocou-se, de acordo com a fórmula de George Simmel (1905), como aquele que “hoje chega e amanhã permanece”, mesmo que sob os auspícios de uma alteridade inquietante. Não é de se surpreender, portanto, que o princípio régio que orienta o acolhimento daqueles que vêm bater à porta pedindo refúgio, seja o do *non-refoulement*. Termo que amplamente traduzidos ao português por não devolução ao local donde este alega ser perseguido, mas cuja acepção psicanalítica nos sugere igualmente a ação do não recalcar. Não recalcar sua existência. Da posição marginal e invisível do início do século XX, verdadeiro sintoma da ordem política moderna, o refugiado passou a ocupar, pela movimentação de um contingente

populacional raras vezes visto antes das grandes guerras, uma posição peculiar nas políticas internacionais e consequentemente nas políticas públicas de cada Estado-Nação que, doravante, deveria regular o fluxo de demandas de ingresso em seu território. Aquilo que inicialmente era revestido pela razão humanitária supra-nacional passará pelo crivo do poder estatal, que sob a letra do non-refoulement, transformará uma política da invisibilidade em uma economia da suspeita (Indursky, 2012, p. 49).

A partir dos enunciados jornalísticos e dos regulamentos baseados nos direitos humanos (ONU, 1948, 1950, 1967), notamos que um Tratado, um Decreto, uma Convenção, uma lei, um Estatuto garantem a inclusão jurídica dos refugiados. Porém não há possibilidade de chegar-se a uma definição precisa sobre o que é um refugiado pelas leis estabelecidas, devido ao funcionamento da linguagem e do discurso que sempre esbarram em um ponto de impossível, dando origem à deriva e a outras interpretações. Como efeito, sempre é preciso alargar ou alterar os conceitos e definições previstos nas leis. Esse alargamento ocorre pautado na interpelação ideológica e nas condições de produção de cada época. Isso ocorre de modo geral no discurso jurídico.

Portanto, uma lei não garante na prática a inclusão social de determinados grupos (nomeados vulneráveis pelas ciências humanas) ou de qualquer outro grupo excluído, como afirma Bartijotto (2014):

As legislações, furadas e fracassadas, não dão conta inteiramente das problemáticas sociais, o que não quer dizer que não há o que fazer. Nesse âmbito, concordamos com Freud (1937/1986) sobre as três maneiras de contornar o impossível: educar, governar e psicanalisar; com afirmação de Pêcheux (1983/2008): “o real é impossível...que seja de outro modo” (p. 29); e com Lacan (1975-76/2007) na medida em que aponta um saber-fazer com a própria castração. O mal-estar aparece sob a forma de sintoma que remete à estrutura e não a algo que pode ser decifrado e solucionado. Nessa perspectiva, o fracasso está dado desde o início. Mas tal fracasso pode ser colocado como causa de desejo e de trabalho e não como um impedimento aos novos saberes e fazeres. Um conjunto de leis, normas, regras, Estatutos precisa estar pautado nas experiências anteriores, a fim de romper com aquilo que não funciona; manter aquilo que opera de alguma forma para possibilitar um avanço social; bem como criar novos dispositivos que privilegiam o simbólico, considerando a existência do sujeito do desejo e do real, e não pautado num ideal impossível de praticar (p. 35).

As legislações também são discursos e todo discurso é atrelado às redes de memória, ao percurso histórico, ao processo de identificações e atravessado pelo real. As condições de produção marcam o trajeto em que os dados da enunciação são tomados como discurso e não como fatos históricos. Assim não existe uma interpretação verdadeira, e sim um funcionamento discursivo.

As produções discursivas carregam de modo explícito ou implícito formações discursivas e interpretações anteriores, trata-se da incidência da memória (no sentido discursivo) e da repetição (na perspectiva freudiana) num acontecimento novo. No caso da foto, o refugiado anteriormente estava atrelado à Segunda Guerra, aos judeus e aos grupos considerados perseguidos. Existe um interdiscurso (memória do dizer) que não se presta mais à atribuição de sentido à foto, pois, como acontecimento, e conforme discutimos acima, há algo novo que irrompe aqui, produzindo perturbações nas formações discursivas dominantes, que já não conseguem mais englobar esse novo.

As leis e as convenções criadas durante a Segunda Guerra pela ACNUR (2013) não são suficientes para abordar as questões sociais da atualidade, uma vez que verificamos mudanças nas condições de produção, nas subjetividades e nas formas de laços sociais. É o mal-estar na cultura enquanto estrutura que insiste e se repete, mas de formas diferentes.

Deste ponto de vista do mal-estar, notamos que as SDs giraram em torno de dizer sobre a crise dos refugiados que determinam o aumento de deslocamento forçados, que, por conseguinte, causam fugas que têm levado a milhares de mortes, como anunciados em: SD6 (“Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória”), SD7 (“A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados”) e SD8 (“Menino morto em praia que se tornou símbolo da crise migratória fugia de cidade dominada pelo Estado Islâmico”).

Ao que nos parece, motivada por essa avalanche de notícias parafrástica após veiculação da foto de Aylan, a ACNUR e a ONU elaboraram um novo pacto global de migrações: as diretrizes do pacto foram adotadas em uma conferência internacional em Marrakech nos dias 10 e 11 de dezembro de 2018; 164 países aderiram ao termo, que não contou com a adesão dos Estados Unidos. O país alegou que as diretrizes do pacto eram divergentes da atual política do governo para imigração e o governo do Brasil (governo Bolsonaro) anunciou em 2019 que sairia do pacto global.

Observamos, assim, que na sequência que coletamos existem três discursos que se atravessam:

- 1) O discurso jornalístico: interpelam ideologicamente os sujeitos a crer que Aylan é um refugiado e que existe uma crise migratória, fenômenos tratados como fatos e não discursos.
- 2) O discurso político atrelado aos direitos humanos: a foto como denúncia de uma tragédia que revela uma crueldade de crise migratória, numa tentativa de chocar o mundo que necessita de humanização. Notamos que os jornais e os jornalistas (em sua

maioria) estão inscritos na formação discursiva dos direitos humanos: proibido formular outros efeitos de sentido que não se coadunam esse modo discursivo.

- 3) O discurso capitalista: objetivo é circular e vender imagens, notícias, informações etc. e as imagens como a de Aylan se tornam mercadorias.

De todo modo, é importante apontarmos que apesar da formulação de diferentes enunciados jornalísticos, todos apontam para uma possível resignificação do lugar do refugiado, passando da condição de invisível para visível, sensibilizando as instâncias políticas a promoverem maior abertura das fronteiras e asilo para os considerados refugiados.

A mídia jornalística faz denúncia, aponta para a falha do sistema capitalista, para a falha da democracia, para a falha dos direitos humanos, tocando numa questão política num viés ideológico, tomando, assim, a falha como falta. Porém, não toca na questão do sujeito do inconsciente. E seguindo Lacan (1964/2008) e Pêcheux (1975/1988) só há causa daquilo que falha (ou manca) e os sentidos que os jornais deram não resolvem a questão do sujeito do inconsciente e de suas formas no discurso, uma vez que o real *ex-siste* e não cessa de não se representar. O discurso jornalístico ao apontar à causa da morte de Aylan “foraclusi” (Lacan, 1957/1998) a impossibilidade de não haver falta, sustentando, assim, o mote de que tudo é possível (um dos pilares que tentamos sustentar nessa tese). Tanto o discurso jornalístico quanto as leis jurídicas que regem uma sociedade não tamponam a falta e não resolvem o mal-estar na cultura em virtude dela ser estrutural.

Fazemos um comentário breve sobre o termo *foraclusão*. Esse termo foi forjado por Lacan (1955-56/2010) a fim de traduzir a palavra *Verwerfung* encontrada ao longo da obra freudiana. Trata-se de um mecanismo de negação da castração característico das psicoses, mas não necessariamente pode ocorrer somente nessas estruturas. A palavra “*Verwerfung*” era utilizada por Freud (1915/1996) para de marcar uma rejeição ou uma abolição da castração, convém ressaltar que o recalque (conceito já explicado nessa pesquisa), é diferente de rejeição. Esse mecanismo é modo que o sujeito lida com o sem sentido, com o vazio que é de ordem estrutural.

Do que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então neste nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia (Lacan, 1955-1956/2010, p. 178).

La *Verwerfung* donc a coupé court à toute manifestation de l'ordre symbolique, c'est-à-dire à la *Bejahung* que Freud pose comme le procès primaire où le jugement

attributif prend sa racine, et qui n'est rien d'autre que la condition primordiale pour que du réel quelque chose vienne à s'offrir à la révélation de l'être, ou, pour employer le langage de Heidegger, soit laissé être (Lacan, 1954/1998, p. 387-388)³⁴.

Para Lacan (1955-1956/2010) aquilo que é recusado no simbólico, reaparece no real. As psicoses marcam que há um tempo lógico na constituição do sujeito do inconsciente que é anterior à simbolização, algo que impede a articulação entre recalçado e retorno do recalçado. Convém dizer que independentemente da estrutura sempre haverá algo que não é simbolizado e que, por isso, insiste em retonar. Desse ponto de vista, o foracluído sempre retorna como surpreendente e inquietante. Podemos dizer então que os jornalistas rejeitaram/foracliuíram a questão da morte de uma criança ao apontar e evidenciar a questão dos refugiados. Foraclusão daquilo que mais não tem sentido na existência: a morte.

Em última instância, há sempre um não sentido implicado no discurso, devido ao real que sempre marca o fracasso do sentido, uma vez que a “... forma-sujeito do discurso, na qual coexistem indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (Pêcheux, 1975/1988, p. 295). No entanto, o sujeito não é causa de si mesmo, ele é efeito de significante cujo funcionamento provoca a divisão do sujeito, assim a identificação dele ao significante nunca é completa. A interpelação ideológica e a identificação significativa ocorrem pela fantasia que articula o sujeito, o Outro e o objeto, e no caso da foto de Aylan esse o objeto é o próprio olhar que articula sujeito e Outro.

Os enunciados jornalísticos não dizem sobre como a foto de Aylan retorna estranhamente ao sujeito que olha, não diz de algo familiar que foi recalçado. Os enunciados são maneiras de contornar ou tamponar o vazio de sentido, dar conta do efeito-surpresa, dar conta do real, dar conta do objeto pulsional que emerge sem o *vel* ao sujeito: uma libra de carne que aponta o fracasso da felicidade na civilização.

De tal modo, retomamos a questão: como a foto de Aylan interpela o coletivo e afeta o sujeito naquilo que ele nem sabia que o habitava. Na sequência, para compreendermos a dimensão inconsciente que toca o sujeito ao olhar a foto, abordaremos a imagem através da pulsão escópica e do nó borromeu.

³⁴ A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa, senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser (Lacan, 1954/1998, p. 389).

CAPÍTULO IV

A FOTO ENTRE O IMAGINÁRIO E O REAL

Na imagem pode ser vislumbrado o encontro do sujeito com o real através do objeto olhar. Tem-se aí o real como uma pedra no meio do caminho, uma criança afogada no meio de uma praia. Olhemos para ela novamente.

Figura 15. Foto: Nilüfer Demir – 02/09/2015

Como a imagem produz um inquietante efeito no sujeito que a olha? Como o sujeito é olhado pela foto? Trata-se do *Unheimlich*? E, diga-se ainda, “.... a experiência do *Unheimlich* equivale a entrar na experiência visual e arriscar-se a não ver mais...” (Didi-Huberman, 1998, p. 226).

Neste contexto, vale destacar que os dispositivos midiáticos têm o poder de proliferar e pulverizar imagens e enunciados (Rancière, 2003). Porém, o compartilhamento em massa não depende somente desses dispositivos, uma vez que nem todas as imagens têm o poder de afetar um coletivo de sujeitos com tamanha intensidade. No caso da foto de Aylan, antes mesmo de se saber quem era, houve um impacto causado por algo que não se queria ver. Porém, através do poder oriundo da possibilidade de permitir o compartilhamento em larga escala inúmeras vezes, incessantemente, difundiu-se de modo viral nas redes sociais e na mídia jornalística. Esse acontecimento fez com que a Reuters (a maior agência internacional

de notícias do mundo com sede em Londres) anunciasse o seu poder de “viralização”: “a imagem perturbadora de uma criança capta o olhar, horroriza” (Troubling image, 2015, s/p).

Compreendemos, portanto, que para a foto de Aylan se reproduzisse de forma repetitiva, (ora replicada, ora transformada), deve haver algum elemento que desperta uma identificação em massa e uma rede associativa de memórias discursivas. Esse processo de despertar é inconsciente, correlato ao retorno do recaiado. O recaiado é exatamente aquilo que está na superfície, mas não se vê, podendo retornar ao eu sob a condição de que seja negado ou apagado (Freud, 1925/1996). O recaiado como já abordado é uma operação que apaga algo anterior (a morte de uma criança) e outro significante vem neste lugar (o refugiado), tratando-se em última instância de encobrir o vazio (um dos vazios de sentido é a morte) que constitui o sujeito e o discurso (Lacan, 1964/2008).

A morte, enquanto pertencente à estrutura ontológica, é, paradoxalmente, por um lado, algo que destitui a eternidade da existência humana e, por outro, oferece-lhe a condição de possibilidade de se fazer ser perante a essa consciência de finitude; consciência que é própria do ser humano. O sujeito se defronta com a (in)sistência da pergunta pelo sentido do ser e pelo sentido da morte. Essa questão passa a ter estatuto mais esvaziado com a inauguração do homem moderno (Descartes) e de certa forma com a inauguração do sujeito do inconsciente (Freud e Lacan).

Para Freud (1926/1996), toda angústia se remete à angústia de morte (*l'angoisse de la mort*) e a castração é uma espécie de simulacro da morte. A castração e a lei simbólica são materialidades da impossibilidade de saber sobre o que é a morte, sendo a angústia o sinal da castração e o eu se antecipa ao recalá-la. Lacan (1959-60/2008) propõe duas facetas da morte: a primeira é a morte real e a segunda é a morte do sujeito do desejo que se constitui a partir dos significantes cedidos pelo Outro. A primeira não há o que fazer diante dela uma vez concretizada; a segunda tem relação com a angústia enquanto afeto provocado pela ilusão do encontro entre sujeito e objeto suposto completar a falta. E a interdição (lei simbólica) inaugura a concupiscência, o desejo e a vida, sendo a fantasia e a angústia que obrigam o sujeito a manter o objeto de desejo a certa distância, sempre inalcançado (Lacan 1966-67/2008).

O momento em que o sujeito se depara com a imagem de Aylan, as duas mortes se fazem presentes, causando incômodo diante de um perigo, seja imaginário, seja real. Desse ponto de vista, a angústia de morte se instala quando o sujeito olha para a foto de Aylan, um medo da morte em si e um medo da castração, ambas as mortes se materializam, ou seja, as duas mortes se condensam na imagem: morte real e a morte do sujeito do desejo.

4.1 A foto como objeto de consumo

Para Sontag (1977), “.... uma foto é um segredo sobre um segredo Quanto mais diz, menos você sabe. fotos não explicam; constatam” (p.65). Algumas fotografias evocam um choque visual e não importa sua explicação ou significação, sendo aquilo que desperta é mais da ordem de uma afetação de ordem inconsciente. O sujeito diante das imagens que o mundo oferece encontra o imaginário, o simbólico e também o real, o que provoca redes e aciona a identificação do espectador (Metz, 1977). O sujeito ao olhar e ser olhado pela imagem satisfaz parcialmente sua pulsão escópica, o voyeurismo fundamental. Aumont (1993) afirma que

.... cada espectador se investirá de forma singular ao apropriar-se de certos elementos da foto que serão, para ele, como pequenos pedaços destacados do real. A foto satisfaz, assim, em particular, a pulsão escópica ... (p. 128).

Porém, com relação à foto de Aylan notamos um investimento afetivo coletivo, algo do particular é atravessado por algum elemento coletivo que empuxa o sujeito a não parar de olhar e replicar. A fotografia do menino sírio nos faz colocar a seguinte questão: a foto como arte retrata um sintoma social ou é agente da somatização coletiva?

A fotografia para Arbus (1985) é sempre uma ficção, uma montagem em que a máscara está presente, seja pelo olhar do fotógrafo, seja pelo olhar do espectador. A foto quando afeta o sujeito traz um objeto estranho que evidencia um artificialismo da imagem, mas eleva algo do duplo daquele que olha. Nesse jogo de mostrar e esconder, é evidenciada a falta na imagem especular (ver cap. 1). As fotografias de Arbus, por exemplo, apresentam “a queda do olhar, a falência do espelho e o triunfo do duplo; elas são os objetos estranhos” (Guerra, 2017, p. 78). A experimentação do estranho é a desorientação do sujeito que faz aparecer sem *vel* sua própria cisão, momento em que “não sabemos mais exatamente o que está diante de nós e o que não está ou então se o lugar para onde nos dirigimos já não é aquilo dentro do qual seríamos desde sempre prisioneiros” (Didi-Huberman 1998, p. 231).

A fotografia quando nos afeta, também nos diz algo que é parte de nossa realidade psíquica, criamos aquilo que sentimos, uma espécie de retorno do olhar como estranho que não se reduz a apenas um espelho, mas é familiar. A fotografia quando tem o poder de afetar o sujeito, há o espelho e há também uma novidade que se apresenta na obra. Ao olhar uma imagem, existe uma torção do objeto olhado para o objeto que nos olha, evidenciando algo para além da imagem e para além do *eu* e do *nós*.

O *Unheimlich*, segundo Didi-Huberman (1998), “é o lugar onde o que vemos aponta para além do princípio de prazer; é o lugar onde ver é perder, e onde o objeto da perda sem recursos nos olha. É o lugar da inquietante estranheza” (p.227). Nessa perspectiva, “o objeto *Unheimlich* está diante de nós como se nos dominasse, e por isso nos mantém em respeito diante de sua lei visual. Ele nos puxa para a obsessão” (p. 228), assim como na foto de Aylan que nos empuxa a compartilhá-la a ponto de viralizar nas mídias.

A criança da foto fazia a travessia do Mar Mediterrâneo na companhia dos pais, que fugiam da situação política e econômica da Síria em botes ilegais. Da família Kurdi, apenas o pai sobreviveu e a imagem do filho morto se transformou no símbolo (metáfora) dos refugiados. Até então, esses modos de fuga, em barcos ilegais, eram noticiados na mídia jornalística fazendo alusão a uma espécie de todo sem especificação, como uma massa que morre diariamente em tais condições. Sobre a ampla repercussão da foto, Safatle (2015) comenta no *Café Filosófico* (programa da Tv Cultura):

Vejam que coisa impressionante: foi graças à circulação de uma foto que uma política criminosa de bloqueio de refugiados em situação de vida ou morte teve que ser momentaneamente suspensa. Alguns poderiam dizer que isso seria a prova maior da irracionalidade do campo político. Por quê? Porque nós agimos por afetos. Nós não agimos por argumentos. Nós tivemos milhares de argumentos a respeito dessa questão, por exemplo, e nenhum teve a força, nenhuma discussão teve a força de desencadear os efeitos que uma foto foi capaz de desencadear (Safatle, 2015, comunicação oral).

Com relação aos afetos produzidos pela foto de Aylan, Silva (2018) propõe três explicações:

(1) é uma fotografia em que nos deparamos com a morte e que, de certa forma, escancara a noção de falência do sujeito. Isso porque tanto a fotografia quanto o próprio Aylan sintetizam uma ideia de fim, no sentido de não haver saídas. A imagem – porque revela uma criança morta aos 3 anos de idade, incapaz de sobreviver ao conflito – e Aylan, porque representa milhares de refugiados que não encontram outra solução senão fugir da guerra e procurar outro destino (e que, muitas vezes, sequer encontram espaço e amparo no lugar escolhido); (2) ainda que de forma velada, trata-se de uma imagem que carrega o horror cravado nos conflitos – porque nos remete às atrocidades que acontecem a tantas pessoas (como Aylan) e nos faz recordar de outras imagens em que a angústia dos refugiados é ainda mais explícita; e, por fim, (3) pela dor e pelo sofrimento que, sabemos, o garoto passou: apesar de ele não apresentar qualquer marca de violência visível, seu rosto, enterrado na areia, e sua fragilidade e vulnerabilidade, própria de sua condição e estado, atesta isso (Silva, 2018, p 93).

Hoffmann (2011) afirma que as fotografias possuem a capacidade de personificar catástrofes, oferecendo-lhe rostos; ele mesmo disse que ficou “emocionalmente chocado” com a foto do menino sírio. A própria fotógrafa anunciou que ficou “petrificada” ao ver o menino morto. “Pensei no meu filho”, chegou a afirmar o policial que carregou o corpo de menino sírio, mencionando também “não posso descrever com palavras a visão tão triste e trágica que era aquilo”. “É a foto do fracasso da Europa, do mundo desenvolvido”, decretou Elena Valenciano, deputada socialista do Parlamento Europeu. O papa Francisco definiu como “globalização da indiferença” (Fiquei petrificada, 2015, s/p).

A foto de Aylan morto apela a um sensacionalismo afetivo que a colocou como imagem-fetice. E as características que facilitam tal fetichização, segundo Metz (1977): 1) tamanho pequeno; 2) interrupção do olhar que ela provoca; 3) indicador de algo que foi e não é mais; 4) ausência do som e do movimento (ligação simbólica com a morte); 4) relação com o fora do campo, ou seja, com a castração. Esses atributos se aplicam a foto de Aylan. Além disso, a foto do menino dá credibilidade por ter semelhança com a realidade, por ter autoridade quem a tirou (jornalista), ter uma harmonia entre conteúdo, enquadramento, luz e, por fim, trata-se de uma fotografia com forte apelo afetivo para a sociedade moderna: uma criança morta.

Muitos na mídia (redes sociais) se identificaram com a imagem da criança morta: “Poderia ser meu filho”. Poderia ser esse UM mesmo que olha a foto e que aponta para essa inquietante estranheza que existe em nós mesmos. Trata-se desse “estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta de nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada” (Kristeva, 1994, p. 09). O que nos leva a concordar com Roudinesco (2008) que afirma estarmos numa sociedade em que dedica o “culto à transparência, à vigilância e à abolição de sua parte maldita..... (p. 153)”. Aqui nos deparamos com o funcionamento perverso e paradoxal em virtude dessa transparência edificada pela mídia que se manifesta numa espécie de imperativo categórico³⁵. Nesse imperativo das imagens, a mídia revela e dissimula práticas bárbaras e perversas.

Observamos que o corpo de Aylan está numa posição típica dos bebês ao dormir, de bermuda azul, camiseta vermelha e sapatos: essas roupas ocidentais – indício da globalização de objetos de consumo e do desejo – facilitaram a identificação em massa no mundo

³⁵ O imperativo categórico é um conceito da filosofia moral de Emmanuel Kant, formulada em três máximas: 1) age somente, segundo uma máxima tal, que possas querer ao mesmo tempo em que se torne lei universal. 2) age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, por tua vontade, lei universal da natureza. 3) age de tal modo que possas usar a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre como um fim ao mesmo tempo e nunca apenas como um meio (Kant, 1788/2004, 1781/1999).

ocidental. Percebemos um volume em sua bermuda que provavelmente seria uma fralda; tais índices parecem ter causado o potencial de afetação dos espectadores. “O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém, a cisão que separa dentro de nós o que vemos naquilo que nos olha” (Didi-Huberman 2010, p. 29).

O paradoxo se instala diante dessa imagem, algo dela nos remete a nossa própria cisão, a cisão do sujeito do inconsciente. Diante da foto, o sujeito abre para o desconhecido que o habita. Uma angústia se aloja e para Lacan (1962-63/2005), “a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (p. 64). A angústia não é ausência em si, mas o efeito que ressoa da presença mortífera do Outro suposto completo.

O duplo na foto de Aylan se produz na dimensão do olhar, sendo possível estabelecer uma relação entre memória, desejo e repetição. O duplo sobrevém condensado no desejo e no gozo do sujeito. Para Garcia-Roza (1986) “o absolutamente novo, o que jamais se deu na experiência, não pode ser temido. Só há *Unheimlich* se houver a repetição” (p. 26). Por isso, entendemos que a foto de Aylan faz retornar algo da repetição, algo percebido como trágico pelo sujeito que precisou ser recalcado, mas que num súbito olhar vem à tona. Há algo de insuportável e trágico na imagem de uma criança morta, sozinha numa praia.

A foto resiste a significar algo, uma vez que toca algo da própria morte, condição existencial de todos. A imagem de Aylan na mídia provocou o desejo de consumi-la e de exercer algum poder de produção de sentido sobre ela. Assim, a imagem do menino sírio parece que evoca algo da ordem do real ao horrorizar e petrificar o sujeito que olha. Não se trata somente de refugiado morto, nem da crise imigratória, nem de crise humanitária (interpretações possíveis), mas da própria imagem. Ao mesmo tempo em que a olhamos a consumimos e somos consumidos como a cabeça da medusa (Tfouni, 2013a). O fator importante a ser ressaltado aí se refere a uma fetichização da imagem: a possibilidade de esta ser transformada em mercadoria, professando a lógica do discurso capitalista. Nessa perspectiva, podemos dizer que o discurso capitalista mercantiliza o próprio olhar (Bettis, 2007).

Para Debord (1997) “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos” (p. 13). Na atualidade, devido à mídia, o sujeito contemporâneo gira em torno do ver. Como efeito, o mundo subjetivo se depara todo o tempo com um amontoado de imagens, sendo que algumas hipnotizam o sujeito e outras não. “O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele

mesmo. (p. 17).” Assim, a vida privada é virada do avesso e transformada em espetáculo para as massas.

A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a fazer ver, serve-se da visão como o sentido privilegiado (Debord, 1997, p.18).

O espetáculo do consumo visa absorver a visão e nos poupar – ou até mesmo impedir – do estranhamento subjetivo causado pelo desejo de olhar ou pelo olhar do desejo. Para Bettis (2007) existem dois modos de espetacularização: um da ordem do ver que fascina e acalma (dimensão imaginária) e o outro da ordem do olhar que causa estranhamento (dimensão simbólica) e interroga o sujeito a respeito da causa do mal-estar na cultura (dimensão real).

O imaginário contemporâneo entrou na ordem da mídia e da circulação de imagens. As novas tecnologias promovem quase que uma correspondência entre sujeito e imagem, constituindo uma realidade virtual que é confundida com real. Para Garcia (1995), “a imagem é apenas a atualização provisória de um conjunto de leis simuladoras de um mundo possível e autônomo” (p. 101). No caso da foto de Aylan, além de ter sido espetacularizada, torna-se um objeto de manipulação e uma mercadoria. A foto torna-se um produto de consumo para o olhar alheio.

Como anuncia Nagayama (2016),

Das mais de um milhão de pessoas que migraram em direção à Europa em 2015-2016, talvez o menino Aylan Kurdi tenha sido um dos poucos, se não o único até agora, que tenha tido sua identidade globalmente divulgada e conhecida. Em um perturbador paradoxo, é no silêncio da morte que o menino curdo ganha nome e sobrenome, quando seu cadáver, apreendido e midiático, pode assim se fazer voz de outros, testemunho por muitos. Em um sintoma da modernidade líquida de Bauman, ainda que tendo adquirido rosto e identidade nessa sobrevida natural, o menino também ainda não escapará de seu destino de fluidez, efemeridade e esquecimento (p. 36).

Para Cartier-Bresson (2008), a fotografia é uma operação instantânea, uma forma de expressão do mundo em termos visuais, mas também uma busca pela verdade, sendo, ao mesmo tempo, o reconhecimento de um fenômeno num instante determinado e a rigorosa

disposição de formas percebidas, que possibilitam as significações de um dado recorte no tempo.

La photo, c'est la concentration du regard. C'est l'œil qui guette, qui tourne inlassablement, à l'affût, toujours prêt. La photo est un dessin immédiat. Elle est question et réponse (Cartier-Bresson, 1978, p. 05).

La composition doit être une de nos préoccupations, mais au moment de photographier elle ne peut être qu'intuitive, car nous sommes aux prises avec des instants fugitifs où les rapports sont mouvants. Pour appliquer le rapport de la section d'or, le compas du photographe ne peut être que dans son œil. (Cartier-Bresson, 1985, p. 12).³⁶

Existe um instante decisivo no ato de fotografar, segundo Cartier-Bresson (2008), ou seja, um instante no qual todos os elementos que se movem ficam em equilíbrio que é quando a fotografia deve intervir, tornando o equilíbrio imóvel. O olhar e a posição do fotógrafo podem modificar radicalmente a perspectiva de uma imagem. Outras vezes, há a intuição de que todos os elementos da foto estão lá, exceto por um pequeno detalhe. Deste modo, o fotógrafo manipula a imagem por meio da câmera de modo consciente, mas também de modo inconsciente, ou seja, o fotógrafo é um sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo enquadramento de sua própria fantasia no ato de fotografar.

Tfouni, Monte-Serrat e Pimenta (2012) articulam a fotografia e o instante decisivo de Cartier-Bresson (2009) ao conceito de ver e de olhar: trata-se de um acontecimento em que a fotografia capta e fixa um instante fugidio. Vale destacar que, quando se trata do olhar, o sujeito é convocado a um lugar de interpretação, pode-se dizer que nesse ponto o olhar opera ao passo que a visão não deixa espaço vazio e cria um efeito de estabilidade de sentido. Desse modo, a perspectiva da visão é uma estabilidade semanticamente estável e o olhar é da ordem do insólito, um acontecimento que rompe com a consistência de um sentido já estabelecido, deslocando as fronteiras das formações discursivas ao produzir efeitos de sentido inesperados.

A invenção da fotografia, segundo Rivera (2013), provoca uma mudança na relação do sujeito com o objeto, uma vez que a distância entre representação e referente se torna tão próxima que o sujeito confunde real e imaginário. Fotografar uma criança morta, em sofrimento, ou em situação de barbárie e fazê-la circular na mídia é uma questão política, ética e de responsabilidade, pois, conforme afirma Pêcheux (1983/2008), “os momentos de

³⁶A foto é a concentração do olhar. É o olho que espreita, que gira incansavelmente, à espreita, sempre pronto. A foto é um desenho imediato. É pergunta e resposta (Tradução nossa).

A composição deve ser uma de nossas preocupações, mas quando se trata de fotografá-la só pode ser intuitiva, porque estamos lidando com momentos fugazes quando as relações estão mudando. Para aplicar a proporção da seção de ouro, a bússola do fotógrafo só pode estar em seu olho. (Tradução nossa).

interpretação (são) atos que surgem como tomada de posição” (p. 57). Mariani e Medeiros (2011) ressaltam: "pensar em uma ética jornalística implica pensar em uma ética do jornalismo em uma sociedade capitalista contemporânea, regida pela lógica do mercado" (p. 84).

Outrossim, a decisão de fotografar e colocar em meios de grande circulação, como o jornal, determinadas imagens, perpassa uma dimensão ética, mas, também, uma demanda do mercado capitalista. Devido ao discurso capitalista tudo vira mercadoria, portanto, "não se dá fora da lógica do mercado que tudo transforma em mercadoria a ser consumida: fotos, vidas..." (Mariani e Medeiros, 2011, p. 84). O olhar se satisfaz nesse imaginário paranoico que se manifesta nas fotografias de violência e de tragédias, que permanecem sem se apagar.

À procura de indícios para interpretação e compreensão da fotografia de Aylan, observamos que ela não mostra o rosto inteiro da criança, apenas um perfil. Desse modo, o espectador pressente uma lacuna de sentido, indiciando um insuportável de ser visto, o insuportável de ver o rosto de uma criança morta. Assim, a imagem, ao mesmo tempo em que mobiliza o olhar, que evoca sua dimensão, é censurada pelo apagamento de seu rosto. Retrata algo chocante, que horroriza e petrifica, causando o empuxo ao olhar, para algo que não queremos ver mais uma vez. Poderíamos apostar, então, que se trata de um paradoxo³⁷.

O paradoxo contém uma relação interna de contrários: dói e não se sente; contentamento descontente, ganha em se perder etc. Estes enunciados desafiam a lógica aristotélica e a estabilização de sentidos, e por isso tomamos a foto como um paradoxo que nos leva a pensar sobre o rompimento da formação ideológica da sociedade capitalista moderna.

A igualdade não traz nenhum questionamento, mas quando surge a diferença, quando as coisas são esquisitas, como se diz, quando as coisas são paradoxais, é nesse momento que vamos pensar sobre elas. Quando elas são todas iguais não há o porque pensar no momento em que surge a alteridade, em que surgem os conflitos, em que a diferença sexual, a diferença de idade, a diferença de classes...a partir desses

³⁷O paradoxo é uma figura de pensamento que consiste na apresentação de ideias contraditórias numa mesma sentença (Corrêa, 2011). Um exemplo célebre da língua portuguesa é o soneto de Camões:

Amor é fogo que arde sem se ver; É ferida que dói e não se sente; É um contentamento descontente; É dor que desatina sem doer; É um não querer mais que bem querer; É solitário andar por entre a gente; É nunca contentar-se de contente; É cuidar que se ganha em se perder; É querer estar preso por vontade; É servir a quem vence, o vencedor; É ter com quem nos mata lealdade. Mas como causar pode seu favor; Nos corações humanos amizade, se tão contrário a si é o mesmo Amor?

momentos temos que pensar, que refletir, porque as coisas não são tão harmoniosas (Corrêa, 2011, p. 14).

Como a pulsão funciona como um paradoxo, uma vez que implica vida e morte, compreendemos que essa foto provocou um encontro com o real pulsional (o traumático). Desse modo, a partir da foto, o sujeito se depara com um mal-estar na cultura que já está dado e não cessa de se repetir. Nessa perspectiva, o encontro com a imagem de Aylan remete à condição existencial que é sempre trágica, pois não há sentido prévio para o viver/morrer; a existência está marcada por uma falta constitutiva e uma finitude.

Com o intuito de analisar a foto enquanto imagem que toca o sujeito do inconsciente, nós consideramos importante articular o poder da mídia ao funcionamento da pulsão escópica, segundo as propostas teóricas de Freud e Lacan.

4.2 Do circuito pulsional na imagem fotográfica

Lacan (1964/2008) anuncia antecipadamente o poder da pulsão escópica, cujo objeto é o próprio olhar:

Talvez que traços que aparecem em nossos dias de maneira tão explosiva sob os aspectos do que chama mais ou menos propriamente os *mass-media*, talvez que nossa relação mesma com a ciência que cada vez mais invade nosso campo, talvez que tudo isto se esclareça pela referência a esses dois objetos, cujo lugar já lhes indiquei numa tétrade fundamental – a voz, quase que planetarizada, senão estratosferizada por nossos aparelhos – e o olhar, cujo caráter invasor não menos sugestivo, pois por tantos espetáculos, tantas fantasias, não tanta nossa visão que é solicitada, mas o olhar que é solicitado (p. 259).

Na atualidade da sociedade ocidental, segundo Quinet (2002), existem diversas formas dos imperativos do ver: fabricação de celebridades, câmeras espalhadas por todo lugar, mídias que ditam regras na televisão e internet, olhares e espionagens dos sistemas das redes sociais em cima de seus usuários etc. Podemos realizar uma substituição lógica: ao invés do “penso, logo existo” tem-se “sou visto, logo existo”. De modo similar ocorreu com a foto de Aylan: vejo a imagem do menino morto, logo o reconheço como um refugiado. Esse poder de viralização possibilitou que o mundo se voltasse para uma questão política, uma espécie de tomada de consciência coletiva da guerra que assola a Síria e outros países do Oriente. Para

além da tomada de consciência de algo de ordem política, temos aí, de modo concomitante, uma imagem que toca na relação do sujeito com o trauma pulsional.

Para Bettis (2007), no mundo virtual, o sujeito vê aquilo que fascina,

.... seja na dimensão da beleza ou do horror, mas que de alguma forma confirma um traço ligado à identidade do eu de cada um. Ou seja, a imagem dada a ver fascina, e o significante que vem do olhar do Outro interroga a imagem vista, interroga a completude de gozo que ela veicula, introduzindo tanto a falta constitutiva do sujeito desejante como a falta radical da morte (p. 56).

A diferença entre ver o que a foto mostra e olhá-la com um olhar a mais, vincula-se à questão da pulsão escópica. O olhar está para além do ver, como propõe Quinet (2002), trata-se de um “olhar a mais”. Na foto de Aylan o sujeito é convocado a esse olhar a mais. Trata-se de um agenciamento não somente do ver e do ser visto, mas de um gozo do olhar. O imperativo de gozo, através do olhar, invade o sujeito e suas relações com o outro. Tudo é possível de se tornar um espetáculo na mídia, qualquer imagem pode horrorizar, petrificar e hipnotizar o sujeito e isso dependerá do modo de interpelação pela ideologia.

Para Rivera (2006), a imagem está entre dois extremos: ilusão e impossibilidade. A ilusão como tentativa de apreensão de um sentido fixo e estável e impossibilidade que se

.... trata daquele ponto fugidio, de localização lábil, que nos obriga a fechar os olhos, diante da imagem, pois ele é pontiagudo, capaz de atingir, furar (os olhos): o *punctum*. Este é de localização estritamente subjetiva, justamente porque corresponde ao ponto em que a foto toca e põe em movimento pulsional o sujeito (Rivera, 2006, p 73).

Compreendemos que o que está em jogo é o poder que a fotografia de Aylan teve para convocar a pulsão escópica, hipnotizando e petrificando o sujeito. Alargaremos esse tópico a fim de compreender a estrutura do sujeito da psicanálise na sua relação com o olhar. Esse olhar determina de modo inconsciente o poder de uma imagem bem como a relação que a pulsão tem com a ideologia.

Para Freud (1912, 1915, 1920, 1923/1996), a pulsão é a força motriz do aparelho psíquico, é um conceito teórico que delimita a fronteira entre o psíquico e o somático, é a instância econômica do sujeito do inconsciente. Não se trata somente do fisiológico, mas, também, do simbólico. No campo do simbólico a pulsão está articulada à linguagem, enquanto cadeia de significantes, que se materializa na produção de imagens e enunciados e, se há linguagem em funcionamento, há ideologia. A pulsão é um estímulo que não vem do exterior, vem do próprio corpo, uma fonte de excitação interna da qual o sujeito jamais poderá

fugir, não é momentânea, e, sim, uma constante. Os acontecimentos externos podem servir de gatilho para reatualizar uma cena inconsciente.

Freud (1915/1996) delinea três tempos no processo de olhar e exhibir: a) o olhar como uma atividade dirigida para um objeto estranho; b) o desistir do objeto e dirigir a pulsão escópica para uma parte do próprio corpo do sujeito; c) a introdução de um novo sujeito a fim de ser olhado. Existe um tempo anterior ao primeiro em que a pulsão escópica é autoerótica já que o objeto é parte do próprio corpo e, mais tarde, é substituído por uma parte análoga ao corpo do outro, conforme segue apresentado abaixo:

- a) Sujeito olha a foto de Aylan (voz ativa) = olhar dirigido ao objeto estranho
- b) O sujeito é olhado pela foto, um estranho (voz passiva): momento em que o sujeito é capturado.
- c) A foto convoca algo de ordem inconsciente do sujeito que olha: identificação. O sujeito se olha na foto (voz reflexiva).

Para Freud (1915/1996), o objeto escópico se apresenta no campo da mensagem da função narcísica. Nesse sentido, podemos apontar que a imagem de Aylan causa uma petrificação, pois aponta para a ferida narcísica do sujeito, revelando algo do insuportável e intolerável da imagem: a morte.

Com relação ao paradoxo que a foto implica – olhar, não olhar, compartilhar – explicamos a partir da satisfação da pulsão, que é sempre parcial e ambígua, ou seja, é um conflito entre três instâncias psíquicas: o princípio de realidade, o princípio de prazer e o princípio do além do prazer. Trata-se, aqui, do prazer no sofrimento, no caso da foto, do prazer/gozo inconsciente ao olhar uma cena traumática.

O fator quantitativo do representante pulsional pode ser inteiramente suprimido - de modo que não se encontram vestígios dele -, aparecer como afeto ou ser qualitativamente investido, sendo transformado em angústia (Freud, 1915/1996). O sujeito não pode recordar a totalidade dos conteúdos inconscientes, mas a repetição em ato é uma forma de retorno do recaiado sem a recordação consciente. Desse modo, o sujeito repete um conteúdo primitivo como se fosse uma experiência contemporânea. Assim ocorre ao olhar a foto de Aylan: o sujeito se depara com um significante que foi recaiado, mas emerge como angústia, sem que o sujeito se dê conta que a imagem a personifica.

Freud (1923/1996) postula dois modos principais de pulsão de morte e vida, que podem fundir-se, ligar-se ou separar-se. Trata-se de pares de contrários que se manifestam em dois anseios, amor e ódio. O amor pode se transformar em ódio e vice-versa, pois a fronteira entre eles é tênue, ou seja, atitudes hostis ou amorosas por uma questão econômica de

descarga da pulsão se invertem. A satisfação de uma pulsão, então, pode tomar o lugar da outra e a tentativa de união trata-se de uma característica do eu. A foto de Aylan causou nos espectadores amor e ódio.

O paradoxo do amor e do ódio afirma a existência de uma distribuição dos investimentos significantes, que instaura no sujeito o paradoxo da fantasia pulsional indicado pelo algoritmo $\$ \langle \rangle a$ (fórmula referente a um sujeito dividido entre dois significantes que se junta e se disjunta do objeto ao mesmo tempo). A pulsão possibilita o enlaçamento entre sujeito, Outro e objeto, possibilitando, assim, o encontro do sujeito com a imagem. Esse enlaçamento é sustentado pela fantasia, uma cena que possui uma dimensão imaginária e simbólica e que faz parte da estrutura do sujeito do inconsciente (Lacan, 1964/2008). Trata-se de uma imagem que horroriza o sujeito e o petrifica, remetendo a essa junção e disjunção implícita na estrutura da fantasia, que irá se manifestar nas formações imaginárias e discursivas.

Para Lacan (1964/2008), a pulsão contorna o objeto e retorna para seu ponto de partida. É um movimento cíclico que cria um contorno ao redor do objeto a que se manifesta no olhar. Então, a pulsão não atinge seu objeto, apenas o cerca; dialeticamente, cria um vazio, ao mesmo tempo em que o escamoteia, veja a figura abaixo:

Figura 16: circuito pulsional (Lacan, 1964/2008)

À vista disso, perguntamo-nos se há a emergência de um vazio na foto de Aylan. Compreendemos que quando o sujeito olha a foto e esse olhar remete a algo dele, logo ele se olha naquela imagem, uma imagem que o petrifica por mostrar algo dele mesmo. Essa petrificação o conduz a um lugar vazio, nesse lugar o sujeito é convocado a preencher e o

recurso que possui são as formações imaginárias (aqui o sujeito recorre ao interdiscurso através de sua moldura fantasística).

Deste modo, a fantasia se configura a partir do encadeamento de significantes. Segundo Lacan (1968-69/2008), o significante não pode significar a si mesmo e essa articulação está sustentada pela teoria dos conjuntos. Essa teoria concebe que um elemento não pode ser um conjunto e pertencê-lo a esse mesmo conjunto, não sendo possível reduzir a linguagem a um conjunto fechado visto que não há um universo do discurso.

A fantasia está estruturada como uma linguagem tendo uma estrutura gramatical que se manifesta em forma de enunciado/enunciação. Trata-se de um nó entre sujeito na sua relação com o imaginário e com o simbólico: “Um nó indissolúvel reúne a função do eu à relação imaginária nos contatos do sujeito com a realidade, e o faz na medida em que essa relação imaginária é utilizada como integrada no mecanismo significante” (Lacan, 1957-58/1999, p. 244). O circuito pulsional é o circuito do significante.

Em suma, na pulsão escópica o primeiro tempo se dá na voz ativa (o momento de ver), momento em que o gozo é causado pela demanda do Outro (eu olho); no segundo tempo (momento de compreender) a pulsão contorna o objeto olhar indicando a voz reflexiva (eu me olho na imagem exterior); no terceiro tempo (momento de concluir), o circuito pulsional retorna à borda corporal do olho, é a voz passiva, sou olhado pelo Outro, lugar onde o sujeito goza (ver figura 16). É uma estrutura circular que recai sempre no sujeito que se faz olhado, ou seja, o sujeito se vê a si mesmo na imagem de Aylan, ele se olha e goza com o ser olhado na medida em que é convocado ao lugar de interpretação de um vazio que se manifestou na repercussão que a foto causou na mídia jornalística.

Podemos articular a relação do sujeito com a foto de Aylan em três tempos: o sujeito olha a foto e se angustia sem compreensão. Num segundo momento, essa foto retorna ao sujeito como algo familiar, tocando algo de ordem inconsciente, tempo em que esse mesmo sujeito é olhado pela imagem. O terceiro tempo trata-se de uma busca pelo sentido, uma maneira de contornar o *Unheimlich* ou o mal-estar que aparece na imagem. Uma imagem que convoca aquele que olha a interpretá-la: quem é esse aí da foto que toca algo de mim? Existe o momento de concluir em que ocorre outra torção, momento da revelação de que o Outro é uma continuidade do sujeito, e esse momento não é dado numa perspectiva midiática, sobrevém somente na singularidade do sujeito.

Uma ilustração sobre tal funcionamento, encontramos em Tfouni, Bartijotto e Molena (no prelo) que analisam três fotografias de Sanja Iveković, nomeada *Women's House (Sunglasses)*” (Iveković, 2002/2011). Essas três fotos são de mulheres que usam óculos de

grandes marcas que a princípio parecem ser fotos de publicidade, logo abaixo das fotos há depoimentos de mulheres que eram agredidas pelos seus companheiros. As autoras marcaram o impacto da obra sobre o sujeito-espectador, levando em consideração o funcionamento escópico, ou seja, o encontro do sujeito com o real sustentado aqui pelo olhar. Além disso, situam as fotos como um modo de denunciar a perversão que há nos objetos de consumo oferecidos pelo capitalismo.

O objeto olhar regula a relação do sujeito com a arte. Nessa relação, o sujeito é fisgado pela obra e não o contrário: a particularidade da arte é sua exterioridade que captura o sujeito, o que opera uma subversão na ideia corrente de contemplação da produção pelo sujeito-espectador. Nessa lógica, o produto artístico capta o tropeço do espectador diante de um pedaço do real, figurado no minuto inquisidor do encontro entre sujeito e real. O objeto pulsional (ou o objeto *a*) é esse pedaço do real, por esse motivo, a contemplação de uma obra de arte equivale à satisfação pulsional (Tfouni, Bartijotto e Molena, 2020, no prelo).

As autoras observam que o

.... sujeito-espectador é capturado no instante em que é desequilibrado e precisa sair do lugar acomodado de uma leitura imposta pela ideologia dominante, que reclama pela estabilização dos sentidos. Essa estranheza (provocada pela contradição entre a fotografia, o relato e a ocultação das marcas dos óculos) faz emergir o objeto escópico, o supressor da representação subjetiva; é o momento em que se instala algo da ordem do real, ou seja, o impossível de significar (Tfouni, Bartijotto e Molena, 2020, no prelo).

A foto de Aylan, assim como as fotos (+depoimentos) de Sanja Iveković, desestabiliza a unidade imaginária, causando um choque que produz algo fora da representação já dada. A imagem (ou a fotografia) provoca um encontro com o não-sentido, brotando aí uma hiância que clama por um novo encadeamento significante. Trata-se não do contorno do vazio, mas, sim, do encontro do sujeito com a imagem, esse que sinaliza uma fenda no próprio sujeito.

Ao articularmos, assim, a pulsão escópica com a imagem que viraliza, remetemo-nos a outra dimensão, que decorre e se coaduna da função pulsional: a mercadoria no discurso do capitalista, o que também ocorre nas fotos de Sanja Iveković. Para F. Tfouni (2003) existe uma espécie de fetichismo no produto de consumo, que convoca o sujeito a realizar sua fantasia que envolve uma ordem ideológica. Isso se deve à dimensão “do assujeitamento comum que é subjacente à intersubjetividade falante: há uma aversão imaginária compartilhada de Outro, como instância simbólica, mediante o qual o sujeito organiza sua simbolização particular para sustentar a unidade imaginária do seu eu” (Sarti, 2014, p.

176). Essa unidade de eu é rompida quando o espectador olha a imagem do menino morto, emergindo aí um mal-estar/ *Unheimlich*.

Para Guerra (2017), o *Unheimlich* precisa de circunstâncias particulares para ocorrer, pois o olho institui a relação fundamental que tende a fazer desconhecer, na relação com o Outro, “que por trás do desejável há um desejante. Reflitam sobre o alcance dessa formulação, que acredito poder oferecer como a mais geral sobre o surgimento do *Unheimlich*” (Lacan, 1964-65/2005, p. 295).

Com o objetivo de ilustrar a topologia do *Unheimlich* numa relação com a foto de Aylan, utilizamos o nó borromeu (ver segundo capítulo) para elucidar a posição que a imagem pode vir a ocupar para o sujeito que olha: entre o imaginário e o real, lugar de gozo Outro, esse elemento que nos olha quando vemos. Trata-se de um tempo em que não há atravessamento do simbólico. Vejamos as duas figuras abaixo:

Figura 17. *Unheimlich* e a angústia no nó borromeu

Na figura do nó borromeano achatado, temos três áreas de dupla sobreposição que excluem um dos três registros, colocando-o em uma posição de *ex-sistência*: gozo do Outro JA (sem o Simbólico), gozo fálico JΦ (sem o Imaginário, sem o corpo) e sentido (sem Real). Pela abertura dos registros, Lacan (1974-1975/2007) destaca o furo de cada um deles: "algo *ex-siste* por só ser suponível na escrita pela abertura da rodela em reta infinita" (p. 25). Se todas as rodela fossem consistentes, não seria possível seu enlaçamento; a relação entre duas consistências só é possível se uma terceira se coloca como *ex-sistência*. Entre imaginário e simbólico, inscreve-se a função do sentido; entre simbólico e real, a função do gozo fálico; e entre real e imaginário, a função do gozo do Outro. Na intersecção dos três registros temos o

objeto *a*, lugar que marca o furo e, por efeito, a incompletude do sujeito falante, lugar em que se escreve a falta.

O sujeito para se defender do despertador do *Unheimlich* (emerge na intersecção entre imaginário e real) provocada pelo duplo coloca um sentido nas coisas dadas a ver. Trata-se de formas de contornar/furar essa inquietante estranheza que aparece de modo surpreendente e que retorna na forma de angústia e como sinal do desamparo. Perante o duplo, o sujeito rememora uma ficção traumática do desamparo que é singular e no momento seguinte já tenta tamponá-la com um determinado sentido. A foto de Aylan aponta para a morte e não existe significação para tal, porém, a morte temida psiquicamente é de outra ordem. Freud (1919/1996) considera o medo da morte como análogo ao medo da castração.

Diante dessas considerações, apreendemos que a questão de a foto ter sido amplamente circulada não é porque Aylan era um suposto refugiado, não foi devido à suposta crise migratória. Os jornalistas sim que fazem essa tomada de consciência, processo típico da interpelação ideológica, já explicada no segundo capítulo. Na realidade, a foto não circulou e nem horrorizou o mundo devido à fuga de guerra, mas, sim, por evocar diante de uma criança morta e sozinha a angústia primordial.

Retornemos mais uma vez à questão formulada inicialmente: por que a foto de uma criança morta despertou uma comoção generalizada? Focamos no ponto de ser uma criança e sabemos que esse significante possui um lugar privilegiado no imaginário moderno e ocidental. Por isso recorremos no próximo capítulo ao arquivo de memória do que é ser criança, o que é a infância na atualidade e sobre o infantil a fim de compreender tamanha comoção que essa foto provocou. Admitimos, assim, que a foto de Aylan nos interroga sobre a relação do sujeito com a imagem da criança e como somos afetados pelo infantil (segundo a cocepção de Freud).

CAPÍTULO V

DO INFANTIL AO DISCURSO SOBRE A INFÂNCIA

Aylan estava no lugar errado e no momento errado, aquele não era o ambiente de uma criança, sua travessia do mar não era uma brincadeira, aquilo não é a infância que está no ideal da sociedade moderna ocidental. Para apreendermos o lugar que a criança ocupa no imaginário social, devemos operar com as noções de formações discursivas e interpelação ideológica. Isso porque o lugar atribuído socialmente aos sujeitos muda em função do momento histórico e da cultura onde estão inseridos.

Da perspectiva da psicanálise, temos o termo *infantil* que se difere (e que não devemos confundir) da criança e da infância. O infantil é o inconsciente, afirma Freud (1915/1996, 1918/1996), e está associado ao desamparo primordial e à angústia. A parte infantil do sujeito equivale àquilo que é traumático (inserção do sujeito no campo do simbólico) e que permanece inconsciente, mas não deixa de produzir efeitos no sujeito, que se manifesta nas formações do inconsciente. A psicanálise rompeu com a cultura baseada na inocência universal das crianças e introduziu as dimensões da singularidade e do desejo – sexualidade infantil e inconsciente. Existe, portanto, uma intrínseca relação entre a sexualidade e a linguagem na constituição subjetiva dos humanos. A partir de Freud (1900/1996), o infantil deixou de ser adjetivo e as noções biológicas acerca da criança e da infância tiveram outro ponto de vista, passou a ser abordada numa dimensão do inconsciente.

Após a publicação de *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/1996) articulou a dimensão da pulsão de morte ao infantil, enquanto fonte de angústia e de trauma. Lacan (1957/1998) ao abordar o infantil freudiano deu um lugar conceitual ao infantil, associou tal conceito ao processo de constituição subjetiva. O infantil não está vinculado à criança no sentido de idade cronológica, mas a um aspecto do inconsciente do sujeito, não importa a idade que se tenha.

Para Lacan (1945/1998), o infantil é aquilo que se conserva da infância na estruturação do sujeito (alienação e separação), ou seja, traços fundamentais que determinam a condição faltante do sujeito falante. Jerusalinsky (2011) diferencia o sujeito infantil do infantil do sujeito para marcar a temporalidade lógica da diferença entre adulto e criança, esse infantil que é de ordem inconsciente permanece no adulto para o resto de sua vida. O infantil do sujeito

.... não corresponde a um tempo cronológico determinado, no sentido de que, de um modo recalcado, constitui aquilo que Freud nomeava como o *umbigo do sonho* e Lacan denominou *fantasma fundamental*, que é o que da experiência infantil persiste como marca no sujeito, ou seja, como matriz pelo resto da vida, por toda sua vida. (Jerusalinsky, 2011, p. 33).

As inscrições (simbólicas) que ocorrem no sujeito, especialmente durante a infância, funcionam como um bloco mágico, nele Freud (1924/1996) traça uma analogia entre teoria do aparelho psíquico e o funcionamento desse objeto que havia sido lançado no mercado naquela época. Esse dispositivo serve para apagar da superfície aquilo que foi inscrito num simples movimento com as mãos, mas conserva suas marcas abaixo dessa superfície, dando lugar a novas possibilidades de inscrições (Freud, 1925/1996). Expliquemos.

O bloco mágico fornece uma superfície receptora disponível e “traços duradouros” das anotações feitas. O estilete não age através da folha que a cobre; ele pressiona o verso do papel encerado contra a tabuinha de cera nos locais em que toca, e os entalhes tornam-se visíveis como caracteres escuros na superfície acinzentada do celuloide. Para apagar basta levantar a dupla folha de cobertura a partir da borda inferior que não é presa. Assim, o bloco mágico se torna novamente vazio. Freud (1925/2008) compara a tabuinha de cera ao inconsciente em que aparecimento e desaparecimento são o esvanecer da consciência na percepção. O traço duradouro permanece na tabuinha que pode ser lido com uma iluminação adequada. O funcionamento descontínuo do sistema inconsciente é similar às interrupções que ocorrem no bloco mágico, um lugar de suspensão daquilo que foi inscrito que pode retornar a qualquer momento a depender daquilo que o sujeito se depara, uma espécie de *excitabilidade do sistema perceptivo*. A foto de Aylan serve como um elemento que provoca tal excitabilidade.

Freud (1899/1996) situa a experiência ocorrida na infância como construção de uma lembrança que não coincide com o evento em si. É surpreendente muitas vezes que o sujeito se lembre de eventos irrelevantes e se esqueça de cenas importantes. Não existe uma norma que diz sobre o funcionamento e tempo das recordações. Os adultos na observação de Henris (citado por Freud) relatam frequentemente que as lembranças das primeiras situações infantis se referem às situações de medo, vergonha, dor física, doenças, mortes, nascimentos de irmãs e irmãos.

Existem duas forças psíquicas envolvidas nesse processo de lembrança: ao em vez de produzir uma imagem traumática, o sujeito se recorda de uma cena irrelevante, mas que

possui alguma associação à cena traumática. Trata-se de uma associação deslocada em que a lembrança de elementos importantes é substituída por outra aparentemente insignificante. O sujeito produz uma defesa de certas lembranças, porém o afeto permanece (Safatle, 2016); este, por sua vez, se liga a outra cena; o objetivo é escoar parte do afeto da dimensão inconsciente à dimensão consciente. Temos, portanto, um conflito: sujeito não quer se lembrar da cena traumática, então, recalca e, numa sequência lógica, faz uma substituição. Em suma, o sujeito se recorda de uma cena irrelevante para encobrir uma cena traumática. Porém, existem casos em que o sujeito não para de se lembrar de imagens perturbadoras.

A imagem de Aylan que retorna ao espectador de modo a causar uma inquietante estranheza, faz o sujeito reavivar cenas inconscientes infantis e da infância. Segundo Freud (1899/1996), essa operação deve seu “valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre esse conteúdo e algum outro que tenha sido suprimido” (p. 302). As lembranças encobridoras mostram não como constituíram os acontecimentos, mas como aparecem nos momentos posteriores da vida sujeito, como elas são despertadas e não como elas de fato foram.

Em suma, o infantil não é a infância, uma vez que corresponde a uma parte do sujeito que permanece inconsciente e que não deixa de causar estranhamento quando ela é ativada e retorna ao próprio sujeito.

A seguir veremos como opera o par de significantes criança-infância na história, mostrando as condições de produção e o funcionamento da ideologia. O intuito é revelar as variações de sentidos sobre esses dois significantes e, ao mesmo tempo, articular como e porque a foto de uma criança morta causa tamanho impacto e tamanho estranhamento na sociedade moderna.

Um discurso sustenta o lugar do sujeito, que se constitui em seu tempo e lugar, o que significa mudança de processo de subjetivação que produz efeitos nos laços sociais. Assim, as mudanças no discurso possibilitam novos sujeitos, novos lugares sociais e tais mudanças dependem de um jogo de inscrição e apagamento da memória. Para Pêcheux (1973/1999);

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (p. 56)

Compreendemos que o discurso sobre criança e infância se transforma de acordo com as condições de produção (CP). Para Pêcheux (1982/1994), numa análise discursiva há a

relação entre língua enquanto sistema sintático (discursividade enquanto efeitos linguísticos e materiais na história) e política que envolve jogos de poderes (em nossa época somos regidos pelo discurso capitalista e pelo poder econômico). Desse modo, os discursos e os lugares socialmente atribuídos dependerão das condições de produção e da ideologia, que legitima ou interdita determinados dizeres/interpretações. Lembramos que os discursos não são homogêneos, embora a ideologia produza essa ilusão.

Além disso, vale destacar que o par de significantes criança/infância não foi sempre interpretado do mesmo modo. De acordo com Ferreira e Porto (2018):

A ideia de infância vem variando ao longo dos séculos e entre culturas. Conforme Narodowski, a infância é fenômeno histórico e não meramente natural, e, no Ocidente, suas características precípuas podem ser classificadas como heteronomia, dependência e obediência ao adulto em troca de proteção. Essa perspectiva vai ao encontro da proposição de Philippe Ariès, para quem é preciso aceitar que a infância, tal qual é entendida hoje, resulta inexistente antes do século XVI (Ariès citado por Ferreira e Porto (2018, p. 07).

Para compreender as formas de significar a criança e a infância, devemos concebê-las como inseridas no interior de uma formação social determinada. Advertimos, assim, que qualquer significação é atravessada pelo inconsciente e interpelada pela ideologia. Partimos do pressuposto que a representação imaginária de criança e infância é um processo sócio-histórico. E o significante adulto marca uma oposição em relação ao ser criança.

No dicionário Houaiss (2001), criança é definida como ser humano que não é adulto, cria, criação nos séculos XIII e XIV; no século XV, ser humano; adolescente consiste em um termo adotado do latim em referência àquele que cresce, se desenvolve, engrossa, aumenta; relacionado a esses dois termos encontramos infância, que seria “dificuldade ou incapacidade de fala, mudez; infância, meninice, primeira idade dos animais”. A criança, nesse aspecto, é tomada como um ser que se desenvolve, cresce e envelhece. Essa concepção é advinda da psicologia do desenvolvimento que postula etapas cronológicas para o ciclo vital.

Na Antiguidade, como apontam alguns estudos, a mortalidade infantil era alta em função das condições precárias de sobrevivência ou mesmo por opção, como ilustra Veyne (1994) ao descrever o tratamento dado às crianças na Roma Antiga:

Os recém-nascidos só vêm ao mundo, ou melhor, só são recebidos na sociedade em virtude de uma decisão do chefe da família; a contracepção, o aborto, o enjuntamento

das crianças de nascimento livre e o infanticídio do filho de uma escrava são, portanto práticas usuais e perfeitamente legais (p. 23).

Marrou (1971) esclarece que na Roma antiga a educação da criança era responsabilidade da mãe até aos sete anos de idade e depois a educação seria exclusividade do pai. Os mestres eram considerados sempre como semelhantes à autoridade paterna. Nesse sentido, na Antiguidade, a vida dependia do desejo do pai e o essencial era formar a consciência, “inculcar-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida” (p. 365).

Na Grécia Antiga, Ponce (1981) afirma que os meninos em Esparta eram educados para terem “virtudes guerreiras”. A educação espartana clássica estava no controle do Estado, sua intervenção começava já no nascimento da criança: o menino era sacrificado quando não apresentava um corpo robusto. Até os sete anos o Estado delegava a criação do menino à família e depois passava a responsabilidade ao Estado. A tarefa da educação era formar as crianças para serem futuros governantes, ensinando-lhes amor à pátria, às instituições e aos deuses.

Para Ariès (1960/1986), na Idade Média não havia uma compreensão de transição da infância para a fase adulta. O autor a partir de um conjunto de indícios conclui que não havia transição entre a criança e o adulto como se coloca nos tempos modernos. A criança na Idade Média era percebida como um adulto em miniatura.

Na idade média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram considerados capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame tardio – ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava uma mesma torrente as idades e as condições sociais (Ariès, 1960/1986, p. 275).

Ariès (1960/1986) aponta para dois modos de representação de infância partir do século XIV, XV e XVI que culminarão na representação imaginária que temos a partir do século XX. O autor (1986) comenta que até o século XVI a

.... vida quotidiana as crianças estavam misturadas com os adultos, e toda reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo reunia crianças e adultos; segundo, a ideia de que os

pintores gostavam especialmente de representar a criança por sua graça ou por seu pitoresco (o gosto do pitoresco anedótico desenvolveu-se nos séculos XV e XVI e coincidiu com o sentimento da infância “engraçadinha”), e se compraziam em sublinhar a presença da criança dentro do grupo ou da multidão. Dessas duas ideias, uma nos parece arcaica: temos hoje, assim como no fim do século XIX, uma tendência a separar o mundo das crianças do mundo dos adultos. A outra ideia, ao contrário, anuncia o sentimento moderno da infância (Ariès, 1986, p. 55-56).

Foi a partir do século XVII que a criança, segundo Ariès (1960/1986), passa a ocupar um espaço próprio dentre da família:

Foi no século XVII que os retratos de crianças sozinhas se tornaram numerosos e comuns. Foi também nesse século que os retratos de família, muito mais antigos, tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição. Essa concentração em torno da criança é particularmente notável no grupo familiar de Rubens, em que a mãe segura a criança pelo ombro e o pai dá-lhe a mão, e nos quadros de Franz Hals, Van Dyck e Lebrun, em que as crianças se beijam, se abraçam e animam o grupo dos adultos sérios com suas brincadeiras e carinhos Enfim, como vimos, foi na segunda metade do século XVII que a nudez se tornou uma convenção rigorosa nos retratos de crianças. À descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (Ariès, 1960/1986, p. 65).

Foi a partir do século XV que as realidades das crianças e os sentimentos da família com relação a elas começaram a se transformar, uma revolução lenta, imperceptível tanto pelos contemporâneos como pelos historiadores. E difícil de reconhecer. Desse modo, podemos afirmar que na sociedade medieval não havia infância tal como há na atualidade no mundo ocidental. Na modernidade o lugar de criança é na escola, criança deve brincar, criança é feliz, criança representa esperança³⁸, futuro, etc. A escola é um importante lugar que diz sobre a infância do século XIX, XX e XXI, sendo que a frequência escolar pelas crianças é dada como essencial.

Vimos que na Idade Média a educação das crianças era garantida pela aprendizagem junto aos adultos, e que, a partir de sete anos, as crianças viviam com uma outra família que não a sua. Dessa época em diante, ao contrário, a educação passou a ser

³⁸ É conveniente lembrar o *slogan* de um conhecido programa de televisão do tipo telethon que tem por objetivo declarado angariar fundos para investir na formação e bem-estar das crianças brasileiras: CRIANÇA ESPERANÇA. Não cabe aqui analisar essa nomeação, porém o não uso da vírgula entre criança e esperança dissipa a possibilidade de sinonímia, criando um efeito de sentido de continuidade semântica.

fornecida cada vez mais pela escola. A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto. (Ariès, 1960/1986, p. 231).

O autor comenta também que

.... o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (Ariès, 1960/1981, p. 156).

Em meio à edificação do Estado Moderno, na segunda metade do século XIX, o discurso sobre a família foi fortalecido como dispositivo social e a infância foi tomada como um importante período para o desenvolvimento (físico, psíquico e moral). Heywood (2004) afirma que as cidades modernas foram tomadas como corpo que produz a busca pela família como lugar de recolhimento e refúgio. Esse novo discurso instaura um novo lugar social para a criança, que passa a ocupar uma posição de valor central na família, que na Idade Média era a do pai. A ideia de infância torna-se um objeto de estudo da ciência moderna, sendo incluída como objeto de investigação pela psiquiatria e pela psicologia a partir do início do século XX. Heywood (2004) comenta apropriadamente que "atualmente, no ocidente, acabamos realmente por associar a infância, em termos gerais, a características como a inocência, a vulnerabilidade e a assexualidade (p. 12)".

Ressaltamos que existem, num mesmo momento histórico, formações discursivas antagônicas às descritas acima. Por exemplo, no início do século XX, Freud (1909/1996) inaugura o discurso psicanalítico que rompe com a ideia romantizada que vigorava (e ainda vigora) da criança inocente e assexuada. Sua proposta é diferente do discurso naturalista e desenvolvimentista em que a normalidade sexual era tomada para fins de reprodução.

Do ponto de vista da psicanálise freudiana, a sexualidade não desperta na puberdade com a maturação dos órgãos reprodutivos. Freud (1907/1996) afirma que a criança experimenta sensações sexuais nas zonas erógenas do corpo, ou seja, o corpo libidinal se constitui a partir do nascimento e essas zonas erógenas não se restringem aos órgãos genitais: "a puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora" (p. 125).

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) aponta, por exemplo, que o chuchar e sugar com prazer são “.... características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto-erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena” (p. 172). Trata-s aqui de um rompimento com o discurso de que a criança é isenta de prazer sexual.

Com relação ao lugar social da criança na modernidade, Ariès (1960/1986) também mostra que o surgimento das escolas está intimamente ligado à invenção da infância, tornando comum, na configuração dessa estrutura social, a frase "lugar de criança é na escola" e não fugindo de guerra, no caso de Aylan. De qualquer forma, consideramos que a ideia de criança e infância surge com as novas configurações familiares da modernidade.

Sabemos, também, que existem diferenças quanto ao lugar da criança entre países e classes socioeconômicas. Por exemplo, no Brasil, ao longo da história social da infância, existe uma diferença entre o cuidado com os filhos da elite e os das classes populares/pobres. Enquanto que para os primeiros era facilitado o acesso à educação formal (desde as boas maneiras até a formação universitária), aos filhos das classes baixas, os lugares disponíveis eram as escolas públicas, os orfanatos, as casas de correção, ou o ensino técnico, cujo objetivo era formar mão de obra barata e pouco qualificada em termos intelectuais (Gurski, 2012)

No entanto, entendemos que existe no imaginário social um lugar comum dado à criança na modernidade, sendo este que nos interessa para compreendermos o porquê e como as fotos de crianças mortas ou em situação de barbárie que circulam na mídia produzem um misto de sensações: choque, horror, compaixão, pena etc.

Calligaris (1993, 1991) destaca que na modernidade a criança é reconhecida do lugar de majestade³⁹ que “talvez não se trate de excelência simbólica, mas algum tipo de incondicional exaltação fantasmática da criança” (p. 46).

A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – "Sua Majestade o Bebê", como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram. (Freud, 1914/1996, p. 98)

Nesse sentido, a foto de Aylan desestabiliza o ideal de infância da sociedade ocidental moderna e o sujeito, ao olhar Aylan morto, olha para a perda de uma infância que deveria ter

³⁹ Em "Introdução ao Narcisismo", trabalho de Freud de 1914, o autor se refere à criança como sendo "his majesty – the baby".

sido feliz, genérico fundamentado no imaginário brasileiro⁴⁰. O imaginário social tem como função determinar um ideal de infância, porém, não há UM ideal de infância, não há esse UM de ordem universal. Na realidade há vários ideais de infância que dependem do imaginário social de cada cultura/sociedade.

De acordo com a pesquisa de Ariès (1960/1986), até o século XII não havia lugar para a infância (no sentido moderno) na sociedade, o que pode ser constatado, por exemplo, pela ausência de representação de crianças na arte medieval. Pode-se concluir que a representação de criança é fruto de uma construção histórica que passa por mudanças ao longo do tempo e, também, muda de acordo com os modos de laços sociais e com os discursos estabelecidos de cada povo. Na nossa cultura (moderna, ocidental, capitalista, brasileira), a imagem de Aylan evoca uma infância tragicamente interrompida. Desestabiliza-se, portanto, o imaginário social moderno e ocidental, uma vez que a associação aparentemente natural que se faz entre criança/vida/futuro é quebrada pela sequência criança/morte/fim⁴¹.

Nessa dimensão, a formação imaginária predominante é que a morte está associada à velhice, não à infância. É interessante destacar que na manchete em que a agência Reuters anuncia a tragédia de Aylan (e, por extensão, dos refugiados)–“a imagem perturbadora de uma criança capta o olhar, horroriza” (Troubling image, 2015, s/p)–o significante morte é silenciado (recalcado), uma vez que não deveria estar associada ao significante criança.

Nivelado ao discurso de criança feliz temos o significante “vulnerável” presente na cultura brasileira (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1988/2004), que também define o

⁴⁰ Na cultura popular brasileira há manifestações que testemunham tal formação ideológica da criança feliz. Por exemplo, a música “Criança feliz”, da Turma Dó Ré Mi, cuja letra diz: Criança feliz,/feliz a cantar/Alegre a embalar/seu sonho infantil. <https://www.lettras.mus.br/turma-do-re-mi/145018/>. Sobre a relação já naturalizada entre criança (infância), alegria e futuro feliz, o poema “My heart leaps up”, de Wordsworth (1770/1850) é mais do que ilustrativo:

My heart leaps up when I behold;
A rainbow in the sky;
So was it when my life began;
So is it now I am a man;
So be it when I shall grow old,
Or let me die!
The Child is father of the Man;
And I could wish my days to be
Bound each to each by natural piety.

⁴¹ Mas apesar de tanta evolução, ainda restam dúvidas sobre o tratamento dado às crianças nos dias atuais. No que diz respeito à educação, por exemplo, a desigualdade começa ainda na primeira infância. Segundo o IBGE, quase 30% das crianças mais pobres do Brasil estavam fora da escola em 2013. Outra pesquisa, feita pela Fundação Abrinq em 2016, revela que houve um aumento de 143 mil crianças e adolescentes ocupados pelo trabalho infantil entre 2013 e 2014. Mais de 60% vivem nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. <http://primeiros1000dias.com.br/ser-crianca-hoje-historia/>

que é ser criança. Vulnerável e desamparada, é essa a imagem da criança na atualidade: um sujeito que precisa ser protegido em situações de perigo, de barbárie, de guerra e fome, como era o caso de Aylan. A morte de uma criança anuncia o fracasso daqueles que poderiam tê-la evitado e não o fizeram. A criança feliz e vulnerável é substituída pela imagem da criança morta, o que instaura, por parte do adulto, um mal-estar psíquico, perdendo-se a referência simbólica da travessia “feliz” de ser criança para ser adulto e de que o adulto deveria evitar situações que proporcionem sofrimento à criança.

Quando um ser grande se depara com uma criança, olha-se nela como se fosse um espelho. Olha olho no olho e, assim, pretende que do fundo desse olhar lhe retome sua própria imagem às avessas, ou seja, espera ver-se não sujeito à castração, espera voltar no tempo, para fruir à exaustão do que restou da infância perdida – o infantil. Justamente, o adulto investe narcisicamente a criança na tentativa – sempre vã – de esgotar esse infantil que não cessa de não retomar para, assim, finalmente, saber tudo sobre 'sua' infância e, dessa forma, ser um verdadeiro adulto, e não simples gente grande. (de Lajonquière, 2004, p. 95).

E ao voltarmos a observar a foto de Aylan, vemos que justamente não conseguimos olhar e nem ser olhado no olho da criança, seu rosto enterrado na areia nos impossibilita de olharmos no fundo de seus olhos. O modo como a cena da foto foi capturada diz da posição daquele que olha e, ao mesmo tempo, não quer olhar e constatar que há uma criança morta ali naquela praia.

Apreendemos, nesse sentido, que o discurso sobre a infância na contemporaneidade é tomado em relação a como “deve” ser vivida: em sua plenitude com felicidade, liberdade e sob a proteção da família e do Estado. Esses modos de significar a criança são discursivizados pela Declaração dos Direitos Humanos na qual a criança é reconhecida como um sujeito de direito, legitimada pela Declaração Universal dos Direitos da Criança (Morelli, 2007).

Para mostrar a diferença entre um tempo e outro, por exemplo, segundo Del Priori (2008), havia um ritual de enterro das crianças em períodos anteriores ao da ascensão da família burguesa em que elas eram maquiadas, vestidas de anjos ou santos e carregadas em bandejas por escravos. A criança era tomada como anjo e o enterro ocorria durante o dia enquanto que o enterro dos adultos era à noite (diferente do século XX e XXI) Nesse tempo, o povo entendia que a criança não tivera tempo de pecar, logo, ela se tornaria um anjo. Diante disso, ao que nos parece, na Idade Média (e ainda hoje, no discurso de fundamentalistas e evangélicos) a morte da criança tinha uma simbolização a partir do discurso religioso, o que levava a sociedade a aceitá-la, uma vez que era “a vontade de Deus”. Esse discurso tomado

pelo imaginário social que à vezes ainda persiste nos dias atuais, é ilustrada pela charge abaixo: Aylan com asas de Anjo.

Figura 18: Aylan com asas de anjo (2015)

Segundo Postman (1999), com a invenção da televisão (século XX), acessível a todos os membros da família, ocorre um processo de desaparecimento da infância. A imagem tomou o lugar da palavra, fazendo emergir um mundo simbólico que não se sustenta mais por hierarquias sociais e intelectuais. Ao contrário dos livros, não há hierarquia de compreensão, a imagem é para todos.

As fronteiras entre criança e adulto estão cada vez mais tênues. Adatto (1998, p. 5), diretor do Programa de Estudos da Criança na Universidade de Harvard, pensa que estamos obcecados por crianças, mas ressalva que isto não significa que estejamos preservando sua noção. Ele comenta que as barreiras entre a infância e a idade adulta estão sendo rompidas, e não sabemos ao certo aonde isto nos levará.

De Lajonquière (2020) faz um comentário em que aponta a interpelação do lugar reservado à criança no imaginário social atual e que ele denomina de “les temps de l’autisme”:

.... les enfants ne sont plus notre machine préférée pour explorer ou voyager dans le temps. Aujourd’hui, ils sont rêvés comme une « machine capable de fabriquer un

avenir pour un monde sans passé ». En fait, ce n'est pas la même chose d'explorer les temps que de prétendre fabriquer « un avenir sans passé » (p. 04).⁴²

Em decorrência da argumentação acima, assinalamos que para o autismo o não-olhar é preponderante, porém o olhar para o fundo do olho da criança é primordial para sua constituição enquanto um sujeito desejante, como explicamos no primeiro capítulo (*estádio do espelho*). No caso de Aylan (como nos casos de autismo) estamos impossibilitados de olhá-lo no olho, o que indicia que o sujeito, em última instância, não quer olhar para uma criança morta e perceber sua parte infantil, um ideal que não existe e nossa própria finitude.

É importante notar que o autor corrobora a posição que colocamos acima sobre a associação com o futuro no imaginário social moderno. Sobre o autista em questão, o próprio autor esclarece que não se refere a uma criança autista em particular (no sentido de um diagnóstico clínico), mas coloca uma figura que tornou mais uma vez a criança ideal, de acordo com a ideologia deste século: a criança como o objeto de gozo/desejo do adulto. Se a criança fosse colocada no lugar de causa de desejo seria bem moderno, o problema é que ela virou objeto de gozo, um dos efeitos do discurso capitalista.

A formação discursiva que apregoa que a criança deve ser feliz apaga (ou tenta apagar) a memória de crianças em sofrimento e, nesse sentido, a foto de Aylan faz emergir aquilo que fica silenciado no discurso sobre a criança e a infância. Estas considerações nos levam a trazer para a discussão o papel da memória e sua função na psicanálise e na teoria do discurso na direção de “... abordar as condições (mecanismos, processos...) nas quais um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio à memória” (Pêcheux, 1973/1999, p. 49-50).

Achard (2007) marca que o espaço da memória é lacunar, descontínuo, e que a continuidade entre acontecimentos historicamente disjuntos poderia ser recuperada através da reconstrução da história de sua constituição. A noção de arquivo é fundamental aqui. Pêcheux (1982/1994) define arquivo como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão (p. 51)”. Porém, o campo político (luta de classes) não torna o arquivo disponível de maneira igualitária para todos, regulando e controlando aqueles documentos mais ou menos disponíveis para acesso e leitura/interpretação. As leituras em torno dos diversos arquivos de

⁴² as crianças não são mais nossa máquina do tempo favorita para explorar ou viajar no tempo. Hoje, eles são sonhados como uma máquina capaz de fazer um futuro para um mundo sem passado. Na verdade, não é a mesma coisa explorar tempos e fingir fazer um futuro sem passado (tradução nossa).

memória não são homogêneas e muitas vezes chegam a ser até contraditórias. Pêcheux (1982/1994) afirma que

.... em torno dos arquivos textuais, surgiram posições implícitas (de grupos, de escolas, e até de igrejinhas) que se acotovelam numa relação ambígua de concorrência, de alianças parciais e de antagonismos disfarçados. Os grandes debates memorialistas, filosóficos ou literários são os mais frequentemente estruturados através dos confrontos sobre temas, posições ou, às vezes sobre métodos de trabalho. Mas, mesmo neste último caso, a questão da leitura permaneceu quase sempre implícita: há, entretanto, fortes razões para se pensar que os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes, ou mesmo, contraditórias de ler o arquivo (p. 57).

O acontecimento instaurado pela foto de Aylan morto pôde ser absorvido a partir do momento em que se integrou (pela memória) a uma série metafórica de retomadas de outros acontecimentos inscritos na memória social e não necessariamente ali presentes de maneira homogênea. É a interpretação, realizada através da leitura do arquivo, que faz um laço entre esses acontecimentos. No caso da foto, dos efeitos e afetos que ela provocou, podemos localizar no arquivo (interdiscurso) pelo menos outro acontecimento análogo. Vejamos abaixo:

Figura 19 - Menina de Napalm. Fonte: AP Photos/ Nick Ut, 8 de junho de 1972

A foto acima foi tirada por Nick It em 8 de junho de 1972. Mostra um grupo de crianças norte vietnamitas, entre elas Kim Phuc, nua e gritando de dor (ou de desespero?).

Estavam fugindo de um ataque químico com napalm feito pelos americanos, em Trang Bang, no Vietnã, durante a guerra do Vietnã (com início em 1959 e término em 1975). Essa foto se tornou um símbolo das barbáries da guerra, que matou milhões de civis vietnamitas, e sua repercussão provocou reações enérgicas da sociedade civil americana, precipitando o fim da guerra do Vietnã que já durava 13 anos. A tessitura de uma memória social tem, na foto acima, um de seus pontos de estofo, e algo do que retorna na foto de Aylan: a guerra, a fuga, o sofrimento (e morte) de uma criança. Assim, entendemos que a cultura visual contemporânea e o conteúdo midiático, incrementado pelas inovações tecnológicas, podem influenciar na construção da memória social e da identidade cultural (Torino, 2013).

Essas imagens produzem sentidos a partir da interpelação ideológica, mas, também, possuem um viés de denúncia. Trata-se de imagens relacionadas a situações que ferem os direitos humanos e apontam para uma falha no sistema político e social. Esse funcionamento produz efeitos (e às vezes até mudanças) no imaginário social e na memória coletiva. De tal modo, acontecimentos isolados chocantes podem entrar para um arquivo social.

A foto de Aylan faz vir à tona uma angústia coletiva cujo eixo indispensável é o estranhamento que funciona como defesa contra a interpelação do Outro ou da ideologia. A angústia emerge não pela perda do objeto, mas pela presença de objeto (a falta da falta, conforme Lacan 1962-63/2005). As fotos de crianças em situações de morte e sofrimento encarnam um buraco no real para o qual não existe nomeação na cultura, dando origem à angústia que no nó borromeu se localiza entre o entre o real e o imaginário.

Trata-se de um jogo que consiste em mostrar e apagar a condição de sofrimento/miséria/horror em que vivem tantas crianças pelo mundo para além do que a fotografia nos permite ver. São facetas da repetição histórica do mal-estar e essas fotos (crianças em situação de barbárie) possuem funções ambivalentes: ao mesmo tempo em que causam um mal-estar naquele que olha, também denunciam uma problemática social. Porém, enfatizamos que uma história sempre depende da forma como é narrada. Nesse sentido, Assoun (1979) afirma que a repetição é uma metáfora que recusa toda a metaforização da história, isto é, há uma busca sempre fracassada pelo encontro do seu sentido fora da linguagem, ou seja, a história pode sempre ser mudada.

Nessa perspectiva, a memória, no sentido discursivo, não pode ser tomada como um conjunto de enunciados estáticos com sentidos homogêneos acumulados como um reservatório. A memória é um espaço moldável em que ocorrem constantemente divisões, disjunções, deslocamentos, retomadas (Pêcheux, 1975/1999). Pêcheux (1982/1994) propõe duas formas principais de arquivo que formata a memória discursiva: literária e a científica.

Os literatos são os profissionais de leitura de arquivo e os cientistas são os fabricantes de tecnologias. Nós incluímos aqui mais um modo de ler os arquivos, o jornalístico que não é nem literário e nem científico. O jornalístico diante da sociedade possui um efeito de verdade e não um modo de leitura, ou seja, os jornalistas possui certa legitimidade que coloca suas interpretações no patamar de não questionáveis, por isso diante da foto de Aylan vemos na imprensa um único modo de olhar para a foto daquela criança morta na beira de uma praia.

Courtine (2009) afirma que toda produção discursiva (que se efetua em determinadas condições sócio-históricas) faz circular formulações anteriores, pois é um efeito de memória e repetição na atualidade de um acontecimento. Portanto, todo enunciado discursivo apresenta, em seu domínio, outras formulações que são repetidas, refutadas, transformadas ou denegadas (Foucault, 1969/2008, 1972/2020). Para Safatle (2002) a fantasia do sujeito é uma extensão do imaginário social e isso se dá por meio da ideologia, sendo esta definida como “uma fantasia social que estrutura a determinação do valor e da significação socialmente compartilhada. Fantasia social capaz de produzir uma ‘objetividade fantasmática’ que tem um nome próprio: ideologia” (p. 188).

Voltamos a apontar que no imaginário coletivo moderno e ocidental circulam os seguintes genéricos discursivos⁴³ sobre a criança: “lugar de criança é na escola”, “toda criança deve brincar” e “toda criança deve ter uma infância feliz”. Trata-se de enunciações diferentes, mas que podem ser equivalentes no imaginário social brasileiro. Não aprofundaremos aqui a questão da escola e do processo educativo uma vez que não é o objetivo de nosso trabalho. Apresentamos de forma breve o lugar da criança na sociedade atual e a escola - como operador dos laços sociais entre as crianças. E como o modo de aprendizagem possuem papéis primordiais com relação ao lugar da criança numa cultura ocidental, moderna e capitalista.

Por conseguinte, a foto de Aylan ao mesmo tempo em que aponta para o furo na fantasia do sujeito moderno, marca a condição existencial, uma espécie de presentificação da própria castração. Se fosse outros tempos ou outra cultura a imagem de uma criança morta poderia não produzir essa diversidade de afetos àqueles que olham. Nesse sentido, consideramos que o discurso determinante de cada época institui uma realidade e uma determinada forma-sujeito (a forma da criança é ser feliz, inocente, vulnerável) visto que as

⁴³Tfouni (2018) aborda os genéricos discursivos como: “.... fórmulas enunciativas cuja pretensão de generalização sustenta um valor de verdade universal. Este mecanismo discursivo é entendido como um efeito de sentido alinhado ao processo de naturalização ideológica, descrito por Pêcheux Na tentativa de articular um discurso verdadeiro, a veiculação de fórmulas genéricas convive com uma dispersão de enunciados que recobrem estratégias de dominação social”.

formações discursivas determinam o que pode e o que não pode ser dito a partir de uma situação e posição determinadas. Assim os sentidos não estão na cadeia de significantes, mas na formação discursiva e na ideologia (Pêcheux, 1988). Isso quer dizer que as articulações significantes mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra.

Lajonquière (2013) em seu livro *Les figures d'Infantile* conclui que há duas dimensões fantasmáticas (simbólica e a imaginária) que giram em torno do significante criança: aquele da criança ideal (*l'enfant idéal*) e aquele de uma infância reencontrada (*une enfance retrouvée*). Essas duas dimensões nos dias atuais funcionam como um obturador da castração do complexo do Édipo, o que leva o autor a considerar a criança como causa de uma inquietante estranheza (*Unheimlich*, um dos conceitos básicos deste trabalho de tese), uma espécie de retorno do reprimido em que a criança presentificaria a suposta infância perdida do adulto. Porém, o autor (2020), apoiado na teoria da neurose coletiva de Freud (1932/1996), aponta consequências com relação à ilusão que se deposita na vida de uma criança:

Le retour du désir au sein du rendez-vous manqué que toute éducation porte en elle permet à l'adulte d'explorer les temps. Inutile d'insister sur le fait que dans l'éducation d'un enfant, nous allons revivre *le temps de l'enfance*. Cependant, l'enfant idéal de l'illusion psychopédagogique *aux temps de l'autisme* vient entraver la possibilité qu'une telle chose se produise. Le rêve d'un enfant qui apprend seul et ne demande rien à personne permet à l'adulte de se tromper tout en lui permettant de se détacher de tous ses souvenirs d'enfance. Ainsi, l'adulte se trompe sur la possibilité d'avoir « un temps futur sans passé » (de Lajonquière, 2020, p. 12)⁴⁴

Diante das considerações expostas acima, pode ser mencionado que a ideologia dominante interpela o sujeito a acreditar que toda criança é feliz, essa é a dimensão do imaginário, advindo daí o sentido. Vale destacar que o imaginário não existe por si só, uma vez que funciona atrelado ao significante (dimensão simbólica). Não existe nada que não seja atravessado pela ideologia e pelo simbólico. No entanto, há algo que escapa a essas duas dimensões, o real em suas duas facetas: o impossível de ser de outro jeito, e o contingente, em que é impossível fazer Um entre sujeito e objeto. Compreendemos, assim, que o estado da luta de classes (ou das diferenças sociais) atua como algo impossível de ser resolvido. Isso quer dizer que é impossível uma sociedade onde todos sejam iguais, ou seja, as oportunidades

⁴⁴ O retorno do desejo dentro do encontro faltoso presente em toda educação permite ao adulto explorar os tempos. Desnecessário dizer que, na educação de uma criança, reviveremos o tempo da infância. No entanto, a criança ideal de ilusão psico pedagógica nos tempos de autismo dificulta a possibilidade de tal coisa acontecer. O sonho de uma criança que aprende sozinha e não pede a ninguém para cometer um erro, permitindo que ela se desprenda de todas as suas memórias de infância. Assim, o adulto se engana sobre a possibilidade de ter "um tempo futuro sem passado" (Tradução nossa).

e direitos não iguais para todos: nem toda criança tem um futuro pela frente, nem toda criança passa sua infância brincando, nem toda criança é feliz.

Em síntese, a foto tem o efeito de produzir um deslocamento de uma formação discursiva para outra. A formação discursiva dominante a respeito de criança/infância que, por efeito ideológico elementar, associava o par com vida/futuro é rompida pela foto, impondo outra interpretação (outra formação discursiva), onde a criança/infância tem seu sentido atado à morte. Temos aí um acontecimento, ou seja, algo do real que irrompe no simbólico. O sentido, antes logicamente estabilizado, entra em deriva, provocando a necessidade de uma nova interpretação e, conseqüentemente, demandando novas posições para o sujeito do discurso. Este elemento que desestabiliza o nó entre as três dimensões (real, simbólico e imaginário) nós atribuímos ao *Unheimlich*.

Analizamos, na sequência, outra imagem decorrente desta foto com o objetivo de analisar os efeitos, os deslocamentos e as derivas de sentidos que a foto provocou no meio midiático. Apontamos, também, no próximo capítulo, como o discurso capitalista atua de modo perverso e cínico e, para isso, tomamos emprestado da AD o conceito de intericonicidade (Courtine, 2008), o intuito é mostrar como a imagem de Aylan funciona como cadeia de significantes e como um discurso interpelado pela ideologia.

CAPÍTULO VI

DA PUBLICIDADE AO *UNHEIMLICH* OU DA *INTERICONICIDADE* NA IMAGEM

A imagem analisada nesse capítulo foi extraída de uma propaganda de natação produzida e veiculada na mídia brasileira. Essa peça publicitária utiliza a foto de uma criança viva (mergulhando) e a foto de Aylan, uma espécie de *intericonicidade* que causou aos leitores/espectadores uma inquietante estranheza.

Figura 20. Propaganda Escola de Natação

Essa propaganda diz que a natação é necessária e apela à morte do menino sírio e à natação como segurança da criança, com a finalidade de justificar a compra de determinado produto/serviço. A propaganda condiz com o funcionamento do discurso capitalista, que está ligado aos interesses econômicos. Além do discurso capitalista, para analisar essa imagem elencamos os conceitos de *intericonicidade* (Courtine 2009, Milanez, 2013) memória discursiva (Pêcheux, 1973/1999) e o entrelaçamento dos três registros (real, simbólico e imaginário, cf Lacan 1974-75, 1975-76/2007). Esses conceitos possuem funções decisivas nas análises, visto que esse anúncio causa uma inquietante estranheza e perturba a ordem do discurso *politicamente correto* ⁴⁵.

⁴⁵ O termo “politicamente correto” apareceu na Suprema Corte dos Estados Unidos durante o julgamento de um processo político em 1793, usado também em outros países de língua inglesa nos anos 1800. Essa filosofia teve

A publicidade (de modo geral) presente nos tempos atuais (fim do século XX e início do século XXI) interpela, de modo contundente, o sujeito a comprar produtos como se fossem necessidades primordiais. Essas demandas são criadas e formatadas pelas imagens e pelos significantes sobre o ser falante. Desse modo, os anúncios publicitários estão repletos de promessas de felicidade e juramento de realização dos ideais (do impossível). Para alcançar esse efeito, frequentemente instituem uma associação entre o objeto divulgado, sua posse e a satisfação das vontades: a vontade de poder, de sucesso, de reconhecimento.

Para o funcionamento dessa engrenagem, é necessário o uso de imagens sedutoras que determinem e estimulem o desejo do consumidor. Um exemplo habitual e comum, em nossos tempos, é associar um produto à imagem de celebridades. A eleição dessas imagens-referência não se dá conforme singularidade do sujeito, mas conforme as leis do mercado. No caso da publicidade, apresentada acima, a peça é associada à foto do menino sírio que teve grande notoriedade na mídia. Aylan é uma celebridade no cenário mundial. Porém, de modo contrário ao propósito do discurso publicitário e capitalista, essa peça publicitária teve um impacto controverso. Tal instância constitui uma razão para nos perguntarmos acerca da relação do sujeito com a imagem, para verificar que nem sempre há eficácia da publicidade, a saber, a captura do ser falante pela imagem: apontamos aí, pelo efeito, o fracasso com relação ao objetivo do sistema capitalista/publicitário no caso dessa publicidade.

O espectador, diante da inquietação que provoca a propaganda, denuncia, julga e recrimina esse modo de fazer *merchandising*. Focada na natação para bebês, a propaganda da *FitFlex Aquacenter* foi veiculada em um jornal brasileiro e, ao ser reproduzida na internet (redes sociais e mídia jornalística), gerou diversos comentários e compartilhamentos: “Isso aí é zueira, não!? Diz que é, diz que é, por favor...”, escreveu um internauta. “Puxa, a intenção é ótima, mas a forma ficou chocante. A foto do menino afogado é aquela dos refugiados...”,

como objetivo analisar a utilização do discurso que envolve certas palavras e expressões que possuem conotações racistas, sexistas e outros conceitos que pudessem ser discriminatórios. No início do século XX, a frase “politicamente correta” foi associada à aplicação dogmática da doutrina Stalinista, debatida entre membros do partido Comunista e Socialistas americanos. Porém, o cuidado do politicamente correto foi tão excessivo que provocou reações adversas que consideravam estas medidas como uma violação da sua liberdade de expressão. Atualmente, esse termo é usado para descrever expressões, políticas ou ações que evitam ofender, excluir e marginalizar grupos que são vistos como desfavorecidos. No discurso político e na mídia, geralmente é usado como pejorativo, implicando que essas políticas são excessivas. A expressão politicamente correto foi vulgarizada e destituída da sua importância inicial, assumindo uma conotação de atitude de hipocrisia, uma conduta que todos assumem como correta, mas na realidade não corresponde ao que as pessoas pensam ou fazem (Kaufman, 2016). Segundo Possenti e Baronas (2006) “a atividade do movimento em favor de comportamentos politicamente corretos, além de combater o uso de termos marcados negativamente, se caracteriza também por propor a substituição de tais termos por outros, que seriam “neutros” ou “objetivos”. Assim, os membros de certa comunidade étnica não devem ser chamados de “negros”, mas de “afro americanos” (ou de “afro-brasileiros”), ou, como se verá adiante, até mesmo de “afrodescendentes”. A hipótese do movimento, no caso, parece ser a de que a conotação negativa está ligada à própria palavra” (p. 55-56).

comentou uma mulher. “Alguém avisa que o bom senso mandou um alô!”, publicou outra internauta (Escola de natação, 2016).

A *Folha de São Paulo* (FSP) também veiculou a peça publicitária como uma notícia que obteve repercussão negativa:

Uma academia de natação da cidade de Esteio, a 25 quilômetros de Porto Alegre, publicou um anúncio em um jornal local usando a imagem do menino sírio Alan Kurdi, 3, morto em uma praia na Turquia. A academia FitFlex Aquacenter afirma que o objetivo era chamar a atenção para o risco de afogamento de crianças. Ao lado da imagem que virou símbolo da crise dos refugiados, a academia escreveu: "9 meses para nascer, 3 anos para crescer, e 2 minutos para ficar sozinha em 1 minuto pode morrer afogada" e "Natação não é um luxo. É uma necessidade para o desenvolvimento e a segurança da criança". Nesta quarta (23), o cartaz foi publicado em uma página do Facebook voltada a publicitários, e provocou uma série de comentários irônicos e indignados de profissionais do ramo, que questionaram quem teria aprovado a propaganda (Academia de natação, 2016).

Por que uma propaganda como essa gerou tamanha indignação ao espectador? Nossa suposição é de que essa publicidade gerou uma espécie de redobramento do mal-estar que causou a foto de Aylan morto. Esse anúncio teve aparição como uma solução à trágica situação de afogamento de crianças, o que condiz com o funcionamento perverso do discurso capitalista, como já discutimos no segundo capítulo. Relembremos.

A mercadoria (ou um serviço) no discurso capitalista é um objeto exterior que satisfaz às necessidades humanas e não importa se ela é da ordem da sobrevivência ou da realização de fantasias. Assim, os produtos/serviços são um meio de satisfação imediata de necessidades verdadeiras ou fabricadas pelo próprio sujeito, que está submetido ao discurso capitalista e interpelado pela ideologia (sobretudo pela dimensão do poder econômico).

O discurso capitalista tem como agente o sujeito dividido, mas denegado (Lacan, 1972), o intuito é vender um objeto/serviço – nesse caso, aulas de natação – que garante ilusoriamente a segurança e vida do sujeito. Denega-se o campo da castração na medida em que há um atravessamento da lei do mercado na lei do gozo, pois a venda e o lucro são os principais objetivos do sistema capitalista, e não a segurança do sujeito, ou seja, não importa o produto no sentido concreto/material e nem o que ele trará ao consumidor; a venda e o lucro são os objetivos almejados.

Ressaltamos que a peça publicitária apela ao significante segurança, que possui um lugar caro ao brasileiro. Os produtos e serviços que envolvem segurança são facilmente

vendáveis, visto que o Brasil é considerado um país “violento”⁴⁶. Desse modo, o significante segurança se materializa de modo incessante nas mais diversas campanhas políticas do Brasil, que é também mobilizado como argumento na propaganda. Trata-se de uma repetição no discurso, apresentando-se, assim, como uma regularidade discursiva. Segundo Foucault (1969), a regularidade, numa análise arqueológica, é “l'ensemble des conditions dans lesquelles s'exerce la fonction énonciative qui assure et définit son existence (p. 188)”⁴⁷ que, por sua vez, delimita a forma dos enunciados. Pautados nas considerações do autor, destacamos que as produções de sentidos se materializam nos enunciados, que implicam tanto as regularidades quanto os rompimentos do fluxo de sentidos, uma espécie de jogo de transmissões, retomadas, esquecimentos e repetições.

Essas produções são fundamentadas no recorte e na demarcação que cada enunciado ou conjunto de enunciados comporta. Desse modo, se, por um lado, a propaganda repete o discurso sobre a necessidade de segurança (visto como algo que o brasileiro não possui), por outro, funda um discurso que rompe com a interpretação (em torno do refúgio/refugiado) que foi naturalizada pela mídia jornalística. Com isso, perturba-se a continuidade do sentido imposto, apagando uma história já construída por trás da imagem do menino, ou seja, aquilo que, num primeiro momento, veio simbolizar a crise dos refugiados é esquecido.

No anúncio publicitário, o objeto de consumo rouba a cena e o *politicamente correto* do discurso jornalístico é recalcado/apagado, evidenciando que o discurso capitalista oferece um objeto que tampona ilusoriamente a falta do sujeito que, por efeito, tenta apagar temporariamente sua divisão, o que gerou uma angústia coletiva. Lembramos que o *Unheimlich* é esse elemento que desperta a angústia, uma vez que vem no lugar da falta/vazio (não se trata de falha como já diferenciado nessa pesquisa); por efeito, ao invés de trazer prazer, traz angústia.

Existe uma diferença de concepção entre Freud e Lacan com relação à angústia, importante de ser relida. Vejamos.

Em Freud (1925-26/1996), esse afeto está situado na formulação: toda angústia é angústia de castração, sendo que a angústia produz o recalque e não o contrário. No lugar da angústia pode emergir o medo, a ansiedade, a fobia, o sintoma neurótico etc. Por exemplo, o pequeno Hanns, no lugar da angústia de castração, manifestou fobia a cavalo (Freud,

⁴⁶ Segundo os dados oficiais do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), em 2017 houve 65.602 homicídios no Brasil, o que equivale a uma taxa de aproximadamente 31,6 mortes para cada cem mil habitantes. Dados que apontam o país como violento frente ao cenário mundial (Cerqueira, 2019).

⁴⁷ “... o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assuega e define sua existência” (Foucault, 1970/2008, p. 162).

1909/1996), emergindo o medo de ser mordido por esse animal. No caso do homem dos lobos (Freud, 1918/1996), surge uma ansiedade com relação a ser devorado por um lobo. Em relação ao sintoma histérico apresentado no caso Dora (1905/1996), a tosse copiada da mãe vem substituir a angústia. Vale destacar que as três formações do inconsciente possuem suas especificidades, mas todas têm relação com a destruição do complexo de Édipo. As três forças motoras são oposições ao medo de se deparar com a castração, isto é, com o vazio que retorna ao sujeito de maneira desvelada.

De tal modo, Freud (1925-26/1996), ao tomar como ilustração o pequeno Hans e o homem dos lobos, afirma:

.... o ego [eu] logo que reconhece o perigo da castração dá o sinal de angústia e inibe através da instância prazer/desprazer (de uma maneira que ainda não podemos compreender) o iminente processo catexial no id [isso]. Ao mesmo tempo forma-se a fobia. E agora a angústia de castração é dirigida para um objeto diferente e expressa de forma distorcida, de modo que o paciente teme, não ser castrado pelo pai, mas mordido por um cavalo ou devorado por um lobo. Essa formação substitutiva apresenta duas vantagens óbvias. Em primeiro lugar, evita um conflito devido à ambivalência (pois o pai foi um objeto amado também) e, em segundo, permite ao ego deixar de gerar angústia, pois a angústia que pertence à fobia é condicional: ela só surge quando o objeto dela é percebido – é com razão, visto que é somente então que a situação de perigo se ache presente. Não é preciso ter medo de ser castrado por um pai que não se encontra ali; ele pode aparecer sempre que deseja. Mas se for substituído por um animal, tudo o que se tem a evitar a vista do mesmo – isto é, sua presença – a fim de ficar livre do perigo e da angústia. Little Hans, portanto, impôs uma restrição a seu ego [eu]. Ele produziu a inibição de não sair de casa, de modo a não encontrar qualquer cavalo (p. 125).

Lacan (1962-63/2005), avançando a partir da obra de Freud (1925-26/1996), chega a afirmar que existiam dois modos de angústia (“não será fácil reduzir as duas fontes de angústia a uma única” (p.112)), tomando-as como um afeto que não é sem objeto. Assim, o preenchimento do vazio angustia o sujeito, momento em que a falta da falta se manifesta e isso é causado pelo *Unheimlich*. Para Freud (1937/1996), a angústia é um ponto intransponível, sendo o rochedo da castração. Em contrapartida, para Lacan (1962-63/2005), o ponto intransponível não será a angústia de castração, mas a emergência de um objeto que, supostamente, faltaria ao Outro. Com efeito, para o psicanalista francês, o *Unheimlich* está diretamente ligado à angústia e não propriamente à castração, como explica Freud.

Freud (1919/1996) concebe o *Unheimlich* em nível individual, Lacan (1962-63/2005) em nível do Outro e nós o concebemos em nível coletivo. Devido ao funcionamento da mídia e do discurso (capitalista, jornalístico e publicitário), essa inquietante estranheza emerge ao

sujeito contemporâneo o tempo todo em forma de imagens e enunciados, sem intervalo. Para mostrar essa inquietação coletiva, usamos a foto de Aylan, que circulou na mídia provocando mal-estar em massa (e não angústia precisamente) e uma segunda imagem que gerou um redobramento do mal-estar, acarretando uma angústia (no sentido lacaniano) em massa, uma vez que oferece uma solução (apagamento) para a castração. Nesse momento da tese, observamos uma diferença entre o mal-estar gerado pela foto de Aylan e o mal-estar gerado pela propaganda. Expliquemos.

Lacan (1962-63/2005), numa releitura de *Inibição, sintoma e angústia*, de Freud (1925-26/1996), descarta a angústia como uma emoção, tomando-a como uma comoção sem relação com o simbólico. Nessa perspectiva, a angústia é um afeto que se encontra à deriva dos significantes.

Figura 21 (Lacan, 1962-63/2005, p. 22)

Acompanhando a flecha da figura 21 (Lacan, 1962-63/2005), notamos que o sujeito se inibe, se impede e se embaraça na relação com o Outro/outro; o mesmo ocorre na relação do sujeito com a imagem de Aylan. Cada espaço da tabela acima representa uma posição subjetiva na qual o sujeito pode se movimentar ou não se movimentar. De tal modo, a inibição se configura como uma paralisação da libido, momento em que o sujeito perde o movimento. Na segunda coluna, temos o "impedimento". Na sua origem etimológica significa *impedicare*, que quer dizer “cair em uma armadilha”. Esse é o momento em que o sujeito pode responder com o sintoma e, no caso de Aylan, os jornalistas tomam a problemática dos refugiados como um sintoma social.

Lacan (1966/1998) menciona a insistência do sintoma e seu caráter de satisfação paradoxal, formulando-o como metáfora do sujeito e como modo de gozo. Diferente do signo, o sintoma só é interpretado na ordem dos significantes, sendo nessa articulação que reside, por um lado, a fantasia e, por outro, a verdade do sujeito. O sintoma se localiza nesse entremeio, numa tentativa de desvendar o enigma do desejo que só se resolve ao evitá-lo. “Le symptôme est ici le signifiant d’un signifié refoulé de la conscience du sujet. Symbole écrit sur la sable de la chair et sur le voile de Maïa, il participe du langage par l’ambigüité sémantique que nous avons déjà soulignée dans sa constitution⁴⁸” (Lacan, 1966/1999, p. 280-281).

Freud (1915/1996) concebe o sintoma como uma das formações do inconsciente, isto é, como representante do recalcado, aquilo que insiste em retornar. Para o autor (1933/2010), o retorno do recalcado é o representante do inconsciente perante o eu. O recalcado é uma terra estrangeira e interior para o eu, assim como a realidade é terra estrangeira, mas exterior. Entre o eu e o inconsciente há um obstáculo, como se fosse um muro (in) visível, sendo que não se passa de um lado ao outro sem resistência e sem censura. Embora ambos os campos fizessem parte de um mesmo sujeito, um é estrangeiro ao outro, não se reconhecem. Nessa perspectiva, podemos dizer que todo sintoma social é uma espécie de projeção do sujeito em sua singularidade ao espaço ilusoriamente externo.

Freud (1933/2010) faz uma interessante analogia entre o aparelho psíquico e o território geográfico:

⁴⁸ “O sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem pela ambigüidade semântica que já sublinhamos em sua constituição” (Lacan, 1966/1998, p. 282).

Deixem-me fazer uma analogia; analogias nada resolvem, é verdade, mas podem fazer com que nos sintamos mais “em casa”. Eu imagino um país com paisagem variada, montanhas, planícies e lagos, e com população mista — alemães, magiares e eslovacos, que também exercem diferentes atividades. A distribuição poderia ser assim: nas montanhas habitam os alemães, que são criadores de gado, nas planícies os magiares, que cultivam cereais e vinhas, e junto aos lagos os eslovacos, que apanham peixes e tecem juncos. Se essa divisão fosse tão clara e simples, um Woodrow Wilson se rejubilaria com ela. Seria ótima também para a aula de geografia. Mas provavelmente vocês acharão menos arrumação e maior mistura se percorrerem o país Enfim, a imagem que têm do território pode ser correta em linhas gerais; nos particulares, deverão tolerar as divergências (p. 154).

Lacan (1972-73/1993) parte do poema de Tual com o propósito de explicar a barreira que há na relação entre o sujeito e o Outro: “*Entre l’homme et la femme, il y a un monde. Entre l’homme et le monde, il y un mur. Entre l’homme et le mur, il y a la haine qui est haine du mur*”⁴⁹. Isso quer dizer que nunca se chega lá, mesmo quando atravessamos os muros do imaginário, os muros da fantasia, o universo simbólico; não encontramos nada, visto que nada equivale ao registro do real. Nesse sentido, o muro pode nos remeter ao lugar do rochedo da castração e ao mesmo tempo a pedra que está no meio do caminho. Parafraseando: Aylan, uma pedra no meio do caminho. A morte de um menino como um obstáculo real que o sujeito pode ou não contornar, pois se trata dos impasses entre realidade (no sentido imaginário e simbólico) e real.

Com relação ao sintoma articulado ao real, vale destacar:

- si la notion de « *symptôme* » a été introduite, bien avant FREUD, par MARX de façon à en faire le signe de quelque chose qui est ce qui ne va pas dans le *Réel*,
- si en d’autres termes, nous sommes capables d’opérer sur le *symptôme*, c’est pour autant que *le symptôme est de l’effet du symbolique dans le réel* (Lacan, 1974-75, p. 11)⁵⁰.

O sintoma está articulado à pulsão. Nesse contexto, a pulsão não pode ser social, mas o sintoma sim (mais um paradoxo do inconsciente), pois cada época possui subjetividades determinadas pelo discurso dominante; por efeito, se produz um modo de gozar diferente. O sintoma é um modo particular de o sujeito gozar, mas esse mesmo sujeito é atravessado pelo

⁴⁹ “entre o homem e a mulher existe um muro; entre o homem e a mulher existe um mundo e entre o homem e o mundo existe um muro”.

⁵⁰ Se a noção de sintoma foi introduzida, muito antes de FREUD, por MARX, a fim de torná-lo o sinal de algo que não passa bem no Real, se em outras palavras somos capazes de operar sobre o sintoma, é desde que o sintoma seja efeito do Simbólico no Real (Tradução nossa).

Outro em sua constituição, e sempre resta um traço que é de uma alteridade que o constituiu, sendo um dos elementos que permite o laço social. Assim, podemos considerar que sempre há um sintoma que pode ser considerado social. Essa noção de sintoma não está dissociada da noção de ideologia que mobilizamos nesta pesquisa. O sintoma faz frente à ideologia, escancarando e velando, ao mesmo tempo, os desajustes entre sujeito, Outro, objeto e realidade.

Importante salientar que o conceito de sociedade não determina nenhum sujeito. Entretanto, o social não é anônimo, ele é precursor de uma subjetividade que prescinde do laço com o Outro. Naveau (1988), a partir das ideias de Michelet (/1845/1988), aborda o sintoma social por meio daquilo que o povo está impedido de falar. E, a nosso ver, retorna sobre diversas roupagens. Fotografar e fazer circular na mídia imagens e enunciados são maneiras de falar ou dar voz àqueles que supostamente não são escutados.

A questão do sintoma social, tal como é colocado por Michelet, pode estar associada ao fato de que é a guerra o que impede o povo de falar, a guerra social. Não se pode ao mesmo tempo querer guerra e falar.... O povo quer a paz, mas se a palavra não lhe é dada, lhe é retirada, então é através do acontecimento histórico que ele toma parte da guerra social. O acontecimento histórico? Quer dizer, os motins, as greves, as manifestações de rua, ou bem, ao contrário, e, certamente, em seu detrimento, as tomadas de poder por golpes de estado, por aprisionamentos ou condenações ao exílio. O acontecimento histórico sucessivamente dá a palavra ao povo ou a retira e, eventualmente, a estrangula, a degola (Naveau, 1988, p. 104).

Reiteramos, então, que não é a foto de Aylan um sintoma, mas sim o que os jornalistas, comentaristas, publicitários, cartunista etc. fizeram dela, já que todos nós somos interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. Assim, concordamos com Lacan (1975-76/2007): impossível acessar o real enquanto tal. Trata-se de discursos e sentidos em torno dessa imagem. Podemos dizer também que a própria foto já é um discurso.

Para Ramos (2012), o sintoma é o que marca a discordância entre o real e a ideologia, o real faz seu retorno nas significações do sintoma. Não podemos confundir real e realidade (o conceito de real já foi discutido, ver no segundo capítulo). A realidade está ao lado da ideologia, ela compõe a ordem do saber que o sintoma revela. Outrossim, o sintoma social vai na contramão da ideologia, o sintoma é político (Brousse, 2003) e fura a ideologia, mas, ao furar, logo cria outra forma de ideologia. Nesse sentido, acedemos que

.... o que produz a ruptura com a realidade é o ato e não o sintoma. Se o sintoma permite uma certa interpretação da realidade que a denuncia em sua condição de verdade mentirosa, é o ato, no entanto que permite romper com as coordenadas da realidade em questão, subvertendo-a e transformando-a a partir da entrada do novo, da contingência, que cessa de não se escrever. É aí que encontramos a relação que há entre o ato e o real (Ramos, 2012 citado por Xavier, p. 91).

A roupagem ou a forma imaginária do Outro Social muda conforme a variação do tempo e dos modos dos sintomas, de acordo com o discurso vigente de cada época. A partir dessas considerações, compreendemos que a pulsão não é social, mas o inconsciente é político, uma vez que se produz na relação do sujeito com o discurso do mestre. O sujeito, sempre às voltas com o mestre, olha-o muitas vezes de forma narcísica, colocando-se, assim, numa enrascada ou num engodo, como a peça publicitária fez com a foto de Aylan.

De tal modo, o sujeito se impede por estar preso em uma cilada. Trata-se de uma captura narcísica, deste modo, ao olharmos a imagem de Aylan não o vemos, mas olhamos para nós mesmos.

Advertimos, portanto, que aquilo que coloca o sujeito em movimento é a falta na imagem; o que não ocorre na imagem da criança mergulhando (figura 20). Quando o sujeito se identifica com a imagem, ele recua diante da castração (simbólico), caindo na ilusão imaginária da completude. Em vista disso, o sujeito desaba num embaraço, e aí há uma ausência de movimento. Por isso, perante a imagem de Aylan morto, temos uma paralisação do sujeito (sem palavras) e, diante da publicidade da natação, existe a angústia (devido à proposta de completude), que desemboca em indignação e recriminação (movimentação).

A emoção é efeito da inibição que provoca um derramamento de libido, que pode ser tomada como comoção. No português, significa também perturbação e inquietude, trata-se de uma agitação, na qual o sujeito permanece inquieto, mas sem sair do lugar. A angústia se localiza na última posição (ver figura 21), que teria o máximo de movimento. Porém, é quando não há onde se agarrar e não há suporte do registro simbólico, que a angústia emerge, localizando-se na abertura entre o imaginário e o real, como já explicado (ver p. 118) (Lacan, 1962-63/2005, Freud, 1925-26/1996).

Lacan (1962-63/2005), portanto, toma a angústia como um afeto que não se apoia em nada, mas não é sem objeto, ao passo que, para Freud (1925-26/1996), a angústia gira em torno da falta de objeto. Para Lacan, trata-se de não saber o que fazer diante da falta da falta do Outro. No nível da castração, a angústia representa o gozo do Outro e não o desejo: “angústia é suficientemente repelida, desconhecida, na simples captura da imagem especular

i(a). O máximo que se pode desejar é que ela se reflita nos olhos do Outro – mas nem isso é necessário, já que existe o espelho” (p. 361).

Diante desse modo de conceber a angústia, tomamos a foto de Aylan como um elemento que desperta um mal-estar coletivo, mas no sentido de uma comoção (*une émotion forte*), e a foto da publicidade causa angústia no sentido lacaniano (*le manque du manque*), uma vez que se tenta tamponar o furo na imagem, ao apresentar uma solução à falta primordial: “não se preocupe, pague uma aula de natação”.

A segunda imagem (publicidade) vem solucionar a primeira (foto de Aylan morto). Existe aí uma espécie de condensação, em que uma não apaga a outra, mas a segunda soluciona a primeira, conforme pode ser verificado na figura (22) abaixo:

Imagem 1 = criança morta

Imagem 2 = criança viva

Figura 22: criança morta/viva

Para mostrar a conexão entre as duas imagens, fazemos uma articulação entre o *Unheimlich* e o conceito de *intericonicidade*, que tomamos emprestado de Courtine (1981, 1999, 2011) e Milanez (2011, 2013, 2015). Entendemos que o funcionamento da peça publicitária utiliza a *intericonicidade* numa tentativa de consertar (e não contornar) o mal-estar na cultura. Por isso, tem, como efeito, uma inquietante estranheza. Descrevemos abaixo o conceito de *intericonicidade* a fim de subsidiar sua articulação com o *Unheimlich*.

A *intericonicidade* é um termo criado por Courtine (1981, 2006, 2011) e investigado por Milanez (2011, 2013, 2015). Esse conceito foi elaborado a partir de outros dois conceitos da AD: de ícone e de interdiscurso. O ícone é um signo que faz referência a um objeto em virtude das características semelhantes entre ele e sua representação (Santaella, 2012). Uma foto é considerada um ícone. Segundo Pierce (1903/1960), as fotografias mantêm uma ligação

física com seu objeto, o que as torna indexicais,⁵¹ pois a imagem fotográfica precisa corresponder ponto por ponto à natureza do objeto representado.

A noção de interdiscurso permite marcar uma história (não cronológica) na qual está inscrita a contradição, o paradoxo, os apagamentos e os deslocamentos do discurso. O sujeito, muitas vezes, se esquece de que as imagens ou palavras que ele supõe escolher livremente são carregadas de sentidos que foram construídos ao longo da história. Diante dessa perspectiva, o interdiscurso se constitui como “um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 1999, p. 33), ou seja, para haver sentido naquilo que se fala/escreve, é necessário que esteja atrelado a algo anterior, mesmo que esquecido. Para Pêcheux (1969/1997).

.... o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante (p. 167).

Imagens e enunciados recebem sentidos diferentes, que dependem da formação discursiva e ideológica na qual se inscrevem. As mesmas imagens mudam de sentido no momento em que se deslocam de uma formação discursiva para outra, ou seja, qualquer formação discursiva simula sua conexão ao “todo complexo dominante”, que permanece, por sua vez, emaranhado ao complexo das formações ideológicas (Pêcheux 1975/1988, p. 162).

Esse complexo predominante é chamado de interdiscurso, que provoca basicamente dois efeitos: o efeito de encadeamento do pré-construído e o efeito da articulação. Isso quer dizer que as imagens podem ser importadas de uma formação discursiva à outra. Por isso, imagens são compreendidas como discursos, podendo se construir e se deslocar historicamente, bem como se acoplar a fim de produzir outros sentidos. O interdiscurso serve para “designar o exterior específico de uma formação discursiva” (Pêcheux, 1975/1988, p. 314).

Acontecimento e memória discursiva estão articulados, um não é sem o outro, mas é necessário levar em consideração a dimensão real. Analisar a *intericonicidade* que se

⁵¹ Indexicalidade, conceito criado por Pierce (1903/1960), é uma das modalidades de signos que apontam para (ou indexando) algum objeto no contexto em que ocorre. São expressões linguísticas que variam o sentido dependendo da conjuntura. Por exemplo, as palavras aqui, ali, daí variam de sentido de acordo com o lugar de onde se fala ou se escreve.

materializa nas imagens é realizar modos de leituras dos dizeres que se cruzam e remontam a um dizer anterior. É necessário ativar outras imagens e outros enunciados que se concretizaram em outros momentos históricos, de forma que o novo não é necessariamente novo. Esse conceito propõe a investigação do modo como o sujeito se relaciona com a imagem, de como produz uma memória e o modo como aciona a relação das imagens com aquilo que ele mesmo produziu.

Na peça publicitária temos um bebê mergulhando em que podemos apontar o efeito de *intericonicidade* com a imagem célebre impressa na capa do disco, chamado *Nervemind*, do Nirvana, uma famosa banda de rock dos anos 90 (figura 23). Essa capa mostra o nascimento (significando vida) de um bebê ao mesmo tempo em que faz uma crítica ao sistema capitalista. Essa crítica está materializada na imagem do dinheiro preso num anzol, como se a criança estivesse seduzida desde o nascimento à isca que é ter dinheiro no mundo capitalista ocidental. Isso para mostrarmos que o novo não é o novo; a *intericonicidade* remete a um já dado (memória discursiva), um discurso que remete a outro discurso, uma imagem que remete a outra imagem e assim por diante.

Figura 23: capa do disco Nirvana (*Nevermind*) e publicidade de natação.

Desse modo, a imagem, quando veiculada para circulação em massa, funciona como dispositivo que se inscreve e opera na memória social (Pêcheux, 1982/1994). Assim, a memória das imagens é reconhecida e compartilhada pelos sujeitos de uma dada conjuntura social. Isso quer dizer que a imagem também não é transparente, uma vez que existem pontos de lacunas e condensações que podem ser analisadas de modo discursivo. Sempre há abertura

de possibilidades e interpretações além das que vão sendo empreendidas (o real é da ordem do não-todo). Em suma, o conceito de *intericonicidade* parte do pressuposto de que toda imagem se inscreve em uma dada cultura (Courtine, 2005).

Observamos que a foto de Aylan passa de uma formação discursiva (discurso dos direitos humanos) a outra (discurso publicitário), como indicado na tabela abaixo:

Modo de discurso	Discurso dos direitos humanos →	Discurso publicitário →
Cadeia de Significantes atribuídos (S1)	Refugiados	Venda de um produto
Cadeia de Significantes atribuídos (S2)	Crise humanitária	Segurança
Cadeia de Significantes atribuídos (S3)	Denúncia à falha do sistema social/capitalista	Natação

Figura 24: Tabela deslocamento da formação discursiva

A tabela ilustra o deslocamento de uma formação discursiva para outra, podendo ainda se deslocar para outra e assim por diante. Sendo assim, podemos mencionar que há um deslocamento de formação discursiva da imagem 1 para imagem 2. Nesse deslocamento, há uma interposição de imagens, que implica numa *intericonicidade*: uma associação de duas ou mais imagens, que apresentam os mesmos traços icônicos, já que não se trata simplesmente de uma

.... justaposição ou seriação de fluxo de imagens internas e externas, mas se dá a ver na escavação dos fósseis que constituem o lugar histórico dos sujeitos para a constituição de seu discurso e na observação das repetições, que se processam no choque entre as materialidades discursivas e os sentidos que elas provocam (Milanez, 2013, p. 353).

A *intericonicidade* concebe uma abertura para a análise do funcionamento discursivo da imagem, sendo que a identificação das regularidades inscritas no simbólico (cultura, história e política) se opera no espaço de memória coletiva. Assim, a produção discursiva que se efetua em determinadas condições sociais e históricas faz circular formulações anteriores, um efeito de memória e a repetição na atualidade de um acontecimento (Courtine, 2009). Essas formulações vão ao encontro do pensamento de Foucault (1969/2008): todo enunciado discursivo apresenta em seu domínio outras formulações que repete, refuta, transforma ou denega. Assim, entendemos que esse enunciado pode também ser uma imagem.

Não se trata, pois, de ir procurar na sequencialidade de um domínio de memória, de um domínio de atualidade e de um domínio de antecipação a sequência natural do antes, do agora, e do depois, mas, sim, de nele caracterizar as repetições, as rupturas, os limites e as transformações de um tempo processual (Courtine, 2009, p. 111).

Um domínio é um campo discursivo no qual determinado enunciado se insere e se localiza em uma determinada condição de produção e época histórica. O tempo processual está mais para o tempo lógico lacaniano (ver, compreender e concluir) do que para o tempo cronológico dos acontecimentos históricos. Desse modo, o instante de ver é algo inaugural, em que a linguagem se instaura como sincronia, que não é de modo algum a simultaneidade. A diacronia é o segundo tempo, o tempo de compreender. Trata-se do tempo da apreensão, mas permanece na superfície:

.... pour autant que reste irréductible à *cette forme* substantielle de la surface dans cet aspect d'enveloppe où elle se présente ...*ceci que les mains peuvent la saisir* et que c'est là sa forme d'appréhension la plus adéquate, qu'il ne suffit pas de croire qu'elle est là grossièrement *imaginaire* et d'aucune façon réductible au tangible⁵² (Lacan, 1964-65, p. 48).

O instante de concluir ou a terceira dimensão do tempo –o tempo lógico como pressa – designa o vacilo do sujeito, sendo o momento em que conclui sem ainda esgotar o sentido da vida (uma vez que isso é infinito = análise interminável). É nessa virada histórica que o sujeito vive seu sentido vacilando.

Qui ne saura, et plus encore au niveau de notre expérience analytique que de toute autre, voir que dans cette *identification* où
— sans doute la venue au départ du semblable,
— l'expérience qui se mène par les chemins contournés sur eux-mêmes,
— les cycles qu'accomplit à se poursuivre tout autour de cette forme torique dont *la bouteille de Klein*⁵³ est une forme privilégiée,

⁵² irreduzível a essa forma substancial da superfície, nesse aspecto de envelope em que ela se apresenta onde ela se apresenta... isso que as mãos podem agarrá-lo e que esta é a sua forma mais apropriada de apreensão, que não é suficiente para acreditar que ele está lá grosseiramente no imaginário e de forma alguma redutível para o tangível” (Lacan, 1964-65/2006, p. 85).

⁵³ Lacan (1965-66/2006) forjou um artifício a fim de resolver o paradoxo que há entre dois espaços (interior e exterior). Um artifício denominado topológico. A topologia é um ramo da matemática que lida com o estudo de superfícies ou espaços abstratos, onde quantidades mensuráveis não são importantes. A topologia às vezes é chamada de geometria da folha de borracha, porque se imagina que essas formas existem nessas folhas que são infinitamente extensíveis. Na geometria típica, formas fundamentais, como círculo, quadrado e retângulo, são as bases de todos os cálculos, mas, na topologia, a base é de continuidade e posição dos pontos um em relação ao outro, não importa como seja torcido ou esticado, ele permanecerá inalterado quanto a sua estrutura (Granon-Lafont, 2003).

— ce temps de cerner les tours et les retours, et l’ambigu, et l’aliénation, et l’inconnu de la demande ...après ce « *temps pour comprendre* » il est tout de même un moment, le seul d’ailleurs décisif, le moment où se prononce ce : « *Je suis un homme* »... (Lacan, 1964-65, p. 48)⁵⁴

Apreendemos que a *intericonicidade* estabelece esse modo de lógica do tempo no discurso. Courtine (2006) afirma em entrevista concedida à Milanez (2006) que a

.... *intericonicidade* supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault (1969/2008). Mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo (Courtine citado por Milanez, 2006, p. 169).

O sujeito não é somente o produtor, mas também o intérprete e o transmissor das imagens que circulam na mídia, como é o caso da foto de Aylan, que instaurou uma série de (novas) significações e efeitos de sentido. Nessa perspectiva, “a noção de memória foi e permanece ainda aqui um investimento interpretativo de grande alcance, tanto no que concerne às palavras quanto às imagens (Courtine, 2008, p. 17)”.

Foucault (1969/2008) atribui à imagem um valor de verdade, porém, a nosso ver, trata-se sempre de uma interpretação. Aquele que captura a imagem, aquele que olha e aquele que é olhado não são, de maneira alguma, homogêneos. Na estruturação da memória discursiva existe o acontecimento que não para de romper com o sentido já imposto, ou seja, aquilo que escapa à inscrição ou que é absorvido pela memória, mas esquecido (recalcado). Uma imagem pode ter estatuto de acontecimento singular, que passa a ter uma eficácia simbólica, inscrevendo-se, assim, como memória discursiva:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito (Pêcheux, 1973/1999, p. 51).

⁵⁴ Quem não saberá, e mais ainda no nível de nossa experiência analítica que de qualquer outra, ver que nessa identificação, na qual sem dúvida a chegada a princípio do semelhante, a experiência que se leva pelos caminhos tortuosos, os círculos que se cumprem ao se perseguir em torno dessa forma tórica, da qual a garrafa de Klein é uma forma privilegiada, esse tempo de circular as voltas e os retornos e a ambiguidade, e a alienação, e o desconhecido da demanda, depois desse tempo para compreender, é igualmente um momento, o único, aliás decisivo, o momento onde se pronuncia: eu sou um homem (Lacan, 1974-75/2006, p. 86).

De tal modo, as imagens apresentadas (figura 22 e 23) são correlatas em um domínio de atualidade; isso porque toda imagem com características históricas definidas passa por um processo de divulgação e de reconhecimento para reinscrever a história. Para isso, é necessário, segundo Milanez (2013), inscrevê-las por meio de sequências discursivas que se citam ou, ainda, por meio da cadeia de significantes (Lacan, 1957/1998). Quer dizer que a formação discursiva se sustenta numa série de significantes (conforme apresentado na tabela (figura 24)) e numa determinada formação ideológica.

O interdiscurso reflete, assim, na *intericonicidade*, em que, por sua vez, os significantes estão atrelados aos conjuntos de formações ideológicas. Não há discurso que não produza diferentes interpretações e que não promova deslizamentos de sentido. Para isso, é necessário ter como referência o conceito de memória discursiva. A análise discursiva da imagem enquanto ícone tem um caráter não verbal, mas pode ser analisada por meio dos mesmos procedimentos que caracterizam a análise do discurso verbal. Por isso, a foto ou imagem deve ser tomada como uma formação discursiva (ou como significante no sentido lacaniano) em que o sujeito (que produz, que olha, que compartilha) é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. Isso não quer dizer que as interpretações são infinitas, uma vez que consideramos as condições de produção dessas imagens como calcadas na história. Trata-se de uma condição que limita o conjunto de associações e de efeitos de sentido.

A publicidade da natação irrompe com a associação anteriormente feita entre a imagem do menino e o refugiado. A respeito do rompimento de algo já posto (memória discursiva) e em relação ao objeto escópico, Tfouni, Bartijotto e Molena (no prelo) afirmam que o rompimento da unidade representacional aciona o olhar, causando uma elisão entre sujeito e o outro imaginário. Essa colisão produz algo fora da representação e, desse impacto, resulta uma variedade de equívocos. Nesse sentido, o sujeito, aquele que olha, é capturado no instante da ruptura, necessitando, assim, sair de um lugar acomodado e se deslocar para outro.

Vale mencionar que o conceito de *intericonicidade* admite que a materialidade visual, ao recorrer à memória, à história e ao efeito pulsional, desliza para outros sentidos, apontado, assim, para o discurso como sendo da ordem da heterogeneidade. No entanto, as grandes agências mundiais midiáticas tentam controlar, de certa forma, os sentidos produzidos, visto que “les circuits de la communication sont les supports d’un cumul et d’une centralisation du

savoie; les jeu des signes définit les ancrages du pouvoir⁵⁵ (Foucault, 1975/2004, p. 386). Essa tentativa nunca é bem sucedida, pois existe o real que funciona para romper com a unidade imaginária e apontar para o vazio que há na estrutura discursiva.

Notamos que a foto se deslocou para outras materialidades, o que fez com que houvesse deslocamentos e condensações na criação de uma *intericonicidade*. Na peça publicitária foi criada outra materialidade imagética, que indicia segurança e solução ao afogamento de crianças, sendo que a memória coletiva possibilita situar o sujeito no discurso, ao mesmo tempo em que esse mesmo sujeito é organizador e recriador de memória.

Nessa perspectiva, o mecanismo de memória discursiva conta com o esquecimento para que, no seu retorno, algo novo surja, visto que a repetição, no retorno do velho, carrega algo anterior e algo novo também. Portanto, as imagens que engendram um acontecimento discursivo conservam alguns traços e apagam outros, produzindo a ilusão de um novo discurso (Milanez, 2013):

.... o mecanismo da memória coletiva conta com a possibilidade de um esquecimento dessa memória, que vai reaparecer em outros momentos, mas somente depois de ter passado por um processo de deslocamento intermediado pela posição dos sujeitos face ao seu objeto e seu momento histórico (p. 351).

Apreendemos, assim, que a memória regula a circulação de imagens no campo enunciativo. Essas determinadas interpretações “.... não são mais nem admitidos nem discutidos, não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas, em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (Foucault, 1969/2008, p. 64). No caso de Aylan, a associação em torno do refugiado se fixou e, no momento em que surgiu outra associação (afogamento de criança), foi rejeitada e criticada pela maior parte dos espectadores.

Os enunciados ou imagens se produzem num determinado tempo histórico, o que quer dizer que existe um conjunto de dizeres possíveis e proibidos atrelados a esse momento (Tfouni, 2006). Em decorrência da foto de Aylan, houve uma determinada naturalização ou fixação de sentido produzido no campo midiático jornalístico: há uma crise dos refugiados, uma crise migratória, uma crise humanitária. Assim, outros sentidos estão interditados embora eles apareçam no discurso na condição de que seja rejeitado (foraclusão) ou (de) negado. A

⁵⁵ “.... os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber. O jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder” (Foucault, 1975/2003, p. 179).

morte de milhares de crianças é condensada na imagem de Aylan, sendo consequência dessa crise. E na peça publicitária, devido ao deslocamento para outra formação discursiva, temos outro sentido, outro modo de utilizar a imagem de Aylan morto.

A possibilidade de construção de uma série discursiva ocorre por meio da retomada de acontecimentos históricos nos quais as imagens estão inseridas e a “noção de *intericonicidade* supõe a relação entre imagens externas, mas também imagens internas, as lembranças, as imagens de rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo” (Courtine, 2011, p. 160).

A *intericonidade*, no caso da imagem analisada, se estabelece numa tentativa de solucionar um destino trágico, aquilo que é insuportável para o sujeito: a morte de uma criança encontrada sozinha numa praia atraindo o olhar para o intolerável da cena. A cena da criança viva e mergulhando encobre/soluciona a cena de Aylan morto. De tal modo, a peça publicitária funciona como uma espécie de lembrança encobridora. Rivera (2006) seguindo Freud afirma que

[a] lembrança encobridora nos ensina que uma cena esconde outra, mas sobretudo, que ela "põe em cena" significantes que engatam fantasias. Essa cena é uma "tela", portanto, que cobre a experiência traumática, mas faz ver, por meio de uma montagem complexa, elementos que permitem o desdobramento de outras cenas, as cenas da fantasia. Na lembrança que Freud analisa em "Lembranças Encobridoras", é o amarelo das flores ("deflorar") e o gosto maravilhoso do pão ("ganha-pão") que permitem que se reengatem as fantasias que o analista reconstrói em sua análise. Essas duas imagens por excelência são significantes que ancoram uma encenação mítica da própria constituição do sujeito, ao mesmo tempo velando e deixando entrever o recalcado (p. 74).

Atrelado ao conceito de *intericonicidade*, retomamos o conceito de heterogeneidade constitutiva do discurso (Authier-Revuz, 2004), que remete à presença do Outro (no sentido simbólico e inconsciente) e do pequeno outro (dimensão imaginária). Trata-se de um exterior-interior (espaço topológico) ao sujeito, da presença de vozes e imagens que constituem os seres humanos em sujeitos. A presença desse Outro não é explícita no discurso, pois os sujeitos que produzem ditos e imagens não percebem que sempre são uma alusão ao discurso do Outro, uma alteridade sempre presente, mesmo que aparentemente ausente. Nessa perspectiva, a voz e o olhar do Outro no discurso instituem o sujeito do inconsciente.

Numa interlocução entre AD e psicanálise, Authier-Revuz (2004) propõe que

i) Todo discurso é atravessado por outros discursos e o sentido vai decorrer desse entrecruzamento de vozes; ii) a análise da heterogeneidade constitutiva escapa à

linguística, pois não há como reconhecer marcas desse entrecruzamento de vozes e não é possível realizar sua análise em um discurso; iii) o dialogismo e a psicanálise permitem perceber a exterioridade como constitutiva do discurso; iv) a heterogeneidade mostrada possui marcas detectáveis em uma análise; v) o sujeito e o discurso caracterizam-se por serem heterogêneos.

A heterogeneidade do discurso funciona na *intericonicidade* das imagens, devido ao fato que existem trocas entre imagens do arquivo social e imagens registradas no inconsciente que, muitas vezes, escapam à linguagem. Porém, numa dimensão topológica, em que não há dentro e nem fora, como na banda de Moebius, Cross-Cap, Garrafa de Klein etc., compreendemos que se trata de uma mesma superfície, conforme anuncia Lacan (1961-62/2011).

Desse modo, um acontecimento não se encerra numa unidade invariável, não se indica a si mesmo, e se constrói num campo complexo de discursos e ideologias. Isso quer dizer que as imagens instauram um vazio de evidência já que

.... un énoncé est toujours un événement que ni la langue ni le sens ne peuvent tout à fait épuiser. Événement étrange, a coup sûr : d'abord parce qu'il est lié d'un côté à un geste d'écriture où à l'articulation d'une parole, mais que d'un autre côté il s'ouvre à lui-même une existante rémanente dans le champ d'une mémoire (Foucault, 1969, p. 40-41)⁵⁶.

Na peça publicitária (figura 20) há a transformação (numa espécie de *intericonicidade*) do mal-estar na cultura, tema que evoca a morte, em marketing, cuja intenção é o lucro, como se fosse possível evitar a morte numa situação contingencial. A imagem de Aylan que representa a morte foi substituída por uma imagem que representa nascimento. Porém, o tom é de advertência e, para vender uma segurança (relacionada à necessidade de aprender a nadar), foi preciso implantar uma ameaça imaginária, conforme anunciou o banner da academia de natação: “nove meses para nascer, três anos para crescer, e dois minutos pra ficar sozinha em um minuto pode morrer afogada”.

Observamos, portanto, que há, nesse anúncio, uma faceta perversa que está implícita no discurso capitalista/publicitário. Esses dois discursos operam por meio de uma montagem: a partir de objetos de consumo ou serviços oferece-se ao sujeito a obturação da falta. No

⁵⁶ um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória (Foucault, 1969/2008, p. 32).

entanto, existe a impossibilidade de completude, por isso, o cinismo em prometer tal façanha. O discurso capitalista (Lacan 1972/2011) faz semblante de que possui o objeto que satisfará o desejo do sujeito, criando-se a ilusão de um objeto acessível. Nesse sentido, os objetos produzidos pelo capitalismo tem a aparência de objeto *a*, mas sem sê-lo, daí o *Unheimlich*, como emergência da angústia para o sujeito. Trata-se de um semblante e não de uma verdade. Nesse mesma perspectiva, Baudrillard (1991, 2003) descreve a lógica do capitalismo como

.... as necessidades, os sentimentos, a cultura, o saber, todas as forças próprias do homem acham-se integradas como mercadoria na ordem de produção e se materializam em forças produtivas para serem vendidas, hoje em dia, todos os desejos, os projetos, as exigências, todas as paixões e todas as relações abstratizam-se (e se materializam) em signos e em objetos para serem compradas e consumidas (Baudrillard, 1991, p. 207).

O discurso publicitário se constrói por meio de um senso comum carregado de valores sociais, culturais, políticos e estéticos. Sua ideologia é baseada na lógica de consumo, sendo social e positivamente valorada em nossa época. Dessa forma, as peças publicitárias enfatizam o significado de um poder que se legitima pela ordem do espetáculo (Debord, 1997, Medeiros, 2009).

A partir dessas considerações, entendemos que o discurso publicitário torna as mercadorias/serviços em fetiches que são transformadas em marcas de sedução. Por meio de um processo persuasivo e apelativo, ocorre uma obediência (de ordem inconsciente), por parte do sujeito, a adquirir determinado produto, ou seja, a mensagem afeta o sujeito do inconsciente, que é induzido a crer que o objeto de consumo satisfará sua demanda. Essa façanha ocorre sem abolir o desejo, já que é ele que sustenta o consumo. Além disso, conforme Charaudeau (2006), a aquisição de produtos e serviços no mundo capitalista é tomada como uma forma de pertencimento e de aceitação social.

O discurso publicitário, por meio da interpelação ideológica, persuade o sujeito de forma perversa a consumir, e um dos modos de convencimento é a utilização de fragmentos discursivos anteriores (*intericonicidade*) para que uma determinada mensagem chegue ao consumidor de forma natural e, ao mesmo tempo, espetacular. Assim, esse modo de discurso naturaliza o consumo ao colocá-lo como uma necessidade, significando que é preciso ter para ser na era do consumo e das imagens. A publicidade, por conseguinte, autentica o que se deve ou não consumir, induzindo o imaginário social de que consumir é pertencer, sendo que aquele que não pode consumir é excluído. No caso da publicidade da natação, esse

mecanismo perverso não funcionou, uma vez que foi rejeitado e criticado pelos espectadores. A publicidade da natação não funcionou como sedução ao sujeito.

Ao que nos parece, o fracasso desse anúncio tem a ver com a utilização de uma imagem que se naturalizou/fixou símbolo dos refugiados e, também, ao seu apelo à barbárie social. Esse foi um ponto problemático da publicidade: ter desnaturalizado àquilo que a mídia jornalística impôs como símbolo mundial da crise dos refugiados. Essa publicidade foi considerada, portanto, uma agressão à situação trágica dos refugiados atualmente.

Constatamos que a mídia possibilita um jogo de significantes que se configuram numa dinâmica de replicações, provocações, respostas atravessadas etc. que se sucedem a partir de mal entendidos e equívocos. Seu funcionamento se revela num jogo entre fazer aparecer e desaparecer o *Unheimlich* para o sujeito, causando um mal-estar coletivo em dois sentidos: comoção, no caso da foto de Aylan, e angústia, no caso da peça publicitária da escola de natação.

Além disso, na peça publicitária (figura 20) há duas imagens: uma criança mergulhando e uma criança morta. Então, mais uma vez, temos a figura de uma criança que choca o espectador (ver cap. 3). A imagem do inconsciente infantil retorna nessa publicidade de modo inquietante e estranho ao sujeito adulto que olha. A demanda, proveniente do imaginário social, coloca em questão como uma sociedade sonha sua infância. A imagem da criança marca, assim, o lugar que o adulto assume para o mundo ou para o Outro. Nesse interim, essa posição recorta traços imaginários e simbólicos do adulto e de sua fantasia constitutiva.

Lajonquière (1999, 2009, 2010) aponta dois elementos para pensarmos sobre o lugar que a infância ocupa no imaginário social na atualidade: a (des) implicação e a (ir) responsabilidade dos adultos em relação à nova geração. O autor aponta para o desejo pelo fim da infância e ao mesmo tempo para sua perenidade, ao negar a diferença entre as gerações. Ambas as considerações são ilusões, visto que a infância só existe para o sujeito enquanto perdida. Na foto de Aylan, essa perda se concretiza e, na peça publicitária, há uma tentativa de recuperação da perda (mais-gozar, conforme Lacan (1969-70/1992)).

Há, na constituição do infantil, um sentimento de repúdio ou recusa em aceitar o "desmentido que a realidade nos impõe" acerca da crença que o sujeito moderno tem do que é ser feliz. Esse mesmo sujeito tenta conservar a quimera de que um dia todos nós alcançaremos um mundo feliz de iguais. Porém, quando o sujeito cresce, há uma parte que abandona essa miragem e a outra parte não abdica de tal utopia, e isso ocorre na medida em que o desmentido se apaga da lembrança (O. Mannoni, 1973, p. 11).

Revelamos, portanto, que a peça publicitária (criança morta + criança viva) reflete a posição do sujeito, a clivagem do psiquismo ou a divisão do sujeito. Trata-se de uma posição repartida na qual um pedaço opera com a conservação da crença de que há, ao menos, um que não seja castrado, e a outra, na qual todos nós somos castrados. Notamos uma compulsão, em nossos tempos, em atribuir à criança todas as perfeições; um lugar pertencente somente ao imaginário social. Criamos um mundo feliz para as crianças e, quando nos deparamos com situações em que isso se rompe, *perdemos o chão (le sol se dérobe sous nos pieds)*; momento em que nos deparamos com a não-existência da criança ideal, universal, segura e feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A foto de Aylan, através de milhões de postagens, percorreu o mundo em instantes, tocando a todos e mostrando, inclusive ao Brasil, a guerra que assola a Síria. Por meio da ação da mídia jornalística e do funcionamento do discurso, essa foto ocupou um lugar de mal-estar globalizado prestando-se a diversos usos, inclusive o uso publicitário, como apresentamos nesta tese. Essa repercussão se deve ao efeito ideológico, segundo a Análise do Discurso (AD), e à identificação em massa, própria da estrutura do sujeito proposta pela psicanálise freudiana e lacaniana.

A foto viralizou em nível global, o que pode ser verificado através do volume extenso de *retuïtes*, compartilhamentos nas redes sociais e capas dos principais jornais do mundo. A imagem deslizou-se para outros lugares, para outros registros narrativos, causando uma difusão e (re) elaborações. Por fim, há o apagamento, que permite que novas notícias suplantem as antigas, funcionamento este que é característico do discurso jornalístico e da mídia de modo geral.

A publicação dessa foto foi justificada pela mídia jornalística por revelar a barbárie causada pelo próprio homem, testemunhando com crueza a morte de uma criança; “como em um automatismo profissional ao qual nenhum fotógrafo pode deixar de obedecer diante de qualquer horror, ou em um sincero sentimento de participação na dor do mundo, tão brutalmente condensada em um pequeno corpo que jaz no litoral” (Colombo, 2018, p. 16).

As fotografias e as imagens que circulam na mídia têm o poder de interpelar o sujeito e impor um sentido estabilizado que é sustentado pelas formações imaginárias. Tfouni, Monte-Serrat e Pimenta (2012) afirmam que, se existe no fotógrafo a intenção de estabilizar sentidos, isso não ocorre, pois a fotografia, “como toda estrutura semiótica, continua sujeita aos pontos de impossível e, portanto, à deriva” (p. 10). Para Pêcheux (1969/1997), as formações imaginárias dependem do processo de identificação, ou seja, envolvem o jogo de imagens, do discurso dominante da época e das interpelações ideológicas. Nesse sentido, houve a produção de um imaginário social em torno dessa foto imposta pelos jornais: de que há uma crise dos refugiados, uma crise migratória, uma crise humanitária. Trata-se de dar um sentido numa tentativa (inconsciente) de contornar esse estranho (representado pela imagem de uma criança morta) que nos olha através da foto.

Assim nos perguntamos por que nenhum sistema social pode gerar prazer e segurança ao sujeito? Os refugiados fogem de guerras fratricidas desde sempre, as democracias

ocidentais ainda conseguem resistir à guerra, porém, como todo mandato ético, todos os sistemas que conhecemos são frágeis; a barbárie sempre retorna de algum modo. Observamos com frequência, através da mídia, que populações de inúmeras nações do Oriente e africanas se matam entre si, e algumas atualmente ainda vivem em conflitos armados. Eles (os refugiados) desejam vir para o Ocidente e um deles chegou a dizer que “pelo menos aqui temos água”. Portanto, questionamos se a falha do capitalista gira em torno da falta de democracia (questão para outra pesquisa).

Para Freud (1929/1996), as normas que permeiam os laços sociais muitas vezes operam como causa do sofrimento humano. Assim, constatamos, na foto de Aylan, que, apesar de a felicidade ser subjetiva, ela revela ao sujeito que o social não oferece proteção e benefício e, ainda, pode ser causa de angústia e de uma inquietante estranheza. Porém, existe a Lei simbólica (da ordem da estrutura da linguagem) que ordena, possibilitando os laços sociais. Para o sujeito se inscrever na linguagem e no social é necessário abdicar parte da sua satisfação pulsional e essa frustração domina grande parte das culturas, sendo “.... a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar” (p. 104).

Para Assoun (2012), Freud, com a condição de ser relido, persiste em nos ensinar sobre o social: “Ali onde havia o mal-estar, o sujeito da cultura teria chance de advir, exceto pelo fato de tomar distância de sua íntima divisão e endossá-la (p. 24)”. Ao partirmos do princípio de que há uma continuidade, como a formiga que percorre a banda Moebius (c.f. quadro de M.C. Escher, Banda de Moebius II) entre social e sujeito, Aylan se tornou uma pedra no meio do caminho, um obstáculo ao ideal do imaginário social.

Pelos seus efeitos e suas repercussões, a foto carrega uma marca, um traço da repetição histórica das barbáries, entrando para o arquivo da memória social de uma dada época. Essa foto fez o espectador, o sujeito que a observa, rememorar a finitude do ser, causando uma inquietante estranheza que nos fez remeter ao conceito proposto por Freud: *Unheimlich*, o não-familiar, a inquietante estranheza. Ao mesmo tempo, a foto de Aylan, numa espécie de projeção, revela a condição faltante do ser humano. Esses são fatores que sustentam a repercussão da foto.

O *Unheimlich* é um elemento que está associado a algo aparentemente exterior ao olhar, mas, na realidade, é uma imagem constitutiva do inconsciente. A foto, nesse sentido, faz retornar estranhamente o conteúdo que fora recalcado, isto é, a própria castração (no sentido freudiano). O retorno do recalcado, materializado na imagem de Aylan, fura a unidade imaginária do sujeito e perturba a estabilização dos sentidos naturalizados pela ideologia.

A mídia jornalística, ao tentar contornar o mal-estar, associa, numa espécie de (re) tomada de consciência, a imagem à problemática social dos refugiados. Esse mecanismo se deve ao funcionamento da mídia, que está apoiada no discurso capitalista. Através da investigação do funcionamento desses discursos foi possível mostrar como a foto despertou afetos que se configuraram em compaixão, pena, amor, ódio, servindo para revelar os deslocamentos discursivos que se deu ao redor da foto.

Com relação à mídia jornalística, observamos enunciados parafrásticos que anunciam a existência de uma crise migratória e uma crise humanitária. Os jornalistas se servem da foto do menino morto para dar voz e visibilidade à problemática dos refugiados e os conflitos armados de nossa época, numa espécie de denúncia.

Vale destacar que o discurso jornalístico também é submetido a uma prática social repetidora de determinadas ideologias, sendo constituído por vozes divergentes, mas que tenta se apresentar de forma homogênea. Esse modo de discurso age como um aparelho ideológico que atua na estabilização de um sentido “natural” para o sujeito, tratando as notícias jornalísticas como meras informações e evidências. Esse modo de enunciar se apresenta para o sujeito como se não houvesse interpelação ideológica e nem fôssemos atravessados pela fantasia inconsciente. Nenhum discurso veicula a verdade, visto que a tomamos como meio-dita, pois a linguagem é estruturada por equívocos, mal-entendidos, ambiguidades, lacunas (Lacan, 1957/1998). Assim, ressaltamos que os efeitos de sentidos variam de lugar para lugar na medida em que o significante se repete e se desliza.

Do nosso ponto de vista, a foto, que teve um efeito viralizador (*un effet viral*) na mídia, despertou a condição trágica do sujeito (castração), logo a condição trágica de todos, remetendo, portanto, ao furo estrutural do sujeito, que se constitui na relação alienante ao Outro. O discurso capitalista, dominante nos países ocidentais, promete, de maneira perversa, o impossível, isto é, o tamponamento da falta estrutural (real) e a resolução da castração (simbólica). Podemos encontrar essa faceta perversa na peça publicitária analisada que, ao oferecer um serviço (aulas de natação) ao consumidor, provoca uma inquietante estranheza: uma angústia que emerge quando a falta falta (*que le manque vient à manquer*), gerando uma angústia coletiva e um amontoado de críticas.

Apreendemos, nesta pesquisa, que imagens e enunciados jornalísticos produzem sentidos que têm por objetivo contornar o mal-estar coletivo e a inquietante estranheza, ao passo que a publicidade tem como intuito tamponar a falta. No caso da foto de Aylan, a mídia jornalística mantém o menino no lugar de vítima do sistema, no lugar de símbolo dos refugiados. Uma imagem que indicia uma suposta crise humanitária, uma suposta falha no

sistema social. A publicidade vende um produto para sanar o furo estrutural do sujeito, como se fosse reparar a falha. No entanto, em todas as formas, a foto de Aylan foi objeto de discurso que provocou mal-estar coletivo, esburacando a unidade imaginária anteriormente estabelecida.

Utilizamos o conceito de *intericonicidade* na análise da imagem da publicidade de natação, criada em torno da foto de Aylan, tomada como acontecimento discursivo, que se estruturou por meio de significantes (no sentido lacaniano). Apesar de a imagem não ter a mesma forma que a língua (estrutura sintática e gramatical), ela está inserida na estrutura da linguagem, ou seja, a análise da materialidade linguística continua sendo o ponto de partida para analisar a imagem. E a *intericonicidade* coloca as imagens umas com as outras num processo de condensação e metonímia.

Os discursos, através do mecanismo da ideologia e do inconsciente, produzem imagens a partir de figuras anteriores, dando a impressão de novas imagens. Porém, o novo não está no que é dito, mas em seu retorno como acontecimento, sendo que, em sua retomada, se produz algo diferente. O objeto em si não é apreensível, a não ser por meio do olhar de um sujeito que implica a posição de onde se olha e de onde são atribuídos sentidos. A memória coletiva, assim, possibilita nos situarmos como um sujeito particular e sócio-histórico ao mesmo tempo e não apenas como espectadores (sujeitos passivos), pois se trata sempre de sujeitos que atuam e recriam a história a todo instante. Para Milanez (2013):

O tratamento discursivo das imagens consiste no processo de recuperação de outras imagens e dos saberes que eles fazem aparecer, não para considerá-los com o sentido que tinham no momento de onde estão sendo contemplados, mas para ressitua-los enquanto forma de conhecimento, mecanismo largamente conhecido durante o funcionamento discursivo. Em resumo, o domínio de memória admite vários discursos transversais que o cruzam, funcionando como procedimento de controle de um discurso (p. 353).

Apreendemos que, na dimensão do inconsciente, a foto marca o encontro com o real pulsional, implicando, por um lado, a pulsão escópica (cujo objeto é o próprio olhar) e, por outro, a pulsão de morte. Do mesmo modo, a foto indicia um insuportável de ser visto, mas que, ao mesmo tempo, causa uma espécie de empuxo ao olhar uma criança morta. Olhamos, assim, para algo que não queremos ver. Isso está relacionado ao funcionamento do sujeito na sua relação com o gozo do Outro e com a repetição da cena traumática de ordem inconsciente.

Podemos dizer que se trata de um paradoxo que é próprio do sujeito do inconsciente, o sujeito infantil.

Notamos que a imagem da criança e da infância feliz, por efeito ideológico, está associada ao par vida/futuro interrompida/o pela foto, sobrevivendo outra formação discursiva. Momento em que a criança tem seu sentido atrelado à morte e à infância perdida ou roubada. Algo da dimensão do real irrompe no registro simbólico, esburacando o sentido social naturalizado em nossa época de que toda criança deve ter uma infância feliz. Dessa forma, o sentido logicamente estabilizado se desfaz, causando a necessidade de uma nova interpretação, desenlaçando o nó entre real, simbólico e imaginário. A foto de Aylan desestabiliza o funcionamento dos três registros e a mídia jornalística, por exemplo, usa a questão do refugiado para enlaçar novamente esses três registros.

A seriedade das imagens em nossos tempos, segundo Sontag (2004), revela ou esconde o sofrimento do sujeito. A forma que cada um percebe e interpreta esse amontoado de imagens que circula na mídia depende tanto das condições de produção (Gregolin 2007) quanto da singularidade com que cada espectador encara essas imagens. Porém, Sontag (1994) afirma que o discurso que percorre as mídias – e que resulta dos enunciados produzidos por meio dos veículos de comunicação – tem o poder de “fazer o sofrimento avultar, globalizá-lo, pode incitar as pessoas a sentir que deveriam ‘importar-se’ mais. Também as convida a sentir que os sofrimentos e os infortúnios são demasiado vastos” (p.68). Baudrillard (1981), por sua vez, afirma que mídia e capitalismo formam simulacros, aparências de realidade que não só parecem mais reais do que a realidade física e social, mas também a substituem: “le simulacre n’est jamais ce qui cachê la verité – c’est la verité qui cachê qu’il n’y en a pas” (p. 09).

Do nosso ponto de vista, de alguma forma a mídia dá visibilidade aos marginalizados, incluindo-os, mas na forma de excluído. Constrói-se uma realidade virtual (Levy, 1998) que não é real, pois sempre se trata discursos e não da apreensão de um suposto fenômeno em si, mesmo que seja por vídeo, fotografia, ao vivo etc. Trata-se de representações que criam novas interpretações e novas construções da realidade. Não podemos deixar de mencionar que todo discurso recorta um pedaço da realidade, dando a impressão de que aquilo é um todo daquele acontecimento. A ilusão do real é feita por meio de discursos pautados no imaginário social e, desse ângulo, as notícias e as propagandas criam engodos. A construção dos enganos depende das condições de produção e da ideologia a que o sujeito estiver identificado, bem como da fantasia (singular) inconsciente desse mesmo sujeito, seja aquele que produz, seja aquele lê, seja aquele que olha, seja aquele que compartilha.

Constatamos, também, que as notícias perdem rapidamente seu lugar, seu valor. Do mesmo modo funcionam os objetos de consumo, que se tornam facilmente defasados e substituídos por outros mais potentes e supostamente melhores. Consumimos notícias! Assim, colocamos as notas jornalísticas na série dos objetos a ser consumidos. Esse é o funcionamento da mídia jornalística, sustentado pelo discurso capitalista. Por exemplo, a mídia jornalística no ano de 2020 não produz mais notícias que giram em torno da guerra no Oriente e da problemática dos refugiados. Nesse ano (2020), a notícia do momento é a pandemia causada pelo coronavírus, que também tomou uma dimensão trágica e globalizada.

A posição do sujeito face à imagem é o que propicia uma familiaridade, um estranhamento, um mal-estar, uma angústia, uma indiferença. Sabemos que os sujeitos resistem a determinados sentidos e tendem a outros. A inquietante estranheza (*Unheimlich*) existe em cada sujeito e pode se manifestar nos laços sociais, uma vez que se trata do gozo do Outro enquanto alteridade que o constitui. Desse modo, o sujeito na relação com o objeto e com o Outro se apega na ilusão de que o ideal existe, mas a emergência das alteridades desestabilizam as identificações aos ideais. E a operação do discurso capitalista promete, sob a forma de um engodo, suprir os anseios, os medos, as angústias do sujeito com objetos e serviços, respondendo (sem) sucesso a demanda do sujeito moderno.

Segundo Lacan (1964/2008) e Pêcheux (1975/1988) só há causa daquilo que falha (ou manca) e os sentidos que os jornais deram não resolvem a questão do sujeito do inconsciente e das múltiplas possibilidades de formulações via discurso, uma vez que o real *ex-siste* e não cessa de não se representar/escrever. O discurso jornalístico, ao apontar a causa da morte de Aylan, “recalca” a impossibilidade de não haver falta, sustentando, assim, o mote de que tudo é possível. E a publicidade denega a castração ao propor uma solução. Mostramos esses funcionamentos e seus engodos no decorrer desta pesquisa: o discurso jornalístico não é A verdade e o discurso publicitário nem sempre funciona. Os discursos que regem a sociedade não tamponam a falta e não resolvem o mal-estar na cultura em virtude dela ser estrutural.

A foto de Aylan entra para uma memória (social), retomada a partir de um acontecimento discursivo permanece calcada no significante refugiado. Porém, não importa o objeto que a imagem emite, até mesmo porque ele não é acessível, sendo a posição do sujeito que olha que dará formas e sentidos ao objeto olhado. Lembrando que essa forma sempre cai no imaginário.

Concluimos, ao longo da pesquisa, que a foto de Aylan é uma imagem que desperta um mal-estar coletivo (uma espécie de comoção/emoção) e a foto da publicidade (criança mergulhando + foto de Aylan morto como pano de fundo) evoca uma consternação, um

estranhamento. Na peça publicitária, emerge a falta da falta, visto que se tenta tamponar o furo na imagem, ao oferecer uma solução à própria castração: “não se preocupe, pague uma aula de natação”.

A partir da análise da foto de Aylan, das notícias jornalísticas e da imagem da publicidade de aulas de natação, extraímos quatro pontos nodais do percurso da foto em questão na mídia:

1. A foto de uma criança morta veiculada pela mídia surpreende e choca seus leitores, provocando uma comoção generalizada, um mal-estar coletivo;
2. O discurso jornalístico recalca a morte de uma criança e os jornalistas apontam para aquilo que acreditam ser uma falha no sistema social da atualidade, ou seja, aquilo que o capitalismo é e os sujeitos não querem ver: a exploração da miséria humana e seu destino trágico;
3. A foto, associada ao discurso sobre refugiado, mascara a perturbadora divisão do sujeito, ao propor um contorno imaginário à falta estrutural. Isso quer dizer que, se resolvermos a questão do refugiado que estava sendo deixada de lado (uma espécie de pré-consciência coletiva), concertaremos as falhas do sistema: uma (im)possibilidade!
4. O anúncio de natação faz retornar o recalcado (a própria castração), mas o próprio anúncio oferece uma solução numa espécie de denegação da falta. Essa façanha causa uma estranheza perturbadora numa dimensão coletiva. A peça publicitária, portanto, redobra o efeito de mal-estar, causando uma inquietante estranheza (*Unheimlich*) ao oferecer um objeto que tamponaria o vazio do ser. Aqui tivemos um (des)velamento sobre aquilo que o discurso capitalista oferece e, por efeito, uma aversão, visto que a falta da falta angustia o sujeito.

Finalmente, torna-se necessário destacar que a foto de Aylan Kurdi morto produziu grande impacto justamente por ser a imagem de uma criança que “poderia ter sido meu filho” (identificação). Isso quer dizer que permanecemos sem olhar para aquilo que está ali na praia: Aylan. Ao olharmos a imagem vemos a nossa própria projeção. Mesmo diante dos nossos olhos e de todo o mundo, a criança morta permanece irremediavelmente sozinha. Não a vemos. Vemos a crise dos refugiados, vemos o horror da nossa própria infância, vemos o horror da perda dos nossos próprios filhos. E não há outro jeito, sempre olhamos para o mundo através do filtro de nossa fantasia; olhamos de forma sempre reeditada pelo que (não) queremos ver. Nesse sentido, essa imagem é um abismo, uma vertigem.

É por isso que a foto causa um estranho gozo ao olhar, pois ela está onde o desejo falta, pois os ideais modernos se desmontam. Dessa maneira, a relação do sujeito com o desejo não se sustenta nessa imagem, e, assim, o sujeito que olha paralisa, horroriza, se choca, podendo dar ou não um sentido. Os jornalistas fizeram e foi aceito pelo público; a escola de natação também, mas rejeitada pelos espectadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS⁵⁷

- 15 ilustrações em homenagem ao menino Aylan Kurdi (2015, 04 de setembro. Pragmatismo político. Recuperado em 27 de janeiro de 2020, de www.pragmatismopolitico.com.br/2015/09/15ilustracoes-em-homenagem-ao-menino-aylan-kurdi.html
- Academia de natação no Sul usa foto de menino sírio afogado em anúncio. (2016, 02 de março). *Folha de São Paulo online* [São Paulo, Br]. Recuperado em 02 de abril de 2018, de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1753951-academia-de-natacao-no-sul-usa-foto-de-menino-sirio-afogado-em-anuncio.shtml>.
- Achard, P. (2007). Memória e produção discursiva. In: Achard, P.; Davallon, J.; Durand, J. L. *O papel da memória*. (pp. 11-22). Campinas, SP: Editora Pontes.
- Adatto, K. (1998, 25 de maio). Conceito de infância passa por transformação. In: O Estado de São Paulo. Matéria de Peter Applebome.
- Akoda, K. (2018). Réfugié ou migrants? Les enjeux politiques d'une distinction juridique. In Lhuillier, D. ; Pestre, E. *Migrants, réfugiés exilés : résistances et créativité*s. Paris, FR : Érès.
- Alto do Comissariado das Nações Unidas. ACNUR. (1951). *Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados*. Recuperado em 10 de março de 2018, de http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf
- Alto do Comissariado das Nações Unidas. ACNUR. (2005) *An Introduction to International Protection: Protecting Persons of Concern to UNHCR*. Geneva: Office of the United Nations High Commissioner for Refugees. Recuperado em 30 de junho de 2017, de <http://www.unhcr.org/3ae6bd5a0.pdf>
- Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados. ACNUR. (2008). *Los derechos humanos y la protección de los refugiados*. Ginebra: Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados, v. 1. Recuperado em 10 de janeiro de 2018, de <http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2008/6447.pdf?file=fileadmin/Documentos/Publicaciones/2008/6447>
- Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados. ACNUR. (2010). *Protección de los Refugiados en el derecho internacional*. Recuperado em 16 de junho de 2017, de <http://www.refworld.org/pdfid/4ccac1a32.pdf>
- Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados ACNUR. (2013). Conference of Plenipotentiaries on the Status of Refugees and Stateless Persons: Summary Record of the Nineteenth Meeting. Recuperado em 30 de junho de 2017, de <http://www.unhcr.org/3ae6bd5a0.pdf>.

⁵⁷ Estilo APA 6. ed.

- Alto do Comissariado das Nações Unidas. (2013). *Convenção de 1951 Relativa ao Estatuto dos Refugiados*. Recuperado em 20 de maio de 2017, de <http://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>.
- Agamben, G. (1995). *Bartleby ou la création*. Saulxures, França : Éditions Circé.
- Agamben, G. (1995). *Bartleby, ou da contingência*. São Paulo, SP: Autêntica.
- Agamben, G. (2012). Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro. Entrevista com Giorgio Agamben. *Instituto Humanitas UNISINOS*. Acessado em 15 de setembro, de <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>.
- Agier, M. (2016). *Les migrants et nous*. Comprendre Babel. Paris, FR : CNRS Editions.
- Althusser, L. (1976). *Idéologie et appareils idéologiques d'État*. Paris, Fr : Éd. Sociales.
- Althusser, L (1983). *Aparelhos ideológicos do Estado*. (W. J. Evangelista, M. L. V. Castro, trads). Rio de Janeiro, RJ: Graal. (Trabalho original publicado em 1970).
- Althusser, L. (1993). *Écrits sur la psychanalyse : Freud et Lacan*. Paris, Fr : Stoch/Imec.
- Andrade, J. H. F. (1996). *Direito internacional dos refugiados: evolução histórica 1921-1952*. Rio de Janeiro, RJ: Renovar.
- Arbus, D. (1985). *Photographe de presse*. Paris, Fr: Herscher.
- Ariès, P (1973). *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris, Fr : Seuil. (Obra originalmente publicada em 1960).
- Ariès, P. (1986). *História social da infância e da família*. (D. Flaksman, trad.). Rio de Janeiro, RJ: LCT (Obra originalmente publicada em 1960).
- Arrivé, M. (2000). Lacan gramático. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 3(2), 9-40. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982000000200001>.
- Assoun, P. L. (1979). *Marx e a repetição histórica*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Aumont, J. (1993). *A imagem*. Campinas, SP: Papirus.
- Assoun, P. L. (2012). *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Authier-Revuz, J. (2004). *Entre a transparência e a opacidade, um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Aylan Kurdi, la historia del niño cuya muerte ha retratado el drama de los refugiados. (2015, setembro, 03). *20 Minutos* [Espanha]. Recuperado em 20 de agosto de 2020, de <https://www.20minutos.es/noticia/2547335/0/aylan-kurdi-historia-vida/nino-siria/foto-ahogado/>.

- Bairrão, J. F. M. H.. (2011). A propósito do Outro, etnográfico e em psicanálise. *Rev. Filos.* 23(33), 345-358.
- Barbosa, V. (2015, junho 26). A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados. *Exame online* [São Paulo, Br]. Seção mundo. Recuperado em 20 de outubro de 2019, de <https://exame.abril.com.br/mundo/a-foto-deste-menino-simboliza-toda-a-tragedia-dos-refugiados/>.
- Barichello, S. E.; Araújo, L. E. B. (2004). Aspectos históricos da evolução e do reconhecimento internacional do status de refugiado. *Rev. Universitas: Relações Internacionais*. 12(2), 63-76. DOI: <https://doi.org/10.5102/uri.v12i2.2997>.
- Barnard, A.; Shoumali, K. (2015, setembro, 03). Image of Drowned Syrian, Aylan Kurdi, 3, Brings Migrant Crisis Into Focus. *The New York Times* [Estados Unidos]. Recuperado em 02 de maio de 2019, de <https://www.nytimes.com/2015/09/04/world/europe/syria-boy-drowning.html>
- Bartijotto, J. (2014). *O discurso sobre o ato infracional materializado no Estatuto da criança e do adolescente*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Baudrillard, J. (1991). *A Sociedade de consumo*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1981). *Simulacres et simulation*. Paris, Fr : Éditions Galilée.
- Baudrillard, J. (2003). *De um fragmento ao Outro*. São Paulo, SP: Zouk.
- Bettis, J. (2007). A pulsão ecópica na contemporaneidade. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, RS, 32, 49-65.
- Brandão, H. N. (2004). *Introdução à Análise do Discurso*. 7 ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP.
- Bresser-Pereira, L. C. (2011). *As duas fases da história e fases do capitalismo*. Artigos para discussão da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, SP: FGV-EESP. Recuperado em 12 de abril de 2019, de <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8081/TD+278+-+Luiz+Carlos+Bresser+Pereira.pdf?sequence=1>
- Bresser-Perreira, L. C. (2017). Estado, estado-nação e formas de intermediação política [versão eletrônica]. *Rev. Lua Nova*. 100, 155-185. Recuperado em 10 de março de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/ln/n100/1807-0175-ln-100-00155.pdf>
- Brousse, M. H (2003). *O inconsciente é a política*. São Paulo, SP: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Bucci, E.; Khel, M. R (2004). *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo, SP: Boitempo.

- Büyük dramın sembolü Aylan ve Galip. (2015, setembro, 03). *Hürriyet* [Turquia]. Recuperado em 20 de fevereiro de 2020, de <https://www.hurriyet.com.tr/dunya/buyuk-dramin-sembolu-aylan-ve-galip-29983455>.
- Calligaris, C. (1991). *Hello Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Calligaris, C. (1993). Sociedade e indivíduo. In Fleig, M. *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo, RJ: Editora Unisinos.
- Camus, A. (1972). *L'étranger*. Paris, Fr: Gallimard. (Obra originalmente publicada em 1942).
- Camus, A. (2009). *O estrangeiro*. Rio de Janeiro, RJ: Record. (Obra originalmente publicada em 1942).
- Canclini, N. (2003). *A Globalização Imaginada*. São Paulo, SP: Iluminuras.
- Carneiro, W. P. (2005). *As mudanças nos ventos e a proteção dos refugiados*. RevUniversitas: relações Internacionais, 3(2), 1-11. Recuperado em 8 de fevereiro de 2018, de <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/relacoesinternacionais/article/view/286/274>.
- Cartier-Bresson, H. (1978). *Photographe*. Paris, Fr: Delpire.
- Cartier-Bresson, H. (1985). *Photoportraits*. Paris, Fr: Gallimard Arts.
- Cartier-Bresson, H. (2008). *Le tir photographique*. Découvertes. Paris, Fr: Gallimard Arts.
- Cartier-Bresson, H. (2009). *Portal da fotografia*. Recuperado em 23 de outubro de 2020, de http://www.portaldafotografia.com/detalhes_publicacoes.php?publicacoes=19
- Castle, S.; Miller, J. M. (2004). *La era de la migración: movimientos internacionales población em el mundo moderno*. Cidade do México, MEX: Universida Autónoma de Zacatecas.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede* (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1) São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Cerqueira, D. (org). (2019). Atlas da Violência. *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: IPEA. Recuperado em 30 de setembro de 2020, de <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/6537-atlas2019.pdf>.
- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano I: Artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias*. São Paulo, SP: Contexto.
- Chatelard, D. S. (2005). *O conceito de objeto na psicanálise: do fenômeno à escrita*. Brasília, DF: Editora UnB.

- Calligaris, C. (1991). *Hello Brasil: notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil*. São Paulo, SP: Escuta.
- Coelho, L. (2015, setembro 03). Necessidade de humanização responde dilema sobre foto de menino morto. *Folha de São Paulo on line*. [São Paulo, Br]. Seção Mundo. Recuperado em 20 de agosto de 2018, de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677324-necessidade-de-humanizacao-responde-dilema-sobre-foto-de-menino-morto.shtml>
- Colombo, F (2018). *Imago pietatis: Indagine su fotografia e compassione* [Imago pietatis. Investigação sobre fotografia e compaixão, em tradução livre]. Milão, It: Vita e Pensiero.
- Colon, L. (2015, 02 de setembro) Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para crise. *Folha de São Paulo online*. Seção Mundo. [São Paulo, Br]. Recuperado em 10 de setembro de 2015, de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677028-foto-de-menino-refugiado-morto-na-praia-atrai-atencao-para-crise.shtml>
- Coracini, M. J. (2007). *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado das letras.
- Coracini, M. J. (2011). Aspectos metodológicos e análise de discurso: migrantes em situação de rua, entre a hosp(i)talidade e a anulação de si. In: Tfouni, L. V.; Monte-Serrat, D. M.; Chiaretti, P. (2011). *A Análise do Discurso e suas interfaces*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.
- Corrêa, I. (2011). *A psicanálise e seus paradoxos*. Recife, PE: Centro de Estudos Freudianos.
- Courtine, J-J. (1981). *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse Du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens*. In. Language 15^o année. Paris, pp. 9-18.
- Courtine, J-J. (1999). O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In. Indursky, F. (org). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre. RS: Sagra Luzzato.
- Courtine, J-J. (2003). Os delizamentos do espetáculo político. In: Gregolin, M. R. (Org.). *Discurso e mídia – a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Editora Claraluz, pp. 21-34.
- Courtine, J-J; Milanez, N. (2005). *Entre(vista) com Jean Jacques Courtine*. Registro audiovisual. Recuperado em 23 de fevereiro de 2020, de <http://www.grudiocorpo.blogspot.com>.
- Courtine, J-J. (2008). Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In. Sargentini, V.; Gregolin, M. R. (org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, pp. 11-19.
- Courtine, J-J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, S.P: EduFSCar.

- Courtine, J-J. (2011). Discursos e imagens: para uma arqueologia do imaginário (C. Piovezani, trad.). In. Piovezani, C. C.; Curcino, L.; Sargentini, V. (org.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos, SP: Claraluz, pp. 145-162.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos. (1948). Rio de Janeiro: UNIC. Recuperado em 20 de novembro de 2017, de http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm.
- Dela-Silva, S. C. (2008). *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil*: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 225p. Tese (Doutorado em linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Del Priori, M. (2008). Entrevista. In: *Folha de São Paulo* em 20 de abril de 2008. Recuperado em 20 de outubro de 2019, de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2004200804.htm>
- Didi-Huberman (1998). Onde começa o retrato, onde se ausente o rosto. *Rev. Porto Arte*. 9(16), 61-82.
- Didi-Huberman, G. D. (2010). *O que vemos, o que nos olha*. (2 ed.). São Paulo, SP: Editora 34.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan*. São Paulo, SP: Artes Médicas.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sintoma e sofrimento*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). (2004). *Lei Federal nº 8069*, de 13 de julho de 1990. 7ed. Brasília: Casa Civil. (Obra originalmente 1988).
- Escola de natação do RS usa foto de criança síria afogada (2016, março, 25). *Pragmatismo*. [Brasil]. Recuperado em 20 de março de 2020, de <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/03/escola-de-natacao-do-rs-usa-foto-de-crianca-siria-afogada.html>.
- Fallon, K. (2018, setembro, 03). Three years on from Alan Kurdi's death and life is no better for child refugees in Europe. *Independent*. [Reino Unido]. Recuperado em 02 de novembro de 2020, de <https://www.independent.co.uk/voices/aylan-kurdi-death-three-year-anniversary-child-refugee-home-office-a8518276.html>.
- Fenoglio, J. (2015, setembro, 03). Réfugiés: une photo pour ouvrir les yeux. *Le monde*. [França]. Recuperado em 03 de agosto de 2020, de https://www.lemonde.fr/europe/article/2015/09/04/refugies-une-photo-pour-ouvrir-les-yeux_4744650_3214.html.
- Ferreira, S.; Porto, D. (2018). Combate à violência contra crianças e adolescentes: desafio para a sociedade brasileira. *Revista Bioética* (26) 1, 7-11. Recuperado em 03 de julho de 2020, de <https://www.scielo.br/pdf/bioet/v26n1/1983-8042-bioet-26-01-0007.pdf>

Fiquei Petrificada. (2015, setembro, 03). *G1 online*. [São Paulo, BR]. Seção Mundo. Recuperado em 15 de outubro de 2015, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html>

Fleig, M. (org.) (1993). *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo, MG: Unisinas.

Freud, S. (1996). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trans..) (Vol. I, pp. 243-380). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1950).

Freud, S. (1996). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 219-334). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1892-1899).

Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IV, pp. 10-363). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1900).

Freud, S. (1996). O chiste e sua relação com o inconsciente. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol VIII, pp. 11-222) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1905).

Freud, S. (1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 15-108). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1905).

Freud, S. (1996). O esclarecimento sexual das crianças. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 121-127). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1907).

Freud, S. (1996). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. X, pp 13-132). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1909).

Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 12-136). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1912).

Freud, S. (1996). Totem e tabu. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII, pp. 13-168). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1913)

Freud, S. (1996). Moisés e Michelangelo. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIII, pp. 213-241). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1914).

- Freud, S. (1996) Introdução ao Narcisismo. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 77-110). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1914).
- Freud, S. (1996) Repressão. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 147-164). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1915).
- Freud, S. (1996) O inconsciente. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 165-212). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1915).
- Freud, S. (1996). Conferência XVI. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVI, pp. 251-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 15-128). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Texto original publicado em 1918).
- Freud, S. (1996) O estranho. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 235-270). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Freud, S. (1996). Para além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 13-144). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 79-144). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1921).
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, pp. 13-86). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1923).
- Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, pp. 189-199). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1924).
- Freud, S. (1996) A negativa. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 263-271). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1925).
- Freud, S. (1996) Inibições, sintomas e ansiedade. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XX, pp. 11-170). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1925-26).

- Freud, S. (1996) Mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI. pp. 67-150). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1929).
- Freud, S. (1996). Por que a guerra?. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXII, pp. 191-209). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1932).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII. pp. 225-274). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1937).
- Freud, S. (1996). Moisés e o monoteísmo. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII. pp. 15-152). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1939).
- Freud, S. (2008). L'inquiétante étrangeté. *Essais de psychanalyse appliquée*. Paris, Fr: Éditions Gallimard. Collection Idées, n. 263, pp. 163 à 210. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Freud, S. (2010). O inquietante. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (P. C. de Souza, trad). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das letras. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Freud, S. (2010). A dissecção da personalidade psíquica. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (P. C. de Souza, trad). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das letras. (Obra originalmente publicada em 1933).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In: Freud, S. *Obras psicológicas incompletas de Sigmund Freud*. (E. Chaves e P. H. Tavares, trads). São Paulo, SP: Autêntica. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Foucault, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard.
- Foucault, M. (2003). *Vigiar e punir: o nascimento das prisões*. (R. Ramalheite, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1975).
- Foucault, M. (2004). *Surveiller et punir*. Paris, Fr : Gallimard. (Obra originalmente publicada em 1975).
- Foucault, M. (2007). *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Loyola. (Obra originalmente publicada em 1970).
- Foucault, M. (2010). *História da loucura*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Obra originalmente publicada em 1972).
- Foucault, M. (2010). *Microfísica do poder*. (28. ed). Rio de Janeiro, RJ: Graal. (Trabalho original publicado em 1975).

- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. (7 ed). (L. F. B. Neves, trad). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho publicado originalmente em 1969).
- Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. (2015, setembro 02). *GI online*. [São Paulo, BR]. Seção Mundo. Recuperado em 05 de setembro de 2017, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>
- Gadet, F.; Pêcheux, M. (1981). *La langue introuvable*. Paris. FR: Maspero.
- Gadet, F.; Pêcheux, M. (2004). A língua inatingível. Campinas, SP: Pontes. (Obra original publicada em 1973).
- Garcia, C. (1995). O imaginário e o infinito. *Opção Lacaniana*, 5 (13), 99-103.
- Garcia-Roza, L. A. (1986). Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Gregolin, M. R. (2007). Análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades. *Rev. Comunicação, mídia e consumo*, 4, 11-25.
- Ginzburg, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Ginzburg, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, SP: Companhia das letras, pp. 143-179.
- Ginzburg, C. (1989). *Mythes, emblèmes et traces. Morphologie et histoire*, Paris, Fr: Flammarion.
- Granon-Lafont, J. (2003). *A topologia de Jacques Lacan* (L. C. Miranda e E. Cardoso, trads). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Guerra, M. N. (2017). *Vejo freaks, o estranho me olha: aproximações entre fotografias de Diana Aubus e a psicanálise*. 118F. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Guimarães, E. (2002). *Semântica do Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes.
- Gunther, J. (2015, setembro 04). De Damasco a Bodrum: a viagem fatal do menino sírio que chocou o mundo. *BBC news online*. [São Paulo, BR]. Recuperado em 20 de agosto de 2018, de https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_siria_familia_ebc.
- Gurski, R. (2012). O lugar simbólico da criança no Brasil: uma infância roubada? *Educação em Revista*, 28(1), 61-78. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100004>
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Haroche, C. (1998). *Da palavra ao gesto*. Campinas, SP: Papirus. (Obra original publicada em 1971).

- Hegel, G. W. F (2013). *Fenomenologia do espírito*. (P. Meneses, Trad.). (8. ed). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra originalmente publicada em 1807).
- Hegel, G. W. F. (2008). *Filosofia da História*. (2 ed). Brasília, DF: UnB. (Obra originalmente publicada em 1837).
- Hjarvard, S. (2012). Mdiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Rev. Matrizes*. 5(2).
- Houaiss. A. *et al.* (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Heywood, C. (2004). Uma história da Infância: da idade média é época contemporânea. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Hoffman, E. T. A. (2010). O Homem de Areia. In: Hoffman, E. T. A . *Contos Fantásticos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra originalmente publicada em 1817).
- Hoffmann, F. (2011). A foto do menino Aylan e o poder das imagens. Recuperado em 27 de outubro de 2018, de <https://www.dw.com/pt-br/a-foto-do-menino-aylan-e-o-poder-das-imagens/a-18703476>.
- Iannini, G.; Tavares, P. H. (2019). Freud e o Infamiliar. In: Freud, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*. (E. Chaves e P. H. Tavares, trads). São Paulo, SP: Autêntica. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Indursky, A. C. (1997). A fala dos quartéis e as outras vozes. Campinas, SP: UNICAMP.
- Indursky, A. C (2012). Pensando as tramas e enlaces da clínica com refugiados. In Conte, B. S.; Henzel, S. *Exclusão e inscrição psíquica: a escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre, RS: Evangraf.
- Iveković, S. (2011). Women's House (Sunglasses). In: Marcoci, R. (org.). Sweet violence. Nova York: Artbook. (Obra originalmente publicada em 2011).
- Jameson, F. (1991). Pós-modernismo e a sociedade de consumo. In Kaplan, A. (org). O mal-estar no pós-modernismo: teorias, práticas. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Jerusalinsky, A. (2011). *Para compreender a criança: chaves psicanalíticas*. São Paulo, SP: Instituto Language.
- Jornalista que fotografou o menino morto em naufrágio queria denunciar tragédia (2015, setembro 03). *Estadão Internacional*. Recuperado em 31 de janeiro de 2018, de <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,jornalista-que-fotografou-o-menino-morto-em-naufragio-counta-como-registrou-o-momento,1755906>.
- Jubilut, L. L. (2007). *O direito internacional dos refugiados e sua aplicação no ordenamento jurídico brasileiro*. São Paulo, SP: Método.

- Julien, P. (1996). *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kaufman, S. B. (2016). The personality of political correctness: the idea of political correctness is central to the culture wars of American politics. *Scientific American*. Recuperado em 30 de setembro de 2019, de <https://blogs.scientificamerican.com/beautiful-minds/the-personality-of-political-correctness/>
- Kant, I. (1999). *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. (Obra publicada originalmente em 1781).
- Kant, I. (2004). *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S.A. (Obra publicada originalmente em 1788).
- Lacan, J. (1961-62). *Le séminaire, livre 9 : L'identification*. Recuperado em 12 de maio de 2020, de <http://staferla.free.fr/S9/S9.htm>
- Lacan, J. (1964-65). *Le séminaire, livre 12 : Problèmes cruciaux*. Recuperado em 12 de maio de 2020, de <http://staferla.free.fr/S12/S12%20PROBLEMES.pdf>.
- Lacan, J. (1972). *Du discours psychanalytique*. Conferência proferida em Milão no dia 15 de maio de 1972. (Obra não publicada).
- Lacan, J. (1973). *Le séminaire: livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1964).
- Lacan, J. (1974). *A Terceira*. Conferência oferecida em 31 de outubro de 1974, 7º Congresso da École Freudienne de Paris, Paris, FR.
- Lacan, J. (1974-75). *O seminário, livro 22: RSI*. (obra não publicada).
- Lacan, J. (1976). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aïlle à mourre*. Recuperado em 27 de abril de 2019, de <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>.
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire: livre 3: Les psychoses*. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1955-1956).
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire: livre 17: L'envers de la psychanalyse*. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (1992). *O seminário: livro 17: Averso da Psicanálise* (A. Roitman, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1968-1969).
- Lacan, J. (1993). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1972-1973).
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e asserção da certeza antecipada. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 197-213). Rio de Janeiro, R.J: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1945).

- Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In: *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 104-126). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1948).
- Lacan, J. (1998). O Estádio do Espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 96-103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1949).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 238-324). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1953).
- Lacan, J. (1998). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 383-401). Rio de Janeiro, R.J: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1954).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 537-590). Rio de Janeiro, R.J: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1955-56).
- Lacan, J. (1998). Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 496-536). Rio de Janeiro, R.J: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1957).
- Lacan, J. (1998). *Le séminaire: livre 5 : Les formations de l'inconscient*. Paris, Fr : Seuil. (obra originalmente publicada em 1957-58).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 807-843). Rio de Janeiro, R.J: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1966).
- Lacan, J. (1998). A ciência e verdade. In: Lacan, J. *Escritos* (V. Ribeiro, trad.) (pp. 869-891). Rio de Janeiro, R.J: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1965).
- Lacan, J. (1999). Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée: un nouveau sophisme. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1945).
- Lacan, J. (1999). Le L'agressivité em psychanalyse. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1948).
- Lacan, J. (1999). Le stade du miroir. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1949).
- Lacan, J. (1999). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1957).
- Lacan, J. (1999). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1960).
- Lacan, J. (1999). Position de l'inconscient. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1964).

- Lacan, J. (1999). La science et la vérité. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1966).
- Lacan, J. (1999). La fonction et champ de la parole et du langage. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1966).
- Lacan, J. (1999). *O seminário livro 5: Formações do inconsciente* (2 ed.) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1957-1958).
- Lacan, J. (2001). *Le séminaire. Livre VIII : Le transfert*. Paris, Fr : Seuil. (Obra originalmente publicada em 1960-1961).
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Texto originalmente publicado em 1967).
- Lacan, J. (2003) Radiofonia. In. *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad.). (pp. 400-447). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 1970).
- Lacan, J. (2003). ... ou pior. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 554-549. (Originalmente publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Originalmente publicado em 1974).
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire: livre 10: L'angoisse*. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1963-1964).
- Lacan, J. (2005). *Le séminaire: livre 23: Le sinthome*. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1975-1976).
- Lacan, J. (2005). *O seminário livro 10: A angústia* (2 ed.) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1963-1964).
- Lacan, J. (2006). *O seminário: livro 12: Os problemas cruciais para a psicanálise*. (I. Corrêa, trad.). Recife, PE: Centros de Estudos Freudianos (CEF). Circulação interna. (Trabalho original publicado em 1964-65).
- Lacan, J. (2006). *Le séminaire: livre 16: D'un Autre à l'autre*. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1968-1969).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: Sinthoma* (S. Laia, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1975-1976).
- Lacan, J. (2008). *O seminário: livro 7. A ética da psicanálise* (2 ed.) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008). *O seminário: livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2 ed.) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1964).

- Lacan, J. (2008). *O seminário: livro 14: A lógica do fantasma*. (I. Corrêa, trad.). Recife, PE: Centros de Estudos Freudianos (CEF). Circulação interna. (Trabalho original publicado em 1966-1967).
- Lacan, J. (2008). *O seminário: livro 16. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1968-69).
- Lacan, J. (2010). *O seminário: livro 8: A transferência*. (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1960-1961).
- Lacan, J. (2010). *O seminário: livro 3: As psicoses*. (A. Menezes, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1955-1956).
- Lacan, J. (2011). *O seminário: livro 9: A identificação*. (I. Corrêa, trad.). Recife, PE: Centros de Estudos Freudianos (CEF). Circulação interna. (Trabalho original publicado em 1961-1962).
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1972).
- Lacan, J. (2011). *Je parle aux murs*. Entretiens de la Chapelle de Saint-Anne. Paris, Fr: Seuil. (Obra originalmente publicada em 1972).
- Lacan, J. (2016). *Le séminaire: livre 20: Encore*. Paris, Fr: Points Essais. (Obra originalmente publicada em 1972-73).
- Lajonquière, L. de. (2004). *De Piaget a Freud: para repensar aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lajonquière, L. de (2013). *Figures de l'infantile*. La psychanalyse dans la vie quotidienne auprès des enfants. Paris, Fr : L'Harmattan.
- Lajonquière, L. de (2009). Educação e Infanticídio. *Rev. Educação em Revista*. 25, 165-178.
- Lajonquière, L. de (2010). *Figuras do Infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças*. Petrópolis, RJ : Vozes.
- Lajonquière, L. de (2020). *De l'éducation au temps de l'autisme : de nouveaux rapports à l'enfant* (trabalho não publicado).
- Laurent, R. (1995). Sobre a entrada em análise. *Rev. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. 12, 5-24.
- Levi, P. (1988). *É isto um homem?* Rio de Janeiro, RJ: Rocco. (obra original publicada em 1958).
- Levy, P (1998). *Qu'est-ce que le virtuel?*. Paris, FR: La Découverte.

- Lévis-Strauss, C. (2008). *Antropologia estrutural*. São Paulo, SP: Cosac Naify. (Obra originalmente publicada em 1958).
- Lima Vaz, H. C. (1980). *Senhor e Escravo: uma parábola da filosofia ocidental*. Belo Horizonte, MG: Fafichufmg.
- Lima, V. A. (2003). *Sete teses sobre a relação Mídia e Política*. São Paulo, SP: Mimeo.
- Lopes, E. (1999). *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Lyotard, J. F. (1991). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Mangana, R. (2018). Aylan Kurdi como imagem-despertador da crise dos refugiados: o enquadramento da imprensa ibérica. *Rev. Estudos em Comunicação* 26(2), 61-79, Covilhã, PT. Doi 10.20287/ec.n26.v2.a05. Recuperado em 15 de fevereiro de 2020, de <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/455>.
- Mannoni, M. (1973). *Educação Impossível*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Mantovani, F. (2015, novembro, 11). Pai de menino sírio morto em praia fala a brasileiro sobre tragédia familiar. *G1 online*. [São Paulo, BR]. Seção Mundo. Recuperado em 15 de outubro de 2015, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/pai-de-menino-sirio-morto-em-praia-fala-brasileiro-sobre-tragedia-familiar.html>
- Mariani, B. (1998). *O PCB e a imprensa – os Comunistas no Imaginário dos jornais 1922-1989*. Campinas, SP: Unicamp.
- Mariani, B. (1999). Discurso e Instituição: A imprensa. *Rev. Rua*. 5(1), 47-61.
- Mariani, B.; Medeiros, V.; Silva, S. D. (org.). (2011). *Discurso, arquivo e...* Rio e Janeiro, RJ.: 7 Letras.
- Marrou, H-I. (1971). *História da educação na antiguidade*. 2ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Marx, K. (1978). *Para a crítica da economia política*. São Paulo, SP: Abril. (Obra originalmente publicada em 1854).
- Marx, K. (1996). *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira. (Obra originalmente publicada em 1867).
- Mcneill, W. H.; Adams, R. S. (orgs.). (2015). *Human migration, patterns and policies*. Indiana. EUA: Indiana University Press, EUA.
- Medeiros, C. S. (2009). A materialidade da imagem e a ideologia no discurso da mídia do espetáculo. *Rev. Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento*. 2, 91-100.

- Melville, H. (2007). *Bartleby, o Escrivão*. São Paulo, SP: José Olympio. (Obra publicada originalmente em 1856).
- Menino morto em praia que se tornou símbolo da crise migratória fogia de cidade dominada pelo Estado Islâmico. (2015, setembro 03). *R7notícias online* [São Paulo, Br]. Recuperado em 20 de setembro de 2017, de <https://noticias.r7.com/internacional/menino-morto-em-praia-que-se-tornou-simbolo-da-crise-migratoria-fugia-de-cidade-dominada-pelo-estado-islamico-03092015>.
- Meus filhos escorregaram das minhas mães, diz pai do menino sírio morto. (2015, setembro 03). G1 online [São Paulo, Br]. Recuperado em 22 de outubro de 2020, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/meus-filhos-escorreram-pelas-minhas-maos-diz-pai-de-menino-sirio-morto.html>.
- Metz, C. (1977). Cinema: Língua ou linguagem? In C. Metz (Org.), *A significação no cinema* (J.-C. Bernardet, Trad., 2 ed., pp. 45-110). São Paulo, SP: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1964).
- Michelet, J. (1988) *O Povo*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1848).
- Michaelis. (2020). *Dicionário de língua portuguesa (online)*. São Paulo, SP: Melhoramentos. Recuperado em 18 de agosto de 2020, de <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Q100>.
- Migranti, storia di Aylan: bimbo della foto-simbolo. Il papà: “Ho provato a salvarlo”. La fotografia: “Ero pietrificata” (2015, setembro, 03). *Il Fatto Quotidiano* [Itália]. Recuperado em 05 de janeiro de 2020, de <https://www.ilfattoquotidiano.it/2015/09/03/migranti-la-storia-di-aylan-il-bimbo-in-fuga-dalla-guerra-morto-su-una-spiaggia-insieme-al-fratellino/2004833/>
- Milanez, N. (2006). O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In Navarro, P. *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz.
- Milanez, N. (2011). *Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer*. São Carlos, SP: Claraluz.
- Milanez, N. (2013). Intericonidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. *Revista Acta Scientiarum: Language and Culture*. Maringá 35(4), 345-355.
- Miller, J-A (2009). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan*. O Sinthoma. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Milner, C. J (1987). *O amor da língua*. (Â. C. Jesuino, trad.) Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Monte-Serrat, D. M.; Tfouni, L. V. ; Pimenta, L. (2012). Acontecimento e instante decisivo no discurso fotográfico: desconstruindo efeitos ideológicos óbvios em uma fotografia. *Rev. Linguagens e Cidades*. 14, 1-14. DOI: <https://doi.org/10.5902/1516849223798>.

- Moreira, J. O. (2003). Do problema da alteridade no pensamento freudiano: uma construção. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(2), 251-270. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000200005>
- Morelli, A. J. (2002). A Criança diante da Lei. In: Müller, V. R. e Morelli, A. J. (orgs.). *Criança e Adolescente: a arte de sobreviver*. Maringá, SC: Eduem, 2002.
- Mourenza, A. (2015, setembro 03). Pai de Aylan Kurdi: “As mãos dos meus filhos se soltaram das minhas. Elpaís internacional [São Paulo, Br]. Recuperado em 31 de agosto de 2017, de https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/03/internacional/1441232434_109669.html.
- Nagayama, E. (2016). Testemunhos de um trauma cultural contemporâneo: Aylan Kurdi e os deslocamentos migratórios. *Rev. Cult e Ext. USP*, 15(1). São Paulo, pp. 29-38. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v15isupl.p29-38>.
- Nasio, J. D. (2011). *Introdução à topologia de Jacques Lacan*. São Paulo, SP: Companhia das letras.
- Navarro, P. (2006). O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: *Estudos do Texto e do Discurso*. São Carlos, SP: Claraluz.
- Naveau, P. (1988). Marx e o sintoma. Falo. *Revista Brasileira do Campo Freudiano*. 3, 103-122.
- ONU. (1948). *Assembleia Geral*. Declaração Universal dos Direitos do Homem.
- ONU. (1950). *Assembleia Geral*. Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Resolução 428 [V] de 14 de dezembro de 1950.
- ONU. (1967). *Assembleia Geral*. Pacto Internacional dos Direitos Econômicos Sociais e Culturais.
- Orlandi, E. (1992). *Formas do silêncio*. Campinas, SP: Editora Campinas.
- Orlandi, E. (1995). Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rev. Rua*, Campinas, SP, 1, 35-47.
- Orlandi, E. (1996). Discurso: fato, dado, exterioridade. In: Castro, M. F. P. (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem* (pp. 209-218). Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Orlandi, E. (1999). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.
- Paulon, C. P.; Tfouni, L. V.; Bartijotto, J. (2018). Sujeito e subjetividade: aspectos silenciosos e silenciados na constituição dos sentidos. *Rev. Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 19(1), 230-243.
- Pêcheux, M. (1975). *Les verités de la Palice*. Linguistique, sémantique, philosophie. Paris, Fr : Maspéro.

- Pêcheux, M. (1981). *L'étrange miroir de l'Analyse du Discours*. In: Langages, n. 62, Paris, FR, pp. 5-8.
- Pêcheux, M. (1983). *Le discours: structure ou événement*. Communication inédite à la Conférence "Marxism and the interpretation of culture: limits, frontiers, boundaries". Université de l'Illinois, Urbana-Champaign, 6-12 juillet 83.
- Pêcheux, M. (1984). *Rôle de la mémoire*. In: Histoire et linguistique. Paris, Fr: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Pêcheux, M. (1994). Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, E. (org). *Gestos de leitura: da História no discurso* (pp. 55-64). Campinas, SP: Unicamp. (Obra original publicada em 1982).
- Pêcheux, M. (1997). Análise Automática do Discurso. In: F. Gadet & T. Hak (Orgs.), Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux (pp. 61-161). Campinas: Editora da Unicamp. (Original publicado em 1969).
- Pêcheux, M. (1988). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (E. P. Orlandi, Trad.). Campinas, SP: Pontes. (Obra original publicada em 1975).
- Pêcheux, M. (1999). Papel da memória. In: Achard, P. et al. *Papel da memória* (pp.49-57). Campinas, SP: Pontes. (Obra originalmente publicada em 1973).
- Pêcheux, M. (2008). *O Discurso: estrutura ou acontecimento?* (5 ed.) (E. P. Orlandi, Trad.). Campinas, SP: Pontes. (Obra originalmente publicada em 1981).
- Peirce, C. S. (1968). Sobre el álgebra de la lógica. In Peirce, C. S. *Escritos lógicos*. Madrid, ES: Alianza Editorial. (Obra originalmente publicada em 1931).
- Peirce, C. S. (2005). *Semiótica*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Obra original publicada em 1913).
- Ponce, A. (1981). *Educação e luta de classes*. São Paulo, SP: Cortez/Autores Associados.
- Possenti, S.; Baronas, R. L. (2006). A linguagem politicamente correta no Brail: uma língua de madeira? *Revista Polifonia*. 12(2), 47-72.
- Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. (S. Menescal, trad). São Paulo, SP: Graphia Editorial.
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Ramos, C. (2008). Consumismo e gozo: uma compreensão de ideologia entre T.W. Adorno e J. Lacan. *Rev. Psicologia USP*, 19(2), 199-212. DOI. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642008000200006>.
- Rancière, J. (2003). *Le destin des images*. Paris, Fr: La Fabrique.

- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. (A. François, trad.). Campinas, SP: UNICAMP.
- Rimbaud, A. (2007). *Correspondance*. Édition établi par Jean-Jacques Lefrère. Paris, Fr : Fayard. (Obra originalmente publicada em 1871).
- Rimbaud, A. (2009). *Correspondência*. (Trad. Ivo Barroso). Rio de Janeiro, RJ: Tobooks. (Obra originalmente publicada em 1871).
- Rivera, T. (2006). Cinema e pulsão: sobre "Irreversível", o trauma e a imagem. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 18(1), 71-76. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232006000100006>.
- Rivera, T. (2013). *O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Rodier, C. (2018). *Migrants & Réfugiés*. Réponse aux indécis, aux inquiets et aux réticents. Paris, FR : Éditions La Découverte.
- Saceanu, P. (2005). *A inquietante estranheza na contemporaneidade*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.
- Safatle, V. (2002). *A política do real de Slavoj Žižek*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Safatle, V. (2008). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Safatle, V. (2015, setembro, 29). Por um colapso do indivíduo e de seus afetos (Comunicação oral). *Café Filosófico. Programa da TV Cultura*. Recuperado em 20 de dezembro de 2015, de <http://www.institutocpfl.org.br/play/por-um-colapso-do-individuo-e-de-seus-afetos-com-vladimir-safatle-versao-na-integra/>.
- Safatle, V. (2016). *Circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo, fim do indivíduo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Salgado, S. *Êxodos* (1999). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das letras.
- Santaella, L. (2012). *O que é semiótica*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Santos, K. A. (2015). “*Mulher joga filho na lixeira*”: a discursivização da mulher-mãe infanticida na mídia. 176f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Santos, K. A. (2015). “*Mulher joga filho na lixeira*”: a discursivização da mulher-mãe infanticida na mídia. 176f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Sarti, M. M. (2014). *Para além dos objetos: as (de)formas do inconsciente no discurso publicitário e a formação de uma língua-objeto*. 214f. Tese (Doutorado em Psicologia).

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Saussure, F. (2006). *Curso de linguística geral*. São Paulo, SP: Cultrix. (Obra original publicada em 1916).

Sauret, M-J. (2005). *Psychanalyse et politique*: huit questions de la psychanalyse au politique. Toulouse, Fr : Presse Universitaires du Mirail.

Significados. (2017). Recuperado em 26 de outubro de 2020, de <https://www.significados.com.br/segregar/>

Silva, F. P. A. (2007). Construção da ironia: “uma pittada de veneno?”. In: Gregolim, M. R; Baronas, R.(orgs.). *Análise do discurso*: as materialidades do sentido. São Carlos, SP: Claraluz, pp. 95-102.

Silva, L. C. (2018). *Para além de Aylan Kurdi*: a imagem de tantos na fotografia do menino sírio. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana.

Silveira, P. (1997). *Utopia e mal-estar na cultura*: perspectivas psicanalíticas. São Paulo, SP: Aucitec.

Singer, P. (1998). *Globalização e desemprego*: diagnósticos e alternativas. São Paulo, SP: Contexto.

Soler, C. (2007). *Os nomes da identidade*. Conferência pronunciada em Rennes. Pólo Oeste da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Recuperado em 14 de abril de 2019, de <file:///C:/Users/Juliana%20Bartijotto/Downloads/378185092-Art-Os-Nomes-Da-Identidade-1-Colette-Soler.pdf>

Soler, C. (2012). Uma interpretação que leve em conta o real. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (24), 25-40. Recuperado em 10 de abril de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100003.

Soler, C. (2018). *Lacan, leitor de Joyce*. São Paulo, SP: Aller.

Sontag, S. (1977). Estados Unidos, vistos em fotos, de um ângulo sombrio. In Sontag, S. *Sobre fotografia* (pp.20-33). São Paulo, SP: Companhia das letras.

Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Souza, E. L. A. (org.). (1999). *Psicanálise e Colonização*: leituras do sintoma social no Brasil. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Stiglitz, J. E. (2002). *A globalização e seus malefícios*. São Paulo, SP: Futura Editora.

Teixeira, M. A. (2007). A violência no discurso capitalista: uma leitura psicanalítica. *Revista Asephallus*, 3(5), 01-09.

- Tfouni, L. V. (1992). O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisados(a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. *Rev. Delta*, 2(8), 205-223.
- Tfouni, L.V. (1997). A ilusão de completude do sujeito da escrita (autor). In Cuaderno Interno para lãs Jornadas de la Frontera. Foz do Iguaçu, PR, 1(5), 148-149.
- Tfouni, L. V. (2001). A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In I. Signorini (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. (pp.77-96). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Tfouni, L. V.; Romão, M. L. S. (2002). O discurso sobre os Canudos e a retórica do massacre. *Rev. Terra Livre*. 19(18), 243-256.
- Tfouni, L. V. (2003). *Autoria e letramento*: Análise das narrativas orais de ficção de uma mulher analfabeta. In *Letramento e Alfabetização*. São Paulo, SP: Cortez Editora.
- Tfouni, L. V. Romão, L. M. S. (2004). O MST no discurso jornalístico: confronto de posições de formações discursivas. *Rev. Cadernos de Estudos Linguísticos*. 46(20), 253-267.
- Tfouni, L. V.; Pereira, A. C. (2005). Letramento, heterogeneidade e alteridade: análise de narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada. *Rev. Alfa*, 49(1), 31-49.
- Tfouni, L. V. (2006). Como a história dos erros recentes do governo do PT alterou a memória social e a estrutura da língua no Brasil. *III Conferencia Internacional La obra de Carlos Marx y los desafíos del Siglo XXI*.
- Tfouni, L. V.; Carreira, A. F (2007). O sujeito submetido à linguagem. *Rev. Investigações*. 20(2), 153-171.
- Tfouni, L. V. Tfouni, F. E. (2007). Entra burro; sai ladrão” – o imaginário sobre a escola materializado nos genéricos. *Rev. Linguagem em (Dis)curso – LemD*. 7(2), 293-311.
- Tfouni, L. V. (2008). O autor como intérprete - as fronteiras entre a análise do discurso e a psicanálise. *Rev. Signun: Estudos. Linguísticos*. Londrina, 2(11), 67-81
- Tfouni, L. V.; Santos, A. E. S. (2009). A interpelação ideológica no discurso publicitário: os usos do corpo e das linguagens não-verbais pela mídia na modernidade. *Rev. Anpoll*. 2(27), 102-125. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v2i27.145>
- Tfouni, L. V. (2010). *Letramento e Alfabetização*. São Paulo, SP: Cortez.
- Tfouni, L.V. (2013a). Em busca da felicidade, o corpo se consome no consumo. *Revista Távola online*. Recuperado em 30 de agosto de 2017, de <http://nucleotavola.com.br/revista/em-busca-da-felicidade-o-corpo-se-consome-no-consumo>.
- Tfouni, L. V. (2013b). Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. *Revista Ágora*, Rio de Janeiro, 16(1), 39-56.

- Tfouni, L. V.; Pereira, A. C.; Monte-Serrat, D. M. (2016). A inscrição da História na língua e o efeito discursivo da nomeação no jogo político entre o dizível e o enunciável. In Machado, A. L.; Santos, J. B.; Jesus, S. N. *Análise do discurso: afinidades epistêmicas franco-brasileiras*, Curitiba: Ed. CRV, pp.287-308.
- Tfouni, L. V. Pereira, A. C. (2018). Análise indiciária: uma topologia das singularidades. In. Tfouni, L. V. Pereira, A. C, Milanez, N. *O paradigma indiciário e as modalidades de interpretação nas ciências humanas*. (no prelo).
- Tfouni, L. V., Pereira, A. C., Monte-Serrat, D. M. (2018). Ser homem: um lugar do imaginário e um espectro do desejo. *Revista Entrelinhas*, 12(1), 3-15. Doi: 10.4013/entr.2018.12.1.01.
- Tfouni, L. V. (2020, 05 de junho). Letramento e autoria: dispersão e deriva de sentidos. Comunicação oral. *Abralin ao vivo*.
- Tfouni, L. V.; Bartijotto, J. Molena, C. (no prelo) O encontro com o real e a denúncia à violência contra as mulheres na arte de Sanja Iveković.
- Tfouni, F. E. V. (2003). Memória e fetichização da mercadoria. *Rev. Organon*, 17(35), 85-99. Doi: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30019>
- Tfouni, F. E. V. (2013). Interdito e silêncio. *Rev. Ágora XVI(1)*, 36-56.
- Tfouni, F. E. V. (2019). O bastamento ideológico e o processo de identificação-assujeitamento (no prelo). *Rev. Interfaces*. 10(3), 194-204.
- Todorov, T. (2010). *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. (G. J. F. Teixeira, trad.). São Paulo. SP: Martins Fontes.
- Torino, I. H. C. (2013). A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade. *Rev. Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Acessado em 04 de julho de 2020, de <https://www.eumed.net/rev/cccs/26/memoria-social.html>.
- Troubling image. (2015, setembro, 2). Troubling image of drowned boy captivates, horrifies. Reuters [Ankara, Turquia]. Recuperado em 15 de outubro de 2019, de <https://uk.reuters.com/article/us-europe-migrants-turkey/troubling-image-of-drowned-boy-captivates-horrifies-idUSKCN0R20IJ20150902>
- Veyne, P. (1994). O Império Romano. In: Ariès, P. e Duby, G. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, vol.1.
- Xavier, K. R. (2013). *O sintoma social ou o sintoma com Marx: um conceito psicanalítico*. 122f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Zizek, S. (1996). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Zizek, S. (2015a). *Problemas no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Zizek, S. (2015b). *Zizek: não podemos abordar a crise dos refugiados sem enfrentar o capitalismo global*. Blog da Boitempo. Recuperado em 20 de setembro de 2018, de <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/18/zizek-nao-podemos-abordar-a-crise-dos-refugiados-sem-enfrentar-o-capitalismo-global-os-refugiados-nao-chegaram-a-noruega-tao-pouco-a-noruega-que-eles-procuram-existe/>

Zizek, S. (2016). *O que nosso medo dos refugiados diz sobre a Europa*. Entrevista. Recuperado em 18 de março de 2018, de <https://lavrpalavra.com/2016/03/30/slavoj-zizek-o-que-nosso-medo-dos-refugiados-diz-sobre-a-europa>.

Wallerstein, I. (2001). *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.

ANEXO 1 – Resumo substancial em francês

UNIVERSITÉ PARIS VIII – VINCENNES SAINT-DENIS

ÉCOLE DOCTORALE PRATIQUES ET THEORIES DU SENS – ED 31

**UNIVERSITÉ DE SÃO PAULO – FACULTÉ DE PHILOSOPHIE, SCIENCES ET
LETTRES DE RIBEIRÃO PRETO**

PROGRAMME D'ÉTUDES SUPÉRIEURES EN PSYCHOLOGIE

JULIANA BARTIJOTTO

DE L'IMAGE D'UN ENFANT MORT A L'*UNHEIMLICH*

Thèse de Doctorat en Sciences de l'Éducation

sous régime de cotutelle

Université de São Paulo, Brésil (Université Pilote)

Université Paris 8, France (Université Partenaire)

Dirigée par

Mme. Leda Verdiani TFOUNI – USP

M. Léandro DE LAJONQUIÈRE – Paris 8

Présentée et soutenue le 09 février 2021

Devant un jury composé de:

M. de Lajonquière, Léandro – PU, Université Paris 8, Directeur (Université partenaire)

Mme. Tfouni, Leda Verdiani – PU, Université de São Paulo, Directeur (Université Pilote)

M. Gaspard, Jean-Luc – PU, Université de Rennes 2 - Haute Bretagne, 1er Pré-rapporteur

M. Milanez, Nilton – PU, Université Estadual de Feira de Santana, 2ème Pré-rapporteur

Mme Pirone, Ilaria – MCF, Université Paris 8

M. Cunha, Eduardo Leal – PU, Université Federal de Sergipe, Président

Résumé : L'objectif principal de la thèse a été d'analyser le discours de la presse brésilienne ainsi que ses effets de sens autour de la photographie d'Aylan Kurdi, un enfant syrien retrouvé mort sur une plage. La méthodologie utilisée suit une interface entre les dispositifs théoriques de la *Psychanalyse Lacanienne* et l'*Analyse du Discours Pécheutien*. Le corpus a d'abord été constitué de la photographie d'Aylan Kurdi qui a provoqué une *inquiétante étrangeté* (*Unheimlich*). Ensuite, d'une sélection de titres de journaux brésiliens. Et enfin, nous avons analysé une publicité, diffusée dans les quotidiens brésiliens, qui reprend l'image de l'enfant mort afin de vendre des classes de natation. Dans les articles de journaux, nous avons noté que la presse a associé la photographie de l'enfant mort à la crise des réfugiés. Nous avons montré que ce sont les journalistes qui ont créé cette association, et qu'il est donc possible d'autres chaînes de signifiants. Ainsi, nous avons constaté que la presse construit une réalité imaginaire en raison du mécanisme de l'interpellation idéologique. Dans la deuxième partie, nous avons observé que la photographie a mobilisé la place que l'enfant occupe dans l'imaginaire social. Par ailleurs, elle signale l'angoisse de castration. Dans la troisième partie, nous avons identifié, à travers le concept d'*intericonicité* et la chaîne des signifiants (S1... S2), l'échec du discours capitaliste. Cette publicité a (re)doublé l'effet d'*Unheimlich* en offrant une solution capitaliste. Nous concluons que la photographie d'Aylan mort a provoqué une consternation ainsi qu'une rupture avec l'idéologie imposée de la place de l'enfant dans nos sociétés. Et la publicité a tenté d'effacer la castration.

Mots clés : discours, sujet de l'inconscient, enfant mort, photographie, médias.

From the image of a dead child to *Unheimlich*

Abstract: The main objective of the thesis was to analyze the discourse and the effects of meanings produced by the Brazilian journalistic media around the photo taken of Aylan Kurdi, a Syrian child found dead on a beach in Turkey. The methodology used employs an interface between the theoretical devices of Lacanian Psychoanalysis and Pêcheutian Discourse Analysis (DA). The *corpus* was initially constituted by the photo of Aylan Kurdi and, afterwards, we selected headlines from Brazilian newspapers. Finally, we analyzed an advertising piece conveyed by Brazilian newspapers that used the photo of Aylan dead in order to sell swimming lessons. In newspaper articles, we realized that the press associated the photo of the dead child with the refugee crisis. We tried to show that it was the journalists who created this association, with other significant chains being possible. Thus, we learned that the press builds an imaginary reality due to the mechanism of ideological interpellation. In the second part of the *corpus* analysis, we demonstrated that the photo, in addition to mobilizing the place that the child occupies in the social imaginary, signals the anguish of castration. This anguish causes the repressed to return. In the third part of the *corpus* analysis, we pointed out, through the concept of intericonicity and the functioning of the chain of signifiers (S1 ... S2), the failure of capitalist discourse. This publicity (re)doubled the effect of unsettling strangeness (*Unheimlich*) by offering a capitalist solution. We concluded that the advertisement provoked anguish and collective indignation because the representation of lack was lacking in the piece. The photo of Aylan dead caused a consternation as well as a break with the imposed ideology of our time of what it is to be a child. The photo of the dead child signals the horror of castration, while the advertisement falls in an attempt to erase it.

Key words: speech, subject of the unconscious, dead child, photo, media.

SOMMAIRE

(Version française du sommaire de la version intégrale de la thèse en portugais)

Introduction.....	17
1. L' <i>Unheimlich</i> , l'étranger familial	30
1.1 Les temps du sujet	33
1.2 Les identifications.....	40
1.3 Les illustrations de l' <i>Unheimlich</i>	50
2. A propos des discours et de la méthodologie.....	58
2.1 Des discours	58
2.2 Le discours capitaliste et ses (per)versions.....	67
2.3 Réel, symbolique et imaginaire	79
2.4 La délimitation du problème et la constitution du <i>corpus</i>	85
3. De l'interpellation idéologique dans les médias d'information	88
3.1 À propos du discours journalistique.....	88
3.2 Sur le signifiant réfugié.....	101
4. La photographie entre le réel et l'imaginaire	111
4.1 La photographie en tant qu'objet de consommation	113
4.2 Du circuit pulsionnel dans l'image photographique	120
5. Du sujet infantil (<i>infans</i>) au discours sur l'enfance.....	128
6. De la publicité à <i>Unheimlich</i> ou l' <i>intericonicité</i> dans le discours.....	145
Considérations finales	168
Références Bibliographiques.....	176

RÉSUMÉ SUBSTANTIEL EN FRANÇAIS

INTRODUCTION

Dans l'image ci-dessous, nous entrevoyons la rencontre du sujet avec le réel à travers le regard objet. Il y a *la* vérité comme une pierre au milieu du chemin, un enfant noyé au milieu de la plage.

Figure 1 – photographie : Nilüfer Demir – 02/09/2015

L'image d'Aylan Kurdi, un garçon syrien de 3 ans retrouvé mort sur une plage en Turquie, a mobilisé le monde. Avant même de connaître l'identité de l'enfant et les raisons de sa mort, la photographie a viralisé dans les médias, a été partagée, reproduite, commentée sans cesse durant un temps dans les journaux et les réseaux sociaux. Avec les médias (télévision et Internet), le monde inconnu est venu jusque devant nous, transformant une réalité lointaine en réalité directe. Cependant, il ne faut pas oublier qu'il s'agit d'une réalité interprétée qui évoque (ou non) une partie de nous-mêmes qui nous regarde de l'extérieur.

Ainsi, certaines questions se sont posées autour de cette photographie : pourquoi a-t-elle connu cette grande répercussion médiatique ? Comment une image peut-elle exercer un pouvoir de pétrification sur le sujet tout en la rendant virale ? Que transmet-elle à ses

télespectateurs ? Convenons-en, cette image a produit un effet d'ordre inconscient, quelque chose qui résiste au sens, une *inquiétante étrangeté* (*l'Unheimlich* : concept freudien) qui émerge dans les médias.

En raison de *l'inquiétante étrangeté* face à ce phénomène, de sa répercussion dans les médias et des questions soulevées ci-dessus, l'objectif principal de cette recherche a été d'analyser, de manière discursive, la photographie d'Aylan Kurdi, ses effets par rapport aux réfugiés et leurs dérives de sens.

Ainsi, nous avons pris cette photographie comme un événement discursif qui a (ré)actualisé un souvenir de ce que signifie être un enfant et ce que signifie être *réfugié*, depuis qu'Aylan a été ainsi nommé par les médias. D'une part, nous avons considéré cette image dans une dimension inconsciente, comme *l'Unheimlich*. *Ce familier étrange* a marqué la rencontre du sujet avec la vraie pulsion (pulsion scopique et pulsion de mort). En ce sens, nous nous sommes demandé pourquoi la photographie a suscité une telle émotion chez les spectateurs car il y a plusieurs dépêches/images d'enfants en situation de barbarie qui circulent tout le temps dans les médias. Et, d'autre part, nous avons étudié cette image dans sa dimension collective, dans laquelle les médias clament qu'il y existe une crise migratoire et humanitaire et que la photographie a donné une voix et de la visibilité aux réfugiés.

À partir des questions et considérations évoquées ci-dessus, nous avons délimité trois axes directeurs de cette recherche :

- Réfléchir sur la façon dont l'image d'Aylan a opéré dans la dimension de l'inconscient : comme une trace qui a rendu possible l'identification de masse et comme un élément qui a provoqué une *inquiétante étrangeté* ;
- Décrire le fonctionnement discursif de la photographie dans le discours, en montrant les effets des significations et leurs dérives qui se répercutent dans le monde médiatique (principalement journalistique) ;
- Analyser la production d'autres images, produites à partir du cliché photographique d'Aylan, qui utilisent le fonctionnement de la mémoire discursive et le concept d'intericonicité, afin d'éclaircir le fonctionnement de l'interpellation idéologique et du discours capitaliste.

Dans les temps actuels, telle une répétition historique, nous avons vu à travers les médias un retour aux discours racistes, des déplacements de masse et une succession de morts. À titre d'exemple, Sebastião Salgado dans son livre *Exodes* (1993 - 1999) dépeint le massacre rwandais dans ses photographies, une tragédie dans laquelle plus de 800 000 personnes ont été assassinées. « C'était une catastrophe généralisée », raconte le photographe

qui a accompagné les Rwandais sur les routes, témoignant avec ses images de la mort et des souffrances de ce peuple.

Il nous semble, au premier abord, que l'image d'Aylan est devenue naturellement quelque chose de l'ordre d'une représentation du problème supposé de la migration de masse. Au début du 21^e siècle, nous avons le taux de déplacement le plus élevé depuis la seconde guerre mondiale, selon des informations publiées par des journaux brésiliens. Par conséquent, nous situons la photographie d'Aylan comme un réveil du mal-être dans la civilisation, un malaise qui revient et ne cesse de se répéter dans l'Histoire. Il convient de mentionner que la répétition se réfère à la pulsion de mort et à la jouissance pulsionnelle, étant donné que la manière dont le sujet souffre est due aux conditions de production de chaque période historique.

Le mal-être dans la culture est en continuité avec le mal-être du sujet. Selon Freud (1920/1996, 1923/1996, 1929/1996, 1937/1996) et Lacan (1964/1973), il n'y a pas de délimitation précise entre le *moi* (intérieur) et *l'autre* (extérieur), comme l'illustre *le ruban de Moëbius* qui passe de l'endroit à l'envers, sans possibilité de voir et de savoir où il se situe. Les photographies qui circulent dans les médias ont le pouvoir d'interpeller le sujet et de condenser les tragédies humaines, imposant un sens établi de la réalité à travers l'idéologie.

Le discours journalistique, lié au discours capitaliste, réalise des reportages basés sur la photographie du garçon syrien qui fait allusion à une crise des réfugiés, responsabilisant le capitalisme et le processus de mondialisation. Cependant, chaque discours est une pratique sociale qui répète une certaine idéologie constituée de plusieurs voix divergentes. Dans le discours journalistique, cela n'est pas différent : une partie de la réalité, découpée et interprétée, est diffusée à travers des images et des articles. Cette découpe donne un sens *naturel* à la réalité, fonctionnant comme une recherche de la persuasion et de la certification du langage (Mariani, 1998).

En suivant la théorie de Pêcheux (1983) et le temps logique d'analyse selon Lacan (1945/1999), nous avons réalisé la thèse en trois temps qui ne sont pas chronologiques, mais logiques. Par rapport au temps logique, Lacan (1945/1999) s'appuie sur l'analogie entre *le sophisme du prisonnier* et les trois étapes d'une analyse : *l'instant du regard*, *du temps pour comprendre* et *le moment de conclure*.

Dans ce sophisme, le directeur d'une prison promet à trois détenus la liberté s'ils peuvent donner la couleur du disque qu'ils portent dans le dos, il y a trois disques blancs et deux disques noirs. Les trois prisonniers ont des disques blancs, ils ne le savent pas et, pour essayer de le découvrir, ils peuvent regarder (l'instant du regard) les disques des deux autres,

mais non les leurs. Les trois prisonniers, lorsqu'ils voient les disques des autres, ne font rien. Après un certain temps, ils concluent qu'ils ont des disques blancs, car si l'un d'eux avait vu deux disques noirs (déduction logique), il serait déjà parti par la porte. Par conséquent, ils ont besoin d'un temps de scansion, un moment où le sujet attend la réaction des deux autres (temps pour comprendre), pour déduire le disque qu'ils ont dans le dos. Ce moment a une durée prolongée, car ils partent d'une hypothèse de doute. Il s'agit du temps où les trois déduisent qu'ils sont blancs et marchent vers la sortie dans une sorte de *certitude logique anticipée*, c'est-à-dire que la conclusion est basée sur les réactions des deux autres (le moment de conclure).

Les propos de l'auteur :

.... Étant donné que mes compagnons étaient des blancs, j'ai pensé que, si j'étais un noir, chacun d'eux eût pu en inférer ceci : “ Si j'étais un noir moi aussi, l'autre, y devant reconnaître immédiatement qu'il est un blanc, serait sorti aussitôt, donc je ne suis pas un noir. (1945/1999, p. 196).

Ce que les *motions suspendues* dénoncent, ce n'est pas ce que les sujets voient, c'est ce qu'ils ont trouvé positivement de *ce qu'ils ne voient pas* : à savoir l'aspect des disques noirs. Ce par quoi elles sont signifiantes, est constitué non pas par leur direction, mais par leur *temps d'arrêt*. Leur valeur cruciale n'est pas celle d'un choix binaire entre deux combinaisons juxtaposées dans l'inerte, et dépareillées par l'exclusion visuelle de la troisième, mais du mouvement de vérification institué d'un procès logique où le sujet a transformé les trois combinaisons possibles en trois *temps de possibilité*. (1945/1999, p. 201)

De même, faisons une analogie entre le temps de recherche et les trois temps logiques : 1) *Voir* : délimitation du corpus, description des dispositifs théoriques et des conditions de production (CP) qui impliquent l'objet de recherche ; 2) *Comprendre* : interprétation du corpus et retour aux dispositifs théoriques et inclusion de nouveaux éléments dans le corpus ; 3) *Conclure* : expliquer les articulations et révéler une partie du fonctionnement discursif et de la répétition. Souvenons-nous, alors, que le temps de comprendre est un temps long qui remonte à tout moment au temps de voir, se précipitant vers le moment de conclure. Il s'agit donc d'une sorte de circularité dans laquelle le chercheur fait un circuit répétitif, contournant son objet de recherche, sans jamais l'atteindre directement.

Dans le premier chapitre, nous abordons le concept de discours et la méthodologie employée dans cette recherche - une interface entre l'analyse du discours de pêcheutien (AD) et la psychanalyse lacanienne - et la constitution du corpus, un ensemble de séquences

discursives (déclarations et images), extraites d'un champ discursif (Courtine, 2009). À cet égard, il s'agit d'une lecture discursive maintenue par la série des signifiants. Dans le cas de cette recherche, le corpus est constitué par le(s) discours(s) produit(s) autour de la photographie d'Aylan Kurdi, qui ont été tirés des médias, notamment journaux, déclarations et images produites entre 2015 et 2016. Cet intervalle étant la période où la photographie a connu des répercussions.

Dans le deuxième chapitre, nous utiliserons le mot concept *unheimlich*, proposé par Freud, et les modes d'identification pour clarifier et articuler le fonctionnement de la photographie dans le discours. Pour valider et illustrer une telle articulation, trois œuvres littéraires y seront analysées : *L'homme au sable* par E. T. A. Hoffman, *L'étranger* par A. Camus et *Bartleby, le scribe* de H. Melville.

Dans le troisième chapitre, nous examinerons des déclarations journalistiques sur cette image qui ont été recueillies dans les médias journalistiques brésiliens. Le besoin d'humanisation et la crise des réfugiés se sont montrés constants dans les séquences discursives.

Dans le quatrième chapitre, nous y analyserons la photographie d'Aylan Kurdi et son fonctionnement discursif, en prenant en compte le discours capitaliste, la société du spectacle où la jouissance pulsionnelle scopique est louée.

Dans le cinquième chapitre, nous examinerons également la photographie comme l'image de l'enfance perdue, moment où elle rompt avec l'image de l'enfant heureux.

Enfin, dans le sixième chapitre, à travers le concept *intericonicité*, nous nous attarderons sur l'analyse d'une publicité d'une école de nation qui a utilisé la photographie pour faire la promotion de ses classes. Nous mettrons en évidence le fonctionnement métaphorique et métonymique de la photographie dans le discours.

CHAPITRE I

A PROPOS DU DISCOURS ET DE LA MÉTHODOLOGIE

- 1.1 Des discours
- 1.2 Le discours capitaliste et ses (per)versions
- 1.3 Réel, Symbolique et Imaginaire (RSI)
- 1.4 La constitution du *corpus*

Cette recherche propose une interface entre l'Analyse du Discours (AD) de Pêcheux et la psychanalyse lacanienne. Ce sont deux domaines dans lesquels les champs théoriques sont différents, pourtant il est possible de tisser des liens entre eux. Le discours est un lien social qui implique un sujet soumis à *l'Autre* (concept lacanien) et interpellé par l'idéologie (concept proposé par AD). Ainsi, à partir de cette articulation, les dispositifs théoriques évoqués nous aident dans l'analyse discursive de la photographie d'Aylan.

Le sujet, en psychanalyse, occupe la position de *désirant* et d'objet de jouissance de *l'Autre*. *L'Autre*, le sujet et l'objet, sont des éléments qui structurent l'inconscient, ainsi que les modes de discours, selon Lacan (1968-69/1991). Chaque discours implique un sujet qui regarde, dit et lit à travers son écran de fantasmes, qui a, d'une part, une interpellation idéologique et, d'autre part, une traversée de l'inconscient. L'inconscient, structuré comme un langage, fonctionne à travers la métaphore et la métonymie (Lacan, 1957/1999).

La formule de la métaphore est *un mot pour un autre*, centrée sur la possibilité de substituer un signifiant pour un autre. La chaîne significative est formée par la métonymie, qui, à son tour, est fondamentale pour produire le phénomène métaphorique. En effet, il n'existerait pas de métaphore sans métonymie et vice-versa. La chaîne, dans laquelle se passe le phénomène de la métaphore, se trouve, quand il s'agit de métonymie, dans une sorte de glissement. Ainsi, les lois de la composition du discours sont déterminées par les lois fondamentales du langage qui sont également des constituants du fonctionnement inconscient. La métaphore et la métonymie permettent que se produisent des sens à partir de non-sens.

1.1 Des discours

Le discours est la pratique déterminée par des relations historiques et non une reproduction *des dires déjà dits*, ni une innovation totale de l'histoire. En effet, le discours fonctionne dans une imbrication entre la répétition du *nouveau*, du *souvenu* et de *l'oublié*.

Compte tenu de cela, nous pouvons dire que les sujets produisent l'histoire, en même temps que l'histoire produit ces sujets. Cette histoire se réfère aux conditions de production d'une époque et d'une culture déterminées. Pêcheux (1975) affirme que les conditions de production ont un mode de fonctionnement contradictoire et qu'il repose sur une division de classes.

Il convient de noter que le discours n'est pas la parole, mais une fonction dans laquelle il existe une relation entre la langue et la lutte des classes, entre l'énoncé et l'énonciation. Pour Pêcheux (1975), ces relations impliquent des relations de pouvoirs et de politique. D'une part, le système linguistique est indifférent à la lutte des classes, mais l'inverse n'est pas vrai, car tout processus discursif s'inscrit dans une relation idéologique de classe. D'autre part, la langue est un instrument qui permet à la fois la communication et la non-communication. Cela signifie que le processus discursif implique une division, sous l'apparence de l'unité qui est l'idéologie elle-même.

Althusser (1976) conçoit le fonctionnement de l'idéologie comme le fonctionnement de l'inconscient, puisque les deux sont des systèmes qui ont des mécanismes déterminés et qui produisent des effets déterminés. Mentionnons également que l'idéologie a une structure dans laquelle ses éléments (les signifiants) sont régis par une loi qui détermine son fonctionnement, ses combinaisons et ses effets.

Dans le discours, il y a un jeu entre le sujet, l'autre et l'idéologie. Le discours détermine la position du sujet et les effets de sens. De cette façon, il y a des variations (non infinies) de la forme et de la position du sujet ; un lien entre le discours, l'idéologie, l'effet-sujet et la politique.

Une même déclaration peut recevoir différentes significations dont la production dépend de la formation discursive et idéologique dans laquelle elle est inscrite. Il s'agit d'une imbrication de substitutions, de paraphrases, de synonymes, qui fonctionnent entre des éléments linguistiques (signifiants et significations) dans une formation discursive donnée et idéologique. Les mêmes propositions changent de sens passant d'une formation discursive à une autre (Pêcheux, 1975). Dans cette même perspective, Althusser (1977) déclare :

La structure spéculaire redoublée de l'idéologie assure à la fois: 1) L'interpellation des individus en sujets; 2) leur assujettissement au Sujet; 3) la reconnaissance mutuelle entre les sujets et le Sujet, et entre les sujets eux-mêmes, et finalement la reconnaissance du sujet par lui-même; 4) la garantie absolue que tout est bien ainsi, et qu'à la condition que les sujets reconnaissent ce qu'ils sont et se conduisent en conséquence, tout ira bien : Ainsi soit-il (p. 120)

.... l'individu est interpellé en sujet (libre) pour qu'il se soumette librement aux ordres du Sujet, donc pour qu'il accepte (librement) son assujettissement, donc pour qu'il accomplisse tout Seul les gestes et actes se son assujettissement. Il n'est de sujets que par et pour leur assujettissement. C'est pourquoi ils "marchent tout seul" (p. 121).

En résumé, Althusser (1976) déclare qu'il y a deux aspects à l'idéologie : l'aspect structurel (qui est a-historique et immuable) et la formation idéologique historiquement concrète (qui a sa propre histoire). Cette dernière est le résultat des relations inégalité-contradiction-subordination qui caractérisent une formation sociale historiquement donnée, c'est-à-dire, le complexe dominant des formations idéologiques dans laquelle elles agissent. En ce sens, « la théorie du signifiant, qui doit rendre compte de l'effet sujet de tout discours, doit également rendre compte, comme autant de possibilités de variation de la forme-sujet de ces différentes formes sujets » (Althusser, 1993, p. 132).

Concernant le concept de *forme-sujet*, Pêcheux (1975) déclare qu'en disant « je suis X » (mon nom, ma profession, mes idées etc.) il y a un processus d'interpellation-identification qui produit le sujet à l'endroit laissé vide. Ce X émerge des formes les plus variées desquelles dépendront des impositions de relations de pouvoir. Cette *forme-sujet* correspond, en psychanalyse, au *moi imaginaire*, à savoir, au sujet qui se localise dans la dimension imaginaire.

Ce *moi* fait partie du *sujet du discours* qui est constitué par l'oubli (refoulement) de ce qui le détermine. Cet assujettissement voilé est constitué de deux oublis. L'oubli 1, c'est lorsque le *sujet-parlant* ne peut se trouver en dehors de la formation discursive qui le domine, se référant, par analogie, au refoulement inconscient. L'oubli 2, c'est quand le *sujet-parlant* sélectionne, au sein de la formation discursive qui le domine, les formes et les séquences qui sont des paraphrases, une sorte de reformulation de ce qui a déjà été dit antérieurement. Cependant, le sujet pense qu'il en est l'origine (Pêcheux, 1975).

L'effet de la *forme-sujet* du discours est de masquer l'objet, de ce que nous avons nommé l'oubli 1, par le biais du fonctionnement de l'oubli 2. Dans cette perspective, l'espace de *reformulation-paraphrase*, qui caractérise une formation discursive donnée, apparaît comme le lieu de constitution. La *reformulation-paraphrase* d'une formation discursive (où se fait le sens) recouvre cet extérieur non pensé qui le détermine. Cette dissimulation se déroule dans une sphère sans marge et sans limite entre la *forme-sujet* et l'idéologie.

Selon Pêcheux (1983), le discours n'est pas seulement déterminé par l'histoire, mais c'est aussi un événement imprévisible. Ce contingent se produit chaque fois qu'un sens, différent de ce qui était précédemment déterminé par l'idéologie, éclate dans le discours,

puisque chaque énoncé est intrinsèquement susceptible de devenir un autre. Il se déplace de manière discursive d'un sens à l'autre. Cette constatation le conduit à séparer ce qui ne doit pas être dit, car il est interdit, et ce qui ne peut pas être dit, car la structure du langage fait défaut. En ce sens, l'auteur prend en considération le concept *de réel* proposé par Lacan, qui sera esquissé plus loin.

La psychanalyse et l'AD sont des disciplines qui interrogent. Elles supposent que les détails et les particularités ne sont pas négligeables car ils peuvent révéler des phénomènes importants, et qui, pourtant, ont tendance à passer inaperçus. Ces domaines de connaissances considèrent la réalité et le langage comme opaques et, cependant, il y a des zones privilégiées - signes et indications - qui permettent de les déchiffrer (Ginzburg, 1989). Il existe une méthode stricte dans ces disciplines qui ne sont pas réglementées par des contrôles statistiques, mais par les connexions de données et mécanismes théoriques.

L'inconscient et l'idéologie ne peuvent être appréhendés que par leurs formations, par leurs effets et par leurs réflexes, puisqu'ils sont fondés sur le discours de *l'Autre* qui, bien qu'il soit à la surface de l'énoncé, est un lieu d'opacité. Ainsi, il n'y a aucune possibilité de les atteindre directement, la possibilité que nous avons est d'analyser ses effets, qui sont toujours multiples.

En suivant la perspective méthodologique de la AD et de la psychanalyse, nous comprenons qu'il existe un lien entre la pratique, l'analyse, la théorie et la méthode. Qu'ils font partie de la recherche et sont également interdépendants. La préoccupation n'est pas de révéler un contenu qui était caché, mais d'appréhender le fonctionnement discursif, en tenant compte de l'idéologie et de l'inconscient. Il s'agit de dévoiler la dimension de l'événement dans une structure discursive donnée, qui implique de savoir *qui* parle, *à qui* elle parle, *comment* elle parle et *pour quoi* elle parle (Pêcheux, 1983).

Une analyse implique toujours la prise en compte des conditions de production (CP). Selon Courtine (1981), ce concept implique un *sujet-parlant* et un contexte situationnel qui révèle plus particulièrement une interface entre différents domaines de connaissances. Nous aborderons fonctionnement du discours capitaliste s'agissant du discours prédominant de notre époque et, par conséquent, influent sur d'autres modes de discours.

1.2 Le discours capitaliste et ses (per)versions

Pour Lacan (1969-70/1991), les discours sont des modes de liens sociaux, qui régulent les relations entre les sujets. Ils sont basés sur la structure du langage, qui produit désir et perte de jouissance. Ce n'est que par la structure significative que les discours sont fondés. L'auteur (1972-1973/1993) définit le signifiant comme ce qui est irréductible à la jouissance et présuppose *la lettre* comme un effet discursif. Le signifiant n'a rien à voir avec l'écoute, mais avec la lecture qui se fait de ce qui est entendu. Ainsi, ce qui se lit, ce sont les effets des dires, ce sont les effets qui dérangent et agitent les *sujets-parlants*. Le signifiant est arbitraire, il ne dépend pas d'un référent, il ne se réfère à rien, sauf s'il se réfère à un discours, à un mode de fonctionnement, à une utilisation du langage comme lien social.

Le lien social opère à partir de quatre éléments qui structurent l'inconscient en tant que discours de *l'Autre* : le *sujet divisé* (\$), le *signifiant-mâitre* (S1), le *second signifiant* (ou savoir) (S2) et *l'objet* (a). *L'objet*, désigné par la lettre a, est l'objet qui provoque le désir et la sur-jouissance. *L'autre* est la batterie de signifiants, signalée par la lettre A (Autre) = {S1, S2, S3 ... Sn}. Ainsi, le sujet apparaît entre le premier et le second signifiant : « le signifiant est qui représente un sujet pour un autre signifiant » (1968-69/2006, p. 18). S1, désigné par le signe S2, résulte dans le savoir, dans la mesure où un signifiant a besoin d'un autre, c'est dans la rétroaction que nous produisons des significations.

La question de la jouissance apparaît comme étant ce qui empêche les *choses d'avancer*, plaçant le sujet dans un cycle répétitif. La répétition s'articule avec l'indice de nécessité répétitive qui vient de *l'objet a*, cet objet se fonde comme la conséquence d'un objet supposé perdu (Lacan, 1969-70/1991). Le sujet, dans son expérience collective, est constamment confronté à cet effet, indiquant la blessure narcissique.

Cette expérience peut nous aider à comprendre le fonctionnement de la photographie d'Aylan dans les médias, ainsi que le fonctionnement social moderne. Cet effet de perte s'inscrit dans la symbolique qui, à son tour, inscrit le vide dans ce domaine. Cependant, ce processus entraîne une perte de plaisir. Se dessine ici la relation entre l'effet de perte et la place de *l'Autre*, sans laquelle il ne pourrait se produire. La perte n'empêche pas de se relationner avec le désir et la répétition, car ce n'est qu'en l'absence que l'on peut désirer quelque chose et partir à sa recherche.

Les séries, issues de la compulsion de la répétition, résultent de l'insistance de la chaîne des signifiants, et les lieux que le sujet peut occuper sont déterminés à partir de ces séries. Nous regardons que le discours médiatique journalistique implique également une répétition historique liée à la mémoire discursive. Ce fonctionnement de la répétition, nous

observerons tout au long de cette recherche et de l'analyse discursive de la photographie d'Aylan dans les médias journalistiques dominés par le discours capitaliste.

Par rapport au discours capitaliste, Lacan (1972) s'appuie, en plus de Freud, sur les propositions marxistes et le courant post-structuraliste.

Pour Marx (1867/1996), dans le système capitaliste, la main-d'œuvre est vendue et achetée comme toute autre marchandise. Il existe un marché qui achète de la main-d'œuvre, indiquant non seulement l'établissement d'un nouveau système économique, mais aussi d'une nouvelle époque de l'Histoire (âge moderne). Néanmoins, l'auteur note qu'une partie du travail n'est pas payée au travailleur. Cette part revient au capitaliste. Cette opération, Marx l'a nommée la *plus-value*.

Les interpellations idéologiques sont nécessaires pour que ce système fonctionne puisque le discours capitaliste trompe les sujets quant au gain et à la liberté. Lacan (1971-72/2011) affirme qu'il y a eu un passage du *Discours du Maître* (DM) au *Discours du Capitaliste* (DK). Ce glissement implique un jeu politique de relations de pouvoir dans une certaine condition historique de production. Il y a eu un tournant dans le *Discours du Maître* qui fait de lui le *Discours du Capitaliste*. Ce sont des discours avec des fonctionnements similaires. Toutefois, dans le discours capitaliste, le sujet est encore plus trompé (Lacan, 1972/2011), car il fonctionne de manière perverse. En effet, en même temps qu'il y a du cynisme, il existe plusieurs versions d'objets et d'interprétations.

Lacan (1972/2011) souligne que le but ultime de ce discours est de nier la castration. Dans le discours du maître ancien, l'esclave est obligé de servir le maître (la place de *l'Autre*) de manière révélée et la connaissance est du côté de l'esclave. Tandis que dans le discours capitaliste, la soumission du sujet à *l'Autre* est voilée, et la connaissance est du côté de la science, des technologies et actuellement des médias.

Au-delà de cela, Lacan (1968-79/2006) fait une homologie entre le *plus-de-jouir* et la *plus-value*. Le concept de *plus-value* de Marx produit une insatiabilité, c'est-à-dire le *manque-à-jouir*. Cela s'accumule pour augmenter les moyens de production en tant que capital, et augmenter la consommation en général. Pour assurer la production capitaliste, la révolution à faire est de maintenir le désir, c'est-à-dire de maintenir l'objet dans son statut métonymique. De cette façon, le *plus-de-jouir* apparaît sous forme de mal-être, produisant des guerres qui incitent les exploités à se concurrencer dans l'exploitation, afin qu'ils aient l'illusion qu'ils protègent leur participation au centre du *manque-à-jouir*.

Sur le discours capitaliste, Lacan (1972) écrit :

.... la crise, non pas du discours du maître, mais du discours capitaliste, qui en est le substitut, est ouverte. C'est pas du tout que je vous dise que le discours capitaliste soit moche, c'est au contraire quelque chose de follement astucieux, hein ? De follement astucieux, mais voué à la crevaision. Enfin, c'est après tout ce qu'on a fait de plus astucieux comme discours. Ça n'en est pas moins voué à la crevaision. C'est que c'est intenable. C'est intenable... dans un truc que je pourrais vous expliquer... parce que, le discours capitaliste est là, vous le voyez... [*indica la formula alla lavagna*]... une toute petite inversion simplement entre le S1 et le \$ qui est le sujet... ça suffit à ce que ça marche comme sur des roulettes, ça ne peut pas marcher mieux, mais justement ça marche trop vite, ça se consomme, ça se consomme si bien que ça se consume (Lacan, 1972, p. 07).

En ce qui concerne la tromperie du sujet, Tfouni (2013a) affirme que les marchandises dans le capitalisme servent à créer l'illusion de combler le vide du désir, puisque le sujet est soumis à la consommation de biens de marchandises et, en le consommant, en fait, se consomme :

.... consommer peut donc être interprété à la fois dans la voix active (consommer une marchandise) et dans la voix passive (être consommé par elle). En consommant la marchandise, cherchant à consommer le désir, le sujet se laisse consommer Ainsi, la marchandise fétichisée apparaît à la fois comme la possibilité d'atteindre une société sans différences, et aussi comme un tampon d'espaces vides, qui, soi-disant, sont des espaces de réalité, mais indiquent le manque constitutif de désir, qui ne peut jamais être comblé. » (Tfouni, 2013a, p. 06).

Il est important de souligner que le discours capitaliste moderne est institué, selon la perspective adoptée de cette recherche, avec le changement de statut du savoir, avec la révolution des technologies et la mondialisation de l'information à travers les médias. Le discours capitaliste, couplé au discours médiatique (journalistique), élève le savoir au niveau de la vérité. Le désir en tant que mouvement et l'interpellation idéologique n'est pas pris en compte. Il est essentiel de mentionner qu'en plus du *symbolique* et de l'*imaginaire*, nous avons le *réel*, qui perce l'illusoire complétude du sujet, et la *vérité* que le discours capitaliste impose. Pour cette raison, il est important de revenir aux concepts de *réel*, *symbolique* et *imaginaire*, de Lacan, afin de nous aider à analyser l'image dans les médias journalistiques.

3. Réel, Symbolique et Imaginaire (RSI)

Dans son séminaire 22, le RSI (*Réel, Symbolique et Imaginaire*) et 23, le *Sinthome*, Lacan (1974-75, 1975-76/2005) a déclaré qu'il fallait formuler le champ du *réel* et, pour cela, utiliser la topologie du nœud borroméen pour articuler les trois registres et décrire leur fonctionnement. Nous sommes partis de l'idée que cette topologie est celle du sujet de l'inconscient, donc du discours, rappelant que ce sujet est constitué dans le champ de *l'Autre* (Granont-Lafont, 2003, Sauret, 2005).

Tout d'abord, il faut souligner qu'un registre n'est pas identique à un autre, mais l'un dépend de l'autre, ils travaillent ensemble. La consistance et l'unicité se réfèrent à *l'imaginaire*, le symbolique au manque et le réel est de l'ordre de *l'ex-sistence*. C'est ce qui est « hors de portée » du symbolique, en dehors de la chaîne des signifiants et qui n'a pas d'image dans l'imaginaire. Ces trois registres ne se confondent pas, il reste donc à trouver un dispositif pour les attacher, à produire le nœud borroméen étant leur support le Nom-du-Père ou *sinthome* (Lacan, 1974-75).

Figure 2 – RSI: nœud borroméen ((Lacan, 1975-76 / 2005, p. 20)

Pour Lacan (1974-75), l'imaginaire est le corps et la débilité mentale. C'est un moment où le sujet est plongé dans sa joie de complétude, c'est-à-dire que son image narcissique est préservée dans une dimension de fantasme imaginaire. Dans ce domaine, nous avons l'intrusion du symbolique (chaîne de signifiants qui se transmet d'un sujet à un autre) comme altérité et du réel comme ce qui n'existe pas, alors ces registres transpercent l'imaginaire.

L'angoisse et le malaise dans la civilisation jaillissent du réel, et ont pour effet la production du symptôme, la manière dont un sujet jouit de son inconscient. La notion de symptôme, selon Lacan (1974-75), a été introduite par Marx, bien avant Freud. Le symptôme est le signe de quelque chose qui ne va pas bien dans le réel, il est l'effet du symbolique dans le réel.

De ce fait, nous avons considéré l'image d'Aylan comme un signe de cette réalité, révélant la répétition du mal-être dans la culture et le symptôme social de l'actualité (début du

21e siècle). Ce réel, reflété dans l'imaginaire, a pour conséquence les diverses inscriptions de la multiplicité des identifications qui forme le sujet. L'inconscient, comme symbolique, peut être responsable de la réduction du symptôme dans le sens imaginaire. Cette réduction est la cause du désir, tandis que la jouissance (comme *jouissance Autre*) est celle qui *ex-iste* en dehors du symbolique.

Pour Lacan (1972), le vrai « est une pierre au milieu du chemin » :

Le discours du maître [$S_1 \rightarrow S_2 \downarrow a$] par exemple, sa fin c'est que les choses aillent au pas de tout le monde. Ben ça, c'est pas du tout la même chose que le réel, parce que le réel justement, c'est ce qui ne va pas, ce qui se met en croix ce charroi, bien plus: ce qui ne cesse pas de se répéter pour entraver cette marche. Je l'ai dit d'abord : ce qui revient toujours à la même place. L'accent est à mettre sur « revient ». C'est la place [vide] qui se découvre, la place du semblant. Il est difficile de l'instituer du seul imaginaire, comme d'abord la notion de place semble impliquer. Heureusement que nous avons la topologie mathématique pour y prendre un appui, et c'est ce que j'essaie de faire (Lacan, 1972, p. 5).

Lacan (1974) affirme que le réel n'est ni le monde ni l'universel. Il est le reste de l'opération de la formation du sujet dans le discours. Il est un reste qui revient car il ne trouve pas sa place dans l'imaginaire ou dans le symbolique. Le symbolique borde le vide avec les signifiants et l'imaginaire recouvre momentanément le manque avec les effets des significations. Notons que tout processus discursif implique les trois registres.

Le réel a une facette impossible et une facette contingente, c'est-à-dire qu'il surprend et n'a pas de sens, étant quelque chose qui ne cesse de ne pas s'écrire (Lacan, 1972-73/2016). Il faut un point d'exclusion pour que les significations soient produites, puisque l'universel n'est placé que par un point d'exclusion, c'est-à-dire que dans l'universel il y a toujours un point de négation. Le manque est nécessaire !

Pour Lacan (1964/1973), la psychanalyse met la recherche en mesure de traiter le réel par le symbolique en réduisant l'imaginaire. Le pari d'interprétation des données est produit par l'écoute et la lecture des signifiants qui organisent les liens sociaux. Le signifiant, pour Lacan (1972-73/2016), ne peut pas être pris simplement comme un mot, un texte, une image, une phrase, mais un trait a priori dénué de sens, qui ne cesse de s'écrire. C'est pourquoi, il n'est possible d'obtenir un sens qu'en rétroaction, car le langage est imprégné de métaphores et de métonymies, avec une primauté du signifiant sur le signifié.

En résumé, pour l'AD, un discours implique toujours un sujet qui est interpellé par l'idéologie, traversé par l'inconscient et soumis à la réalité. Dans une analyse discursive, les

jeux de pouvoirs (au sens politique) et les conditions de production (au sens historique) sont pris en compte.

Par conséquent, nous comprenons que la photographie d'Aylan réveille le tragique qui a été réprimé chez ce sujet qui la regarde, qui, à son tour, cherche une interprétation possible de cette scène. Son interprétation dépend de l'interprétation idéologique et de sa constitution fantasmatique d'un ordre inconscient.

1.4 La constitution du *corpus*

La constitution du corpus a été faite à travers des images et des déclarations sélectionnées en fonction du regard du chercheur. Dans le cas de cette recherche, le corpus commence par la photographie d'Aylan qui a circulé dans les médias, puis des déclarations et des images qui ont été produites à la suite de sa publication. L'objectif est d'analyser l'image comme un discours qui produit des effets de significations des identifications ou contre-identifications aux formations idéologiques. La photographie et les commentaires ont été analysés en tenant compte du champ socio-historique d'aujourd'hui. Nous avons pris le discours capitaliste comme dominant. Nous pensons, ici, la relation entre un lieu, un temps et les valeurs historiques qui guident la production, la réception, la propagation et l'interprétation de la photographie, et des déclarations, qui ne sont pas seulement linguistiques, puisque chaque discours implique un sujet de l'inconscient, un temps historique et espace symbolique.

Selon Orlandi (1999), le processus de délimitation et d'analyse du corpus comprend deux étapes. La première : la *Description*. Il faut considérer que l'interprétation fait partie de l'objet de l'analyse, c'est-à-dire que l'analyste doit essayer de décrire le geste d'interprétation du sujet qui constitue le sens soumis à l'analyse. La seconde : *l'Interprétation*. Il n'y a pas de description sans interprétation. Le chercheur lui-même est impliqué dans ce processus et, par conséquent, il est nécessaire d'introduire un dispositif théorique qui peut intervenir dans la relation de l'analyste avec des objets symboliques, produisant un changement dans sa relation entre sujet et l'interprétation, ce qui permettra de travailler entre description et interprétation.

La base de l'analyse est la constitution du *corpus* qui ne suit pas des critères empiriques mais théoriques, s'organisant au regard de l'objectif de recherche. L'analyse n'est pas objective, mais doit être subjective le moins possible, et cela, en expliquant les conditions et les modes de production des significations de l'objet de recherche. Un cheminement

analytique va de la surface linguistique à l'objet discursif (Orlandi, 1999). Ce déplacement traverse le champ des événements historiques.

A noter que le *corpus* s'est constitué tout au long de la recherche et n'est pas forcément imposé dès le départ. Courtine (1981) le définit comme suit :

Nous définirons un corpus discursif comme un ensemble de séquences discursives structuré selon un plan défini en référence à un certain état des CP du discours. La constitution d'un *corpus* discursif est en effet une opération qui consiste à réaliser par un dispositif matériel d'une certaine forme (c'est-à-dire structuré selon un certain plan), les hypothèses émises dans la définition des objectifs d'une recherche (p. 24).

La photographie d'Aylan a été reconnue, par les médias, comme un symbole de la crise des réfugiés et de la crise humanitaire. Ces crises sont véhiculées à plusieurs reprises dans le discours des médias journalistiques. C'est pourquoi il devient nécessaire de se demander s'il existe une crise, et quel type de discours incite son lecteur à croire qu'il y a une crise migratoire avec une crise économique, comme nous l'analyserons ci-dessous. Nous avons analysé d'autres images (surtout une publicité) résultant de cette photographie, afin d'analyser les effets, les déplacements et les dérives des significations que la photographie a provoqué dans les médias.

CHAPITRE II

L'INQUIÉTANTE ÉTRANGETÉ ET SES DIFFÉRENTES MANIÈRES D'IDENTIFICATIONS

2.1 L'*Unheimlich* freudien

2.2 La constitution du sujet

2.3 Les identifications

2.1 L'*Unheimlich* freudien

La rencontre du sujet avec la photographie d'Aylan provoque l'horreur dans les médias. Partagée viralement, elle actualise la mémoire sociale et nous amène à penser à l'image comme l'*unheimlich* freudien. Ce concept est l'axe articulé de cette recherche, nous avons donc décidé de commencer par son explication et son illustration. Pour comprendre ce concept, nous verrons les temps de la constitution et les modes d'identification du sujet.

L'*unheimlich* est un terme proposé par Freud pour formaliser ce qui est étranger et familier en même temps. Il faut faire attention, plusieurs traductions ne correspondent pas au concept. Dans la version publiée par l'éditeur *Imago* (Brésil), le signifiant « *unheimlich* » a été traduit par « *O estranho* », dans celle de l'éditeur *Companhia das letras* (Brésil) : « *O inquietante* », dans la version anglaise, « *The uncanny* » et dans la traduction française par « *L'inquiétante étrangeté* ». Toutefois, le fonctionnement de l'« *unheimlich* » est le même.

Freud (1996/2008) fait une analyse linguistique du signifiant « *unheimlich* ». Il souhaite y extraire une notion théorique de ce phénomène. Selon lui, l'étranger est lié à celui qui est effrayant et qui cause la peur et l'angoisse, néanmoins, il est celui qui peut avoir été familier par le passé :

Le mot allemand « *unheimlich* » est manifestement l'opposé de « *heimlich, heimisch, vertraut* » (ternies signifiant intime, « *de la maison* », familier), et on pourrait en conclure que quelque chose est effrayant justement parce que pas connu, pas familier. Mais, bien entendu, n'est pas effrayant tout ce qui est nouveau, tout ce qui n'est pas familier ; le rapport ne saurait être inversé. Tout ce que l'on peut dire, c'est que ce qui est nouveau devient facilement effrayant et étrangeté inquiétante ; telle chose nouvelle est effrayante, toutes ne le sont certes pas. Il faut, à la chose nouvelle et non familière, quelque chose en plus pour lui donner le caractère de l'inquiétante étrangeté. (Freud, 1919/2008, p. 153).

On ne peut pas assimiler l'étranger au non familier. Afin de démontrer cette non équivalence, Freud (1919/2008) fait une description de l'« *unheimlich* », en mettant en valeur le « *heimlich* » dans le discours. L'auteur rappelle quelques énoncés pour l'expliquer :

.... les propriétaires protestants ne se sentent pas ... « *heimlich* » parmi leurs sujets catholiques. Kohl. Irl. 1, 172 ; Quand tout devient heimlich et qu'en silence le calme du soir quête auprès de ta cellule. Tiedge 2, 39 Il ne se sentait pas du tout heimlich en la circonstance Je ne me sentirai sans doute nulle part plus heimlich qu'ici Ce qui vient de loin... ne vit pas d'ordinaire de façon tout à fait heimelig Qu'entendez-vous par heimlich ? – Eh bien... j'ai la même impression avec eux qu'avec un puits comblé ou étang asséché (Freud, 1919/2008, p. 155).

.... On ne peut jamais passer dessus sans avoir de sentiment que de l'eau pourrait en resurgir un jour. Nous appelons cela un-heimlich ; vous l'appellez heimlich. En quoi trouvez-vous que cette famille a quelque chose de dissimulé et de peu fiable ? (Freud, 1919/2008, 156).

.... On qualifie de *un-heimlich* tout ce qui devrait rester dans le secret [Geheimnis], dans le monde caché, et qui est venu au jour. Schelling, 2, 2, 649. (Freud, 1919/2008, p. 157).

Freud (1919/2008) affirme que le mot *un-heimlich* est ambigu puisqu'il appartient à deux conjonctions d'idées qui sont contraires. D'un côté, il peut signifier ce qui est familier et agréable, et de l'autre côté ce qui est caché et se maintient en dehors du champ de vision, à cause de l'angoisse. L'auteur affirme que le refoulé est exactement ce qui est à la surface mais ne se voit pas. Le refoulé peut retourner au « *moi* » sous la condition de négation. À cet égard, nier quelque chose que nous n'acceptons pas est le maintenir dans l'obscurité puisque pour l'inconscient, il n'existe pas de paire de contraires. La négation arrive au niveau du « *moi-conscient* ».

Selon l'auteur (1925/1996), l'étranger est le retour du refoulé qui peut venir sous la forme de négation : « *ça n'est pas familier* » ou sous la forme de la mise en valeur de sens offerts par l'autre ou par l'idéologie. *L'inquiétante étrangeté* peut revenir sous la forme d'une menace, le moment où le sujet est confronté au dilemme : ou lui ou moi. Il n'y a pas de place pour les deux.

L'interaction entre les œuvres littéraires et la psychanalyse est une constante dans les écrits de Freud, à partir desquelles il fait référence à la connexion d'une structure entre ces discours. Ce dialogue sert à illustrer et valider le fonctionnement psychique. À cet égard, la

fiction est une matérialisation discursive de l'inconscient et offre un réservoir de symbolisations (les mots, les images, les figures de langage) qui aident à construire la théorie.

Ainsi, l'auteur explique le fonctionnement de *L'inquiétante étrangeté* à partir de « *L'homme de sable* » de Hoffmam. Copolla, un opticien, frappe à la porte de Nathanaël pour lui vendre une longue vue. Ce dernier a très peur quand il le voit car il se souvient immédiatement de l'histoire de *l'homme au sable*. Lorsque Nathanaël était petit, il se cachait dans le cabinet de son père afin d'espionner un étranger : Copéllius, pendant que son père réalisait une expérience chimique. Un jour, son père l'a découvert et a menacé d'appeler l'*Homme au sable*. À ce moment-là, le jeune identifie Copolla à Copéllius, et les deux à l'*Homme au sable*. Nathanaël achète la longue vue et espionne l'appartement d'en face, du professeur Spalanzani. Il croit apercevoir la fille de celui-ci, Olympia, dont il est amoureux. En fait, c'est une poupée automate fabriquée par le professeur. Nathanaël devient fou, il délire, il a des hallucinations parce que la poupée n'a pas d'œil. Et il passe à l'acte. Un jour, il essaye de jeter Clara (sa fiancée) du haut d'une tour, croyant qu'elle est Olímpia. Finalement, c'est lui qui s'est jeté en criant : « Oui ! Zoli z'yeux » (Hoffman, 1817/2010).

Selon Freud (1919/2008), le sentiment d'étrangeté est lié à la figure de *l'Homme au Sable*. L'idée des yeux volés est la cause de l'angoisse et du désespoir. L'étude des symptômes, des rêves, des fantasmes et des mythes révèle que l'angoisse des yeux arrachés remplace la crainte de la castration. Ce phénomène est dit du *complexe d'Oedipe* et de la fonction paternelle. Il s'agit, au-delà de la peur d'être castré, d'expériences infantiles étranges et du phénomène du *double*. Ce phénomène est une identification du *moi* avec l'autre. Pourtant, le sujet ne se reconnaît pas et il le ressent comme une menace incarnée par l'inconnu.

2.3 Les temps du sujet

Pour Lacan, le *double* est le réflexe du moi dans le miroir, un des temps de la constitution subjective, un temps que le sujet identifie au « petit autre ». L'auteur (1949/1999) appelle cela le « stade du miroir ». Ce stade, un temps logique, constitue le narcissisme du sujet, une aliénation fondamentale du *sujet infantil* à l'Autre primordial. L'Autre a deux fonctions : un miroir plat et une dimension symbolique qui est la matrice des signifiants. Cette dimension est incarnée dans la figure maternelle. Ce temps survient lors de l'identification de

l'enfant à son image en structurant le « moi ». Ainsi, le sujet voit la complétude imaginaire et pour cela, il faut que l'Autre symbolique ratifie cette image.

Il existe une soumission de l'enfant à la dimension imaginaire. Puis vient le processus de l'identification où l'enfant se rend compte que l'image dans le miroir est la sienne et non celle de l'autre. À ce moment, il est question de la différenciation entre l'image de l'autre et de son image. Or, l'unité du corps apparaît comme extérieure et inversée (Dor, 1989). Précisons qu'il ne s'agit pas de temps chronologiques, ni linéaires, mais de temps logiques et circulaires.

La relation spéculaire est supportée à travers une chaîne de signifiants. Il y a un temps où le monde existe et un autre temps où le sujet, à travers la chaîne de signifiants offerte par l'Autre, fait un montage du monde en le mettant en scène. Cette scène se répétera au cours de la vie du sujet de manières différentes et paradoxales. Le sujet est partagé entre l'autre spéculaire et l'Autre symbolique. L'investissement à l'image est un temps essentiel, toutefois, il y a une partie qui n'est pas spéculaire : c'est le manque structurel. Lacan l'a nommée l'objet a (1962-63/2004) et il rappelle que l'articulation du sujet au petit autre et l'articulation du sujet au grand Autre ne vivent pas séparées.

Lacan (1963-64/2004) utilise le schéma optique (fig. 3) comme illustration de la structuration du moi : le *moi idéal* $i(a)$, et l'*Idéal du moi* $I(A)$.

Figura 3 – Schéma optique complet et Schéma optique réduit (Lacan, 1962-63/2004 , p. 50)

Dans ce dessin apparaît le *moi* qui a le rapport le plus étroit avec le sujet et la fonction de dépendance du sujet au discours de l'Autre: « Rappelons donc comment le rapport spéculaire se trouve inséré, se trouve donc prendre sa place, se trouve dépendre de ce qui fait que le sujet se constitue au lieu de l'Autre, se constitue de sa marque, dans le rapport au signifiant. » (Lacan, 1963-64/2004 , p. 42)

Le miroir plat de la figure est représenté par A (l'*Autre*), le miroir concave est représenté par \$ (le sujet), le vase est représenté par i(a) (l'image de l'autre) et l'objet *a* est le vide du pot. Cet objet n'est pas spéculaire car l'image du vide n'existe pas. Néanmoins, il est possible de le symboliser à travers le signifiant du phallus - la lettre $-\phi$ qui indique la castration. Le miroir plat reflète le vase, mais sans l'image de l'objet *a*. Dans ce réflexe, le sujet voit une image inversée i'(a), l'image virtuelle où il a l'impression que le vide est rempli.

L'illusion ici représentée, dite du vase renversé, ne peut se produire que pour l'oeil qui se situe quelque part à l'intérieur du cône ainsi produit par le point de jonction de la limite du miroir sphérique avec le point foyer où doit se produire l'illusion dite du vase renversé. Vous savez que cette illusion – image réelle – est ce qui nous sert à métaphoriser quelque chose que j'appelle i(a) et dont vous savez que ce dont il s'agit est ce qui est support de la fonction de l'image spéculaire (Lacan 1960-1961/2001, p. 201).

Le *Stade du Miroir* est un moment dit jubilatoire où l'enfant s'assume comme une totalité, fonctionnant comme telle dans son image spéculaire. Le petit enfant qui vit cette expérience inaugurale de la reconnaissance dans le miroir, se retourne vers celui qui le porte, qui le supporte, qui le soutient, qui est là derrière lui, l'adulte représentant le grand Autre. Lacan (1949/1966) affirme que

Nous nous efforçons d'assumer le contenu de l'expérience, dont nous reconstruisons dans le *stade du miroir* quel est le sens de ce moment, en le faisant se reporter à ce mouvement de nutation de la tête qui se retourne et qui revient vers l'image, semble lui demander d'entériner la valeur de cette image (p. 93)

Le *stade du miroir* est une aliénation essentielle de l'infans à l'Autre qui a double fonction : du miroir plat (dimension imaginaire) et de matrice de signifiants (dimension symbolique). Nous approfondirons plus loin les trois dimensions, à savoir : le réel, le symbolique et l'imaginaire.

L'idée du *double* du sujet est sa propre image où il peut, ou non, se reconnaître. Il s'agit de l'identification spéculaire du sujet à son autre, c'est-à-dire son reflet dans le miroir. Lorsque le sujet ne se reconnaît pas dans cette image, celle-ci provoque en lui l'angoisse et le sentiment d'étrangeté. Nathanäel voyait son double, c'était son image inversée par le miroir, néanmoins il ne s'y reconnaissait pas.

Chez Freud (1919/2008), un élément qui fait peur – étranger – peut se révéler être quelque chose signifiant la réapparition du refoulement. Cet élément étranger n'est pas nouveau, mais c'est une chose familière qui s'est effacée à travers le processus du refoulement. Cette chose aurait dû rester cachée, mais elle est revenue à la lumière. Nous supposons que le refoulement est un dispositif que le sujet utilise inconsciemment comme condition préalable pour établir des règles dans la société.

Dans la psychanalyse lacanienne, le double est à l'origine une assurance contre la disparition du moi. Sa création, par le sujet, est une défense contre son propre anéantissement. Pourtant, la représentation du double ne disparaît pas nécessairement après la constitution du sujet car elle peut acquérir un nouveau contenu. Freud (1919/2008) affirme que le moi est partagé en deux parties, l'une s'opposant à l'autre. Une des parties devient l'objet maltraité par l'autre partie - le double - qui punit et maltraite la première partie. Il s'agit du clivage du moi. Ainsi, le double est devenu une image d'effroi, l'image du Démon.

La structuration du moi est concomitante à la constitution du sujet, comme Lacan le propose, le sujet est divisé entre deux signifiants (S1 – S2). Cette division se manifeste dans le discours de l'*Autre*. Dès lors, le sujet se constitue uniquement à partir de l'aliénation à l'Autre. La relation entre le sujet et l'Autre est une opération circulaire, mais de manière dissymétrique et sans réciprocité, car le langage est défaillant et ne peut pas tout dire. De plus, le sujet ne réussit pas à dire ce qu'il souhaite vraiment dire à d'autres individus qui ne l'entendent pas également. Enfin, il n'y a pas de correspondance possible entre le sujet et l'Autre/l'autre (Lacan, 1964/1975).

Dans cette perspective, l'auteur (1964/1975) propose deux opérations concernant la constitution du sujet : l'aliénation et la séparation.

La première opération, l'aliénation, comporte le *vel* de la réunion entre deux champs : les signifiants de l'Autre et le sujet. Ces signifiants seront offerts au sujet en vue de lui donner un sens. Toutefois, il reste toujours une partie dont nous ne pouvons obtenir ni sens, ni image. C'est cette partie que Lacan (1964/1975) appelle l'objet *a* (un morceau de réel).

Le sujet est aussi constitué du manque d'un signifiant. Autrement dit, le sujet du désir est partagé en trois parties : S1, S2 et l'objet *a*. Cet objet en dehors du Symbolique est le manque qui constitue le sujet, et est nécessaire à la cause de son désir.

Il s'agit du vel de la première opération essentielle où se fonde le sujet Cette aliénation, mon dieu, on ne peut pas dire qu'elle ne circule pas de nos jours. Quoi qu'on fasse, on est toujours un petit peu aliéné, que ce soit dans l'économique, le

politique, le psycho-pathologique, l'esthétique et ainsi de suite L'aliénation consiste dans ce *vel*, qui – si le mot condamné n'appelle pas d'objections de votre part, je le reprends – condamne le sujet à n'apparaître que dans cette division que je viens, me semble-t-il, d'articuler suffisamment en disant que, s'il apparaît d'un côté comme sens, produit par le signifiant, de l'autre il apparaît comme aphanisis. (Lacan 1964/1975, p. 191).

La deuxième opération est la séparation. Un temps où le sujet retrouve la route de retour du *vel* de l'aliénation, à savoir, le moment où apparaît un intervalle entre le S1 et le S2. C'est le désir qui crée la possibilité de donner d'autres sens aux mots, et cela à travers deux opérations : la métonymie et la métaphore. Ces signifiants sont toujours appuyés aux signifiants apportés par l'Autre. Le sujet est confronté au vide (objet a) qui se trouve à l'intersection entre le champ du sujet et le champ de l'Autre. Enfin, la constitution du sujet est un mouvement circulaire qui, grâce à une torsion, dans cette place et dans ce temps, provoque la séparation entre le sujet et l'Autre (Lacan, 1964/1975).

L'intersection de deux ensembles est constituée par les éléments qui appartiennent aux deux ensembles. C'est ici que va se produire l'opération seconde où le sujet est conduit par cette dialectique. Cette opération seconde est aussi essentielle que la première à définir, parce que c'est là que nous allons voir le pointer l'appelle du transfert, Je l'appellerai, introduisant ici mon nouveau terme, le séparation. Un manque est, par le sujet, rencontré dans l'Autre, dans l'intimité même que lui fait l'Autre par son discours. Dans les intervalles du discours de l'Autre, surgit dans l'expérience de l'enfant ceci, qui y est radicalement repérable – *il me dit ça, mais qu'est-ce qu'il veut ?* (Lacan, 1964/1975, p. 194).

La séparation peut avoir comme effet une *inquiétante étrangeté*, une altérité qui légitime l'impossibilité d'un être à être l'Autre et à deux êtres de ne faire qu'un seul être. L'aliénation et la séparation sont des forces centrifuges et centripètes, elles s'attirent et se repoussent en même temps, elles ne sont pas identiques, mais elles sont indissociables. Au moment de la séparation, le sujet se rend compte du manque qui le constitue. Le manque d'un signifiant est la cause du sujet du désir. Il faut dire que le manque est toujours là, même si le sujet ne s'en est pas aperçu ou a essayé de le combler.

En ce qui concerne l'aliénation, le *petit autre* se forme, il s'agit d'une image spéculaire dont le sujet se reconnaît comme une image unifiée, sans division. Pour illustrer cette opération, Lacan (1963-64/2004), s'appuyant sur la phrase célèbre de Rimbaud (1871/2009) – *Je est un autre* – note que le *moi* et *l'autre* sont la même chose. Il s'agit du processus

d'identification. Rappelons que pour la constitution du *moi* il faut un support symbolique (l'*Autre*) qui authentifie l'image du *moi* comme un reflet et non comme lui-même.

L'image du moi, constituée au *stade du miroir* est elle-même la constitution de la subjectivité. Néanmoins, cette image est un leurre, parce que le sujet est divisé et le manque est structurel.

Durant les premières années de la vie, l'*Autre* est incarné dans ce qui fait la fonction maternelle, indispensable à l'identification de l'enfant. Sa mère lui montre son image dans le miroir. Ce qui permet à l'enfant de construire son *moi* et d'anticiper la joie de l'unicité de son image corporelle.

À partir du manque, le sujet suppose que l'*Autre* désire ce qui manque. Cependant, ce manque demeure, pour le sujet, comme une énigme qui change et se renouvelle en permanence.

La réponse que le sujet donne au manque constitutif est un fantasme inconscient, une narration, c'est-à-dire une fiction qui essaie de répondre au désir de l'*Autre*. Cette réponse n'est pas une vérité. Le fantasme est constitué à partir d'une interprétation du sujet relatif au désir de l'*Autre*. Soulignons que dans la relation du sujet à l'*Autre/autre*, les positions et les fonctions sociales sont déterminantes. Par conséquent, il y a un ordre structurel qui vaut autant pour les sujets que pour la société. Freud (1929/1996) fait une comparaison entre les mécanismes psychiques et le fonctionnement d'une société, principalement la *loi universelle* (tout le monde est castré) qui règle les liens entre les sujets.

2.4 Les identifications

Rappelons qu'il y a trois sortes d'identification proposées par Freud (1921/1996) en *Psychologie collective et analyse du moi*.

- La première sorte d'identification est liée au Père :

La psychanalyse voit dans l'identification la première manifestation d'un attachement affectif à une autre personne. Cette identification joue un rôle important dans le Complexe d'Oedipe, aux premières phases de sa formation. Le petit garçon manifeste un grand intérêt pour son père : il voudrait devenir et être ce qu'il est, le remplacer à tous égards. Disons - le tranquillement : il fait de son père son idéal (Freud, 1921/1996, p. 38).

Cependant, le garçon observe que son père est un obstacle pour atteindre sa mère qui est son objet d'amour. Ainsi, l'identification au père comporte aussi de l'hostilité car l'enfant le considère comme un rival face à sa mère. Il s'agit d'un sentiment ambivalent.

- La deuxième sorte d'identification est liée au symptôme de l'autre et du supposé objet d'amour de l'autre (père). Freud (1921/1996) affirme :

Il est facile d'exprimer dans une formule cette différence entre l'identification avec le père et l'attachement au père comme à un objet sexuel : dans le premier cas, le père est ce qu'on voudrait être, dans le second, ce qu'on voudrait avoir. Dans le premier cas, c'est le sujet du moi qui est intéressé, dans le second, son objet (p. 39).

L'auteur, afin d'illustrer cette identification, rappelle le cas *Dora*. Cette fille reproduit le symptôme de sa mère (l'objet d'amour de son père) : une toux pénible. Ce symptôme représente le désir de prendre la place de la mère : « le symptôme exprime le penchant érotique pour le père, ce symptôme réalise la substitution à la mère sous l'influence du sentiment de culpabilité » (Freud, 1921/1996, p. 39). L'identification est partielle. Dora utilise la toux de sa mère comme une « trace isolée » de l'autre.

- Troisième sorte d'identification : l'identification hystérique.

Cette identification s'effectue en dehors et indépendamment du comportement libidinal à l'égard de la personne copiée. Pour illustrer cela, Freud reprend le cas d'une femme qui vivait dans un internat. Elle a reçu une lettre de son amant. Cette lettre a provoqué un sentiment de jalousie, elle s'est mise à pleurer, puis, à faire une crise d'hystérie. À ce moment, les autres femmes de l'internat, par mimétisme, ont commencé à pleurer et à faire elles aussi une crise d'hystérie. Ici, il s'agit d'un mécanisme conduisant à la possibilité (le désir inconscient) de se placer dans la même situation que l'autre. Cette identification est la trace de l'intersection entre deux *moi* qui reste refoulée. La plupart des femmes commencent à réagir de la même manière, une espèce *d'infection mentale* (Freud, 1921/1996).

Pour Lacan (1961-62), les identifications concernent les signifiants qui ne se manifestent qu'en présence de la différence entre l'un et l'autre. Ainsi, la relation du signe avec la chose est effacée, et ce qui demeure est le *trait unaire*. Le signe a comme fonction de rendre la chose présente. Le signifiant marque la différence entre le sujet et l'autre. En effet, même si le signifiant est identique, il est modifié par le contexte et donc, il n'est jamais le même. L'identification ne devient pas un sujet identique à l'autre, elle devient différente de l'autre.

Cette dernière identification, nous la retrouvons dans le fonctionnement d'une société. Le lien social entre les sujets s'appuie sur la capacité du sujet de se voir dans l'autre (la relation spéculaire). Cette identification peut être basée sur l'amour ou sur la haine. La photographie d'Aylan amène le sujet qui la regarde à s'identifier. Il éprouve alors de la compassion. Cette image va alerter le public sur la crise migratoire.

Au-delà de la question de la crise des réfugiés, l'image provoque un choc pour avoir exhibé un enfant mort. En effet, dans nos sociétés contemporaines, la place de l'enfant est privilégiée. Il est protégé par les adultes au sein des écoles, des espaces de loisirs... Nous développerons plus profondément cette idée dans le chapitre suivant.

L'altérité est associée à l'identification et à l'*inquiétante étrangeté*. Cependant, il existe un développement différent de cette idée en fonction des auteurs.

Selon Moreira (2003), ce concept n'apparaît pas dans l'œuvre de Freud, même s'il y a quelques indices qui font penser que l'altérité est différente de l'identification narcissique. Lacan (1957-58/1998) formalise l'altérité à travers le concept de l'Autre qui est le *trésor des signifiants*. L'Autre est une altérité par rapport au sujet, une facette de l'inconscient. Quant à Moreira (2003), il affirme que l'Homme crée plusieurs sortes d'altérité pour expliquer sa condition existentielle. La religion, la science ainsi que les lois de l'État organisent et donnent du sens à l'expérience concrète.

Bairrão (2011) propose, à partir de Lacan, l'Autre comme une altérité en quatre thèses : 1) l'Autre symbolique (le langage) ; 2) l'Autre vide (l'altérité est un ensemble vide à l'intersection entre le champ du sujet et le champ de l'Autre ; 3) l'Autre sexe (l'altérité renvoie au *non-rapport sexuel*) ; 4) L'Autre-jouissance comme *barré* (l'impossibilité pour le sujet de jouir de son propre être). L'Autre est *barré* et n'offre pas une réponse à l'être humain, néanmoins, c'est dans le champ de l'Autre comme altérité que le sujet se constitue, c'est exactement à la place où il ne peut pas savoir qui il est.

C'est au moment de la constitution du sujet que *l'autre petit* apparaît comme une altérité qui fait un trou dans l'unité imaginaire en rompant avec l'ordre de la chaîne des signifiants et avec les séries des identifications. De cette façon, la photographie d'Aylan peut se dévoiler comme le double du sujet ou comme l'altérité.

Il est indéniable que le processus d'identification, vers la constitution du *moi* comme unité et la constitution du sujet divisé, se construit en parallèle. À partir des notions du *moi idéal* et de l'*idéal du moi*, proposées par Freud (1914/1996) et précisées par Lacan (1955-56/1981), nous reconnaissons que l'altérité précède à la constitution du *moi* et du sujet de l'inconscient. L'altérité est l'Autre pré-historique, parce que le sujet qui naît est déjà dans le

monde du langage et du symbolique, mais il s'aperçoit que l'*Autre* existe quand il est confronté à lui. Nous pouvons dire que l'altérité se divise en deux fonctions distinctes et concomitantes. La première est de faire que le sujet obtienne une consistance imaginaire. La seconde est d'offrir le champ symbolique où le manque existe. Ce sujet n'existe que comme l'image dans le miroir, là où il est supposé être, c'est là où il n'est pas.

a. L'altérité par rapport à l'*inquiétante étrangeté*

Freud (1921/1996) analyse les formations groupales qui peuvent être constituées de liens horizontaux et de liens verticaux. Ces liens sont essentiels dans une société puisque, sans eux, il n'y a ni culture ni civilisation. C'est l'identification qui forme un groupe, soit par amour, soit par compassion, soit par admiration, soit par haine, etc.

Lacan reprend ces trois modes d'identification freudiens et y intègre, de manière transversale, deux dimensions de les concevoir : la dimension imaginaire et la dimension symbolique. L'auteur affirme (1949/1966) que la dimension imaginaire est constituée au *Stade du Miroir* :

Ce développement [le *stade du miroir*] est vécu comme une dialectique temporelle qui projette en histoire la formation de l'individu : le *stade du Miroir* est un drame dont la poussée interne va de l'insuffisance à l'anticipation – et qui pour le sujet, pris au leurre de l'identification spatiale, qui génère les fantasmes qui se succèdent d'une image morcelée du corps à une forme de sa totalité que nous appellerons orthopédique. Le *stade du Miroir* est l'armure enfin assumée d'une identité aliénante, qui va marquer de sa structure rigide tout son développement mental. Ainsi la rupture du cercle de l'*Innenwelt* à *Umwelt* engendre la quadrature inépuisable des récolements du moi (p. 97).

Quant à la dimension symbolique, il s'agit de la dimension du *trait unaire*. Selon Laurent (1995), cette identification désigne la place originelle du sujet à partir du trait qui est permanent, au-delà de la dimension imaginaire. Cette place est le point irréductible du sujet, ce qui est supposé être l'origine de l'inconscient, le point que le sujet refoule, forclos (*forclusion*) ou dénie (*dénégation*) de sa formation imaginaire ou de sa subjectivité.

Lacan utilise l'idée de Freud (1921/1996), selon laquelle un groupe est construit avec certains individus qui mettent leur investissement libidinal dans l'objet ou dans l'*Idéal du moi*. Par conséquent, ces individus s'identifient les uns par rapport aux autres. Lacan (1966/1999) ajoute que l'objet du *moi* remplit une fonction de dénominateur commun, ce qui conduit les individus à s'identifier à l'*Idéal du moi*. Cet *Idéal* c'est l'*Autre* qui est supposé, par le sujet, connaître l'objet du désir et la jouissance de celui-ci. L'altérité apparaît comme étant

fondée sur la condition de trois négations : l'identification au moi Idéal (i(a)), l'identification à l'Idéal du moi (I(A)) et l'identification au *trait unaire*.

Les nuances du *moi* se développent et ne cessent d'apparaître dans les relations sociales. Freud (1914/1996) affirme qu'au stade du narcissisme infantile, l'enfant s'attribue une perfection imaginaire. Cependant, quand il est confronté à un manque, l'image parfaite se défait en provoquant une blessure narcissique. Cette blessure amène l'enfant à chercher avec insistance l'objet supposé perdu. Il le retrouvera sous la forme de l'*Idéal du moi*.

En 1917, aux *Conférences Préliminaires*, Freud (1917/1996) expose que l'*Idéal du moi* est une sous-instance du *moi* et sa fonction est d'inscrire une morale qui permet d'évaluer les relations du *moi* avec son *Idéal*. Les idéaux participent des formations de l'inconscient. En 1921, dans le texte *Psychologie collective et analyse du moi*, l'idéal est pris comme une instance séparée du moi qui a le pouvoir d'observer, de surveiller et de critiquer le moi idéal. En raison de cela, les deux instances entrent en conflit. En effet, l'*idéal du moi* observe le *moi*, lequel est obligé de repousser, hors de sa conscience, les pulsions qui ne sont pas acceptées comme modèles du narcissisme. L'*Idéal du moi*, quand il est incarné par la figure de quelqu'un ou quelque chose (le chef, le professeur, le père, la religion, la science, le média, etc.), légitime sa dépendance au *moi*.

La différenciation entre le *moi spéculaire* et le *surmoi* est le résultat de l'opération de la métaphore paternelle. Cela signifie que le manque s'est inscrit chez l'enfant avec sa dimension symbolique. Alors, l'enfant, sujet (névrotique), répond à ce manque par la fantaisie ($\$ \langle \rangle a$), comme une manière de répondre à la question : « Qu'est-ce que l'*Autre* veut de *moi* ? »

La troisième manière d'identification – l'identification au *trait unaire* – n'est pas l'identification aux nuances du *moi*, mais une relation du sujet avec l'objet *a*. Selon Laurent (1995), l'identification au trait unaire est une opération qui consiste aussi à la négation. L'identification est la marque d'un manque et de son inscription dans la dimension symbolique. L'*Idéal du moi* apparaît dans la place du manque, cela donne consistance au *moi*. Sur cela, Lacan (1961-62/2001) affirme :

Le moi idéal ne se confond pas avec l'idéal du moi, c'est ce que le psychologue peut découvrir à lui tout seul, et qu'il ne manque pas de faire d'ailleurs. Que la chose soit aussi importante dans l'articulation de la dialectique freudienne, c'est bien ce que nous confirmera, par exemple, le travail auquel je faisais allusion la dernière fois, celui de M. Conrad Stein sur l'identification primaire. Ce travail se termine sur la reconnaissance de ce qui reste encore obscur, c'est la différence entre

les deux séries que Freud distingue, souligne et accentue comme étant : les identifications du moi, et les identifications de l'idéal du moi (p. 200).

Autrement dit, c'est l'image spéculaire en tant que telle et chargée de son ton, de son accent spécial, de son pouvoir de fascination, de l'investissement propre qui est le sien dans le registre de cet investissement libidinal bien distingué par Freud sous le terme d'investissement narcissique. La fonction $i(a)$ est la fonction centrale de l'investissement narcissique. Ces mots ne suffisent pas à définir toutes les relations, toutes les incidences sous lesquelles nous verrons apparaître la fonction de $i(a)$. Ce que nous dirons aujourd'hui vous permettra de préciser de quoi il s'agit, c'est ce que j'appelle aussi la fonction du moi idéal en tant qu'opposée et distincte de celle de l'idéal du moi (p. 201).

Il y a une distinction, dit Lacan (1961-62/2001), entre l'*idéal du moi* et le *moi idéal* : « l'un est une introjection symbolique, comme toute introjection : l'idéal du moi [« de l'autre coté du miroir »], – alors que le moi idéal est la source d'une projection imaginaire [$i(a)$] » (p. 192). D'autant plus que la satisfaction narcissique se développe dans la relation avec le moi idéal qui dépend de la possibilité de la référence au symbolique primordial, nous pouvons dire que c'est le *ein einziger Zug*.

Nous allons nous intéresser au lien paradoxal entre la viralisation de cette image et le tragique de la scène. Comment une image aussi dramatique rencontre-t-elle une si grande audience ? La photographie d'Aylan a provoqué trois manières d'identifications chez le sujet qui la regarde.

En ce qui concerne les deux opérations de la constitution du sujet et le fonctionnement discursif de la photographie, nous distinguons deux opérations.

La première, est l'effet de la photographie sur le spectateur qui se manifeste par une aliénation qui génère l'horreur, le rendant incapable d'arrêter de visualiser l'image, ni de lui donner un sens. Le sujet qui regarde la photographie se projette dans la scène. C'est cela qui provoque l'horreur. Quelque chose de réprimé, chez le sujet, apparaît dans la photographie, nous pouvons définir ce phénomène par le concept de *l'Unheimlich*.

La deuxième, le sujet (spectateur, journaliste, publicitaires, etc.) prend de la distance par rapport à l'objet, ce qui l'amène à produire des significations, qui peuvent être produites sous forme d'autres images, commentaires, explications, etc. Nous ferons une analyse plus approfondie dans les prochains chapitres concernant les commentaires journalistiques et d'autres images véhiculées par les médias. Les médias journalistiques incarnent l'*Autre* sans barre et l'*Autre* barré en même temps. Il donne l'illusion de transmettre la vérité. En réalité, c'est une interprétation du sujet dans laquelle différents effets de sens sont produits.

Le sujet, à la place du spectateur, est celui qui aime regarder l'image car elle provoque du plaisir et de la douleur en même temps, matérialisation du sujet divisé entre les signifiants et entre le lecteur de la vie et la *pulsion de la mort*.

- *L'étranger* de Camus et la photographie d'Aylan, similitudes

En s'inspirant de la réflexion de Freud, il est possible de faire un parallèle entre la structure psychique et des œuvres littéraires telle que *L'étranger* de Camus (1942). Ce drame se passe en Algérie française durant la colonisation et raconte l'histoire d'un Français *pied noir* (Meursault) qui habite à Alger et qui mène une vie simple et tranquille. Mais un jour, sa vie bascule car il a assassiné un *arabe*. La relation entre l'accusé et le juge évoque l'*Unheimlich* et le processus de l'identification. En effet, l'*Autre* de Lacan est une position de leader, autoritaire et qui dicte les règles aux autres membres d'une société. C'est cette même société qui lui concède cette position. En cela, nous pouvons voir, dans la personne du juge, l'*Autre* de Lacan.

Le juge demande à Meursault pourquoi il a commis cet acte et il répond : « J'ai revu la plage rouge et j'ai senti sur mon front la brûlure du soleil (Camus, 1942, p. 56) ». Meursault ne sait pas expliquer, de manière cohérente, son acte. Il n'a pas de regret : « Je ne regrettais pas beaucoup mon acte. Mais tant d'acharnement m'étonnait » (Camus, 1942, p. 82). Il ne dit pas ce que l'*Autre* (le juge) veut entendre. Toutefois, Meursault n'est pas angoissé face au juge. Il est indifférent aux émotions, il n'évoque pas l'*Unheimlich*, il ne s'inquiète pas avec sa situation. C'est L'*Autre*/l'autre qui est affecté par lui. De même, en le nommant « monsieur l'Antéchrist (Camus, 1942, p. 59) », le juge est affecté par l'athéisme de Meursault, car selon ses croyances, aucun dieu ne sauvera son âme. Mais Meursault, n'admet pas cette appellation, ni son sens imposé. Meursault est une figure qui cause *L'inquiétante étrangeté* au social.

Il est possible d'associer le moment inquiétant et l'assassinat commis par Meursault aux processus d'aliénation et de non-séparation, à ce temps pendant laquelle il n'y a pas de délimitation symbolique entre le moi et l'autre. L'étrangeté d'une personne est une déterminée en fonction des normes d'une classe sociale, d'une nationalité et d'une religion. L'autre qui n'est pas moi et auquel le sujet ne s'identifie pas, est le produit de formations idéologiques. Le magistrat juge l'accusé au travers de son prisme social et sociétal. L'efficacité d'un imaginaire social est matérialisée par le discours et par les conditions de production.

Comme le juge, dans le livre, les journalistes, eux aussi, donnent un sens à la photographie du petit garçon mort sur une plage, avec leur prisme. Ils y interprètent les conséquences des conflits armés au Moyen Orient et de la crise migratoire internationale. Au Brésil, qui n'est directement touché par la crise des réfugiés, la photographie a donné lieu à

une autre interprétation. On le voit avec la publicité pour les classes de natation qui accompagne la photographie d'Aylan de cette légende : *La natation n'est pas un luxe, c'est une nécessité pour le développement et la sécurité de l'enfant*. Nous verrons et analyserons cette image de publicité dans le dernier chapitre.

- premier et second regard

Lorsqu'il voit, pour la première fois, la photographie d'Aylan mort, le sujet ne la comprend pas car c'est une situation anormale. Il ne peut pas lui attribuer de sens. Il est choqué. En la regardant, le sujet se souvient, de manière inconsciente, de contenus refoulés en lui.

Vient ensuite le second regard sur la photographie. Pour donner un sens à ce non-sens, le sujet va chercher des éléments déjà inscrits dans sa propre expérience ou dans sa culture pour les comparer. Ainsi, il lui sera possible de caractériser la situation. Qui est Aylan ? Pourquoi est-il sur cette plage ? Pourquoi est-il mort ? Le sujet, à travers l'imaginaire, fait émerger le symbolique au détriment du réel, en nommant les choses, en décrivant la situation et en l'expliquant.

La photographie d'Aylan cause une *l'inquiétante étrangeté* car elle représente l'altérité. Cette altérité est essentielle à la constitution du sujet. Il peut se former comme sujet parlant et sujet du désir seulement à partir du moment où il reconnaît l'autre comme différent de lui-même. Le sujet et le discours fonctionnent seulement quand le sujet reconnaît l'altérité. La série du signifiant est possible seulement si un signifiant est différent de lui-même.

Après avoir analysé la photographie avec la vision du sujet singulier, selon la théorie lacanienne, nous allons à présent étudier l'image au regard de la théorie du sujet de l'inconscient et la théorie de la forme-sujet et de l'idéologie selon Pêcheux.

Pêcheux (1975) propose le concept de *forme-sujet* et de *position-sujet* pour décrire l'identification qui est l'effet des interpellations idéologiques. Quand nous disons « je suis x » (mon nom, ma profession, mes idées, etc.) il y a un processus d'interpellation-identification qui constitue peu à peu le sujet à partir de lieux vides.

La position-sujet existe quand le sujet est déterminé dans la société et la forme-sujet est le *moi-imaginaire* comme sujet du discours. Pour l'auteur, le sujet est constitué de deux oublis. L'oubli n°1 est inaccessible au sujet, et il est de dimension inconscient. Quant à l'oubli n°2, il est préconscient et renvoie aux mécanismes énonciatifs, repérables dans la matérialité discursive.

La forme-sujet préconise l'interpellation de l'individu au sujet de son discours, c'est-à-dire que le sujet s'identifie à la formation discursive dominante dans son contexte social.

Cette identification s'appuie sur les éléments de l'interdiscours qui se réfère au pré-construit, le *toujours déjà là* qui s'impose sous la forme de l'universalité, alors que la liaison entre le sujet et sa représentation dans l'interdiscours détermine la forme-sujet et la position-sujet. Enfin, l'assujettissement du sujet aux formations idéologiques définit la *forme-sujet*, ses positions. Son effet a une apparence d'autonomie, mais en réalité il s'agit d'une subordination (Pêcheux, 1975, 1981, 1983, 1984).

La modalité particulière du fonctionnement de l'instance idéologique quant à la reproduction des rapports de production consiste dans ce qu'on a pu appeler l'interpellation ou l'assujettissement du sujet comme sujet idéologique de telle sorte que chacun soit conduit sans s'en apercevoir et en ayant l'impression d'exercer sa libre volonté, à prendre sa place dans l'une ou dans l'autre des deux classes sociales antagonistes du mode de production (ou dans telle catégorie, couche ou fraction de classe reliée à l'une d'entre elles) (Gadet et Pêcheux, 1981, p. 10).

Comment, alors, cette théorie peut nous aider à comprendre la répercussion de cette photographie, dans sa dimension de groupe social ? La journaliste photographe turque, Nilüfer Dumir, qui a pris la photographie, accompagne directement la tragédie des réfugiés. Le regard qu'elle va porter sur cet événement et le sens qu'elle va lui donner, seront le point de départ des interprétations d'autres journalistes. D'autre part, en la regardant, les personnes éprouvent une forme d'empathie. Ce n'est plus seulement un sentiment inconscient. La photographie affecte aussi bien le singulier que le collectif. C'est un sentiment conscient et une réflexion sur la société, non plus seulement comme sujet singulier.

CHAPITRE III

DE L'INTERPELLATION IDEOLOGIQUE DANS LES MEDIAS D'INFORMATION

Dans ce paragraphe, nous avons analysé les titres publiés dans les médias d'information (notamment brésiliens) autour de la photographie d'Aylan. Tous ont été collectés la même semaine après la parution de la photographie. Cette photographie a été reconnue comme un symbole de la crise des réfugiés et pose la question fondamentale de savoir s'il y a une crise et quel est ce discours qui oriente le lecteur dans cette direction.

Le discours journalistique tend à faire passer un événement comme un fait véridique et, dans le but de le rendre naturel, lui donne l'impression d'être une évidence. Ce discours, dans notre analyse, est analogue au discours de la science ou au discours universitaire. Silva (1918) affirme qu'une déclaration du journaliste dans la presse s'apparente à une vérité, qu'elle transmet une image de crédibilité et de sérieux devant la société. Et pour cela, le journaliste utilise des artifices pour que ses arguments soient irréfutables, comme s'il n'y avait pas de croisement de l'inconscient de celui qui écrit et de celui qui lit, ni d'interpellation idéologique.

Selon Mariani (1998), le discours journalistique comprend une pratique sociale qui répète une certaine idéologie, étant directement ou indirectement traversée par différentes voix divergentes qui constituent l'histoire. Ce discours effectue un filtre par rapport à ce qui sera publié, comment et où. Ces choix sont faits à partir de données qui portent sur les notions de temps, d'espace et de hiérarchie (importance du fait). C'est une pratique légitimée par la société en tant que producteur et diffuseur d'informations *dignes de confiance*.

Les images d'événements tragiques, telle que la photographie de notre analyse, les témoignages, la narration, les directs, etc., apportent l'illusion que les faits eux-mêmes sont racontés (Rancière, 2003). Ce sont des éléments qui donnent un effet d'efficacité à l'actualité journalistique. Par conséquent, ils corroborent deux illusions : que les journaux parlent d'eux-mêmes et que l'information reste séparée de l'opinion, de l'interprétation et de la position subjective.

Le lieu où l'on parle fait partie de la constitution du dire et doit être compris, selon Tfouni (2003, 2010, 2013b), à travers le complexe des formations idéologiques, discursives et les conditions historiques impliquées dans l'énonciation, c'est-à-dire que le langage et l'histoire se constituent mutuellement. Pour Santos (2015), les médias fonctionnent comme un lieu où se diffuse un discours ordinaire, mais aussi comme un lieu de spectacles (Debord,

1997). Les informations journalistiques acquièrent la valeur d'échange dans la société moderne, devenant un produit à consommer. Ces actualités procurent une jouissance scopique au sujet (nous le verrons plus loin).

Nous comprenons qu'il n'y a pas de discours qui dit la vérité. La vérité est toujours à moitié dite, c'est pourquoi il existe la possibilité de différentes constructions discursives, comme nous le verrons dans cette section lors de l'analyse des commentaires journalistiques concernant la photographie d' Aylan Kurdi. Lacan (1969-70/1991) propose la vérité à moitié dite et sous forme de savoir. Dans ce contexte, il se dessine une séparation des pouvoirs entre la vérité comme cause et la connaissance comme pratique. La vérité est une énigme qui insiste, étant elle-même sa structure : « la vérité, on ne peut jamais la dire qu'à moitié » (p. 39).

Nous considérons que la photographie d'Aylan constitue un événement discursif. Se lançant dans le jeu de la métaphore et de la métonymie, en étant sélectionnée, partagée, condensée et remplacée, cette image a été reprise et (re)signifiée de plusieurs manières. Elle passe d'une déclaration à une autre, signalant ainsi son opacité.

Voici ci-dessous, les *Séquences Discursives* (SD) qui seront analysées. Rappelons que le *corpus* se définit comme un ensemble de séquences qui peuvent être des images, des déclarations orales ou des écrits d'une dimension différente de la phrase, extraites d'un champ discursif déterminé (Courtine, 2009). Les recherches, dans les journaux (brésiliens) en ligne, avaient pour signifiant principal la photographie du garçon :

SD1 – [ESTADÃO] Le journaliste, qui a photographié le garçon tué dans un naufrage, voulait dénoncer une tragédie (Jornalista, 2015).

SD2 – [EL PAIS BRÉSIL] Il a survécu aux bombes et à la guerre, mais il n'a pas réussi à affronter la mer et les barrières géographiques et juridiques qui séparent le Moyen-Orient en flamme de l'Europe. Aylan Kurdi, c'est le nom du garçon syrien dont la photographie est devenue le symbole du drame des réfugiés - dans son t-shirt rouge et son short bleu, sans vie, sur la plage touristique turque d'Ali Hoca Burnu, les mêmes vagues qui l'ont tué se frottent à son visage. Il n'avait que trois ans (Mourenza , 2015).

SD3 – [FOLHA DE SÃO PAULO] La photographie du garçon réfugié mort attire l'attention sur la crise. (Colon, 2015).

SD4 – [BBC NEWS] De Damas à Bodrum : le voyage fatal du garçon syrien qui a choqué le monde. (Gunther, 2015).

SD5 – [FOLHA DE SÃO PAULO] Le besoin d'humanisation répond au dilemme de la photographie d'Aylan (Coelho, 2015).

SD6 – [G1] Une photographie choquante d'un garçon mort révèle la cruauté de la crise migratoire (Foto chocante, 2015).

SD7 – [EXAME] La photographie de ce garçon symbolise toute la tragédie des réfugiés (Barbosa, 2015) .

SD8 – [G1] Le garçon tué sur une plage qui est devenu un symbole de la crise migratoire, fuyait une ville dominée par l'État islamique (Menino morto 2015).

Ces déclarations journalistiques sont des mécanismes de défense contre le malaise qui affecte un collectif. Nous analyserons plus en détail chacune d'elles.

Notons que les huit manchettes de presse, bien que différentes, sont inscrites dans la même formation discursive. Ils évoquent tous une tragédie *et* une crise des réfugiés. Il y a eu un croisement entre le non-verbal (la photographie) et le verbal (l'énoncé de l'article) afin de donner un sens à l'image. Pour Tfouni et Santos (2009), lorsque nous analysons les déclarations, dans le but d'examiner les pratiques discursives, il est essentiel de prendre en compte l'existence de langages multiples et différents. Nous comprenons alors que la photographie est aussi le discours et donc elle n'est pas transparente. Elle est sujette à des interprétations et aux effets de la dérive. Lorsque nous regardons de près les SD, il semble qu'il y a une interpellation idéologique : une association entre la photographie du garçon syrien et la tragédie des réfugiés. Cependant, les discours ne s'harmonisent pas dans une seule manière de dire, il y a eu des points de divergence.

La SD1 utilise la photographie comme une dénonciation, SD2 met en évidence la question de la guerre, SD3 sélectionne la question de la crise, SD4 associe la traversée maritime à un voyage fatal, SD5 et SD6 exaltent la cruauté d'une certaine crise et le SD8 pointe vers le symbole que la photographie est devenue. Aylan devient (re)connu après avoir été tué en tant que réfugié.

Dans la SD1, la personne qui a photographié « le garçon tué dans un naufrage voulait dénoncer la tragédie ». Elle *voulait* rendre publics les morts causés par la traversée en bateaux illégaux dans la Méditerranée. Nous notons que : "*voulait*" est à l'imparfait. Ce qui indique un désir qui se réfère au passé, et en même temps, qui n'est pas complètement terminé. Ainsi, s'exprime une idée de continuité et de durée dans le temps. Ce temps peut également être utilisé pour indiquer une action qui découlerait d'une autre mais qui ne s'est pas réalisée. Par conséquent, la critique peut indiquer une intention qui ne s'est pas produite ou que l'acte de photographier a abouti à la dénonciation. Il existe donc deux manières possibles de signifier la déclaration. Remarquons l'insistance sur l'importance d'annoncer *qui a dit* (la photographe elle-même). Cela provoque un sentiment de légitimité chez le lecteur, une manière d'orienter dans un sens spécifique : il y a une tragédie qui peut être dénoncée grâce à cette image.

Pour ce qui est de la SD2, observons l'extrait : « qui a mis le feu au Moyen-Orient ». Ce dernier signifiant indique que l'Orient est en guerre. L'auteur utilise l'expression « en feu », qui est une des conséquences de la guerre. Ici, c'est un métonymie, mais on peut aussi considérer que c'est une métaphore si l'on tient compte du fait qu'il y a eu substitution du mot guerre par « en feu ». De ce point de vue, cette expression est polysémique puisqu'elle désigne le feu des explosions et des incendies, mais aussi la guerre. Par ailleurs, le signifiant « Orient » généralise une région, donnant l'illusion que tous les pays situés sur ce territoire sont en guerre, ce qui est faux.

Quant à l'article qui évoque la cause du décès dans la SD2 « les mêmes vagues qui l'ont tué se frottent à son visage », met l'accent sur une association entre la mort et la traversée de la mer et non la guerre, indiquant, de cette manière, une idéologie que le journal assume. Cette façon de dire indique la possibilité d'échapper vivant à la guerre, mais l'impossibilité d'échapper aux « barrières géographiques ». En ce sens, nous pensons à deux obstacles : la culture et la nature.

L'utilisation des signifiants « tragédie » (SD1 et SD7), « drame des réfugiés » (SD2) et « besoin d'humanisation » (SD5) construit une séquence paraphrastique (métaphorique) et polysémique qui cherche à contourner le trou traumatique de l'impossible du réel : l'impossible de tout dire, c'est-à-dire de ne faire qu'un entre le signifiant et le signifié. Les paraphrases et polysémies renvoient à ce qui a déjà été dit/écrit, c'est la répétition de significations disponibles et la reproduction de certaines parties du *déjà-dit* ou de l'interdiscours, cherchant ainsi d'autres formes pour dire la même chose (Orlandi, 1999).

Analysons l'importance de la crise qui semble être associée au réfugié dans la SD3 « La photographie du jeune réfugié mort attire l'attention sur la crise ». Selon F. Tfouni (2013), ce

qui est dit est un *choix* contingent et inconscient. Cependant, une fois dit X, ce X passe du contingent à l'impossible pour ne pas avoir été dit X. On sait que le *choix* d'un mot pour entrer dans une séquence syntaxique n'est pas aléatoire. La fonction de l'idéologie est d'inciter le sujet à dire X et non Y. La SD3, de cette manière, rend naturelle l'association de la photographie à la crise (et non à la guerre, à la fuite, aux enfants par exemple). Dans cette déclaration, la crise est mise en évidence tandis que la guerre, l'enfant et la fuite sont réduits au silence.

Dans les SD, en général, nous pouvons observer un processus d'effacement et de silence. Orlandi (1992, 1995) affirme que le silence est le non-dit, c'est-à-dire la propre hiance entre les signifiants, qui permet les conditions de production des significations. Le silence est quelque chose qui indique le besoin de ne pas dire pour dire (un sens efface tous les autres). Le silence peut aussi être ce qu'il est interdit de dire en raison de la conjoncture politique, sociale et culturelle. Le silence ne parle pas, il signifie. Et quand le silence est considéré par la dimension significative, il est pris comme un articulateur du sens qui implique une écoute analytique à travers la mobilisation de l'interdit.

Le signifiant de *crise* est utilisé sans complément dans la SD 3, nous pouvons nous demander à quelle *crise* l'auteur se réfère. Il y a un endroit laissé vide qui doit être rempli (par le lecteur) afin de compléter l'information. Quels sont les effets de sens qui sont produits à partir de cet endroit laissé vide ? Crise des réfugiés, crise humanitaire, crise économique, crise du capitalisme... Plusieurs séries de signifiants pourraient entrer dans cet espace. Nous savons, plus loin, que le journaliste comble cette lacune avec le terme de crise des réfugiés. Quoi qu'il en soit, c'est implicite, comme un moyen d'attirer le lecteur.

La photographie était au départ un discours non verbal. Par la suite, interprétée par les médias journalistiques, comme le montrent les SD, émerge la question des réfugiés et de la migration (« drame des réfugiés », « crise migratoire », « tragédie des réfugiés », « symbole de crise migratoire »). Ces significations possibles gagnent la première page des journaux pendant un temps. Cela ne veut pas dire que ce type de problème sociaux n'existait pas auparavant. Mais les médias en font une nouveauté pour tenter de cristalliser la photographie d'Aylan autour du phénomène du refuge.

Cependant, au regard de l'actualité, la problématique du garçon et des réfugiés a été oubliée par les médias. Elle est remplacée par d'autres événements apparemment plus urgents. En effet, au début de 2020 (alors que nous sommes sur le point de finaliser cette recherche), les médias, au niveau mondial, privilégient la diffusion de nouvelles et d'informations sur la pandémie causée par COVID-19. Il n'y a plus de nouvelles de la guerre en Syrie, des conflits

armés, de la famine dans les pays africains, des réfugiés, entre autres, donnant l'impression qu'il n'y a plus de guerres et plus de réfugiés. C'est un fonctionnement caractéristique des médias.

Au milieu de l'oubli des événements, se produit une répétition : (ré)vélation des tragédies et instauration d'un malaise collectif. Et ce mal-être s'articule autour du circuit pulsionnel du sujet devant l'image du garçon mort. Attardons-nous un peu sur ce circuit pulsionnel.

CHAPITRE IV

DU CIRCUIT PULSIONNEL DANS L'IMAGE PHOTOGRAPHIQUE

Lacan (1964/1973) annonce par avance la puissance de la pulsion scopique, dont l'objet est le regard lui-même. Dans la société occidentale d'aujourd'hui, selon Quinet (2002), il existe plusieurs formes d'impératifs de voir : construction des célébrités, des caméras éparpillées partout, des médias qui dictent des règles à la télévision et sur Internet, regarder et espionner les réseaux sociaux à l'insu de ses utilisateurs, etc. Nous pouvons faire une substitution logique : au lieu de « je pense, donc je suis », il s'agit de *je suis vu, donc je suis*. Ce fut le cas pour la photographie d'Aylan. Ce pouvoir de viralisation a permis que le monde s'interroge sur une question politique, une sorte de prise de conscience collective de la guerre qui sévit en Syrie et dans d'autres pays d'Orient. Au-delà d'une prise de conscience d'ordre politique, nous avons, en même temps, une image qui touche à la relation du sujet avec le traumatisme pulsionnel.

La différence entre voir ce que montre la photographie et la regarder avec un regard supplémentaire est liée à la question de la pulsion scopique. Le regard est au-delà de la vue, comme le propose Quinet (2002), c'est un *regard supplémentaire*. Sur la photographie d'Aylan, le sujet est invité par ce regard supplémentaire. C'est une requête, non seulement pour voir et d'être vu, mais aussi pour une jouissance du regard (*pulsion scopique*). L'impératif de jouissance, à travers le regard, envahit le sujet et ses rapports à l'autre. Tout peut devenir un spectacle dans les médias, toute image peut horrifier, pétrifier et hypnotiser le sujet et cela dépendra de l'interpellation idéologique. Nous comprenons que ce qui est en jeu, c'est le pouvoir qu'a eu la photographie d'Aylan d'induire la pulsion scopique, hypnotisant et pétrifiant le sujet. Ce regard détermine, inconsciemment, le pouvoir d'une image ainsi que la relation que la pulsion entretient avec l'idéologie.

Remarquons que lorsque le sujet regarde la photographie et que ce regard renvoie à quelque chose sur lui, alors il se regarde dans cette image, une image qui le pétrifie en montrant quelque chose de lui-même. Cette pétrification le conduit vers un espace vide, dans ce lieu, le sujet est appelé à remplir ce vide et les ressources dont il dispose sont des formations imaginaires (ici, le sujet fait appel à l'interdiscours à travers son cadre de fantasmes). Le fantasme est structuré comme un langage ayant une structure grammaticale qui se manifeste sous la forme d'un énoncé. C'est un nœud entre le sujet et son rapport à l'imaginaire et au symbolique (Lacan, 1975-76/2005). Le circuit de pulsion est le circuit du signifiant.

En résumé, dans la pulsion scopique, le premier temps se produit dans la voix active (le moment de voir), moment où la jouissance est causée par la demande de *l'Autre* (je regarde). Dans un deuxième temps (moment pour comprendre), la pulsion contourne l'objet du regard indiquant la voix réfléchissante (je me regarde dans l'image extérieure). Enfin, dans un troisième temps (moment pour conclure), le circuit revient à la fente palpébrale de l'œil, voix passive dans laquelle je suis vu par *l'Autre*, lieu où le sujet jouit. C'est une structure circulaire qui retombe toujours sur le sujet qui est regardé. C'est ainsi que le sujet se voit dans l'image d'Aylan. Le sujet se regarde et jouit d'être vu dans la mesure où il est appelé sur le lieu d'interprétation d'un vide.

De même, nous pouvons articuler la relation du sujet avec la photographie d'Aylan en trois temps. Le premier, le sujet regarde la photographie et s'angoisse sans comprendre. Le deuxième, cette photographie revient au sujet comme quelque chose de familier, touchant quelque chose de l'inconscient, c'est un moment où ce même sujet est regardé/capturé par l'image. Le troisième temps est une recherche de sens, un moyen de contourner ou de recouvrir le malaise qui apparaît dans l'image. Une image qui invite celui qui regarde à l'interpréter. Qui est cette personne sur la photographie qui touche quelque chose en moi ? Il y a le moment de conclure durant lequel se produit une autre distorsion : le moment de la révélation que *l'Autre* est une continuité du sujet. Ce moment n'est pas concédé par une perspective médiatique, il ne vient que de la singularité du sujet.

Outre l'interprétation des journaux et du circuit de pulsion et de ce que l'image d'Aylan capte du sujet, il nous faut aussi considérer qu'il s'agit d'un enfant mort. La figure de l'enfant, de nos jours, occupe une place privilégiée qui va impacter le sujet.

CHAPITRE V

DU SUJET INFANTIL AU DISCOURS SUR L'ENFANCE

Aylan était au mauvais endroit et au mauvais moment, ce n'était pas l'environnement d'un enfant, sa traversée par la mer n'était pas un jeu, ceci n'est pas l'enfance qui est dans l'idéal de la société occidentale moderne. Pour appréhender la place qu'occupe l'enfant dans l'imaginaire social, il faut avancer avec les notions de formations discursives et d'interpellation idéologique. En effet, la place socialement assignée aux sujets change en fonction du moment historique et de la culture dans laquelle ils s'insèrent.

Du point de vue de la psychanalyse, nous avons le terme *sujet infantil* qui diffère d'enfant et d'enfance et avec lesquels il ne faut pas confondre. Le *sujet infantil* est l'inconscient, dit Freud (1915/1996, 1918/1996), et est associé à l'impuissance primordiale. La partie infantile du sujet équivaut à ce qui est traumatique (insertion du sujet dans le champ symbolique) et qui reste inconscient, mais produit encore des effets dans la vie du sujet. La psychanalyse a rompu avec la notion de l'innocence universelle des enfants et a introduit les dimensions de la singularité et du désir - sexualité infantile et inconsciente. Par conséquent, il existe une relation intrinsèque entre la sexualité et le langage dans la constitution subjective des humains.

Pour Lacan (1945/1999), le *sujet infantil* est ce qui se conserve dans la structuration du sujet (aliénation et séparation), c'est-à-dire les traits fondamentaux qui déterminent la condition manquante du sujet parlant. L'image d'Aylan, qui retourne au spectateur provoquant une *inquiétante étrangeté*, fait revivre au sujet des scènes inconscientes infantiles, de l'enfance, provoquant une identification de masse comme nous l'avons déjà analysé.

Intéressons-nous à présent sur la façon dont opère le couple de signifiants enfant-enfance dans l'Histoire, au regard des conditions de production et le fonctionnement de l'idéologie.

Le discours sur l'enfant et l'enfance change en fonction des conditions de production (PC). Pour Pêcheux (1984), dans son analyse discursive, il existe une relation entre le langage, en tant que système syntaxique (la discursivité comme effets linguistiques et matériels dans l'Histoire), et la politique qui implique des jeux de pouvoirs (actuellement nous sommes gouvernés par le discours capitaliste et le pouvoir économique). Ainsi, les discours et les lieux socialement assignés dépendront des conditions de production et de l'idéologie qui

légitime ou interdit certains types d'affirmations/interprétations. Rappelons que les discours ne sont pas homogènes, bien que l'idéologie produise cette illusion.

La place qu'occupe l'enfant aujourd'hui dans nos sociétés a beaucoup évolué depuis l'Antiquité. La mortalité infantile était élevée en raison des conditions précaires dans lesquelles les personnes vivaient. C'est pourquoi les historiens pensent que les parents tentaient de ne pas trop s'attacher aux enfants en bas âge.

Un autre aspect qui diffère est celui de l'éducation. Comme le montre Marrou (1971), dans la Rome antique l'éducation de l'enfant était la responsabilité de la mère jusqu'à l'âge de sept ans. Par la suite, elle était exclusivement celle du père. L'autorité des maîtres était considérée égale à celle des parents. Dans la Grèce antique, Ponce (1981) établit que les garçons de Sparte sont éduqués pour acquérir des *vertus guerrières*. L'éducation spartiate classique était sous le contrôle de l'État, son intervention commençait dès la naissance de l'enfant : le garçon était sacrifié s'il n'avait pas de corps robuste.

Nous ne retrouvons pas dans la société médiévale la représentation et la place de l'enfance, au sens contemporain du monde occidental à savoir qu'un enfant doit aller à l'école, doit jouer, doit être heureux, représente l'espoir, l'avenir, etc. Pour l'historien Ariès (1960/1973), l'enfant au Moyen Âge était perçu comme un adulte miniature. Ce n'est qu'à partir du XVIIe siècle que l'enfant commence à occuper son propre espace au sein de la famille.

L'école aussi est un lieu important qui nous raconte l'enfance des XIXe et XXe siècles et à partir du XVe siècle, les réalités et les sentiments de la famille changent ; une lente révolution, imperceptible, aussi bien pour les contemporains que pour les historiens (Ariès, 1960/1973).

C'est seulement dans la seconde moitié du XIXe siècle que le discours sur la famille s'est renforcé en tant que structure sociale. L'enfance a été, alors, considérée comme une période importante du développement personnel, aussi bien physique, que psychologique ou moral.

Heywood (2004) note que la famille moderne est structurée pour assurer la sécurité des enfants. Un lieu social d'accueil et de transmission de la culture aux enfants. Ce nouveau discours instaure un statut social différent pour l'enfant, qui commence à occuper une place centrale dans la famille, occupée, au Moyen Âge, par le père. L'auteur commente qu'« actuellement, en Occident, on a fini par associer l'enfance, en termes généraux, à des caractéristiques telles que l'innocence, la vulnérabilité et l'asexualité » (p. 12).

Concernant la place sociale de l'enfant à l'époque moderne, Ariès (1960/1973) constate que l'émergence de l'école est étroitement liée à l'invention de l'enfance, faisant de l'expression « la place de l'enfant est à l'école » une norme, dans la configuration de cette structure sociale, et non, fuyant la guerre, comme dans le cas d'Aylan.

Calligaris (1991), pour sa part, souligne que dans les sociétés modernes, l'enfant est reconnu comme un lieu de majesté dont « peut-être il ne s'agit pas d'excellence symbolique, mais d'une sorte d'exaltation fantasmatique inconditionnelle de l'enfant » (p. 46). En ce sens, la photographie d'Aylan déstabilise l'idéal de l'enfance de la société occidentale moderne. Le sujet, regardant Aylan mort, regarde la perte d'une enfance qui aurait dû être heureuse. L'imaginaire social a pour fonction de déterminer un idéal d'enfance. Cependant, il n'y a pas *UN* idéal d'enfance, cet *UN* d'ordre universel n'existe pas. En réalité, il y a plusieurs idéaux d'enfance qui dépendent de l'imaginaire social de chaque sujet/culture/société. L'image d'Aylan déstabilise, donc, l'imaginaire social moderne et occidental, une fois que l'association, apparemment naturelle, qui se fait entre enfant/vie/futur est rompue par la séquence enfant/mort/fin.

Dans cette dimension, la formation imaginaire prédominante est que la mort est associée à la vieillesse et non à l'enfance. Dans le titre où l'agence Reuters annonce la tragédie d'Aylan (et, par extension, des réfugiés) : « l'image inquiétante d'un enfant capte le regard, horrifie » (2015, s/p). Le signifiant de mort est réduit au silence (refoulé), car il ne doit pas être associé au signifiant enfant.

Nous comprenons, en ce sens, que le discours sur l'enfance, à l'époque contemporaine, se définit avec la manière dont elle *devrait* être vécue, à savoir, dans la plénitude du bonheur, la liberté et sous la protection de la famille, de l'État et de tous. Ces manières de signifier l'enfant sont discursivées par la Déclaration des Droits de l'Homme dans laquelle l'enfant est reconnu comme sujet de droit, légitimé par la Déclaration Universelle des Droits de l'Enfant.

La formation discursive qui proclame que l'enfant doit être heureux efface (ou tente d'effacer) la mémoire des enfants en détresse. Cette photographie d'Aylan fait ressortir ce qui est réduit au silence dans le discours sur l'enfant et l'enfance. Ces considérations nous amènent à mettre en discussion le rôle de la mémoire et sa fonction dans la psychanalyse et la théorie du discours pour aborder les conditions dans lesquelles un événement historique est susceptible de venir s'inscrire dans la continuité interne, dans l'espace potentiel de cohérence propre à la mémoire (Pêcheux, 1984) .

L'événement, établi par la photographie d'Aylan mort, a pu être absorbé à partir du moment où il a été intégré (par la mémoire) dans une série métaphorique de résumés d'autres

événements inscrits dans la mémoire sociale et non nécessairement, là, présents de manière homogène. C'est l'interprétation, réalisée par la lecture des *archives*, qui fait le lien entre ces événements. Dans le cas de la photographie, des effets et des sentiments qu'elle a provoqués, nous pouvons situer dans *l'archive* (interdiscours) au moins un événement similaire. Voyons ci-dessous :

Figure 04 - *La petite fille au napalm*. Source : AP Photos / Nick Ut, 8 juin 1972

La photographie ci-dessus a été prise par Nick Ut, le 8 juin 1972. Elle montre un groupe d'enfants nord-vietnamiens. Au centre, Kim Phuc nue et hurlant de douleur (ou de désespoir ?). Ils fuyaient une attaque chimique au napalm américaine à Trang Bang, au Vietnam, pendant la guerre dans le pays (commencée en 1959 et terminée en 1975). Ce cliché photographique est devenu un symbole des barbaries de la guerre, qui a tué des millions de civils vietnamiens. Ses répercussions ont provoqué de vives réactions de la société civile américaine, précipitant la fin de la guerre, qui aura duré 13 ans. La structure d'une mémoire sociale a, sur la photographie ci-dessus, l'un de ses *points de capiton*, et quelque chose qui revient sur la photographie d'Aylan : la guerre, la fuite, la souffrance (et la mort) d'un enfant. Ainsi, nous comprenons que la culture visuelle contemporaine et le contenu médiatique, enrichis par les innovations technologiques, peuvent influencer la construction de la mémoire sociale et de l'identité culturelle (Torino, 2013).

Ces images produisent des significations basées sur une interpellation idéologique, mais elles sont aussi une forme de dénonciation. Ce sont des images liées à des situations qui portent atteinte aux droits de l'Homme et indiquent une faille dans le système politique et social. Ce fonctionnement produit des effets (et parfois même des changements) sur l'imaginaire social et la mémoire collective. Ainsi, des événements isolés choquants peuvent entrer dans une *archive* sociale. Par conséquent, la photographie d'Aylan pointe, en même temps, un espace vide dans le fantasme du sujet moderne et un système social défectueux. S'il s'agissait d'une autre époque ou d'une autre culture, l'image d'un enfant mort n'aurait peut-être pas produit cette diversité de sentiments.

Analysons, à présent, une autre image issue de la photographie d'Aylan mort, afin d'en analyser les effets et les dérives de sens. Nous essayerons de montrer comment l'image d'Aylan a fonctionné comme une chaîne de signifiants (ou de discours) dans les médias.

CHAPITRE VI

DE LA PUBLICITÉ À L' *UNHEIMLICH* OU L' INTERICONICITÉ DANS LE DISCOURS

L'image analysée dans ce chapitre est une publicité de natation produite et diffusée dans les médias brésiliens. Cette affiche publicitaire utilise la photographie d'un enfant vivant (plongeant) et la photographie d'Aylan, en plus petit ci-dessous. Nous associons ce mode de publicité comme une intericonicité : elle a causé aux spectateurs une *inquiétante étrangeté* et perturbé l'ordre du discours *politiquement correct*.

Figure 05. Publicité pour une école de natation

Cette publicité explique que la natation est nécessaire et recourt à la mort du garçon syrien et à la sécurité de l'enfant afin de justifier l'achat d'un produit/service. La publicité est cohérente avec le fonctionnement du discours capitaliste, qui est lié aux intérêts économiques. Axée sur la natation pour les bébés, la publicité *FitFlex Aquacenter* a été publiée dans un journal brésilien. Lorsqu'elle est diffusée sur Internet (réseaux sociaux et médias journalistiques), elle a généré de nombreux partages et de commentaires : « C'est une plaisanterie, n'est-ce pas !? Dites-moi que oui, dites-le moi, s'il vous plaît ... », a écrit un internaute. « Wow, l'intention est géniale mais la forme était choquante. La photographie du garçon noyé est celle des réfugiés... », a commenté une femme. « Quelqu'un prévient que le bon sens a envoyé un bonjour ! », a publié un autre internaute (Escola de Natação, 2016).

Pourquoi cette publicité a-t-elle suscité une telle indignation chez le spectateur ? Notre hypothèse est que cette publicité a engendré une sorte de doublement du malaise causé par la photographie d'Aylan mort. L'un des malaise est que l'annonce offre une solution à la situation tragique de la noyade des enfants, ce qui est cohérent avec le fonctionnement pervers du discours capitaliste.

La pièce publicitaire fait appel au signifiant *sécurité* qui occupe une place centrale chez les Brésiliens. Les produits et services qui impliquent la sécurité sont facilement vendables, le Brésil étant considéré comme un pays *violent*. Dans cette publicité, l'objet de consommation vole la vedette et le *politiquement correct* du discours journalistique est refoulé/effacé. L'annonce tend à orienter vers un objet qui comblerait, illusoirement, le manque du sujet qui, par conséquent, tente d'effacer temporairement sa division, et cause de l'angoisse chez le sujet. Rappelons que l'*Unheimlich* est cet élément qui éveille l'angoisse, puisqu'il vient à la place du manque/vide (ce n'est pas un échec). Au lieu d'apporter du plaisir, il apporte de l'angoisse. Et le sujet devant la publicité est affligé.

Il existe une différence de conception entre Freud (1925-26/1996) et Lacan (1963-64/2004) quant à l'angoisse qui mérite d'être abordée ici. Pour Freud (1925-26/1996), toute angoisse est l'angoisse de la castration. Quant à Lacan (1963-64/2004), il pense que l'angoisse est l'absence du manque et qu'elle est directement liée à l'émergence de l'*Unheimlich*. Freud (1919/2008) conçoit *Unheimlich* au niveau individuel, Lacan (1963-64/2004) au niveau de *l'Autre* et nous le concevons au niveau collectif lorsque nous signalons le fonctionnement de l'image d'Aylan et ses dérives médiatiques.

L' *Unheimlich* se trouve ici avec le lieu ou devrait être de mois-plus. Je ne sais pas comment diffuser des images, je ne sais pas quoi faire, et à cause de l'image de l'homme. Quand quelque chose apparaît là, c'est donc, si je puis m'exprimer ainsi, que le manque vient à manquer (Lacan, 1963-64/2004, p. 53).

Dès que vous venez d'une commode devant vous de la fonction du fantasme, ce qu'il faut commencer par dire, c'est qu'il a bien en effet quelque chose de choisi de l'ordre du *a* qui apparaît à la place au -dessus de l'image i '(a) que je vous désigne au tableau, place du hein qui est le lieu d'apparition de l'angoisse (Lacan, 1963-64/2004, p. 63).

Au vu de ces considérations, il est possible de distinguer une différence entre le malaise, généré par la photographie d'Aylan, et celui provoqué par la publicité. Nous voyons la photographie d'Aylan comme un élément qui suscite un malaise collectif (une agitation/et un mouvement). Pour ce qui est de la photographie publicitaire, elle provoque l'angoisse au

sens lacanien (manque du manque), puisqu'on tente de boucher le trou dans l'image en donnant une solution au manque primordial (castration) : « ne vous inquiétez pas, payez un cours de natation ».

La seconde image (la publicité) résout la première (photographie d'Aylan mort), il y a un fonctionnement métonymique dans lequel l'un n'efface pas l'autre, mais la première apporte une *correction* à la seconde, voir figure (06) ci-dessous :

Imagem 1 = criança morta

Imagem 2 = criança viva

Figure 06 : enfant mort / vivant

Entendons que le fonctionnement de la publicité utilise l'intericonicité pour tenter de corriger (et non de contourner) le malaise de la culture. Par conséquent, il a une *inquiétante étrangeté*. L'intericonicité est un terme créé par Courtine (1981, 1999, 2011) et étudié par Milanez (2006, 2011, 2013, 2015). Ce concept a été élaboré à partir de deux autres concepts de l'AD : icône et interdiscours. L'icône est un signe qui fait référence à un objet en raison des caractéristiques similaires entre celui-ci et sa représentation. Une photographie est considérée comme une icône, car l'image photographique correspond point par point à la nature (Peirce (1931/1968, 1913/2005)). L'intericonicité conçoit une ouverture pour l'analyse du fonctionnement de l'image comme discours. Elle a pour fonction l'identification des régularités, inscrites dans la symbolique (culture, histoire et politique), où s'opère dans l'espace de la mémoire collective.

La production discursive, qui s'effectue dans certaines conditions sociales et historiques, fait circuler des formulations antérieures, un effet de mémoire et de répétition dans le temps présent d'un événement (Courtine, 2009). Ces formulations rejoignent la théorie de Foucault (1969) : tout énoncé discursif présente dans son domaine d'autres formulations

qu'il répète, réfute, transforme ou nie. Ainsi, nous pouvons considérer que cette affirmation peut aussi être une image.

L'image, lorsqu'elle est véhiculée à grande échelle, fonctionne comme un dispositif qui s'inscrit et opère dans la mémoire sociale. La mémoire des images est reconnue et partagée par les sujets d'un contexte social donné, c'est-à-dire que l'image aussi n'est transparente, car il y a des points de lacunes et des détails qui peuvent être analysés de manière discursive (Pêcheux, 1984, Courtine, 2005).

Foucault (1969, 1975/2004) attribue une valeur de vérité à l'image. Cette recherche tend à montrer qu'il y a toujours une interprétation. Celui qui capture l'image, celui qui regarde et celui qui est regardé, ne sont en aucun cas homogènes. Ainsi, les images présentées (Aylan et publicité pour les classes de natation) sont corrélées avec un champ de l'actualité. Les images possèdent des caractéristiques historiques définies qui passent par un processus de diffusion et de reconnaissance pour se (ré)inscrire dans l'histoire. Selon Milanez (2013), elles sont inscrites à travers des séquences discursives qui sont citées ou à travers la chaîne des signifiants (Lacan, 1957/1999).

À la suite de la publication de la photographie d'Aylan, il y a eu une certaine normalisation ou une fixation de sens produite dans le champ médiatique journalistique : il y a une crise des réfugiés, une crise migratoire, une crise humanitaire. Ainsi, d'autres significations ont été interdites bien qu'elles apparaissent dans le discours, à condition qu'il soit rejeté (forclos) ou (dé)nié, comme cela s'est produit dans la publicité de natation.

Dans le document publicitaire (figure 05) il y a une transformation (en une sorte d'intericonicité) du malaise dans la culture, un thème qui évoque la mort, dans le marketing, dont l'intention est le profit, comme s'il était possible d'éviter la mort dans une situation contingente. Le ton est de réprimande, et pour vendre une sécurité (liée au besoin d'apprendre à nager) il a fallu créer une menace imaginaire, comme cela a été formulé par la bannière de cette école de natation : « neuf mois pour naître, trois ans pour grandir, et deux minutes pour être seul, en une minute il peut se noyer ».

Nous constatons, donc, qu'il y a une facette perverse dans cette publicité qui est implicite dans le discours capitaliste et le discours publicitaire. Ces deux discours s'emboîtent : à partir d'objets de consommation ou de services, le sujet se voit offrir le comblement du manque. Cependant, il y a une impossibilité d'exhaustivité, donc, de cynisme, de promettre un tel exploit. En ce sens, les objets produits par le capitalisme ont l'apparence de l'objet *a*, mais sans en être un, d'où l'*Unheimlich* comme une naissance d'angoisse pour le sujet.

Nous avons constaté que la publicité des classes de natation a failli à l'objectif du discours capitaliste et publicitaire. Cet échec est dû à l'utilisation d'une image qui est devenue *normale* ou comprise comme un *symbole* des réfugiés. Un point problématique de la publicité est d'avoir essayer de (dé)naturer ce que les médias d'information imposent comme symbole mondial de la crise des réfugiés. De ce fait, cette publicité a été considérée comme une agression envers la situation tragique des réfugiés d'aujourd'hui.

Nous voyons que les médias rendent possible ce jeu de signifiant qui se configure dans une dynamique de répliques, de provocations, de réponses croisées, etc. Cela a pour corollaire (ce qui est le propre de la structure du langage) de produire à la suite des malentendus et des idées fausses. Son fonctionnement révèle un jeu entre faire apparaître et disparaître l'*Unheimlich* pour le sujet, provoquant un malaise collectif de deux manières : un choc, comme dans le cas de la photographie d'Aylan, et de l'angoisse, comme dans le cas de la publicité pour les classes de natation.

Dans le document publicitaire (figure 05), il y a deux images : un enfant qui plonge et un enfant mort, encore une fois nous avons la figure d'un enfant qui choque le spectateur. L'image de l'enfant revient dans cette publicité de manière inquiétante au sujet adulte qui la regarde. La place sociale de l'enfant, à partir de l'imaginaire social, remet en question la manière dont une société rêve de *l'enfance*. L'image de l'enfant marque, ainsi, la place que l'adulte assume pour le monde ou pour *l'Autre*. L'adulte projette des idées au travers de la figure de l'enfant. Cette position supprime les traits imaginaires et symboliques de l'adulte et de son fantasme constitutif.

Lajonquière (2005, 2009, 2010, 2013) relève deux éléments de réflexion relatifs à la place qu'occupe l'enfance dans l'imaginaire social contemporain : la (dés)implication et l'(ir)responsabilité des adultes envers la nouvelle génération. L'auteur (2010) met en évidence le désir de la fin de l'enfance et en même temps de sa longévité en niant la différence entre les générations. Les deux considérations sont illusions, car l'enfance n'existe que pour le sujet perdu. Sur la photographie d'Aylan, cette perte se matérialise et dans la publicité dans laquelle se manifeste une tentative de récupérer la perte (*le plus-de-jouir*, selon Lacan (1960-70/1991)).

Dans la société contemporaine, il existe un discours qui dépose, chez l'enfant, tous les rêves frustrés des adultes, se revendiquant de ses satisfactions auxquelles les adultes ont été (soi-disant) contraints de se priver. Comme nous l'avons déjà mentionné, l'enfant est placé dans le *moi idéal* pour l'adulte et la publicité de natation essaie de faire appel à cet endroit pour vendre des cours de natation.

La publicité montre un enfant, apparemment heureux, qui plonge et un enfant mort en toile de fond. Cette image reflète la position du sujet, le clivage de la psyché ou la division du sujet. Il s'agit d'une position fragmentée, dans laquelle une partie sert à préservation de la croyance qu'il y existe au moins un sujet qui n'est pas castré, et une autre dans laquelle nous sommes tous castrés. Nous remarquons une obsession, à notre époque, d'attribuer toutes les perfections à l'enfant, un lieu n'appartenant pourtant qu'à l'imaginaire social. Par conséquent, nous créons un monde heureux pour les enfants. Mais, lorsque nous sommes confrontés à des situations dans lesquelles ce monde se brise, nous sommes déstabilisés. C'est alors un moment où nous sommes confrontés à la non-existence de l'enfant idéal, universel, en sécurité et heureux.

CONSIDÉRATIONS FINALES

La photographie d'Aylan, à travers des millions de post Internet, a parcouru le globe en quelques secondes, touchant tout le monde, y compris le Brésil, et montrant la guerre qui fait rage en Syrie. Par l'action des médias journalistiques et le fonctionnement du discours, cette photographie a occupé une place de malaise globalisé, se prêtant à des usages (différents), dont la publicité. Cette répercussion est due à l'effet idéologique, selon l'Analyse du Discours (AD), et à l'identification en masse, typique de la structure sujet proposée par la psychanalyse freudienne et lacanienne.

La diffusion de cette photographie a été justifiée, par les médias, dans le but de révéler la barbarie causée par l'homme lui-même, témoignant, avec cruauté, d'une certaine réalité. Nous pouvons nous demander pourquoi un système social peut générer un tel choc et une telle angoisse au lieu de générer du plaisir et de la sécurité. Pour Freud (1929/1996), les normes qui imprègnent les liens sociaux, fonctionnent souvent comme une cause de souffrance humaine et d'interdiction de la satisfaction de la pulsion. Ainsi, nous voyons dans la photographie d'Aylan que, bien que le bonheur soit subjectif, il révèle au sujet que le système social n'offre ni protection, ni privilèges, mais au contraire, peut être la cause d'angoisse et d'une *inquiétante étrangeté*. Cependant, la *Loi symbolique* (de l'ordre de la structure du langage et des relations sociales) s'applique et, en même temps, permet des liens sociaux (lien entre le sujet et *l'Autre/l'autre*). Pour que le sujet adhère au langage et au social, il faut abdiquer une partie de sa pulsion de satisfaction, et cette frustration domine la plupart des cultures, étant « la cause de l'hostilité contre laquelle toutes les civilisations doivent lutter » (p 104).

Photographie d'Aylan, de par ses effets et ses répercussions, est devenue une marque historique, une trace de relecture des atrocités causées par l'homme lui-même, entrant dans *l'archive* de la mémoire sociale. Cette photographie rappelle aussi au spectateur, au sujet qui la regarde, la finitude de l'être, provoquant une *inquiétante étrangeté* qui nous renvoie au concept proposé par Freud : *Unheimlich*, *l'inquiétante étrangeté* et le *non-familier*. L'*Unheimlich* est un élément associé à quelque chose d'apparemment extérieur au regard du sujet, mais en réalité c'est une image constitutive de l'inconscient. La photographie, en ce sens, renvoie *étrangement* au contenu qui a été refoulé, c'est-à-dire, la castration elle-même.

Cependant, au cours de la recherche, nous avons constaté que le retour du refoulé, matérialisé dans l'image d'Aylan, rompt l'unité imaginaire du sujet et perturbe la stabilisation des significations, rendues naturelles par l'idéologie. La photographie brise les idéaux du sujet

moderne. Pour cette raison, nous voyons la photographie d'Aylan comme un objet qui éveille un malaise collectif, mais au sens d'une émotion et non d'une angoisse elle-même, selon la conception de Lacan (1963-64/2004).

En ce qui concerne la presse en ligne, nous distinguons des déclarations paraphrastiques annonçant l'existence d'une crise migratoire et d'une crise humanitaire. Les journalistes utilisent la photographie du garçon mort pour donner une voix et une visibilité au problème des réfugiés et des conflits armés de notre temps, comme une dénonciation.

Les médias, en essayant de contourner le malaise, associent la photographie - dans une sorte de (re)prise de conscience - aux problèmes sociaux des réfugiés. Ce mécanisme est dû au fonctionnement des médias qui est soutenu par le discours journalistique et, en dernière instance, par le discours capitaliste. Et, en approfondissant le fonctionnement de ces discours, il a été possible de montrer comment la photographie a suscité des affliction façonnées par la compassion, la haine, la pitié, servant, entre autres, de dénonciation du retour du discours raciste et xénophobe.

Le discours journalistique est devenu une pratique sociale qui répète certaines idéologies, constituée de voix divergentes, mais qui tente de se présenter de manière homogène. Ce mode de discours agit comme un dispositif idéologique qui opère pour stabiliser un sens *naturel* pour le sujet, en traitant les actualités comme de simples informations et preuves. Ce mode de parole fonctionne comme s'il n'y avait pas d'interpellation idéologique et comme si nous n'étions pas traversés par un fantasme inconscient. Aucun discours ne véhicule la vérité, puisqu'elle n'est dit qu'à moitié car le langage est structuré par des erreurs, des malentendus, des ambiguïtés, des lacunes (Lacan, 1957/1999). Insistons sur le fait que les effets des significations varient d'un endroit à l'autre au fur et à mesure que le signifiant se répète et se glisse dans le discours.

Les photographies et les images qui circulent dans les médias ont le pouvoir d'interpeller le sujet et d'imposer un sens solidifié qui est soutenu par des formations imaginaires. Tfouni, Monte-Serrat et Pimenta (2012) affirment que s'il y a une intention, chez le photographe, de consolider les significations, cela ne se produit pas, car la photographie, « comme toute structure sémiotique, reste soumise aux points de l'impossible et donc à la dérive » (p. 10). Pour Pêcheux (1984), les formations imaginaires dépendent du processus d'identification, c'est-à-dire qu'elles impliquent le jeu des images, le discours dominant de l'époque et les interpellations idéologiques. Ainsi, il y s'est produit un imaginaire social autour de cette photographie, à savoir qu'il existe une crise des réfugiés, une crise migratoire,

une crise humanitaire, afin de contourner l'étranger (représenté par l'image d'un enfant mort) qui nous regarde à travers l'image.

Dans la dimension de l'inconscient, la photographie marque la rencontre avec la pulsion réelle, impliquant, d'une part, la pulsion scopique et, d'autre part, la pulsion de mort. Sous cet angle, les médias fonctionnent, régis par le circuit de la pulsion scopique et du processus d'identification. Nous percevons que la photographie indique *un insupportable d'être vu* », mais qui, en même temps, suscite un désir de regarder un enfant mort. Nous regardons donc quelque chose que nous ne voulons pas voir. Cela renvoie au fonctionnement du sujet dans son rapport à la jouissance de *l'Autre* et à la répétition de la scène traumatique de manière inconsciente. On peut dire que c'est un paradoxe caractéristique du circuit pulsionnel.

L'image de l'enfant et de l'enfance heureuse qui, du fait de l'effet idéologique, est associée au duo vie / avenir, est cassée par la photographie. Émerge alors une autre formation discursive : un moment où l'enfant a son sens lié à la mort et à l'enfance volée. Quelque chose de la dimension réelle pénètre dans la dimension symbolique, brisant le sens social, qui est devenu *normal* à notre époque, où chaque enfant devrait avoir une enfance heureuse. Le sens logiquement consolidé s'effondre, provoquant le besoin d'une nouvelle interprétation, démêlant ainsi le nœud entre réel, symbolique et imaginaire. La photographie d'Aylan déstabilise le fonctionnement des trois registres et les médias utilisent la question des réfugiés pour les relier à nouveau.

De notre point de vue, la photographie, qui a viralisé sur les médias, a révélé la condition tragique du sujet ainsi que l'échec du système capitaliste qui fonctionne à partir d'un discours pervers. Cette condition tragique renvoie au vide structurel du sujet qui se constitue dans le rapport aliénant à *l'Autre*. Le discours capitaliste, dominant dans les pays occidentaux, promet de manière per(verse) l'impossible, c'est-à-dire le comblement du manque structurel (réel) et la résolution de la castration (symbolique). Et la photographie met en évidence cette (im)possibilité : le système social occidental et capitaliste ne réussit pas tous les insérer.

La facette perverse du capitalisme se retrouve dans le document publicitaire analysé. En offrant un service (des cours de natation), elle provoque *une inquiétante étrangeté* : une angoisse qui surgit lorsque le manque fait défaut, générant une angoisse collective et un tas de critiques.

Nous avons utilisé le concept *d'intericonicité* dans l'analyse de la publicité créée autour de la photographie d'Aylan. Cette intericonicité place les images les unes avec les autres, dans un processus de condensation et de métonymie. Le discours est traversé par un

autre, prenant le sujet non seulement comme producteur, mais comme interprète, créant, à partir d'images antérieures, des images apparemment nouvelles.

Cependant, le nouveau n'est pas ce qui est dit, mais son retour en tant qu'événement, c'est dans sa reprise que quelque chose de différent se produit. Ainsi, la mémoire discursive permet de situer les sujets à la fois comme particuliers et socio-historiques, et non seulement comme spectateurs (sujets passifs), car ce sont toujours des sujets qui agissent et recréent l'histoire à tout moment.

La gravité, selon Sontag (2004), des images actuelles, expose ou cache la souffrance du sujet. La manière dont chacun perçoit et interprète cette profusion d'images qui circulent dans les médias, dépend des conditions de production et de la singularité avec laquelle chaque spectateur fait face à ces images. Cependant, l'auteur affirme que le discours qui imprègne les médias a le pouvoir de mondialiser la souffrance, encourageant les spectateurs à penser qu'ils devraient *s'en soucier* davantage. À l'inverse, Baudrillard (1981) affirme que les médias et le capitalisme forment des simulacres de la vérité, cependant, « le simulacre n'est jamais ce qui cache la vérité – c'est la vérité qui cache qu'il n'y en a pas. Le simulacre est vrai. » (p. 10).

De notre point de vue, d'une certaine manière, les médias donnent une visibilité à ce que nous ne savons pas, en incluant les sujets, mais encore sous la forme d'exclus. Ainsi, les médias construisent une réalité virtuelle qui n'est pas réelle. Il est question de discours et non de l'appréhension d'un hypothétique phénomène en soi, et ce, qu'il s'agisse de la vidéo, de la photographie, du direct, etc. Tout discours découpe un morceau de réalité, donnant l'impression que ce morceau est la totalité de cet événement. L'illusion du réel se fait à travers des discours basés sur l'imaginaire social, et de ce point de vue, l'actualité et les publicités, en autre, créent la tromperie.

Nous observons aussi que les actualités perdent rapidement leur place, leur valeur, en tant qu'objets de consommation qui deviennent facilement obsolètes et sont remplacés par d'autres, plus puissantes et supposément meilleures. Ainsi, nous pouvons classer l'actualité journalistique dans la catégorie des objets à consommer. Cela montre le fonctionnement des médias journalistiques maintenus par le discours capitaliste.

La position du sujet, par rapport à l'image, est ce qui procure une familiarité, une étrangeté, un malaise, une angoisse, une indifférence. Nous savons que les sujets résistent à certains sens et cèdent à d'autres. *L'inquiétante étrangeté (Unheimlich)* existe chez chaque sujet et se manifeste dans le lien social, puisque c'est la *jouissance de l'Autre*, comme altérité, qui le constitue. Le sujet, dans sa relation à l'objet et à *l'Autre*, s'accroche à l'illusion que

l'idéal et le réel existent, Cependant, l'émergence des altérités déstabilise les identifications aux idéaux et à la correspondance au réel.

Selon Lacan (1964/1975) et Pêcheux (1975), il n'existe que la cause de ce qui échoue (ou boîte). Les significations, que les journaux donnent, ne résolvent pas la question du sujet de l'inconscient et de ses formes dans le discours, une fois que le réel *ex-iste* et ne cesse de ne pas représenter/écrire. Alors, le discours journalistique n'est pas la vérité, mais une interprétation possible des événements.

Nous sommes arrivés à la conclusion, au cours de la recherche, que la photographie d'Aylan est une image qui suscite l'inconfort collectif (émotion) et celle de la publicité comme *Unheimlich*, ce qui provoque l'angoisse selon le sens proposé par Lacan (1963-64/2004). Dans le document publicitaire, l'absence de manque émerge, puisque l'on tente de combler le vide de l'image en offrant une solution à la castration elle-même.

Avec la photographie d' Aylan et la publicité, nous avons eu un (dé)voilement sur ce que le discours capitaliste offre, et comment cette offre crée une tromperie pour le sujet. En effet, nous avons une aversion, car l'absence de manque cause de l'angoisse. La photographie d'Aylan provoque une étrange jouissance en regardant son image, alors le désir fait défaut, car les idéaux modernes (enfant heureux, égalité des droits, démocratie, droits de l'Homme, etc.) s'effondrent. Le rapport du sujet au désir ne se suffit pas dans cette image. Alors, le sujet qui regarde se paralyse, s'horrifie, se choque, étant capable de faire quelque chose (une autre façon de voir) plus tard ou de forclure. Les journalistes l'ont fait et cela a été accepté par le public et l'école de natation aussi, mais elle a été rejetée par les spectateurs.

À partir de l'analyse de la photographie d'Aylan, de l'actualité journalistique et de l'image publicitaire, nous avons extrait quatre points névralgiques du parcours, dans les médias, du cliché photographique du garçon mort :

1. La photographie d'un enfant mort, véhiculée par les médias, surprend et choque ses lecteurs, provoquant un choc généralisé, un malaise collectif.
2. Le sujet, maintenu par les journalistes, réprime le discours sur la mort d'un enfant. Les journalistes pointent ce qu'ils croient être un échec dans le système social d'aujourd'hui, c'est-à-dire que le capitalisme incarne l'exploitation de la misère humaine et de son destin tragique. Et cela, les sujets ne veulent pas voir.
3. La photographie, associée au discours sur les réfugiés, masque la perturbante division du sujet en proposant un contour imaginaire au manque structurel. Cela signifie que si nous résolvons le problème des réfugiés, qui était laissé de côté, nous réparerons les échecs du système capitaliste : une impossibilité !

4. La publicité des classes de natation renvoie au refoulé (la castration elle-même). Toutefois, la publicité elle-même offre une solution dans une sorte de *forclusion* de la faute. Cet exploit provoque une *inquiétante étrangeté* dans une dimension collective. La publicité double donc l'effet du malaise, provoquant une *inquiétante étrangeté* (*Unheimlich*) en offrant un objet qui comblerait le vide de l'être : « ne vous embarrassez pas, payez une leçon de natation ».

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- Althusser, L. (1976). *Idéologie et appareils idéologiques d'État*. Paris, Fr : Éd. Sociales.
- Althusser, L. (1993). *Écrits sur la psychanalyse : Freud et Lacan*. Paris, Fr : Stoch/Imec.
- Ariès, P (1973). *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris, Fr : Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1960).
- Bairrão, J. F. M. H.. (2011). A propósito do Outro, etnográfico e em psicanálise. *Rev. Filos.* 23(33), 345-358.
- Barbosa, V. (2015, junho 26). A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados. *Exame online* [São Paulo, Br]. Seção mundo. Récupéré le 20 octobre 2019, de <https://exame.abril.com.br/mundo/a-foto-deste-menino-simboliza-toda-a-tragedia-dos-refugiados/>.
- Baudrillard, J. (1981). *Simulacres et simulation*. Paris, Fr : Éditions Galilée.
- Calligaris, C. (1991). *Hello Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Camus, A. (1972). *L'étranger*. Paris, Fr : Gallimard. (Œuvre originellement publiée en 1942).
- Calligaris, C. (1991). *Hello Brasil: notas de um psicanalista europeu viajando pelo Brasil*. São Paulo, SP: Escuta.
- Coelho, L. (2015, setembro 03). Necessidade de humanização responde dilema sobre foto de menino morto. *Folha de São Paulo on line*. [São Paulo, Br]. Seção Mundo. Récupéré le 20 août 2018, de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677324-necessidade-de-humanizacao-responde-dilema-sobre-foto-de-menino-morto.shtml>
- Colon, L. (2015, 02 de setembro) Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para crise. *Folha de São Paulo online*. Seção Mundo. [São Paulo, Br]. Récupéré le 10 septembre 2015, de <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677028-foto-de-menino-refugiado-morto-na-praia-atrai-atencao-para-crise.shtml>
- Coracini, M. J. (2007). *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado das letras.
- Courtine, J-J. (1981). *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse Du discours à propos du discours communiste adresse aus crhétiens*. In. *Language* 15^o année. Paris, pp. 9-18.
- Courtine, J-J. (1999). O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In. Indursky, F. (org). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre. RS: Sagra Luzzato.
- Courtine, J-J; Milanez, N. (2005). *Entre(vista) com Jean Jacques Courtine*. Registro audiovisual. Récupéré le 23 février 2020, de <http://www.grudiocorpo.blogspot.com>
- Courtine, J-J. (2008). Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In. Sargentini, V.; Gregolin, M. R. (org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, SP: Claraluz, pp. 11-19

- Courtine, J-J. (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, S.P: EduFSCar.
- Courtine, J-J. (2011). Discursos e imagens: para uma arqueologia do imaginário (C. Piovezani, trad.). In: Piovezani, C. C.; Curcino, L.; Sargentini, V. (org.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos, SP: Claraluz, pp. 145-162.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Dor, J. (1989). *Introdução à leitura de Lacan*. São Paulo, SP: Artes Médicas.
- Escola de natação do RS usa foto de criança síria afogada (2016, março, 25). *Pragmatismo*. [Brasil]. Récupéré le 20 mars 2020, de <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/03/escola-de-natacao-do-rs-usa-foto-de-crianca-siria-afogada.html>.
- Freud, S. (1996) Introdução ao Narcisismo. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 77-110). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1914).
- Freud, S. (1996) Repressão. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 147-164). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1915).
- Freud, S. (1996) O inconsciente. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 165-212). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1915).
- Freud, S. (1996). Conferência XVI. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVI, pp. 251-263). Rio de Janeiro: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1917).
- Freud, S. (1996). História de uma neurose infantil. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 15-128). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1918).
- Freud, S. (1996) O estranho. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII, pp. 235-270). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra Œuvre originellement publiée en 1919).
- Freud, S. (1996). Para além do princípio do prazer. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 13-144). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1920).
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 79-144). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1921).
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XIX, 13-86). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1923).

- Freud, S. (1996) A negativa. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 263-271). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1925).
- Freud, S. (1996) Inibições, sintomas e ansiedade. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XX, pp. 11-170). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1925-26).
- Freud, S. (1996) Mal-estar na civilização. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXI, pp. 67-150). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1929).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII, pp. 225-274). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1937).
- Freud, S. (2008). L'inquiétante étrangeté. *Essais de psychanalyse appliquée*. Paris, Fr: Éditions Gallimard. Collection Idées, nrf, n. 263, pp. 163 à 210. (Œuvre originellement publiée en 1919).
- Freud, S. (2010). O inquietante. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (P. C. de Souza, trad). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das letras. (Œuvre originellement publiée en 1919).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In: Freud, S. *Obras psicológicas incompletas de Sigmund Freud*. (E. Chaves e P. H. Tavares, trads). São Paulo, SP: Autêntica. (Œuvre originellement publiée en 1919).
- Foucault, M. (1969). *L'archéologie du savoir*. Paris: Éditions Gallimard.
- Foucault, M. (2004). *Surveiller et punir*. Paris, Fr : Gallimard. (Œuvre originellement publiée en 1975).
- Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. (2015, setembro 02). *GI online*. [São Paulo, BR]. Seção Mundo. Récupéré le 5 septembre 2017, de <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>
- Gadet, F.; Pêcheux, M. (1981). *La langue introuvable*. Paris. FR: Maspero.
- Ginzburg, C. (1989). *Mythes, emblèmes et traces. Morphologie et histoire*, Paris, Fr: Flammarion.
- Granon-Lafont, J. (2003). *A topologia de Jacques Lacan* (L. C. Miranda e E. Cardoso, trads). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Gunther, J. (2015, setembro 04). De Damasco a Bodrum: a viagem fatal do menino sírio que chocou o mundo. *BBC news online*. [São Paulo, BR]. Récupéré le 20 août 2018, de https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_siria_familia_ebc.
- Heywood, C. (2004). Uma história da Infância: da idade média é época contemporânea. Porto Alegre, RS: Artmed.

- Hoffman, E. T. A. (2010). O Homem de Areia. In: Hoffman, E. T. A. . *Contos Fantásticos*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Œuvre originellement publiée en 1817).
- Jornalista que fotografou o menino morto em naufrágio queria denunciar tragédia (2015, setembro 03). *Estadão Internacional*. Récupéré le 31 janvier 2018, de <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,jornalista-que-fotografou-o-menino-morto-em-naufregio-conta-como-registrou-o-momento,1755906>.
- Lacan, J. (1964-65). *Le séminaire, livre 12 : Problèmes cruciaux*. Récupéré le 12 mai de 2020, de <http://staferla.free.fr/S12/S12%20PROBLEMES.pdf>.
- Lacan, J. (1972). *Du discours psychanalytique*. Conférence proferida em Milão no dia 15 de maio de 1972. (Conférence offerte originale non publiée).
- Lacan, J. (1973). *Le séminaire: livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originale publiée en 1964).
- Lacan, J. (1974). *La troisième*. Conférence offert en 31 de outubro de 1974, 7º Congresso da École Freudienne de Paris, Paris, FR. Récupéré le 31 janvier 2018, de http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf.
- Lacan, J. (1976). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aïlle à mourre*. Récupéré le 27 avril 2019, de <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>.
- Lacan, J. (1974-75). *Le séminaire, livre 22: RSI*. Récupéré le 13 novembre 2019, de <http://staferla.free.fr/S22/S22.htm>.
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire: livre 3: Les psychoses*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1955-1956).
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire: livre 17: L'envers de la psychanalyse*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). *Le séminaire: livre 5 : Les formations de l'inconscient*. Paris, Fr : Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1957-58).
- Lacan, J. (1999). Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée: un nouveau sophisme. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1945).
- Lacan, J. (1999). Le L'agressivité em psychanalyse. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1948).
- Lacan, J. (1999). Le stade du miroir. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1949).
- Lacan, J. (1999). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: Lacan, J. *Écrits I*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1957).
- Lacan, J. (1999). Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1960).
- Lacan, J. (1999). Position de l'inconscient. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1964).

- Lacan, J. (1999). La science et la verité. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1966).
- Lacan, J. (1999). La fonction et champ de la parole et du langage. In: Lacan, J. *Écrits II*. Paris, Fr: Points. (Œuvre originellement publiée en 1966).
- Lacan, J. (2001). *Le séminaire. Livre VIII: Le transfert*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1960-1961).
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire: livre 10: L'angoisse*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1963-1964).
- Lacan, J. (2005). *Le séminaire: livre 23: Le sinthome*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1975-1976).
- Lacan, J. (2006). *Le séminaire: livre 16: D'un Autre à l'autre*. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1968-1969).
- Lacan, J. (2011). *Je parle aux murs*. Entretiens de la Chapelle de Saint-Anne. Paris, Fr: Seuil. (Œuvre originellement publiée en 1972).
- Lacan, J. (2016). *Le séminaire: livre 20: Encore*. Paris, Fr: Points Essais. (Œuvre originellement publiée en 1972-73).
- Lajonquière, L. de. (2004). *De Piaget a Freud: para repensar aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lajonquière, L. de (2009). Educação e Infanticídio. *Rev. Educação em Revista*. 25, 165-178.
- Lajonquière, L. de (2010). *Figuras do Infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lajonquière, L. de (2013). *Figures de l'enfance*. La psychanalyse dans la vie quotidienne auprès des enfants. Paris, Fr: L'Harmattan.
- Lajonquière, L. de (2020). *De l'éducation au temps de l'autisme: de nouveaux rapports à l'enfant* (trabalho não publicado).
- Laurent, R. (1995). Sobre a entrada em análise. *Rev. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. 12, 5-24.
- Mariani, B. (1998). *O PCB e a imprensa – os Comunistas no Imaginário dos jornais 1922-1989*. Campinas, SP: Unicamp.
- Mariani, B. (1999). Discurso e Instituição: A imprensa. *Rev. Rua*. 5(1), 47-61.
- Marrou, H-I. (1971). *História da educação na antiguidade*. 2ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.
- Marx, K. (1996). *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira. (Obra originalmente publicada em 1867).
- Menino morto em praia que se tornou símbolo da crise migratória foge de cidade dominada pelo Estado Islâmico. (2015, setembro 03). *R7notícias online* [São Paulo, Br]. Recuperé le

20 septembre de 2017, de <https://noticias.r7.com/internacional/menino-morto-em-praia-que-se-tornou-simbolo-da-crise-migratoria-fugia-de-cidade-dominada-pelo-estado-islamico-03092015>.

Milanez, N. (2006). O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: Navarro, P. *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz.

Milanez, N. (2011). *Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer*. São Carlos, SP: Claraluz.

Milanez, N. (2013). Intericonidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. *Revista Acta Scientiarum: Language and Culture*. Maringá 35(4), 345-355.

Monte-Serrat, D. M.; Tfouni, L. V. ; Pimenta, L. (2012). Acontecimento e instante decisivo no discurso fotográfico: desconstruindo efeitos ideológicos óbvios em uma fotografia. *Rev. Linguagens e Cidadanias*. 14, 1-14. DOI: <https://doi.org/10.5902/1516849223798>.

Moreira, J. O. (2003). Do problema da alteridade no pensamento freudiano: uma construção. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(2), 251-270. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000200005>

Mourenza, A. (2015, setembro 03). Pai de Aylan Kurdi: “As mãos dos meus filhos se soltaram das minhas. Elpaís internacional [São Paulo, Br]. Recuperado em 31 de agosto de 2017, de https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/03/internacional/1441232434_109669.html.

Orlandi, E. (1992). *Formas do silêncio*. Campinas, SP: Editora Campinas.

Orlandi, E. (1995). Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rev. Rua*, Campinas, SP, 1, 35-47.

Orlandi, E. (1996). Discurso: fato, dado, exterioridade. In: Castro, M. F. P. (org.). *O método e o dado no estudo da linguagem* (pp. 209-218). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Orlandi, E. (1999). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.

Pêcheux, M. (1975). *Les verités de la Palice*. Linguistique, sémantique, philosophie. Paris, Fr : Maspéro.

Pêcheux, M. (1981). *L'étrange miroir de l'Analyse du Discours*. In: *Langages*, n. 62, Paris, FR, pp. 5-8.

Pêcheux, M. (1983). *Le discours: structure ou événement*. Communication inédite à la Conférence “Marxism and the interpretation of culture: limits, frontiers, boundaries”. Université de l’Illinois, Urbana-Champaign, 6-12 juillet 83.

Pêcheux, M. (1984). *Rôle de la mémoire*. In: *Histoire et linguistique*. Paris, Fr: Editions de la Maison des Sciences de l’Homme.

Peirce, C. S. (1968). Sobre el álgebra de la lógica. In Peirce, C. S. *Escritos lógicos*. Madrid, ES: Alianza Editorial. (Œuvre originellement publiée en 1931).

- Peirce, C. S. (2005). *Semiótica*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Œuvre originellement publiée en 1913).
- Ponce, A. (1981). *Educação e luta de classes*. São Paulo, SP: Cortez/Autores Associados.
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Rancière, J. (2003). *Le destin des images*. Paris, Fr: La Fabrique.
- Rimbaud, A. (2007). *Correspondance*. Édition établi par Jean-Jacques Lefrère. Paris, Fr : Fayard. (Œuvre originellement publiée en 1871).
- Salgado, S. *Êxodos* (1999). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das letras.
- Santos, K. A. (2015). “*Mulher joga filho na lixeira*”: a discursivização da mulher-mãe infanticida na mídia. 176f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Sauret, M-J. (2005). *Psychanalyse et politique : huit questions de la psychanalyse au politique*. Toulouse, Fr : Presse Universitaires du Mirail.
- Silva, L. C. (2018). *Para além de Aylan Kurdi: a imagem de tantos na fotografia do menino sírio*. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana.
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Tfouni, L. V.; Santos, A. E. S. (2009). A interpelação ideológica no discurso publicitário: os usos do corpo e das linguagens não-verbais pela mídia na modernidade. *Rev. Anpoll*. 2(27), 102-125. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v2i27.145>.
- Tfouni, L. V. (2010). *Letramento e Alfabetização*. São Paulo, SP: Cortez.
- Tfouni, L.V. (2013a). Em busca da felicidade, o corpo se consome no consumo. *Revista Távola online*. Récupéré le 30 août de 2017, de <http://nucleotavola.com.br/revista/em-busca-da-felicidade-o-corpo-se-consome-no-consumo>.
- Tfouni, L. V. (2013b). Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. *Revista Ágora*, Rio de Janeiro, 16(1), 39-56.
- Tfouni, F. E. V. (2003). Memória e fetichização da mercadoria. *Rev. Organon*, 17(35), 85-99. Doi: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30019>
- Tfouni, F. E. V. (2013). Interdito e silêncio. *Rev. Ágora XVI(1)*, 36-56.
- Torino, I. H. C. (2013). A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade. *Rev. Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Récupéré le 4 juillet, 2020, de <https://www.eumed.net/rev/cccss/26/memoria-social.html>.
- Troubling image. (2015, setembro, 2). Troubling image of drowned boy captivates, horrifies. *Reuters* [Ankara, Turquia]. Récupéré le 15 octobre 2019, de <https://uk.reuters.com/article/us-europe-migrants-turkey/troubling-image-of-drowned-boy-captivates-horrifies-idUSKCN0R20IJ20150>